

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Assis**

**CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA**

**DESAFIOS DA PARENTALIDADE NA ATUALIDADE:**  
o investimento narcísico nos filhos

ASSIS

2024

**CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA**

**DESAFIOS DA PARENTALIDADE NA ATUALIDADE:**

o investimento narcísico nos filhos

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Mary Yoko Okamoto

ASSIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

A447d Almeida, Caroline Trevisan Mendes de  
Desafios da parentalidade na atualidade : o  
investimento narcísico nos filhos / Caroline Trevisan  
Mendes de Almeida. — Assis, 2024  
220 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

1. Parentalidade. 2. Investimento narcísico.  
3. Psicanálise. 4. Psicoterapia familiar. I. Título.

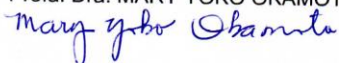
CDD 616.8915



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 18 dias do mês de março do ano de 2024, às 14:00 horas, no(a) Sala de Defesas e Sala Virtual: [meet.google.com/czw-xwci-bsk](https://meet.google.com/czw-xwci-bsk), realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de CAROLINE TREVISAN MENDES DE ALMEIDA, intitulada **DESAFIOS DA PARENTALIDADE NA ATUALIDADE: o investimento narcísico nos filhos**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. JORGE LUÍS FERREIRA ABRÃO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. THÁSSIA SOUZA EMÍDIO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. MARIA INÊS ASSUMPÇÃO FERNANDES (Participação Virtual) do(a) USP - São Paulo/SP, Profa. Dra. FERNANDA PALERMO (Participação Virtual) do(a) PUC - Rio de Janeiro/RJ. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO



*Dedico este trabalho à minha família, por todo o  
amor, apoio e incentivo.*

*Dedico às famílias de Júlia, Pedro Lucas e Helô,  
pela confiança em transmitir suas experiências.*

*Muito obrigada!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por todas as inspirações de força e restabelecimento, nos momentos de incertezas, bem como pela paixão pela Psicologia, que esteve presente dentro de mim desde a infância.

Agradeço aos meus pais, Júlio e Rosana, por terem me ensinado o valor do estudo e colaborado para que eu realizasse meu sonho, cursando a Psicologia, além do estímulo por todas as formações que vieram, na sequência. Ao meu pai, Júlio, que sempre demonstrou um exemplo de determinação, superação e desenvolvimento contínuo. À minha mãe, Rosana, que evidenciou consolo, apoio e confiança na minha capacidade e meus esforços.

Agradeço à minha família, tios e tias e madrinha, os quais sempre forneceram o exemplo do estudo e me incentivaram à leitura e conhecimento.

Agradeço à minha avó Maria (*in memoriam*), por ter-se feito sempre presente, inspirando-me a ser uma pessoa e mulher melhor.

Agradeço ao meu irmão, Júlio Neto, que sempre mostrou um coração sereno e leve, nos nossos contatos, auxiliando para que eu tivesse um apoio emocional.

Agradeço ao meu marido, Roberto, por ter cedido tantos momentos, em família, para que eu pudesse escrever e desenvolver esta tese, acreditando na minha capacidade e dedicação.

Agradeço ao meu cachorro, Buddy, que foi o meu companheiro nos momentos de escrita, estando ao meu lado e contribuindo para que não me sentisse sozinha.

Agradeço à minha amiga Nathiele, por todo o apoio e incentivo para prosseguir em cada etapa do desenvolvimento desta pesquisa, trazendo-me alegria e confiança, as quais tornaram mais fáceis os momentos de adversidades.

Agradeço à minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Mary Yoko Okamoto, pela confiança em me orientar novamente, em uma pesquisa, cooperando com seus conhecimentos e experiências para a ampliação da compreensão dos casos e para o desenvolvimento da escrita.

Agradeço aos colegas do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Vincularidade (LAPSIVI-UNESP/Assis), os quais possibilitaram, em nossas reuniões, que eu pudesse me sentir acolhida, em um espaço no qual pude compartilhar dificuldades e obter aprofundamento teórico sobre a Psicanálise de casal e família.

Especialmente, agradeço à Carolina Caires Motta, por todas as mensagens, apoio e acolhimento, nos momentos de maiores inseguranças, por todo o estímulo para continuar a desenvolver a tese e pela amizade construída.

Agradeço à Banca Examinadora, por todos os apontamentos e contribuições valiosas, de modo amoroso e acolhedor, permitindo uma análise precisa dos dados e uma compreensão dinâmica sobre as experiências vividas pelas famílias, além de sugestões de melhorias, quanto à apresentação das informações, de forma mais clara.

Agradeço à minha companheira na jornada da Psicologia, minha psicóloga Ana Karina Barbosa, por ter-me apoiado nos trechos pedregosos da jornada, dando-me a mão e me estimulando a prosseguir, com mais tranquilidade e determinação.

Agradeço às correções ortográficas do Rony, que apresentou um trabalho dedicado, minucioso e valioso, colaborando de forma fundamental para que a escrita se tornasse agradável para os leitores.

Agradeço à Vera Jerônimo e à Vanusa, por abrirem as portas das instituições e buscarem, de maneira ativa e colaborativa, as famílias que atendiam aos perfis da pesquisa, e por todo o incentivo e abertura para novos estudos.

Agradeço às famílias de Júlia, Pedro Lucas e Helô, pela confiança em compartilharem vivências sensíveis e íntimas das suas jornadas, por disponibilizarem seu tempo e a afetividade, nos nossos contatos, possibilitando que a pesquisa de fato pudesse ser concluída... muito obrigada!

Com frequência, a família coloca o analista em função pedagógica, para ele dar conselhos e orientações, ou em posição de juiz, para ele apontar quem está certo e quem está errado, identificando assim “a realidade”. O analista não deve ocupar nenhum desses lugares: sua função é ajudar a descobrir os elementos inconscientes que colaboram para a construção do relacionamento disfuncional gerador de sofrimento. O analista procura o que está oculto por trás dos fatos, os sentimentos que prevaleceram para que os membros da família se comportassem e se relacionassem de tal ou qual forma (Ramos, 2022, p. 53-54).

## RESUMO

A família tem funções primordiais para a constituição dos sujeitos, sendo a matriz básica de subjetivação, responsável pela nutrição física e emocional dos seus membros. O investimento narcísico é fundamental para a estruturação psíquica, pelo qual os pais investem narcisicamente seus filhos, designando-lhes uma posição e função, no meio familiar, além de proporcionar uma historicidade sobre a sua origem e um registro identitário. A parentalidade consiste no processo de construção, no qual os pais se reorganizam psiquicamente e afetivamente, a fim de exercer o papel parental, cuidando das necessidades dos filhos, nas diversas dimensões e ao longo das transformações contínuas, que trazem desafios para que a parentalidade seja exercida. O objetivo desta pesquisa consistiu em compreender a organização da parentalidade, na atualidade, em torno do arranjo dos investimentos narcísicos e parentais e suas transformações, no decorrer da vida familiar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual participaram três famílias, compostas por casais formados por pais biológicos de crianças de seis a onze anos, sendo uma delas uma família recasada. Com os casais, foram realizadas entrevistas e a aplicação da técnica da linha da vida da família e, com as crianças, foi aplicado o Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (DF-E), de Walter Trinca. Os resultados indicaram que todas as famílias vivenciavam uma crise adolescente, o que repercutiu na relação parento-filial com as filhas adolescentes, provocando um rearranjo dos investimentos narcísicos e a necessidade da malhagem de vínculos, levando a uma reorganização da parentalidade, mobilizando conflitos e angústias e corroborando os dados apresentados pelas crianças. A intensidade dessa crise pode ter contribuído para uma possível idealização das crianças pelos pais, à medida que a adolescência se sobressai, em termos de dificuldades parentais. Verificou-se que as famílias têm passado por um processo de transição, no qual as figuras masculinas têm revelado posturas de maior acolhimento e aproximação afetiva com os filhos, ainda que as mães apresentem papel central, no meio familiar. Considera-se que os investimentos narcísicos são fundamentais em qualquer período do ciclo de vida familiar, mobilizando competências vinculares que precisam ser desenvolvidas, em um processo de construção conjunta entre parentalidade e filialidade.

**Palavras-chave:** parentalidade; família; investimento narcísico; psicanálise de casal e família.

## **ABSTRACT**

The family plays a key role in the constitution of individuals, being the basic matrix of subjectivation, responsible for the physical and emotional nourishment of its members. Narcissistic investment is fundamental for psychic structuring, in which parents invest their children narcissistically, assigning them a position and function in the family environment, as well as providing a history of their origin and an identity record. Parenthood consists of the construction process in which parents reorganize themselves psychically and affectively in order to exercise their parental role, taking care of their children's needs in various dimensions and throughout the continuous transformations that bring challenges for parenthood to be exercised. The aim of this research was to understand the organization of parenting today, around the arrangement of narcissistic and parental investments and their transformations throughout family life. This is a qualitative study in which three families took part, made up of couples who are the biological parents of children aged between six and eleven, one of whom is a remarried family. The couples were interviewed and the family life line technique was applied, and the children were given Walter Trinca's Drawing Families with Stories Procedure (DF-E). The results indicated that all the families were experiencing an adolescent crisis, which had repercussions on the parent-child relationship with the adolescent daughters, which mobilized a rearrangement of narcissistic investments and the need to knit bonds, leading to a reorganization of parenting, mobilizing conflicts and anxieties, corroborating the data presented by the children. The intensity of this crisis may have contributed to a possible idealization of the children by their parents, as adolescence stands out in terms of parental difficulties. It was found that families have been going through a process of transition, in which male figures have been more welcoming and closer to their children, even though mothers play a central role in the family environment. It is considered that narcissistic investments are fundamental in any period of the family life cycle, mobilizing bonding skills that need to be developed in a process of joint construction between parenthood and filiality.

**Keywords:** parenting; family; narcissistic investment; couple and family psychoanalysis.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> - Desenho 1.1 – Linha da vida da família - Casal 1.....                           | 97  |
| <b>Figura 2</b> - Desenho 1.2 – Desenhe uma família qualquer - Júlia.....                         | 111 |
| <b>Figura 3</b> - Desenho 1.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter – Júlia .....        | 114 |
| <b>Figura 4</b> - Desenho 1.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Júlia.....       | 117 |
| <b>Figura 5</b> - Desenho 1.5 – Desenhe a sua família - Júlia .....                               | 119 |
| <b>Figura 6</b> - Desenho 2.1 – Linha da vida da família - Casal 2.....                           | 123 |
| <b>Figura 7</b> - Desenho 2.2 – Desenhe uma família qualquer - Pedro Lucas.....                   | 144 |
| <b>Figura 8</b> - Desenho 2.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter - Pedro Lucas.....   | 147 |
| <b>Figura 9</b> - Desenho 2.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Pedro Lucas..... | 150 |
| <b>Figura 10</b> - Desenho 2.5 – Desenhe a sua família - Pedro Lucas .....                        | 153 |
| <b>Figura 11</b> - Desenho 3.1 – Linha da vida da família - Casal 3.....                          | 157 |
| <b>Figura 12</b> - Desenho 3.2 – Desenhe uma família qualquer - Helô.....                         | 173 |
| <b>Figura 13</b> - Desenho 3.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter - Helô .....        | 176 |
| <b>Figura 14</b> - Desenho 3.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Helô .....      | 180 |
| <b>Figura 15</b> - Desenho 3.5 – Desenhe a sua família - Helô .....                               | 184 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> - Os principais tipos de alianças inconscientes ..... | 40 |
|-----------------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                                                       |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                                                                                                                       | 13  |
| 1 A família e seu papel na constituição psíquica.....                                                                                                                                                 | 17  |
| 1.1 Transformação das famílias: um breve histórico.....                                                                                                                                               | 17  |
| 1.2 Considerações sobre o sujeito do grupo .....                                                                                                                                                      | 22  |
| 1.3 A família e suas funções para a psicanálise.....                                                                                                                                                  | 25  |
| 1.4 A família e sua organização em um grupo .....                                                                                                                                                     | 30  |
| 2 As alianças inconscientes .....                                                                                                                                                                     | 37  |
| 2.1 Primeiro e segundo tipo de alianças: alianças estruturantes.....                                                                                                                                  | 40  |
| 2.1.1 Primeiro tipo de alianças: alianças estruturantes primárias – contratos e pactos narcísicos .....                                                                                               | 41  |
| 2.1.2 Segundo tipo de alianças: alianças estruturantes secundárias – o pacto dos irmãos, a aliança com o pai e o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos..... | 49  |
| 2.2 Terceiro tipo de alianças: alianças inconscientes defensivas, alienantes e patógenas....                                                                                                          | 54  |
| 2.2.1 Alianças defensivas ou pactos denegativos .....                                                                                                                                                 | 55  |
| 2.4 As alianças inconscientes nas famílias e nos casais .....                                                                                                                                         | 58  |
| 3 Parentalidade e seus desafios na contemporaneidade.....                                                                                                                                             | 62  |
| 3.1 Parentalidade e filialidade .....                                                                                                                                                                 | 65  |
| 3.2 Contexto social contemporâneo e o exercício da parentalidade.....                                                                                                                                 | 74  |
| 3.3 A parentalidade e os desafios para a inserção dos interditos.....                                                                                                                                 | 82  |
| 4 Objetivos.....                                                                                                                                                                                      | 87  |
| 4.1 Objetivo geral .....                                                                                                                                                                              | 87  |
| 4.2 Objetivos específicos.....                                                                                                                                                                        | 87  |
| 5 Metodologia.....                                                                                                                                                                                    | 88  |
| 5.1 A coleta de dados e a seleção dos participantes da pesquisa.....                                                                                                                                  | 93  |
| 5.2 Os participantes da pesquisa.....                                                                                                                                                                 | 94  |
| 5.3 A entrevista e técnica da linha da vida da família com os familiares.....                                                                                                                         | 94  |
| 5.4 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) com as crianças .....                                                                                                                     | 95  |
| 6 Análise dos resultados .....                                                                                                                                                                        | 96  |
| 6.1 Família 1 .....                                                                                                                                                                                   | 96  |
| 6.1.1 Linha da vida da família .....                                                                                                                                                                  | 96  |
| 6.1.4 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre as filhas .....                                                                                                          | 102 |
| 6.1.5 O exercício da parentalidade .....                                                                                                                                                              | 105 |
| 6.1.6 Os legados familiares.....                                                                                                                                                                      | 108 |
| 6.1.7 O encontro com Júlia.....                                                                                                                                                                       | 110 |
| 6.1.8 Desenhe uma família qualquer .....                                                                                                                                                              | 110 |

|                                                                                              |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 6.1.9 Desenhe uma família que você gostaria de ter .....                                     | 113 |
| 6.1.10 Desenhe uma família em que alguém não está bem .....                                  | 116 |
| 6.1.11 Desenhe a sua família .....                                                           | 119 |
| 6.2 Família 2 .....                                                                          | 122 |
| 6.2.1 Linha da vida da família .....                                                         | 122 |
| 6.2.2 Considerações a partir da entrevista e da linha da vida da família .....               | 124 |
| 6.2.3 A recomposição familiar e suas experiências .....                                      | 125 |
| 6.2.4 A imagem dos filhos segundo os pais .....                                              | 127 |
| 6.2.5 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre os filhos ..... | 133 |
| 6.2.6 O exercício da parentalidade .....                                                     | 137 |
| 6.2.7 Os legados familiares .....                                                            | 140 |
| 6.2.8 O encontro com Pedro Lucas .....                                                       | 142 |
| 6.2.9 Desenhe uma família qualquer .....                                                     | 143 |
| 6.2.10 Desenhe uma família que você gostaria de ter .....                                    | 147 |
| 6.2.11 Desenhe uma família em que alguém não está bem .....                                  | 150 |
| 6.2.12 Desenhe a sua família .....                                                           | 153 |
| 6.3 Família 3 .....                                                                          | 156 |
| 6.3.1 Linha da vida da família .....                                                         | 156 |
| 6.3.2 Considerações a partir da entrevista e da linha da vida da família .....               | 160 |
| 6.3.3 A imagem das filhas segundo os pais .....                                              | 161 |
| 6.3.4 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre as filhas ..... | 164 |
| 6.3.5 O exercício da parentalidade .....                                                     | 166 |
| 6.3.6 Os legados familiares .....                                                            | 170 |
| 6.3.7 O encontro com Helô .....                                                              | 172 |
| 6.3.8 Desenhe uma família qualquer .....                                                     | 172 |
| 6.3.9 Desenhe uma família que você gostaria de ter .....                                     | 176 |
| 6.3.10 Desenhe uma família em que alguém não está bem .....                                  | 180 |
| 6.3.11 Desenhe a sua família .....                                                           | 184 |
| 7 Discussão dos resultados .....                                                             | 190 |
| 8 Considerações finais .....                                                                 | 210 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                            | 214 |
| Anexo A – Roteiro de Entrevistas .....                                                       | 220 |

## INTRODUÇÃO

As famílias possuem um papel fundamental para a estruturação psíquica dos sujeitos, com funções de nutrição física e afetiva, transmissão psíquica de legados, da cultura e do patrimônio histórico familiar. A parentalidade é um processo de construção intersubjetiva, no qual as figuras parentais investem narcisicamente os filhos e lhes possibilitam um registro identificatório e histórico sobre sua origem, além de designar os lugares e as funções ocupadas por cada membro da prole. Os desafios da parentalidade, na contemporaneidade, são diversos, mobilizando o psiquismo de toda a família para as transformações que ocorrem ao longo do desenvolvimento dos filhos e dos pais, nesse processo.

Esta pesquisa surgiu de uma inquietação, ao término da minha pesquisa de Mestrado, na qual investiguei as vivências do Complexo de Édipo em uma família contemporânea, sendo os avós os principais responsáveis e cuidadores de duas netas. As principais dificuldades encontradas pela família, na pesquisa em questão, referiram-se a questões narcísicas, que consequentemente impactaram na elaboração edípica dos membros participantes. Dessa forma, no Doutorado, a proposta foi de compreender como ocorre o investimento narcísico dos pais nos filhos, na atualidade, bem como os desafios que as famílias enfrentam, ao desenvolverem a parentalidade.

A trajetória desta tese envolveu elementos completamente inesperados, sendo o maior deles a execução de uma pesquisa em tempos de pandemia da Covid-19. Foram muitos medos, angústias, isolamento, perdas e incertezas sobre o que estaria por vir. O desejo de investigar o vínculo, incluindo a participação tanto das crianças quanto dos seus pais, levou ao adiamento da coleta de dados para um período quando fossem seguros os encontros presenciais, especialmente com os filhos, já que não se tinha validação das técnicas projetivas com aplicação *on-line* em crianças.

Novos questionamentos e desafios tornaram-se presentes, quando a coleta de dados presencial foi autorizada e considerada segura para todos os envolvidos. Esta pesquisa trabalhou com famílias que possuem uma organização baseada num modelo tradicional, ou seja, pais heterossexuais e seus filhos na idade entre seis e onze anos. Como encontrar essas famílias? Vivemos em uma multiplicidade de formas de ser família, como famílias monoparentais, adotivas, recompostas, entre outras; assim,

uma estrutura familiar tão específica teria seu espaço e, até mesmo, relevância, diante do nosso contexto atual? Nas instituições participantes, recebi questionamentos diversos, como: “Carol, mas por que você vai estudar uma família margarina?” Encontrar famílias que atendiam aos critérios estabelecidos, nas quais o pai e a mãe das crianças se dispusessem a participar, juntos, das técnicas, mostrou-se extremamente desafiador, pois poucas famílias satisfaziam esse perfil.

No entanto, a opção por esse modelo de família ocorreu por diversos fatores, dentre eles, o estabelecimento de indicadores que viabilizassem a análise posterior, em relação ao investimento narcísico nos filhos biológicos por ambos os pais, a viabilidade de estudos teóricos que permitissem um aprofundamento na discussão desses dados, através da compreensão da importância dos pais biológicos, na constituição subjetiva dos filhos, a partir da parentalidade. Cabe ressaltar que as famílias recompostas poderiam participar desta investigação, desde que o casal tivesse um filho biológico derivado dessa união, em idade de seis a onze anos.

Pesquisamos essas famílias, porque se encontram presentes na nossa sociedade. Ainda assim, não significa que sejam famílias em um modelo estritamente patriarcal tradicional moderno. No decorrer da análise, percebemos que são famílias com possibilidades e dificuldades, considerando que as funções familiares podem sofrer processos de transição, na busca por transformações que extrapolem uma vinculação ao gênero, ampliando o “suposto papel do homem e da mulher”. De fato, uma questão fundamental que pudemos observar se refere à importância dos vínculos estabelecidos, o que supera a dita “estrutura” que compõe essas famílias.

Não esperem a defesa de uma suposta família tradicional, como nos comerciais de margarina, com a idealização da família formada por casal heterossexual com filhos, como a família ideal; a proposta não é defender a família “com letras maiúsculas”, “A FAMÍLIA” como grande instituição, perfeita, que não corresponde às famílias reais. Meu propósito sempre foi sustentar que qualquer forma de ser família vale a pena, que o mais importante são os vínculos firmados entre os membros.

Dessa maneira, a coleta de dados foi realizada com três famílias, sendo que uma delas era recasada. Para a coleta de dados, adotaram-se a técnica da linha da vida da família, uma entrevista semiestruturada com os pais e o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (Trinca, 2013a) com os filhos.

Os investimentos narcísicos que os pais realizam em seus filhos são fundamentais para a estruturação psíquica das crianças. Observou-se, por meio de estudos que serão apresentados nos capítulos, que os pais têm se deparado com inúmeros desafios, no exercício das funções parentais, no momento atual. Assim, como estão sendo implementados os investimentos narcísicos nos filhos e de que forma esses investimentos se transformam, ao longo da vida dos filhos e da família?

Para isso, utilizamos como referencial teórico a Psicanálise de Casal e Família, que propõe um trabalho a partir da consideração do vínculo constituído entre os sujeitos, com caráter intersubjetivo, tendo em vista o que surge na presença dos membros do vínculo, ou seja, a presença do outro. Com isso, ocorre a descentralização do sujeito com a consideração do “entre” (Levisky; Dias; Levisky, 2021). De acordo com Dias (2021), na Psicanálise de Casal e Família, procura-se a investigação, compreensão e ressignificação sobre a problemática da transmissão psíquica transgeracional, legados familiares, processos de identificação e alianças inconscientes que mantêm os vínculos familiares, visando a contribuir para a compreensão da organização familiar e seus desdobramentos, considerando, sobretudo, os enquadramentos históricos, políticos e sociais de cada época.

Esta tese foi organizada em seis capítulos, sendo que o primeiro apresenta um histórico a respeito das transformações percebidas nas famílias, a relação entre a família e a Psicanálise e quais funções a família desempenha, para a constituição psíquica.

O segundo capítulo focaliza o conceito de alianças inconscientes e realiza uma síntese acerca dos tipos de alianças propostos por Kaës (2014), incluindo as alianças estruturantes, necessárias para que o psiquismo filial seja estruturado e constituído, e as alianças derivadas, as quais podem se tornar modalidades de defesa nos vínculos ou promotoras de sofrimento psíquico.

O terceiro capítulo aborda estudos contemporâneos a propósito da parentalidade, definindo esse conceito e abordando a sua construção, características do exercício da parentalidade, na atualidade, verificando como a malha de vínculos da trama familiar pode ser composta e recomposta.

O quarto capítulo explicita os objetivos da pesquisa, tanto gerais quanto específicos. Por sua vez, o quinto capítulo esclarece a metodologia usada e apresenta as características da pesquisa, como foi realizada a coleta de dados, os participantes,

locais nos quais foram feitos os procedimentos, quais técnicas foram utilizadas e os aspectos éticos.

O sexto capítulo evidencia uma análise dos resultados, através de estudos de casos de três famílias participantes, quando é feita uma síntese da história familiar, a análise dos dados obtidos através das técnicas projetivas empregadas com as crianças e os casais e as informações derivadas das entrevistas, organizadas em eixos temáticos pertinentes aos casos.

O sétimo capítulo concretiza uma discussão dos resultados, enfatizando os autores utilizados e os conceitos que permitiram possíveis considerações teóricas sobre as vivências e desafios expressos pelas famílias. O oitavo capítulo apresenta as considerações finais, a partir dos resultados obtidos neste estudo.

Dessa forma, levando em conta que os investimentos narcísicos parentais exercem importante função para o lugar, a função e a economia libidinal investida nos filhos, o que caracteriza o conceito de alianças estruturantes, elaborado por R. Kaës (2014), buscamos compreender como tais investimentos foram organizados e quais as transformações que perpassam a economia libidinal parento-filial, ao longo do ciclo de vida dos filhos, em famílias com crianças de seis a onze anos.

## **1 A FAMÍLIA E SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA**

Nossa proposta de repensar a parentalidade inclui compreender de que maneira se organiza o investimento narcísico parento-filial, como os pais vivenciam as mudanças gradativas de investimento narcísico, com o crescimento dos filhos, entendendo-o como uma das funções da família. Abordaremos, neste capítulo, as transformações históricas vividas pela família e suas principais funções para o desenvolvimento do sujeito, relacionando-as com conceitos psicanalíticos.

### **1.1 Transformação das famílias: um breve histórico**

A família passou por diversas transformações, ao longo da história, as quais impactam o modo como os sujeitos se relacionam, na contemporaneidade. Dentre as mudanças históricas, temos a família pré-moderna, do século XV, chamada de extensa, por participarem do mesmo espaço diversas gerações e agregados, além do casal e seus filhos. A família pré-moderna também apresenta algumas características marcantes: a autoridade do pai era quase absoluta, tendo a mulher um papel meramente reprodutivo (Birman, 2007).

Ariès (2014) nomeia de família medieval o arranjo anterior à família moderna. Nesse período, a criança era vista como um miniadulto e, quando tinha entre cerca de sete e nove anos, ingressava nas casas de outras pessoas, como aprendizes, ocupando-se das tarefas domésticas. Essa prática era considerada uma forma de aprendizagem e de educação, por meio do serviço e do ensino de boas maneiras. Era uma forma direta de aprendizagem transmitida de geração em geração, empírica, dispensando as escolas. A criança saía de casa em idade precoce e, devido a isso, não podia haver na família um sentimento profundo entre pais e filhos. Associado a esse fato, o índice de mortalidade infantil era muito alto, o que intensificava essa falta de “apego” ao infante. No entanto, o autor ressalta que isso não reflete uma ausência de amor aos filhos: os pais os amavam, mas significa que “[...] eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que eles tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família” (Ariès, 2014, p. 226). Tratava-se de uma família mais moral e social do que sentimental.

Começam a surgir mudanças graduais, nesse modelo familiar, sendo um dos fatores contribuintes a extensão da frequência escolar, quando os pais se preocupavam em manter os filhos próximos, provocando no decorrer do tempo uma mudança considerável no meio familiar. Substitui-se a aprendizagem anterior pela escola, desenvolvendo-se uma proximidade da família com os filhos, além do sentimento de família e sentimento de infância. Em face dessa alteração, a família passa a concentrar sua atenção ao redor da criança, se comparado ao contexto anterior (Ariès, 2014).

Durante o século XVIII, sobretudo devido às mudanças sociais e no mundo do trabalho resultantes da Revolução Industrial europeia, notam-se mudanças relevantes nesse contexto familiar, surgindo os espaços de privacidade e intimidade. O casal passa a ter um quarto separado para si, para que as relações sexuais aconteçam em âmbito privado. Os filhos também começam a ter seus próprios quartos privados, separando-se os irmãos, para evitar atos de promiscuidade sexual entre eles. Verifica-se o surgimento da família moderna, entre os séculos XVIII e XIX, sendo denominada família nuclear ou burguesa (Birman, 2007).

Segundo Birman (2007), a família moderna é chamada nuclear, ou seja, organizada entre os pais e seus filhos, diferentemente da organização extensa da família medieval. Temos um poder paterno relativizado, mas, no ambiente privado e familiar, esse pai era solicitado pela mãe a oferecer punições aos filhos, quando estes ultrapassavam os limites estipulados por ela.

A ciência passa a ser valorizada e apresenta-se a necessidade de buscar qualidade de vida. Nesse contexto, Freud aborda, por meio das mulheres histéricas, os conflitos inconscientes típicos das doenças nervosas e percebe, nas mulheres histéricas, um masoquismo, ao se sacrificarem em favor dos filhos. Existe uma insatisfação feminina, não sendo possível de ser alcançável, dentro desse espaço, um redirecionamento da libido, buscando a satisfação sexual e do desejo da mulher. A figura da mãe diferenciava-se da mulher, enquanto objeto de desejo. As mulheres voltavam sua libido unicamente para o cuidado dos filhos e da vida doméstica, gerando as doenças nervosas, no contexto moderno. Enquanto isso, os filhos contraíam uma dívida com essas mães, por causa da abdicação e sacrifício que tinham realizado por eles.

Ao mesmo tempo, o pai mantinha sua potência libidinal, ao qual era permitido um direcionamento da libido para outras mulheres e atividades sociais. Além disso, os aspectos narcísicos podem ser evidenciados, tendo-se em vista que, de acordo com a teoria psicanalítica (Freud, 1914), os filhos são investidos narcisicamente para realizar idealmente os sonhos de seus pais, incluindo aqueles que não puderam concretizar, posicionando a criança em uma espécie de soberania, com um lugar onipotente, vindo a existir um olhar diferenciado para a criança e o infantil que até então não se tinha, ou seja, como o centro da família (Birman, 2007).

Tal contexto mobiliza mudanças no papel de cada membro da família. Na família nuclear, cabia ao pai um papel ligado a um componente divino, como “Deus pai”, sendo o pai o criador da vida e a mulher uma depositária de seu sêmen, com forte dominação do homem sobre a mulher. O surgimento da burguesia, no contexto moderno, vai deteriorando a figura do pai, quando o Estado adquire maior poder na regulação social. O pai começa a não ser visto como divino, pode cometer erros e injustiças e necessitar de punições. As leis contribuem para a decadência do poder patriarcal (Roudinesco, 2003).

De acordo com Birman (2007), observa-se uma mudança na família moderna, nas décadas de 50 e 60 do século XX. O movimento feminista coloca as mulheres solicitando por outro lugar e outra posição social, em igualdade aos homens. Desejavam usufruir de oportunidades sociais e serem inseridas no mercado de trabalho. Essa possibilidade se concretiza com o surgimento dos métodos anticoncepcionais seguros, de forma que a reprodução passa a ser controlada. Com isso, a mulher decide quando vai ter filhos e quantos filhos quer ter, de sorte a ocupar o lugar de mãe e mulher concomitantemente, ao contrário do que foi apontado anteriormente.

Com isso, as mulheres passam a priorizar as suas carreiras em igualdade com o casamento, sendo que este tende a acontecer em um período mais tardio, para que suas carreiras possam se desenvolver antes da maternidade. Acontecem também os divórcios, quando a satisfação dos desejos não é atendida no casamento, abrindo o caminho para modelos familiares diversos, como modos de atingir essa satisfação dos desejos. Verificam-se as famílias divorciadas, recompostas, monoparentais, homoparentais. Cabe ressaltar que essas famílias já existiam, no entanto, passam a ser reconhecidas e legitimadas no meio social.

Roudinesco (2003) aponta que, por volta de 1970, em função do declínio da função paterna, ocorre a organização de uma nova ordem familiar, não identificada através do pai religioso ou econômico, mas por meio do filho que herdou uma figura destruída de um pai mutilado, ganhando um *status* significativo nas famílias. Surgem leis de controle frente ao poder do pai, na correção de seus filhos, além de o marido perder o direito de autorizar as esposas a trabalharem. O casamento não é mais indissolúvel, aparecem os divórcios, novas formas de reprodução, como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro*, que possibilitam a reprodução por uma intervenção médica, ao invés das relações sexuais. Para Roudinesco (2003), tem-se um declínio do Édipo renegado e nasce um Narciso triunfante.

Assim, diversos autores apontam que a criança adquire um *status* de soberania, na família pós-moderna, sendo considerada uma figura central em contraposição à autoridade paterna, a qual ocupara esse lugar central em épocas anteriores.

Levando em conta as famílias, no contexto atual, de acordo com Houaiss (2016), podemos definir família como “[...] núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária”. Esse conceito dá valor à diversidade e distancia a imagem de uma família como sendo derivada de relacionamentos instituídos unicamente por meio do casamento e da filiação biológica.

Weissmann (2008) afirma que a família, enquanto instituição, tem sido compreendida por diversas áreas, tais como Antropologia, Psicologia, Sociologia, entre outras. E acrescenta:

O elemento comum que sempre tem definido a família é considerá-la como o grupo primário por excelência, fenômeno universal, célula da sociedade da qual faz parte e que, ao mesmo tempo, a constitui. Nela, são atendidas as necessidades básicas dos seres humanos – biológicas e afetivas -, que preenchem o desamparo inicial. Como fenômeno universal, a família está presente em todos os tipos de sociedade (Weissmann, 2008, p. 60).

Ao longo das últimas décadas, observamos mudanças significativas do conceito de família, no Brasil. A antropologia já abordava que a ideia de família pode variar conforme o contexto cultural, alterando-se também os papéis fornecidos aos indivíduos na família. Dependendo da região, como em camadas urbanas pobres na zona leste de São Paulo, pode-se compreender família constituída por pessoas com quem se estabelecem vínculos de afinidade e não consanguinidade, remetendo a uma

concepção de alguém em quem se pode confiar e contar, pessoas que demonstravam retribuição e que possuíam obrigação frente aos demais, com o princípio da reciprocidade e não o da consanguinidade (Dias, 2021).

Outra concepção diversa e relativa aos papéis familiares refere-se à função do tio, com um papel educativo diante do sobrinho, cabendo ao pai uma relação de afeto e amizade com o filho. Dessa forma, compreende-se que o conceito de família e os papéis atribuídos aos seus membros são estabelecidos de acordo com cada cultura e época (Dias, 2021).

Refletir sobre quem se deve considerar um parente e quais as obrigações e direitos no seio familiar são questões atuais, tendo em vista as mudanças que as famílias sofrem em sua estrutura, tais como na ocorrência de um divórcio e recasamentos. Essas mudanças fornecem uma nova demanda de compreensão das famílias, pois provocam alterações nas concepções tradicionais de família, necessitando de novos olhares dos indivíduos (Dias, 2021).

Aponta Dias (2021):

Aprendemos com os antropólogos a considerar a família um espaço de produção simbólica e olhar para os fenômenos contemporâneos com estilo investigativo, buscando a compreensão da diversidade instaurada por fatores culturais e históricos (Dias, 2021, p. 200).

Ademais, Weissmann (2008) alude à família para o direito brasileiro, apontando que tivemos mudanças no que diz respeito ao direito de família e ao próprio entendimento de família, dentro do campo do Direito. Witzel e Alvarenga (2012) apontam que, anteriormente, o direito de família instituído pelo Código de 1916 exigia um estereótipo de família patriarcal, chefiada pelo homem, ao qual os demais indivíduos da família precisavam demonstrar obediência e respeito. Quando observamos o direito de família que consta da Constituição Federal de 1988, as mudanças referem-se à promoção da igualdade. A família referida não é mais a patriarcal, pois os direitos e deveres relativos à vida conjugal passaram a ser praticados pelo homem e pela mulher, de forma igualitária. Dentre as mudanças percebidas na Constituição, não se pode discriminar os filhos como legítimos e ilegítimos, porque apresentam igualdade quanto aos direitos de sucessão, alimentação e relação dos pais. São incluídas famílias que não aquelas formadas pelo casamento, devido à possibilidade do divórcio, tais como as famílias monoparentais.

Assim, o contexto contemporâneo permitiu uma diversidade de arranjos familiares, o que nos remete à ideia de admitir a existência de famílias (no plural) e não de uma família, centralizada num único modelo de organização dos vínculos.

## **1.2 Considerações sobre o sujeito do grupo**

Apresentaremos algumas considerações a respeito da psicanálise de casal e família, procurando contextualizar o vértice teórico adotado. Utilizaremos como referencial principal a obra de R. Kaës, pois, conforme afirmam Moguillansky e Nussbaum (2011), embora o autor não tenha trabalhado especificamente com famílias, tem fornecido diversas contribuições relevantes para a teoria intersubjetiva, na perspectiva psicanalítica, oferecendo suporte teórico para o desenvolvimento da psicanálise de famílias. Outros autores poderão ser usados, verificando-se a pertinência e a contribuição para com o tema estudado, tais como Alberto Eiguer.

A realidade psíquica é a hipótese constitutiva da psicanálise, ou seja, Freud aprofundou os processos do psiquismo de um sujeito singular. A realidade psíquica refere-se aos conteúdos psíquicos inconscientes, traz por si mesma desejos irreduzíveis inconscientes, não sendo uma internalização idêntica da realidade exterior, material. É composta por fantasias, sonhos, pulsões, conflitos presentes nessa realidade inconsciente. Freud amplia essa perspectiva, segundo Kaës (2011a), ao mencionar uma realidade psíquica compartilhável por meio dos conceitos de identificação, na segunda tópica pela constituição do eu e supereu, mas Freud não conceitua a questão da intersubjetividade de forma explícita, em sua obra.

Segundo Kaës (2011a), os psicanalistas tendem a oferecer atenção ao sujeito “singular”, pensam nesse sujeito de modo individualizado, tratam-no como “um a um”, “individualmente”. Isso significa que enfocam a realidade psíquica inconsciente do sujeito, a representação e a constituição do mundo interno, as mudanças e as transformações, no decorrer de sua história, impasses gerados nesse processo, como o sujeito se subjetivou. Para que pudessem trabalhar com esse sujeito do inconsciente, isolaram os aspectos sociais e intersubjetivos, o “ambiente” do qual esse sujeito faz parte, até para que fosse possível realizar um tratamento tendo todas as ferramentas disponíveis, ou seja, um sujeito individual com um método individual. O

inconsciente individual é explicado por ele mesmo, a ação e a eficácia de um tratamento voltam-se para esse inconsciente, com esse sujeito individual.

Assim, Kães propõe a existência de um “resto por conhecer”, não abarcado pela conceituação de realidade psíquica, isto é, sugere que levemos em conta o sujeito do grupo, do vínculo, além do sujeito do inconsciente (individual):

Desenvolvi essa proposição construindo o conceito de sujeito do grupo e o conceito mais amplo de sujeito do vínculo (Kaës, 1994). Por ser simultaneamente servidor, beneficiário e herdeiro dessa corrente, o sujeito “individual”, aquele que se singulariza em cada um de nós, constrói-se, de fato, nos vínculos e nas alianças em que se forma, nos conjuntos de que é parte constituída e parte constituinte: a família, os grupos, as instituições. Esse sujeito, enquanto sujeito do vínculo, é um sujeito “singular plural” e, nesse duplo sentido, ele é sujeito do inconsciente (Kaës, 2011a, p. 157).

Dessa forma, o sujeito do grupo não é um sujeito único: nele existem simultaneamente diversos espaços psíquicos intersubjetivos, cujos processos são transmitidos a ele, psiquicamente, e ele herda de várias formas, como por identificação, incorporação, recalcamento etc. Esses grupos transmitem formações de ideais, oferecem referências identificatórias e mecanismos de defesa, um componente da função recalcante (Kaës, 2001).

Cabe ressaltar a definição de vínculo, preconizada por Kaës (2011b):

[...] chamei de vínculo a realidade psíquica inconsciente específica construída pelo encontro de dois ou mais sujeitos. Essa definição pelo *conteúdo* põe a ênfase na realidade psíquica inconsciente, objeto constitutivo da psicanálise. Ela fica mais precisa com uma abordagem em termos de *processo*: o vínculo é o movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos (Kaës, 2011b, p. 159).

Ao nascer, recebemos cuidados tanto físicos quanto psíquicos, por meio de banhos, cheiros, contato com a pele de quem nos segura, as palavras que nos são direcionadas. Somos cercados por um tecido de vínculos, os quais ficam ligados em nós e com os outros, formando emaranhados, que, ao longo de toda a vida, iremos fazer e desfazer continuamente. “Ficamos necessariamente vinculados por todo tipo de vínculo antes de conseguir nos desligar deles parcialmente, contrair outros, ser suficientemente autônomos e nos assumir como eu [Je]” (Kaës, 2011a, p. 158-159). Não podemos viver sem vínculos, no entanto, alguns vínculos podem ser aprisionadores, seja por excesso, seja por falta, impedindo-nos de viver, amar e conhecer.

A palavra “vínculo” possui origem no latim, *vinculum*, significando atar, unir. Ao se ressaltar que o vínculo se constitui numa ligação estável entre dois sujeitos, enfoca-

se a presença de um outro como construtor contínuo da subjetividade, visto que se permite ser e fazer de forma diversa do que ocorreria individualmente, tratando-se de uma diferença da relação intrapsíquica, por conferir um caráter de extraterritorialidade à relação com o outro (Piva, 2020).

Kaës (2011a, p. 157) concebe a existência de três espaços psíquicos, com relações complexas: o espaço do sujeito singular, o espaço dos vínculos intersubjetivos e o espaço dos conjuntos complexos, denominado “configurações vinculares”, que incluem grupos, famílias e instituições. O sujeito é construído através de processos e formações psíquicas compartilhados por vários sujeitos.

O grupo precede o sujeito do grupo; não escolhemos ser incluídos no grupo, assim como não escolhemos ter um corpo, mas é por meio do corpo e do grupo que chegamos ao mundo. Temos uma pré-história, antes de nascermos, somos sujeitos de um conjunto intersubjetivo; somos herdeiros, tendo em vista que esse grupo nos transmite “sonhos de desejos insatisfeitos”, recalcamientos, renúncias, que fazem parte das histórias dos familiares do grupo que nos antecederam. Essa pré-história que contém o originário de cada um de nós, um começo do sujeito antes de seu nascimento, se inscreve na intersubjetividade (Kaës, 2001).

Kaës (2011b) emprega a seguinte definição do conceito de intersubjetividade:

Chamei de intersubjetividade a estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos. Esse espaço comum, conjunto, partilhado e diferenciado compreende processos, formações e uma experiência específicos, por meio dos quais cada sujeito se constitui, por um lado que concerne ao seu próprio inconsciente. Nesse espaço, sob certas condições, especialmente da libertação das alianças que o mantêm submetido aos efeitos do inconsciente, mas também que o estruturam, um processo de subjetivação torna possível tornar-se Eu pensando seu lugar de sujeito no interior de um Nós (Kaës, 2011b, p. 224).

A intersubjetividade não se resume a um conjunto de interações, mas se estende à construção de um espaço da realidade psíquica que se concretiza “[...] por suas relações de sujeito enquanto sujeitos do inconsciente” (Kaës, 2011b, p. 22). Denomina-se intersubjetividade o que for partilhado por esses sujeitos ligados entre si, tais como recalques em comum, fantasias compartilhadas, desejos inconscientes e interdições instituídas para organizá-los (Kaës, 2011b).

A intersubjetividade vai além de constituir o sujeito através da subjetividade de um outro ou vários outros; é um espaço psíquico próprio a cada configuração de vínculos. A partir disso, amplia-se a compreensão do sofrimento psíquico, pois passa a se relacionar aos significados e funções desse sofrimento assumido para um ou

vários outros, para o grupo, no qual o sujeito não apenas é constituído, mas também é parte constituinte. O prefixo inter- indica que, além da reciprocidade entre dois ou mais sujeitos, são os espaços entre esses sujeitos que fazem possível o surgimento dos Eus. Esse espaço intersubjetivo promove formações que impactam nos sujeitos do inconsciente e na construção do Eu futuro, dentro de um Nós (Kaës, 2011b, p. 23-24).

Kaës (2011b) acrescenta que existe o trabalho da intersubjetividade, o qual amplia a necessidade de se ligar a psique com o corporal; esse trabalho pode ser descrito como o estabelecimento de interditos e obrigações impostos pelo grupo a seus sujeitos, para que seja mantida a ordem, imprimindo ao inconsciente modos de funcionamento específicos. O trabalho também implica que “[...] cada sujeito é representado e procura se fazer representar nas relações de objeto, nas imagos, identificações e fantasias inconscientes de um outro e de um conjunto de outros” (Kaës, 2011b, p. 225).

Assim, a perspectiva de Kaës sobre a intersubjetividade não é unicamente descritiva, já que aborda a necessidade de um trabalho psíquico que envolve dois ou mais sujeitos, especialmente o grupo familiar, na constituição do sujeito. Dessa maneira, o sujeito passa a se tornar o sujeito da herança, sendo que seu inconsciente é constituído pelos vínculos intersubjetivos. Através do processo de busca de “[...] desprender-se das alianças inconscientes do grupo familiar primário, o sujeito se constituirá como sujeito, subjetivando-se em meio à intersubjetividade” (Levisky; Dias, Levisky, 2021, p. 165-166).

Compreende-se a família como um grupo que promove esse espaço intersubjetivo, delimita interditos, firma alianças e realiza transmissões psíquicas que o sujeito irá receber. A família, nesse contexto, possui diversas funções, as quais serão exploradas a seguir.

### **1.3 A família e suas funções para a psicanálise**

Neste ponto, apresentamos o conceito de família, com suas funções enquanto um grupo primário, primordial para o desenvolvimento das novas gerações que surgem durante sua existência.

De acordo com Correa (2013), a família pode ser tomada como

[...] o grupo primário por excelência, a matriz básica do processo de subjetivação, no qual são atendidas as necessidades básicas do ser humano, desde a nutrição para sobreviver, aos cuidados afetivos e a proteção que aliviam seu desamparo inicial (Correa, 2013, p. 27).

As funções da família, enquanto unidade psicossocial, podem ser assim resumidas:

- a. procriação, perpetuação da espécie e organização da sexualidade, abrangendo a proteção e o desenvolvimento psicoafetivo;
- b. transmissão de uma cultura e de um patrimônio material, assim como de valores simbólicos;
- c. propiciar um espaço de construção do sentimento de pertencimento e identidade, incluindo a elaboração e transformação da transmissão psíquica geracional (Correa, 2013, p. 37).

Ainda, segundo a autora, antes de nosso nascimento, já existe um grupo que nos precede e que agrupa em si outros grupos anteriores, pela transmissão geracional, assim como na imagem das bonecas russas. A família possui funções específicas a serem exercidas.

As funções primordiais do grupo familiar são as de compartilhar um espaço comum e perpetuar a vida além das mudanças e mortes individuais, acolhendo as modificações, rupturas e perdas decorrentes do processo vital dos membros que o integram (Correa, 2013, p. 27).

São aspectos característicos do grupo familiar a organização dos vínculos de aliança e consanguinidade, de filiação e fraternos, onde permeiam os afetos. Independente da cultura, o tabu do incesto dirige o funcionamento da família, indicando a existência de uma ordem simbólica das relações, através de uma lei. O tabu, retratado pela ameaça de castração, dirige o deslocamento de pulsões agressivas e sexuais para outras finalidades.

Kaës (1994) frisa que o espaço intersubjetivo exhibe processamentos e construções com efeitos psíquicos, no que diz respeito à família, ao casal e a grupos diversos. Um dos efeitos psíquicos refere-se ao complexo edipiano, tendo como função organizar as relações entre interdição e desejo, instaurando as diferenças entre os sexos e as gerações. Um segundo efeito psíquico concerne a “uma função de apoio mútuo entre os sujeitos”, de forma que o membro que chega à família se relaciona com os investimentos narcísicos dos pais e os ideais partilhados. O terceiro efeito do espaço intersubjetivo é fornecer os pronunciamentos sobre as interdições elementares, de acordo com a cultura, colaborando para a estruturação da subjetividade. Esse espaço psíquico permite que se construam vínculos de

identificação, tendo funções associadas ao eu e ao superego, quanto ao controle e proibições, que se apresentam por meio de relações de domínio e submissão.

Desse modo, podemos entender que o espaço intersubjetivo familiar possui funções essenciais para a estruturação do psiquismo:

- Insere o sujeito em uma trama edípica que pauta como desejos e interdições devem se apresentar, marcando diferenças geracionais e consequente deslocamento de desejos incestuosos relativos às figuras parentais;
- Oferece um apoio entre os sujeitos, no sentido de inseri-los no grupo familiar, por meio do investimento narcísico parental e dos ideais comuns, para que o sujeito possa fazer parte do grupo;
- Determina as interdições fundamentais da cultura à qual pertence, gerando vínculos de identificação na família, a qual exerce funções egoicas (organizadoras) e superegoicas (controle e proibições).

Quando o sujeito nasce, é necessário que seja realizado um investimento narcísico parental que delimita o lugar a ser ocupado por ele, na trama familiar. O narcisismo e a relação parental foram abordados por Freud (1914), para quem o narcisismo se refere à atitude do sujeito que trata a seu próprio corpo da mesma maneira pela qual o corpo de um objeto sexual é frequentemente tratado, com contemplação, carinho e afago, visando à obtenção de uma satisfação completa, através dessas atividades.

A relevância da relação com os pais se mostra de forma mais nítida, no texto “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, no qual Freud (1914) relata que os filhos são investidos libidinalmente, desde o nascimento, de sorte que seja possível refletir sobre a intersubjetividade, em que os filhos recebem como herança o narcisismo dos pais, seus desejos, sonhos não realizados e ideais. Na relação com os filhos, os pais revivem o seu próprio narcisismo, tendo como desejo que “Sua Majestade, o Bebê” (Freud, 1914, p.98) não precise sofrer e nem passar pelas mesmas dificuldades pelas quais passaram, contudo, que os filhos possam ser portadores do mundo perfeito que os pais desejavam para si próprios, sendo os filhos o centro do mundo. Nesse contexto, Freud indica o quanto as relações parentais são fundamentais para a constituição psíquica.

Relata a existência de um narcisismo primário e um narcisismo secundário. O primário está relacionado com um estado precoce, no qual a criança realiza todo o

investimento libidinal em si mesma. Não existe a discriminação entre ela e a mãe, voltando sua energia toda para si. O narcisismo secundário está ligado a um retorno da libido ao ego, que é retirada após a realização dos investimentos libidinais. Ou seja, em um primeiro momento, a criança volta totalmente para si mesma sua libido; posteriormente, sua libido é dirigida ao outro, porém, ainda com a intenção de sua própria satisfação, para, em seguida, retirar a libido investida no objeto e a retornar para si mesma. Existe maior consideração com o objeto, nesse momento, mas as relações ainda não estão bem delimitadas.

A psicanálise de casal e família entende, tendo como referencial a obra de Freud e sua abertura para a intersubjetividade, que o narcisismo não é somente vivenciado pelo filho, mas pela família, levando-se em conta que os pais direcionam o seu investimento narcísico aos filhos, quando os investem. Considera-se como ponto fundamental para a estruturação psíquica, pois, a partir desse investimento narcísico dos pais, de ordem intersubjetiva, os filhos poderão se constituir como sujeitos, em função do lugar que os pais delimitam que eles ocupem, no grupo familiar. Kaës (2014) explicará, de forma mais precisa, como esse processo acontece e se mantém no grupo, através do conceito de alianças, que será aprofundado posteriormente.

Além dos investimentos narcísicos, a vivência de uma trama edípica também funciona como uma dimensão estruturante para o psiquismo. A passagem para uma conflitiva edípica implicaria uma relação de objeto na qual ocorre uma triangulação, e o sujeito percebe que o outro está separado dele e que poderá satisfazer ou não seus desejos.

O complexo de Édipo pode ser definido como um “[...] conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 77). Em uma forma positiva, o complexo se configura como mais próximo ao mito de Édipo, no qual os sentimentos de rivalidade são direcionados à figura do mesmo sexo e os sentimentos amorosos são direcionados à figura do sexo oposto. Em uma forma negativa, ocorre o inverso: o amor é vivido com relação à figura do mesmo sexo e o ódio e a rivalidade são vividos com a figura do sexo oposto. Cabe ressaltar que as duas formas estão presentes, em diferentes graus, em uma forma completa do complexo de Édipo.

O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. O complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. A sua eficácia vem do fato de fazer intervir uma

instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 77, 80).

Freud (1923) acrescenta que os pais se constituem como fonte de identificações para os filhos e necessitam estabelecer o interdito, para que consigam se identificar com as proibições impostas pelos pais, as quais impedem que os desejos incestuosos sejam realizados, possibilitando o surgimento do superego, que perpetua a proibição do incesto.

A vivência edípica demarca a diferença entre as gerações e os sexos, ensejando que se desloquem os desejos incestuosos relacionados aos pais. As interdições são fundamentais para a manutenção da cultura e da civilização, pela renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos que o sujeito realiza. Kaës (2014) também define um tipo de aliança ligado a essas vivências, que será aprofundado posteriormente. Logo, a família desempenha um papel significativo no exercício de funções necessárias para a constituição psíquica.

Para a psicanálise, o grupo familiar consiste numa base de sustentação para a construção da subjetividade. Promove uma representação de um espaço protetor, que define limites com o exterior, a proteção do desconhecido, trazendo um sentimento de pertencimento, através dos vínculos de um espaço comum compartilhado. O grupo familiar se inscreve na intersubjetividade, nesse espaço psíquico grupal composto por dois ou vários sujeitos; o espaço intersubjetivo favorece as identificações, sendo estruturante da subjetividade. Existem várias etapas para a constituição de um grupo familiar:

1. encontro do casal fundado (sob o ponto de vista da psicanálise) numa convivência imaginária inconsciente, com uma dimensão narcisista;
2. inserção do grupo na trama sociocultural, a partir dos diversos pactos de aliança (Kaës, 1993) e do “contrato narcisista” (Aulagnier, 1981), acordos e pactos envolvendo o vínculo grupal apoiado no narcisismo; cada um faz do grupo uma espécie de espelho, que devolve imagens positivas e gratificantes a cada membro e ao próprio grupo, além do compromisso de ocupar um lugar na trama geracional (Correa, 2013, p. 35-36).

Assim, o encontro do casal caracteriza o início da construção do grupo familiar, o qual se origina através do convívio imaginário inconsciente ou sobre sua fase narcísica, ligados ao projeto de construção da família. De acordo com Correa (2000, p. 37), “[...] o aparelho psíquico do grupo familiar está impregnado de um espaço idealizado que se refere a uma aspiração de eternidade ou transcendência atravessada pelo desejo de um filho”. Desse modo, as fantasias produzidas nesse

grupo, que são variáveis e passam por transformações na evolução da estruturação do grupo, formam a base para o agrupamento familiar.

A formação da identidade de cada sujeito e do grupo familiar ocorre por meio de processos, sendo que, inicialmente, serão instaurados pelas referências identificatórias internas ao grupo familiar e, posteriormente, por grupos secundários, que configuram um contexto de pertença cultural. Isso pode acontecer de formas diversas: as significações imaginárias sociais organizam a forma com que o sujeito representa internamente o mundo e as maneiras de agir socialmente, incluindo como se relacionar com outras pessoas e aspectos religiosos (Correa, 2000).

#### **1.4 A família e sua organização em um grupo**

Um ponto importante para abordar em relação à família é que ela se caracteriza como um grupo. Kaës (2011b) desenvolve o conceito de aparelho psíquico grupal, para designar como um grupo se constitui, inserindo o conceito de organizadores grupais como formações importantes para sustentação dos vínculos, no grupo. Posteriormente, Eiguer (1985) definirá o conceito de organizador familiar.

Kaës (2011b) começou a elaborar uma teoria a respeito do aparelho psíquico grupal, no final dos anos 1960, tendo publicado o modelo geral dessa teoria, em 1976. A proposta é de uma metapsicologia que seria acrescentada àquela proposta por Freud. A princípio, utilizou-se o termo “terceira tópica”, porém o autor modifica essa nomenclatura para “tópica do terceiro tipo”, devido ao termo anterior gerar uma confusão em autores que o associavam com o sujeito singular, ao invés do sujeito plural (Levisky, 2021). Trata-se de uma metapsicologia própria, a qual se diferencia da proposta por Freud, porque se refere a um campo vincular que não se reduz aos seus participantes (Castanho, 2021). Busca compreender o trabalho psíquico que é acionado pelo grupo (Trachtenberg *et al.*, 2018).

O aparelho psíquico grupal possui alguns postulados básicos (Kaës, 2011b):

- 1) O grupo apresenta mais do que uma somatória de indivíduos e promove fenômenos que impactam nos indivíduos, levando à uma construção psíquica compartilhada. O aparelho psíquico grupal é o caminho para esse desenvolvimento e é o resultado da combinação das psiques.
- 2) Tem como trabalho ligar, reunir, colocar em acordo e em contraste partes da psique individual impulsionadas para construção do grupo.

- 3) Não consiste em uma extrapolação do aparelho psíquico individual, mas é uma estrutura independente das psiques reunidas com leis, forma de organização e funcionamento próprias. A realidade psíquica do grupo evidencia uma lógica diversa da que rege o indivíduo.
- 4) A realidade psíquica do grupo é organizada pelos espaços psíquicos comuns e partilhados.
- 5) O aparelho psíquico individual é formado em parte pela aparelhagem grupal, derivando dela, se transformando e se diferenciando, podendo, em certos casos, adquirir autonomia.

No final dos anos 1980, Kaës (2011b) efetua modificações nesse modelo inicial, visando a incluir aspectos para pensar a relação entre o sujeito e o grupo, sendo este último concebido como o objeto dos investimentos pulsionais e das representações inconscientes, uma vez que os investimentos variam conforme o processo do grupo e se diferenciam entre cada sujeito. Esses investimentos pulsionais têm sustentação em organizações psíquicas, descritas como grupos internos (esse tema será aprofundado adiante). O grupo é entendido “[...] como cena, cenário, lugar de uma ação psíquica, de uma figuração dramatizada” (Kaës, 2011b, p. 118), de sorte que a externalização do mundo interno é posta em cena com registro externo-interno, convidando os participantes do grupo a encenarem a ação psíquica que cumpre uma solicitação ou atratividade diante das posições psíquicas dos membros. Além disso, o grupo possibilita o meio e o espaço no qual ocorrem realizações psíquicas, resultando na satisfação dos desejos inconscientes, promovendo uma proteção diante da solidão e do medo, lugar de divisão de ideais comuns, espaço de identificações e de estabelecimento de alianças inconscientes. Outro ponto refere-se ao grupo enquanto espaço de formação do inconsciente, ao mesmo tempo que recebe e se modifica, a partir dos processos inconscientes de cada sujeito.

Dessa forma, o aparelho psíquico grupal possui organizadores que serão acionados no processo de aparelhagem, sendo compostos por organizadores psíquicos e socioculturais:

O conceito de organizador psíquico do grupo foi introduzido em minhas pesquisas para designar as formações inconscientes relativamente complexas que tornam possível, sustentam e organizam o desenvolvimento integrado dos vínculos de agrupamento: são os principais grupos internos paradigmáticos que identifiquei (Kaës, 2011b, p.121).

Os organizadores intrapsíquicos relacionam-se à imagem do corpo; aos vínculos simbióticos sem discriminação, através dos quais as vivências de diferenciação e separação são vividas como uma ameaça para a existência do indivíduo e do grupo; aos grupos internos, constituídos pelas fantasias originárias, complexos edipiano e fraterno, identificações, imagem do corpo, fantasias de sedução e castração (Kaës, 2011b; Correa, 2013). “Existe um processo recíproco em que uma fantasia é organizadora da vida psíquica grupal: ao ser introjetada como representação comum, retorna ao exterior como organizadora”. (Correa, 2013, p.31).

Os organizadores socioculturais são “[...] esquemas de figurabilidade e de significação construídos socialmente por intermédio do trabalho da cultura e dos quais os mitos são os representantes mais completos” (Kaës, 2011b, p.121). Tais organizadores refletem o impacto que o contexto sociocultural tem sobre qualquer grupo familiar e casal. A dimensão social impacta as expectativas das famílias sobre qual o lugar cada membro deve ocupar, no seio familiar, dentro daquela cultura; também pode ser percebida nos cuidados iniciais aos bebês, nas experiências de creches e escolas que explicitam outras “culturas”; figuras de identificação e rituais também derivam desse contexto. Tais organizadores referem-se às particularidades de cada cultura familiar e social e têm como função definir códigos e significados da identidade do grupo (Correa, 2013). Os organizadores socioculturais apresentam modelos normativos para os organizadores psíquicos inconscientes (Kaës, 2011b).

Os organizadores socioculturais mais significativos são as práticas sociais, que envolvem aspectos concretos, como os cuidados iniciais com os bebês, incluindo alimentação e socialização; e “[...] os sistemas sociais de representação, mitos, rituais, ideologias, concepções de mundo”, citando como exemplo o mito de “[...] unidos venceremos” (Correa, 2013, p. 32), que se torna um emblema transmitido para que se crie força para superar as dificuldades.

Cada grupo terá sua própria dupla de organizadores psíquicos e socioculturais preponderantes, os quais levam à estabilização da sua identidade e das identificações de seus participantes (Kaës, 2011b).

Eiguer (1985) reconhece a importância da noção de organizador como algo fundamental para o surgimento e coesão do grupo e define o conceito de organizador familiar, através de várias referências, inclusive a de Kaës. O organizador familiar

funciona como uma forma de consolidar, de maneira mais intensa, os vínculos dos sujeitos entre si. Salienta o autor:

O organizador do grupo familiar se define como uma formação coletiva, para a qual contribuem os psiquismos pessoais, que concentra um jogo de representações psíquicas específicas do familiar e um denominador comum de emoções frequentemente exaltadoras [...]. A família tornar-se-á, por causa do organizador, um grupo constituído por indivíduos que possuem uma representação inconsciente deste grupo, no interior de seu próprio aparelho psíquico (Eiguer, 1985, p. 29).

Nesse sentido, o organizador familiar permite que se tenha uma formação coletiva, em que cada indivíduo do grupo tenha internalizado uma representação inconsciente do grupo. Favorece a reativação de investimentos anteriores, o surgimento de instâncias coletivas e redistribuição de investimentos pulsionais. Ainda que cada pessoa tenha internalizado esse grupo, cabe ressaltar que o organizador passa por crises e exige um trabalho psíquico, visto que, no decorrer de sua duração, o grupo familiar passará por diversas mudanças na busca de uma coesão e um entendimento sobre o próprio grupo.

Segundo Eiguer (1985), temos três organizadores da vida familiar inconsciente:

- 1 – A escolha de objeto no momento de instalação da relação amorosa, e, no plano inconsciente, a partilha dos objetos – constituição do mundo interior grupal. Em outros termos, é o Édipo de cada parceiro que intervém neste organizador e são os objetos parentais interiorizados que constituem o núcleo do inconsciente familiar.
- 2 – O Eu familiar: dividido nos três suborganizadores seguintes: o habitat interior, o sentimento de pertença e o ideal do ego familiar.
- 3 – Os fantasmas partilhados (interfantasmática de Anzieu), notadamente o fantasma inconsciente da cena primitiva (Eiguer, 1985, p. 29-30).

Com relação ao primeiro organizador, a escolha de objeto no momento de instalação da relação amorosa, o primeiro grupo organizador consiste no Édipo e em suas modificações. Através da proibição do incesto, frente ao desejo incestuoso, a família fará com que o sujeito possa investir em um outro vínculo, externo, ensejando a origem de uma nova família (Eiguer, 1985, p. 30).

A dissolução edípica proposta por Freud inclui a internalização de que o sujeito busque alguém como a sua mãe, assim como seu pai o fez, mas que não fique com sua mãe, como seu pai fez. Ao mesmo tempo que confere uma liberdade de viver o seu desejo com um grupo externo, proíbe o filho de ficar com sua mãe; paradoxalmente, vive-se uma liberdade condicional, ao se escolher uma mulher como sua mãe. Dessa forma, a escolha do parceiro não ocorre ao acaso, pois é utilizado o inconsciente individual. Tal escolha assemelha-se a formações de compromisso

inconscientes, trazendo alívio e, ao mesmo tempo, funcionando de maneira defensiva. A escolha do parceiro é muito importante para a organização inconsciente do casal, sendo que ambos os parceiros relacionam, de forma cruzada, seus objetos inconscientes; o parceiro ao mesmo tempo é uma descoberta, mas também uma redescoberta e resultado do amor infantil.

O segundo organizador da família é denominado eu familiar, subdividido em sentimento de pertença, habitat interior e ideal do ego coletivo. O eu familiar configura-se como uma zona neutra no psiquismo grupal, apesar dos intensos afetos. O neutro refere-se a um ser “mudo”, até o momento de risco, em que “fala”; não abriga conflito entre amor e ódio, porém, promove uma clivagem que define o que é o mundo familiar e o que não é. “Assim, o eu familiar pode ser definido como o investimento perceptual de cada membro da família, que lhe permite reconhecê-la como sua, numa continuidade têmporo-espacial” (Eiguer, 1985, p. 38).

O sentimento de pertença, uma das subdivisões do eu familiar, revela-se nas sensações que cada sujeito desenvolve, com relação a esse grupo, tais como sentir uma proximidade mais intensa, receber um tratamento diferente do que recebe em outros grupos, as lembranças de um passado compartilhado, as mesmas origens, a sensação de “saber” o que cada membro irá fazer, dizer e como irá reagir, além da sensação de que o outro percebe o sujeito como alguém que “faz parte da família”, diferentemente de quem não participa dela. O sentimento de pertença varia conforme o investimento parento-filial recebido na família. O referencial de passado também é presente continuamente, sendo lembrados cheiros, sensações, olhares, impressões, as quais deixaram sua marca para sempre no sujeito.

Tal sentimento remete ao amor dedicado à família, ao investimento narcisista para a manutenção do grupo. Esse investimento proporciona a identidade ao eu individual, trazendo um registro de sua origem. A mitologia familiar, com relatos sobre a história da família, representada mais como um fantasma do que real, concerne ao sentimento de pertença; percebem-se semelhanças físicas, morais, crenças religiosas compartilhadas, preferências culturais parecidas. Podemos observar representações concretas dessa história fantasmática partilhada pelos membros, por meio de objetos decorativos conservados e lugares/patrimônios.

Além disso, o autor focaliza o habitat interior, uma espécie de “pele” real e fantasmática da família. O grupo sempre sentirá o receio do desmembramento; cada

sujeito sente medo de que os outros membros possam retirar o investimento do grupo. “A fim de aliviar este temor, a família tenta investir um lugar geográfico real que a contenha: o lar, a casa familiar” (Eiguer, 1985, p. 40). A constituição desse habitat familiar permitirá que marcas sejam consolidadas no inconsciente grupal, registros mnêmicos das experiências em família, de forma que, ao longo do tempo, será representado um habitat interior no inconsciente grupal, ou seja, uma representação partilhada, pois o habitat favorece o reconhecimento do grupo. Ao ter desenvolvido o habitat interior, a família irá se sentir mais contida, adquirindo, em relação ao grupo, uma representação da “pele” psíquica para cada sujeito. O habitat interior alude à imagem corporal do “corpo familiar”.

A última subdivisão do organizador eu familiar consiste no ideal do ego familiar. Enquanto a pertença e o habitat têm como sustentação o passado, o ideal do ego refere-se ao futuro. Quando pensamos no ideal de ego individual, podemos associá-lo ao superego, como instância na qual se consolida o desejo de perfeição dos pais em relação aos filhos, constituindo uma visão idealizada dos pais quanto aos objetivos que esse filho precisará atingir e que remetem às próprias vivências e desejos não realizados pelos pais. Compreender a ideia do ideal de ego como pertencente ao psiquismo grupal familiar configura um encontro de ideais individuais, enquanto um ideal de ego familiar que se diferencia do ideal de ego de cada sujeito. Para cada membro da família, existirá uma representação do “ideal de ego familiar”, em conjunto com o seu próprio ideal de ego individual:

O ideal do ego familiar seria, em nossa opinião, uma representação da perfectibilidade do grupo em relação a seu próprio destino: quer dizer, um projeto de progresso social, cultural, educacional ou “habitacional” para a família. É também um projeto familiar relativo ao alcance das realizações dos filhos na idade adulta, projetos referentes ao tipo de casamento ou de realizações profissionais por exemplo. O grupo pode estabelecer “missões a cumprir”, ideais a atingir (Eiguer, 1985, p. 42).

Assim, é comum que um líder seja o portador do ideal do ego familiar, aquele que garante a representação desse ideal para os outros, sendo ele frequentemente um líder paterno nas famílias tradicionais. Como ilustração, será o líder que sofrerá com os ataques do filho adolescente, perante esse ideal do ego familiar. Esse suborganizador é importante, por permitir o adiamento de desejos e a expectativa em face do que idealmente querem atingir. A família organiza um projeto, um plano que possibilita que o ideal do ego familiar seja atingido.

O terceiro organizador familiar consiste nos fantasmas partilhados ou interfantasmática. Essa corresponde a um ponto de encontro dos fantasmas individuais de cada sujeito da família, os quais se aproximam devido ao seu conteúdo. Permite que se crie um espaço transicional em que elementos inconscientes desses fantasmas articularão a atividade fantasmática consciente, ou seja, que se torne possível a troca, a criatividade e a expressão da história de cada sujeito e de seus ancestrais:

O fantasma é, na ótica individual, o elemento que liga representações inconscientes, pré-conscientes e conscientes. Ele traduz, num movimento de retorno, a presença do recalcado, dando-lhe, contudo, uma dimensão transformada, fantasiosa e melhor aceita pelo ego. É o caso do romance familiar, que traduz no presente uma antiga idealização dos pais, tal qual ela foi concebida durante o início da primeira infância (Eiguer, 1985, p. 45).

Ademais, o fantasma representa um aspecto universal e filogenético existente em todo ser humano, explicando por que pessoas de culturas diferentes e geograficamente distantes revelam os mesmos fantasmas, chamados de originários, tais como o intrauterino, de cena primitiva, de castração e de sedução.

Nessa perspectiva, compreende-se que a família exerce diversas funções, para a constituição do psiquismo, tais como a de investimento narcísico, elaboração da trama edípica e apresentação dos interditos, determinação das normas e experiências culturais, fornecendo o espaço primário para a constituição psíquica do sujeito. Além disso, os organizadores familiares possibilitam que essa família se constitua enquanto grupo. Os vínculos estabelecerão uma ligação entre esses membros, que será mantida ou resguardada pela fixação das alianças inconscientes.

## 2 AS ALIANÇAS INCONSCIENTES

Trataremos, neste capítulo, do conceito das alianças inconscientes, formulado por Kaës (2014). Entende-se que as alianças promovem a manutenção da ligação entre os sujeitos no vínculo, estando presentes em todos os grupos, incluindo os familiares, enfoque desta pesquisa.

Kaës (2011b) afirma que, desde o início da vida, necessitamos formar laços, nos unirmos em grupos, tais como um casal, família ou comunidade. Nós nos identificamos com as pessoas, de forma inconsciente, o que permite um objeto e traço comuns. Para que os vínculos sejam instaurados e mantidos, no entanto, precisamos de mais do que as identificações: é necessário o estabelecimento de alianças, que podem ser conscientes e inconscientes, tendo como função principal a manutenção e o fortalecimento dos vínculos, determinar suas características e seus termos. Fernandes (2022 p. 273) destaca a natureza intersubjetiva das alianças, as quais reforçam, em cada sujeito, “[...] certos processos, certas funções ou certas estruturas das quais eles se beneficiam”, através das devidas ligações estabelecidas para manter o conjunto unido.

O outro é necessário para que se possam realizar desejos inconscientes que não podem ser concretizados sem o outro, resultando em um acordo inconsciente, em grande parte das vezes, aspecto que remete aos conteúdos recalcados, arquivados, abolidos ou mesmo apagados (Fernandes, 2022) e que colaboram para a manutenção do vínculo.

Desenvolver uma aliança consiste em um ato que leva duas ou mais pessoas a se ligarem entre si, visando a alcançar um objetivo específico, o que suscita um interesse mútuo e um compromisso recíproco (Kaës, 2011b). Segundo Kaës (2014),

as alianças inconscientes estão presentes em todos os grupos, sejam casais, sejam famílias, grupos e instituições.

Este é conceito de alianças inconscientes, de acordo com Kaës (2011b):

Chamei de aliança inconsciente uma formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos de um vínculo para reforçar em cada um deles e estabelecer, na base de seus vínculos, os investimentos narcísicos e objetivos de que eles têm necessidade, os processos, as funções e as estruturas psíquicas que lhes são necessários e que resultaram do recalque ou da denegação, da rejeição e da desautorização. A aliança se forma de tal modo que o vínculo assume para cada um desses sujeitos um valor psíquico decisivo. O conjunto assim ligado (o grupo, a família, o casal) deriva sua realidade psíquica das alianças, dos contratos e pactos que esses sujeitos estabelecem e que seu lugar no conjunto os obriga a manter (Kaës, 2011b, p. 198-199).

São as alianças inconscientes, independentemente de a qual tipo pertençam, que promovem o “cimento da matéria psíquica”, capaz de promover a ligação das pessoas entre si, em um casal, uma família, grupo ou instituição, participando da estruturação psíquica em um nível narcísico e objetual, nas maneiras de realizações de desejo, nos aspectos defensivos ou alienantes (Kaës, 2011b).

As alianças inconscientes são a matéria da intersubjetividade; é por meio das alianças que a realidade psíquica do vínculo adquire consistência. Além disso, as alianças inconscientes são o agente e a matéria da transmissão da vida psíquica entre gerações; elas produzem impactos que serão sentidos nas gerações seguintes à geração de sujeitos que constituiu essas alianças, inicialmente. Kaës (2011b) utiliza a conceituação de aliança inconsciente para designar a lógica do vínculo, no qual, de acordo com o autor, “[...] não há um sem o outro, e sem o vínculo que os une e contém” (Kaës, 2011b, p. 199).

As alianças inconscientes promovem exigências aos sujeitos envolvidos, fixando obrigações e sujeições, oferecendo benefícios e satisfações, sendo que os benefícios devem ser mensurados a partir dos custos psíquicos impostos a cada um. Kaës (2011) complementa, realçando que, além desses aspectos, somos sujeitos do inconsciente, a partir do impacto das alianças inconscientes, pois elas produzem uma parte do inconsciente e da realidade psíquica de cada sujeito.

Assim, as alianças não servem somente para o estabelecimento, a manutenção ou para reassegurar um vínculo, mas “[...] para preservar os conteúdos e os empenhos de cada um deles e da própria relação” (Kaës, 2014, p. 13). Nós nos vinculamos entre as pessoas, por intermédio de alianças, as quais podem ser secretas e, em parte,

inconscientes, todavia, podem ser reveladas através de uma palavra, um gesto ou um ato.

Desde o momento em que a aliança assume uma finalidade, quer uma aliança consciente, quer inconsciente, propiciará a criação de um acordo e um consenso. Além disso, é necessário que seja avaliado o custo e a contrapartida dessa aliança, o que ela exclui para impedir conflitos, confrontações, discórdia e o confronto das diferenças:

Assim, a aliança tanto une como exclui. Ela exclui de início no espaço interno: para se estabelecer alianças, algumas representações, alguns pensamentos, devem ser recalcados, outros negados e outros ainda, rejeitados ou escondidos, ou enquistados nas profundezas do ser, ou ainda - e nesse caso mais radicalmente - colocados num depósito ou exportados num espaço psíquico fora do próprio eu. Alguns afetos e satisfações pulsionais também deverão ser reprimidos e devem-se admitir também algumas renúncias e mesmo sacrifícios consentidos. Para que a relação constitua-se e mantenha-se, ninguém deveria vir a ter consciência disso tudo (Kaës, 2014, p. 13).

Outra característica diz respeito ao caráter conservador das alianças, ou seja, são responsáveis em manter os vínculos, e essa manutenção pode ocorrer em um movimento de evitar os conflitos ou de buscar superá-los. Quando existe uma tentativa de superação dos conflitos, as alianças promovem uma função de estruturação psíquica. Se o grupo procura evitar os conflitos, sem resolvê-los, as alianças podem se constituir de forma defensiva ou patógena, mas, ainda assim, buscando que os vínculos sejam mantidos.

Quando se sustenta que a aliança pode unir ou excluir, podemos compreender que ela une as pessoas que estão vinculadas, porém, exclui e rejeita aquelas que não estão vinculadas, procedendo à identificação dos excluídos, daqueles que estão fora da aliança, do grupo.

Os sujeitos implicados no vínculo esperam das alianças outros benefícios, tais como a segurança, relacionada à continuidade do vínculo, a realização pessoal de aspectos que só podem ser obtidos estando dentro de uma relação, através de uma aliança, como um investimento narcísico mútuo, um relacionamento amoroso estável, de sentir-se protegido e seguro diante de perigos (reais ou fantasiados), um gozo que só pode ser obtido por um acordo inconsciente com o outro. Com esse último aspecto, as alianças inconscientes apresentam a estrutura de um sintoma compartilhado, em que cada sujeito contribui e possui algum benefício (às vezes, desigual) próprio, desde que as pessoas que fazem parte dessa aliança apresentem o desejo de firmar sua relação nessa aliança.

Kaës (2011b, 2014) faz a distinção de quatro grandes tipos de alianças:

- Os dois primeiros tipos são representados pelas alianças que exibem uma função de estruturação psíquica (contrato narcísico e pacto fraterno/contrato de renúncia);
- O terceiro tipo é formado por alianças defensivas e com impactos possivelmente patógenos e alienantes, tais como o pacto denegativo, a comunidade de denegação e o contrato perverso;
- O quarto tipo é caracterizado pelas alianças ofensivas, as quais instituem o acordo de um grupo para um projeto de ataque ou exploração.

Segue o quadro proposto por Kaës (2014), quanto aos tipos de alianças:

**Quadro 1** - Os principais tipos de alianças inconscientes

|                                              |                                                       |                                                                           |                                                                                   |                                |
|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|
| <i>As alianças estruturantes primárias</i>   | <i>As alianças de afinação primária</i>               | <i>As alianças de prazer</i>                                              | <i>As alianças de amor e de ódio</i>                                              | <i>Os contratos narcísicos</i> |
| <i>As alianças estruturantes secundárias</i> | O pacto fraterno                                      | A aliança com o pai simbolizado                                           | O contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos |                                |
| <i>As alianças inconscientes</i>             | O pacto denegativo fundado sobre o recalque neurótico | Os pactos denegativos fundados sobre a recusa, a rejeição ou desaprovação | Os pactos denegativos mistos ou assimétricos                                      |                                |
| <i>As alianças ofensivas</i>                 | A gangue, o bando, a seita, o comando                 | A aliança psicopática                                                     |                                                                                   |                                |

Fonte: Kaës, 2014.

Considerando os objetivos do presente trabalho, serão apresentados, a seguir, as alianças estruturantes e o pacto denegativo, propostos por Kaës (2011b, 2014).

## 2.1 Primeiro e segundo tipo de alianças: alianças estruturantes

Tais alianças recebem essa denominação, pois promovem a estruturação do espaço psíquico do sujeito e de seus vínculos.

Considerá-las como estruturantes significa que elas reúnem, agenciam, diferenciam e constroem a matéria psíquica (suas formações e processos) e a realidade psíquica que resulta disso, no espaço interno e no espaço das relações (Kaës, 2014, p. 59).

A principal aliança estruturante é o contrato narcísico. A partir dele surgem diversos outros contratos, mas também podem derivar aspectos patológicos. Ele está em movimento e tem modificações, de acordo com crises da vida, como adolescência, maturidade, envelhecimento, lutos, separações etc.

Além do contrato narcísico, temos outro grupo de alianças estruturantes, os quais almejam movimentar a repressão e seus destinos. Essas alianças têm como base os interditos fundamentais, tais como o tabu do incesto. Essas alianças proporcionam diversas formas de sublimação, relacionando o espaço psíquico individual e o dos grupos. Segundo Kaës (2014, p. 59), “[...] que elas são estruturantes significa dizer que são dinâmicas, e por isso mesmo, conflituais”.

### ***2.1.1 Primeiro tipo de alianças: alianças estruturantes primárias – contratos e pactos narcísicos***

Neste primeiro tipo de alianças, Kaës (2014) inclui as alianças de afinação primária, as alianças de prazer-desprazer compartilhado, as alianças de amor e ódio e os contratos narcísicos.

As primeiras alianças referem-se às alianças de afinação primária entre a mãe e o bebê. Ao nascer, o bebê depende completamente de um ambiente que lhe ofereça os cuidados básicos, a proteção e investimentos ligados a prazeres e sofrimentos que criam os vínculos de afinações (sintonia) mútuos e assimétricos entre a mãe e o bebê. Esse vínculo faz com que o bebê alcance as próximas experiências, relacionadas ao aspecto sensório-motor, às ecolalias, às emoções e às primeiras significações nas quais se fundamentarão as pulsões, a cognição, a faculdade de conseguir proteção e a habilidade de sonhar. Uma parte significativa dessas vivências é inconsciente, sendo que parte delas sofre o recalçamento. É através dessa aliança que se constituirão as demais.

As alianças de prazer-desprazer compartilhado e de ilusão criadora referem-se a experiências de prazer e desprazer vivenciadas na relação mãe-bebê e a uma ilusão de que tanto a mãe quanto o bebê são suficientemente bons. Em todas as relações, ocorrem momentos com desprazer compartilhado, os quais trazem um desconforto recíproco e uma expectativa desapontada. Eles se apresentam na relação mãe-bebê, através de uma desafinação de investimentos narcísicos e podem se constituir como

patológicos. Quando se trata das alianças de prazer compartilhado e de ilusões experimentadas nesse vínculo, elas fornecem a base para “[...] a experiência de ser um bebê suficientemente bom, capaz de corresponder à expectativa da mãe que pode ver-se como mãe suficientemente boa e ser reconhecida como tal pelo pai” (Kaës, 2014, p. 52).

Essa aliança necessita de investimentos pulsionais abrandados, uma boa afinação, função alfa e faculdade de devaneios recíprocos. Proporcionará para a criança, a família e aos pais a vivência da confiança no vínculo, a da realização do desejo através do vínculo. Tais experiências propiciam a fundamentação para as identificações primárias do ego; asseguram que os investimentos narcísicos sejam continuados entre os sonhos dos pais que não foram realizados e os que o bebê (sua Majestade, o Bebê) é convidado a cumprir, verificando-se dentro do convite do outro e sua aceitação a possibilidade de servir ao seu próprio narcisismo. As alianças de prazer-desprazer compartilhado consistem na matéria do contrato narcísico.

As alianças narcísicas, alianças de amor e alianças de ódio, expressam algo comum a todas as alianças: trazem os impactos das pulsões e de seus objetos associados. Encontram-se alianças nas quais o narcisismo, em sua dualidade de vida e morte, predomina; “[...] as alianças de amor para evitar o ódio, as alianças de ódio para não amar, mas também as alianças para não expor seu narcisismo ao risco do amor e do ódio” (Kaës, 2014, p. 52).

Kaës (2014) utiliza como referência para o desenvolvimento do conceito das alianças de contratos e pactos narcísicos a noção de contrato narcísico proposta por P. Castoriadis-Aulagnier, ampliando esse conceito dentro do grupo de alianças estruturantes, empregando também as origens do contrato narcísico em Freud.

No texto “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, Freud (1914) sustenta que, na relação afetiva estabelecida entre pais e filhos, tem-se o renascimento e a reprodução do próprio narcisismo dos pais. Estes fazem uma supervalorização dos filhos, considerando-os como perfeitos e deixando de lado qualquer defeito:

Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida (Freud, 1914, p. 97-98).

Assim, os pais tratam seus filhos como “Sua Majestade, o Bebê”, e a criança será o centro da criação do mundo e não sujeita às renúncias de prazer, morte ou doença, como se estivesse acima das leis da natureza. A criança também conseguirá concretizar todos os desejos que os pais não conseguiram realizar. “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (Freud, 1914, p. 98).

Kaës (2014) afirma que, quando Freud faz essas considerações, ele abre a possibilidade de se pensar as alianças inconscientes, por inserir o bebê em uma teia de relações em que seu próprio narcisismo é sustentado pelo narcisismo parental. A criança vai se formando a partir das solicitações dos pais e do meio social. O processo intersubjetivo promoverá um dilema, no qual a criança pode se identificar ao lugar a ele atribuído, ou seja, narcisicamente ocupando a função e lugar estipulados pelo outro ou recusar representar o que o outro deseja, narcisicamente, devido ao que implicará assumir essa função e lugar, recusar ser um prolongamento do outro ou do que o outro queria ser. Dessa forma, as raízes do contrato narcísico, enquanto alianças, já estavam presentes nos escritos de Freud.

Além das questões apontadas acerca da obra freudiana, temos a contribuição de Piera Aulagnier (1979), com a definição do conceito de contrato narcísico. A autora aborda como acontece o investimento do casal pela criança, apresentando alguns aspectos importantes para esse investimento:

- A relação entre o casal parental e a criança leva sempre o traço da relação do casal com o meio social que o cerca [...].
- O discurso social projeta sobre o *infans* a mesma antecipação que a antecipação própria ao discurso parental: bem antes do novo sujeito estar lá, o grupo pré-investirá o lugar que ele supostamente ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sócio-cultural.
- O sujeito, por sua vez, procura e deve encontrar, neste discurso, referências que lhe permitam se projetar num futuro, a fim de que seu afastamento deste primeiro suporte, representado pelo casal parental, não se traduza pela perda de todo suporte identificatório.
- O conflito que pode existir entre o casal e o meio corre o risco de confirmar, para a psique infantil, a identidade entre o que ocorre na cena exterior e sua representação fantasmática de uma situação de rejeição, de exclusão, de agressão, de onipotência (Aulagnier, 1979, p. 146-147).

Aulagnier (1979) argumenta que nosso meio social, entendido como sujeitos com uma mesma língua, direcionados pelas mesmas instituições e, em alguns casos, com a mesma religião, se constitui como o *conjunto de vozes presentes*. Tal conjunto pode enunciar diversos pontos, tais como no que consiste a realidade, o motivo de

existência do grupo, sua razão de ser, a origem dos modelos que o grupo possui. Esse conjunto define os enunciados que o próprio grupo possui sobre si, podendo ter maior ou menor flexibilidade, porém, apresentando sempre como base os *enunciados do fundamento/ o fundamento dos enunciados*, caracterizados pelos enunciados míticos, sagrados ou científicos. Exige-se, por conseguinte, uma concordância entre o campo social e o campo linguístico, para o funcionamento de ambos e para que cumpram sua função de fundamento. A fim de que essa função seja exercida, é necessário que tais vozes sejam percebidas como certezas, para que não sejam abandonadas por outros fundamentos. O sujeito está incluído nesse meio que oferece o discurso fundador, avaliando a realidade e tendo como referência a imagem ideal que sua teoria apresenta.

Ao abordar o campo social, Aulagnier (1979) se refere às funções do discurso do mito, da ciência e do sagrado. Esses discursos têm em comum a proposta de apontarem a origem do modelo, incluindo qual a sua finalidade. Se considerarmos nossa história cultural, durante longo tempo, tivemos como voz originária do modelo a voz divina; ou seja, antes do grupo, existia o sagrado como fundador. Posteriormente, surgiu o “mito do homem macaco” (Leroy-Gourhan *apud* Aulagnier, 1979, p. 148). No entanto, mesmo que sejam diferentes, revelam alguns aspectos comuns: mantêm uma certeza sobre a origem; idealizam que um saber poderá prever o possível desenvolvimento da evolução.

A maioria dos sujeitos, ao nascer, aceitará o discurso transmitido como verdadeiro, o qual evidencia a origem e funcionamento do grupo, que serão um suporte para a representação de um meio ideal. Ao aderir ao discurso apresentado pelo meio social, o mesmo funcionará como uma voz que repete tais enunciados e, por isso, são internalizados, levando a uma certeza sobre os fatos de seu passado e fornecendo uma possível previsão do que esperar do futuro. É fundamental que ocorra a internalização das vozes e dos enunciados do fundamento do grupo, pois o grupo só se constituirá e será preservado, se existirem várias vozes que partilham de um mesmo meio ideal, de forma que este possibilite que o sujeito consiga se visualizar enquanto sujeito ideal.

Segundo Aulagnier (1979), o sujeito ideal refere-se ao sujeito do grupo, não sendo idêntico ao Ego ideal ou Ideal de Ego. O sujeito do grupo corresponde à ideia que o sujeito tem sobre si, obtida a partir do conceito que o grupo oferece sobre ele,

o qual o insere como elemento pertencente a esse todo e que o reconhece como parte desse grupo. O grupo, por sua vez, aguarda do sujeito que ele se aproprie das vozes que representam esse grupo, substituindo as vozes mortas ou extintas e permitindo a imutabilidade do conjunto. A autora afirma que se trata de um pacto de troca: o grupo garante ao sujeito o seu reconhecimento, ao passo que o recém-chegado cumpre a tarefa de repetir o discurso do grupo. Existe, portanto, um suporte oferecido ao sujeito para uma parte da sua libido narcísica, enquanto o grupo reconhece sua existência devido às vozes que continuam repetindo seus enunciados:

O contrato narcisista se estabelece graças ao pré-investimento do *infans* pelo meio, como voz futura que ocupará o lugar que lhe será designado, dotando-o antecipadamente e por projeção do papel de sujeito do grupo. A existência do meio pressupõe que a maioria de seus elementos vejam nas exigências de seu funcionamento, o que permitiria o alcance do meio ideal, se estas exigências fossem integralmente respeitadas. A crença neste ideal será acompanhada da esperança na permanência e na perenidade do conjunto [...] e é por isso que, na base do investimento do modelo ideal, descobrimos a existência de um desejo de imortalidade, para a qual esse investimento se oferece como substituto (Aulagnier, 1979, p. 150-151).

A criança também exige do grupo que lhe seja possível ocupar um lugar independentemente do veredito parental, que possa receber um modelo ideal que não seja renegado pelo grupo e, ao mesmo tempo, não renegue os discursos do meio. O discurso oferecido pelo meio é fundamental para o seu processo identificatório, pois lhe permite uma certeza sobre a sua origem, levando ao alcance a historicidade sobre o seu passado, gerando a possibilidade de um limiar de autonomia para o Eu. O sujeito investe no grupo também com uma proposta de recompensa futura, em que outras vozes possam representá-lo quando ele morrer, levando ao escape do veredito do tempo.

Além disso, a antecipação que os pais fazem sobre o papel que a criança ocupará no grupo caracteriza-se como uma forma de violência, na medida em que é imposto ao sujeito, sem a sua escolha, mas é simultaneamente uma violência necessária, denominada como violência primária, visto que tem um efeito pré-formativo do sujeito:

Nosso conceito de violência primária, tal como a exerce um discurso que antecipa todo entendimento possível, violência que é, entretanto, necessária para permitir o acesso do sujeito à ordem do humano. Precedendo o nascimento do sujeito preexiste um discurso que o concerne: espécie de sombra falada e suposta pela mãe que fala, ela se projeta sobre o corpo do *infans* – quando do seu nascimento – tomando o lugar deste a quem se dirige o discurso do porta-voz (Aulagnier, 1979, p. 109).

Outra dimensão do contrato narcisista diz respeito à universalidade. Embora saibamos que o sujeito receberá esse investimento da libido narcisista, a parte investida terá variação conforme cada sujeito, casal e cada membro do casal. A qualidade e a intensidade do investimento se relacionam à ligação do casal parental com o meio, os papéis que são valorizados em acordo com o grupo do qual faz parte, trazendo para o Eu da criança o conhecimento que possuem sobre a relação dos dois, como casal, com o campo social.

Caso os limites do contrato não sejam respeitados, como quando o casal não aceita as cláusulas do contrato ou quando o meio social impõe um contrato viciado, não reconhecendo o casal como autônomo dentro da representação do grupo, Aulagnier (1979) relata que essa ruptura trará consequências significativas sobre o destino psíquico da criança.

São possíveis duas situações, nesse contexto, como quando a mãe, o pai ou ambos se recusam a realizar o investimento no contrato, revelando uma falha na sua própria estrutura psíquica e um núcleo psicótico; é comum não mostrarem ao meio social o “seu louco”, fazendo com que se evite o discurso dos outros e que o sujeito possa não encontrar, além da família, um suporte para a constituição de seu próprio Eu. Pode ser um fator condutor da psicose, apesar de não ser sua causa.

Outra situação configura-se quando a ruptura do contrato é promovida pelo meio social, no qual a realidade histórica pode ter fator essencial para o desenvolvimento de uma psicose. As experiências vividas pelo casal, no momento da infância do sujeito, também podem causar um impacto psíquico nesse sentido, quando é imposto ao casal e à criança uma posição de exclusão, exploração e vítima (Aulagnier, 1979).

Kaës (2014), utilizando o referencial freudiano e o conceito de contrato narcísico de Piera Aulagnier (1979), desenvolve o seu próprio conceito de alianças estruturantes primárias – contratos e pactos narcísicos. Piva (2020) ressalta que Kaës estende a ideia de contrato narcisista a todos os grupos e, conseqüentemente, a todos os vínculos. Configura-o como aliança inconsciente, fundamental para construir qualquer vínculo (Piva, 2020).

De acordo com Kaës (2014), as alianças podem assumir diversas formas. Dentre elas, os conceitos de pacto e contrato, necessários para a compreensão do conceito de alianças estruturantes primárias.

O pacto refere-se a uma noção de convenção com caráter de obrigação frente a uma situação, podendo trazer riscos de conflitos com violência e de divisões, enquanto fruto de um compromisso (pactuar) ou arranjo, o qual se obtém por concessão mútua ou por imposição unilateral. Sua função é a de promover a paz, concluir um acordo, sendo que contém e transmite a violência (Fernandes, 2022)

Por outro lado, o contrato remete a um acordo entre duas ou mais pessoas, que pode ser tanto para eliminar ou criar uma obrigação como um contrato de venda ou casamento. O contrato pode ter um caráter de obrigação, de forma unilateral ou bilateral, definindo a distribuição dos benefícios e delineando as prestações recíprocas que sejam equivalentes. A assinatura de um contrato implica relacionar, contratar e forçar – e é através dele que ocorre a validação de um vínculo entre sujeitos que buscam um fim comum.

De acordo com Fernandes (2022), é através do contrato que se dá a designação do lugar oferecido pelo grupo a cada um, baseado no conjunto vincular que o antecedeu e atendendo ao mito fundador do grupo.

Assim, uma das extensões do conceito de contrato narcísico proposta por Kaës (2014) consiste em definir três tipos de contratos narcísicos: originário, primário e secundário.

O contrato narcísico originário tem como base uma identificação do sujeito com a espécie humana, resgatando a ideia de Freud de um narcisismo fundador. “Esse contrato de afiliação narcísica à espécie humana recebe e exige investimentos a serviço da autoconservação da espécie e do indivíduo; é um anel elementar, mas indispensável para esse contexto intergeracional” (Kaës, 2014, p. 65). Dessa forma, quando o sujeito destrói o outro, como nos genocídios, ele destrói o pertencimento à humanidade. Esse contrato serve ao conjunto e ao sujeito desse conjunto, do qual o sujeito se torna um elo e herdeiro.

Quanto ao contrato narcísico primário, Kaës (2014) afirma:

*O contrato narcísico primário é pactuado no grupo primário, no seio de contexto social, através dos investimentos narcísicos dos pais nos cenários de alocação, dos enunciados da palavra, do mito, das orientações de identidade. Todos esses casos de investimento servem ao mesmo tempo o contexto e o indivíduo: esse não pode mais constituir-se como um elo somente, mas como um servidor, como um beneficiário e como um herdeiro de contexto (Kaës, 2014, p. 65-66).*

Nesse sentido, o contrato narcísico primário refere-se ao investimento narcísico proporcionado pela família, que transmite as bases identificatórias, o mito e os

enunciados sociais aos quais a família adere. Kaës (2014) destaca que esse contrato sofre evoluções, podendo chegar a se tornar alienante, com grande ênfase no período da adolescência, aspecto não apontado por Aulagnier.

O contrato narcísico secundário tem como base o narcisismo secundário e se caracteriza pelo contrato nos grupos secundários, fora da teia familiar, que podem apresentar uma complementaridade e/ou oposição com os contratos narcísicos originário e primário. Além de redistribuir os investimentos, é através do contrato que ocorre o questionamento, com maior ou menor conflito, a submissão narcísica realizada diante dos critérios estabelecidos pelo contexto humano. Todas as transformações que o sujeito terá em seus vínculos, com o contexto, a sensação de pertencimento e a adesão a novos grupos, questionam e, em algumas situações, direcionam processos de elaboração das cláusulas desses contratos iniciais.

Outra dimensão dos contratos diz respeito à manutenção da vida. O contrato narcísico originário e o contrato narcísico secundário constituem contratos de afiliação, ou seja, referem-se ao espaço, ao grupo particular; o contrato narcísico primário corresponde a um contrato de filiação, firmado dentro da família. Esses contratos se relacionam, mas podem entrar em conflito.

Para garantir que o contrato narcísico, o qual possui uma violência estruturante, por sua imposição, não se torne um contrato de violência destrutiva (narcisismo de morte), Kaës (2014) propõe a ideia de avalistas. Um avalista é um representante do contexto (de grupos, de instâncias morais e jurídicas etc.) que tem o poder de designar e controlar a forma com que o contrato está sendo executado entre cada sujeito e o contexto, de acordo com os termos desse contrato. Precisamos atentar se o avalista promove a garantia efetiva de um processo de simbolização ou se ele realiza um pacto de aliança perversa, alienante e psicotizante.

O pacto narcísico concerne a uma atribuição de uma designação com perfeita coincidência narcísica; tal alocação não permite nenhum deslocamento, pois este significaria a abertura na continuidade narcísica. Trata-se de um pacto mortífero e que possui uma violência destrutiva. Para explorar tal ideia, o autor cita a “família” de D. Laing, para quem a família interna de cada um devia ser idêntica, os lugares atribuídos aos seus membros imutáveis; de acordo com essa família, compartilhada por todos os membros, tudo que vem de cada um se refere ao que é vivido por todos dentro do

grupo e vice-versa. É característico de grupos familiares psicóticos, os quais não permitem aos sujeitos uma abertura, crítica e modificação do pacto.

Kaës (2014) acrescenta que podemos encontrar outras situações de ruptura do contrato narcísico, tais como em situações de luto, depressão e traição. O contrato narcísico serve para substituição da morte, uma defesa contra a perda de vida do grupo e do indivíduo; assim, quando ocorre um luto, o sujeito precisa reorganizar seu investimento psíquico e promover uma reordenação do contrato narcísico. Pode ou não se manifestar em aspectos patológicos depressivos. Em situações de rompimentos de relações amorosas também acontece a ruptura do contrato narcísico, trazendo aos sujeitos vivências sofridas relacionadas à decepção ou à traição.

### ***2.1.2 Segundo tipo de alianças: alianças estruturantes secundárias – o pacto dos irmãos, a aliança com o pai e o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos***

As alianças estruturantes secundárias são assim nomeadas por implicarem, muitas vezes, que outras alianças tenham se formado anteriormente. Esse tipo de aliança se constitui pelos contratos e pactos originados nas leis e nos interditos fundamentais, nos quais se configura o pacto fraterno, a aliança com o Pai simbolizado e o contrato de renúncia da satisfação imediata dos objetivos pulsionais (principalmente os objetivos destrutivos). Esse conjunto de alianças secundárias corresponde, em um primeiro momento, às relações sexuais e às relações entre as gerações (Kaës, 2014).

As alianças secundárias apresentam o início da transmissão do recalque e de conteúdos reprimidos, dos aspectos relacionados ao negativo. Além disso, trazem aspectos arcaicos dos ideais e do Superego. Podem proporcionar uma organização patológica, conflitos graves de afinação primária e afastamento do contrato narcísico.

Nas alianças secundárias, verifica-se que o processo de sublimação entra em cena; cabe ressaltar que a sublimação pressupõe dois campos, o da pulsionalidade e o da intersubjetividade. Quanto à pulsionalidade, observa-se um desvio do objetivo pulsional, um deslocamento para outro objetivo, mantendo a pulsão, a força e o objeto, de forma que a sublimação se relaciona com a busca do objeto de satisfação, ainda que o objeto mude. O processo de sublimação ocorrerá de acordo com os termos de

trabalho psíquico que a intersubjetividade impõe, com ênfase na relação com a mãe e sua significação para a criança, no que diz respeito à função paterna e ao grupo a que ela pertence.

As três formas de alianças presentes nesse conjunto – o pacto fraterno, a aliança com o pai e o contrato de renúncia – desempenham uma função duplamente estruturante para o sujeito e para o meio social (instituições sociais e culturais). Uma dupla função estruturante é percebida inclusive no contrato narcísico, pois, para que o sujeito tenha uma inscrição no contrato, é necessário que essas três funções das alianças secundárias tenham sido exercidas e garantidas pelas gerações anteriores ao recém-nascido; do contrário, o contrato narcísico não consegue cumprir a sua função.

Uma das particularidades das alianças consiste em sua relação com a lei e os interditos fundamentais, na medida em que tratam da interdição do incesto, do canibalismo e do assassinato (tríplice interdição). Elas demarcam uma reorganização dos aspectos renunciados, oferecendo a cada membro do grupo os mesmos limites, conforme a lei comum. Por apresentarem essa ligação com a lei comum, são também a base para a vida social e a sua origem, indicando-as como necessidade para uma vida social e o pertencimento a uma comunidade. Assim, as alianças exercem uma dupla função, seja na estruturação do sujeito, seja do contexto social (grupo).

Kaës (2014) utiliza como referência para a construção do conceito de alianças estruturantes secundárias os textos de Freud (1913), os quais remetem à vida em grupo e a uma análise social; em especial, alude ao texto *Totem e Tabu*.

Em *Totem e Tabu* Freud descreveu duas formas de uma aliança presentes naquilo que ele denomina mito científico da horda primitiva: a primeira é o pacto que liga os irmãos ao assassinato repetitivo do Pai arcaico da horda; a segunda é o contrato totêmico que os associa ao Pai simbolizado e, a partir daí, entre si mesmos. Por conter a garantia simbólica da aliança dos irmãos com o pai, esse contrato participa da função estruturante das alianças inconscientes. O ato de revolta se transforma em ato fundador de uma aliança, simultaneamente momento do sentido e superação do Complexo de Édipo. O contrato de renúncia à realização direta dos fins pulsionais destrutivos, cujo princípio e cujos efeitos Freud expõe em *O futuro de uma ilusão* e em *O mal-estar na civilização*, perseguirá o mesmo objetivo e assegurará a transmissibilidade dos interditos e dos ideais comuns (Kaës, 2011b, p. 200).

Resgatando o texto *Totem e Tabu*, vemos que, segundo Freud (1913), haveria inicialmente um Pai arcaico, tirano, que não participaria da lei comum, dominador da horda. Esse Pai teria direito a todas as mulheres, a um gozo sem limites, não vivenciando a castração e, ao mesmo tempo, não permitindo que os filhos pudessem

ter uma satisfação direta das pulsões sexuais. Não se percebe, nesse pai, uma relação com seus descendentes relacionadas à filiação, fraternidade e paternidade, pois a aliança que promoveria a ligação dos sujeitos não é estabelecida, uma vez que o Pai não se submete a uma lei comum, impedindo que exista na sociedade uma relação estruturante, por não pactuar a renúncia pulsional destrutiva necessária para que uma comunidade permaneça unida. Dessa forma, os descendentes não ficam vinculados à filiação, fraternidade e paternidade, pois as alianças não constituídas impedem essas vinculações. Tanto a palavra Pai quanto a dos Irmãos, segundo Kaës (2014), apresentam-se com letras maiúsculas, por não se referirem a pessoas específicas e concretas, mas por representarem um paradigma, imagos e funções numa estrutura, correspondente ao Complexo de Édipo e ao complexo fraterno.

O primeiro pacto realizado pelos Irmãos é o pacto para assassinato desse Pai arcaico, em consequência da violência que ele impunha, o que, conforme Freud, era um assassino com seus filhos, dando-lhes razões para assassiná-lo. Os Irmãos se unem para cometer o assassinato do Pai, visto que não conseguiriam cometer sozinhos esse ato, visando a aniquilar a figura que era ciumenta com as fêmeas, impunha poder e não permitia que tivessem a satisfação sexual. Após diversas tentativas frustradas, conseguem, finalmente, matar o Pai. Porém, isso abre caminho a uma rivalidade, de sorte que a figura desse Pai ressurgiu em um dos Irmãos, o qual deveria também ser assassinado. Como seria uma repetição infinita, eles transformam a relação de poder em uma relação de autoridade, ensejando assim que pudessem viver juntos e dissolver a culpa pelo crime cometido.

Essa transformação de uma relação de força em relação de autoridade só foi possível, para Kaës (2014), com a instauração de uma aliança entre os Irmãos que garantisse os três interditos organizadores. O primeiro interdito refere-se à interdição do incesto, em que os Irmãos renunciavam à posse de todas as mulheres. O segundo interdito se baseia na instituição do tabu, que objetiva proteger a vida do animal totêmico, o qual substituiu o Pai morto, promovendo uma reconciliação com ele; dessa forma, os Irmãos se comprometem a jamais manifestarem entre eles a agressividade utilizada contra o Pai, pois é proibido matar o totem, sendo também proibido o fratricídio. O terceiro interdito é o do canibalismo, visto que os Irmãos consumiram o Pai no assassinato como maneira de internalizarem a sua força.

Os três interditos – a interdição do incesto, do assassinato e do canibalismo – fecham o contrato diante do parricídio, sendo permitida a fundação da sociedade. São eles que possibilitam a vida em sociedade, o processo da cultura e o surgimento da civilização, favorecendo as identificações simbólicas. O contrato totêmico impede que a rivalidade e as tendências assassinas retornem, colocando em risco o agrupamento. Faz com que todos sejam herdeiros dos pais, em caráter de igualdade. São, portanto, os Irmãos que iniciam a civilização, através da renúncia à satisfação imediata de seus objetivos pulsionais destrutivos.

Dessa maneira, Freud (1913) apresenta como ocorre a passagem da pluralidade dos indivíduos isolados para o agrupamento e instituição, apontando como se originou o modelo de família patriarcal e do grupo.

Kaës (2014) chama a atenção para a relação entre o pacto dos Irmãos e o complexo fraterno. Sobre o contrato fraterno, ele assevera:

Ele designa uma organização intrapsíquica triangular de desejos amorosos, narcísicos e objetais, do ódio e de agressividade diante desse “outro” que o sujeito reconhece como irmão ou como irmã. Como o complexo edipiano, o complexo fraterno organiza-se pela conflitualidade entre as pulsões, os objetos de desejo e as defesas que se opõem à sua realização ou satisfação. Assim, tanto um como o outro inscrevem na psique a estrutura das relações intersubjetivas; essas são organizadas no complexo fraterno pela representação inconsciente das localizações correlativas que ocupam o sujeito, o “irmão” e a “irmã”, e as figuras parentais (Kaës, 2014, p. 86).

O contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais tem uma função estruturante, assim como o pacto fraterno e a aliança com o Pai. Permite que os interditos e os ideais comuns sejam transmitidos, sendo uma exigência de trabalho psíquico imposta por meio da cultura, para manter a sociedade. Complementarmente, nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930), Freud aborda a importância da renúncia mútua de satisfação imediata das pulsões, como exigência para que se constitua uma comunidade de direito, em contrapartida como avalista, garantindo que cada sujeito sinta segurança, podendo estabelecer as relações de amor e a cultura. Para receber o benefício das proteções da comunidade, cada sujeito deve renunciar à satisfação imediata de certos prazeres; é a condição para que a comunidade ofereça direitos e proporcione que ninguém seja submetido a comportamento arbitrário, sendo por isso que aceitamos renunciar a uma possível felicidade que retornar ao estado primitivo poderia gerar. As pulsões a que o sujeito deve renunciar se referem ao desejo pulsional do incesto, do canibalismo e do assassinato.

É imperioso pensar que existem implicações e consequências do contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais, fundamental para “[...] o trabalho da cultura e suas aquisições são uma conquista sobre as pulsões assassinas e sobre o narcisismo” (Kaës, 2014, p.97), de modo que existe uma satisfação narcísica em buscar um ideal cultural, contribuindo para a repressão da hostilidade. A respeito da renúncia, ela encontra no discurso freudiano uma correlação com a repressão das pulsões, necessárias desde a vida infantil. Não se trata de uma necessidade puramente intrapsíquica, vai além da correpressão entre a mãe e a criança. A renúncia ensejará que sejam enunciados os interditos fundamentais, que o superego se depare com a culpa diante das transgressões e busque sublimações; permite também que o contrato narcísico ofereça a segurança que leva o sujeito a se interessar em assumir seu papel, na comunidade.

Além disso, a renúncia pulsional está associada ao sentimento de culpa, originada da angústia frente à autoridade, a qual impõe a renúncia pulsional a que o sujeito se submete como forma de preservar o seu amor, sendo derivada da internalização da coerção externa e da angústia em face do Superego, sustentação para a consciência moral. O Superego traz a concepção de punição, de que não é possível esconder do Superego os desejos interditados. O Superego tem papel fundamental para a constituição do contrato, pois as pessoas que, antes, eram adversárias da cultura, passam a ser portadoras da cultura, sendo o Superego uma vantagem cultural. Ocorre uma identificação com a autoridade, que, anteriormente, despertou a agressividade pela imposição da renúncia ao sujeito, agressividade que deve ser reprimida:

Dessa análise pode-se facilmente inferir que para Freud o Complexo de Édipo é o pivô organizador da renúncia e da formação da comunidade de direito. Mas Freud mostra também que é por que esse contrato existe que o Complexo de Édipo pode se constituir e ser ultrapassado (Kaës, 2014, p. 99).

Uma das consequências da renúncia é permitir, por meio da sublimação, que ocorram formações superiores da psique e da vida em comunidade. Existindo renúncia, torna-se possível o amor e as satisfações recebidas através dos ideais e da criação artística; a arte promove satisfações substitutivas, diante da renúncia imposta pela cultura. O contrato possibilita a cada sujeito a segurança fundamental para a constituição do pré-consciente, para o trabalho do pensamento e para que as relações sejam mantidas; o contrato favorece o desvio, a não imediatez, trazendo o pensamento para a relação corpo a corpo. Isso ensejará o processo de simbolização

e de transformação das pulsões e das emoções não elaboradas. Em consequência, também torna possível a religião e a cultura.

Quando o contrato de renúncia fracassa, não é possível utilizar sua carga pulsional para a formação de cadeias simbólicas, e esse fracasso impacta a estruturação psíquica de forma prejudicial:

Os objetos não transformados, incorporados ou convertidos em ações ou ato, fabricam uma máquina antipensamento que, paradoxalmente, assume funções de continente, mas sem transformação (sem a função de contentor). Esses objetos brutos são evacuados de diversas maneiras: pela identificação projetiva, pelo depósito ou exportação massiva na psique de outrem (Kaës, 2014, p. 100).

O fracasso do contrato de renúncia está na base da violência do grupo. “Eles, os objetos brutos, podem também ser tratados pelas alucinações, pelas expressões psicossomáticas, ou psicoideológicas. Isto é, pelo pensamento ideológico, sectário e fundamentalista” (Kaës, 2014, p. 100). Assim, os efeitos do fracasso do contrato estão presentes no sofrimento psíquico contemporâneo e possuem relação muito próxima com a violência destrutiva e o fracasso na formação do pré-consciente. Insere-se a questão do sujeito de modo diferente ao do aparelho psíquico individual, instaurando a noção fundamental da exigência do trabalho psíquico imposto à psique por conta da sua ligação com a intersubjetividade e a cultura.

É por meio da palavra que se dá a organização da função simbólica da relação para cada sujeito. A palavra dita ou inscrita designa os interditos e enuncia o surgimento e os termos da aliança. Ela chama um terceiro a ser testemunha, como porta-voz, assegurando a transformação do ato para o simbólico. O pacto dos Irmãos, da aliança com o pai e o contrato de renúncia só podem se configurar como alianças estruturantes se tiverem avalistas (garantias) simbólicos que os protejam de qualquer modificação perversa alienante. Quando ocorrem as transgressões dos tabus, as alianças foram desorganizadas, manifestando mutações coletivas que trazem perturbações sociais e psíquicas.

## **2.2 Terceiro tipo de alianças: alianças inconscientes defensivas, alienantes e patógenas**

De acordo com Kaës (2014), das alianças inconscientes estruturantes se originam alianças defensivas e alianças patológicas, levando a sofrimento, falta de organização ou mesmo destruição do espaço psíquico individual e dos vínculos. As

alianças defensivas e suas modificações patológicas são acionadas por mecanismos de defesa que lidam com as angústias de castração e arcaicas e possuem relação com o Negativo. Considerando os objetivos desta pesquisa, serão explicitadas, na sequência, as alianças defensivas ou pactos denegativos.

### **2.2.1 Alianças defensivas ou pactos denegativos**

Kaës (2014) afirma que, ao longo de suas experiências clínicas e pesquisas, verificou que o grupo não consiste somente em um espaço de realização de desejos inconscientes individuais, mas igualmente se configura como ambiente do ódio, da destrutividade, da morte e do impensável; logo, os sujeitos se vinculam com uma base de conteúdos denegados ou negados. Insere-se a categoria do negativo, de sorte a pensar-se a relação na dimensão do fracasso, da impossibilidade, do que desafia a morte. “É a negatividade em suas diversas figuras que deve ser reprimida ou negada, rejeitada ou escondida” (Kaës, 2014, p. 103).

Observa-se que o negativo é uma parte presente nas alianças inconscientes, tais como o contrato narcísico, o pacto entre Irmãos, a aliança com o Pai, o contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais destrutivos, os pactos denegativos, e nas derivações de alianças defensivas e alienantes.

Diferenciam-se três modalidades do negativo: a negatividade da obrigação, a negatividade relativa e a negatividade radical. Essas modalidades fazem parte das alianças, em suas diversas configurações, seja nos contratos, seja nos pactos entre os sujeitos, e estão presentes tanto na origem do psiquismo humano como na constituição e manutenção de um grupo (relação entre os sujeitos). Não é possível absorver ou promover transformações, por meio do trabalho psíquico, em toda a negatividade; o pensamento só consegue alcançar uma parte do negativo, de forma que um resto irreduzível existirá sem representação e simbolização, aparecendo através de um ato ou enigma na realidade.

A negatividade da obrigação refere-se à necessidade do aparelho psíquico em realizar certas operações psíquicas, podendo estar relacionadas a operações defensivas para promover a supressão, redução ou modulação de representações que coloquem em risco a integridade do psiquismo ou dos vínculos de dois ou mais sujeitos; ademais, relacionam-se com o abandono ou afastamento de algumas

formações psíquicas individuais, visando ao benefício do vínculo. Tais operações psíquicas que incitam a negatividade da obrigação servem para preservação do aparelho psíquico, preservação do sujeito e preservação dos demais sujeitos que estão vinculados por um aspecto comum maior.

A negatividade de obrigação apresenta-se como operações defensivas que incluem mecanismos como repressão, (de)negação, rejeição, negação, desaprovação, forclusão, sendo que esses mecanismos se impõem sobre uma representação inadmissível. As alianças que originam a negatividade de obrigação servem para iniciar e manter a repressão e negação contra o retorno do recalcado. Não somente devem ser recalcados os conteúdos atinentes à relação do sujeito com seu próprio sintoma, mas as próprias alianças pactuadas entre diferentes sujeitos, e são necessárias para a formação e manutenção do meio social (Kaës, 2014).

A negatividade relativa corresponde ao espaço do possível na relação. Aqui o negativo aparece como aquilo que não pode ser efetuado na relação, ou que não se efetuou suficientemente, ou que não existiu ou que não encontrou formas de existir. A relatividade indica que a possibilidade de satisfação fica em aberto, podendo se cumprir a potencialidade ou manter-se como um projeto. Ela se configura como espaço potencial, o campo do possível. Está presente nos contratos narcísicos dos pais com seus filhos, nas relações amorosas e no paciente com seu terapeuta. A negatividade relativa é originária de projetos de ação, traz a esperança da modificação da realidade.

A negatividade radical é a que revela maior dificuldade de conceituação, pois ela nos expõe o impossível, o irreduzível e a morte. Constitui-se como “aquilo que não existe”, mostrando-se nas vivências de falta, ausência, encontros com o desconhecido ou pela ausência do encontro. Refere-se ao que não é percebido e nem contido. Ela traz um paradoxo do pensamento frente ao que não existe, com o que não pode ser pensado, com quem não existe. “Ela é o que permanece refratário a todo e qualquer vínculo [...], continua sendo um não vinculado irreduzível e que assim se distingue do desvinculado que afeta as outras modalidades do negativo” (Kaës, 2014, p. 109).

Essa modalidade de negatividade se apresenta na angústia vivenciada pelo sujeito com o que não existe, podendo levar a uma supressão do pensar como forma de se livrar da angústia, experienciado em situações de atordoamento, terror ou êxtase. É intolerável para o narcisismo esse questionamento sobre o que não existe

e não é, sobre algo que se constitui como um estranho de si mesmo. Foi necessário um desenvolvimento da psique para se pensar a negatividade radical, na qual o sujeito pudesse fazer questões sobre a origem, o desconhecido, o inconcebível, o impossível, como o que não existe devido à existência do sujeito, o que não existe e jamais poderá existir.

Há um papel importante para a manutenção do psiquismo, na negatividade radical: ela permite que exista um espaço vazio no psiquismo, essencial para que não limitemos os objetos, o espaço próprio e o conhecido, esgotando-os em uma representação que o psiquismo faz para si mesmo sobre tais aspectos. Não aceitar esse tipo de negatividade promove consequências destruidoras para o pensamento.

Kaës (1991 *apud* Piva, 2020, p. 104) aponta que as três modalidades do negativo se relacionam para a constituição das alianças inconscientes. Pensar o negativo promove resistências, assim como pensar os conjuntos transubjetivos, visto que se opõem ao nosso narcisismo. Pensar que o vínculo se funda em algo negativo é difícil, pois costumamos acentuar o elemento da positividade.

Kaës (2011) propõe, nesse plano, o conceito de pacto denegativo, para configurar de que maneira o negativo aparece nos vínculos entre os sujeitos. Trata-se de um trabalho de produção do inconsciente imprescindível, a fim de que ocorra a formação e a manutenção do vínculo intersubjetivo (Fernandes, 2022). Refere-se a mecanismos de defesa e formas de expressão do negativo nas relações grupais, incluindo as defesas da denegação, negação, desaprovação, rejeição e recalque (Kaës, 2011b, 2014). É o resultado de um trabalho do inconsciente para possibilitar que os grupos sejam formados e mantidos em uma relação intersubjetiva; no entanto, além de ser fundamental para a formação do vínculo, também enfoca o que nesse vínculo será não representado, não transformável, zonas de silêncio, bolsas de intoxicação que fazem com que o sujeito permaneça alheio à sua própria história e à história dos demais. O pacto denegativo visa a garantir as necessidades defensivas dos sujeitos, ao se ligarem nos vínculos, tem uma função metadefensiva para cada sujeito, promovendo uma resolução de conflitos intrapsíquicos e aqueles que se revelam em uma configuração vincular.

O pacto denegativo traz a concepção de que, em qualquer relação intersubjetiva, estão presentes duas polaridades simultâneas: a positiva e a negativa. A polaridade positiva consiste nos investimentos mútuos, identificações

compartilhadas, conjuntos de crenças, contrato narcísico, formas de realizações de desejos consentidas no grupo. A polaridade negativa refere-se às várias operações defensivas, presentes em todos os vínculos como necessárias para a formação e manutenção do grupo, com o perigo de ocorrer uma destruição do grupo, caso elas não estejam sendo exercidas:

O pacto denegativo apresenta assim uma dupla face: para alguns aspectos ele faz parte das alianças necessárias à estruturação da relação, e para outros aspectos, ele funciona como uma das alianças alienantes. Em todos os casos, os pactos denegativos são estabelecidos entre os casais, nas famílias, nos grupos, nas instituições pela pactuação entre inconscientes de sujeitos que entram em acordo de produzi-lo. Seus efeitos se manifestam nas repetições e nos sintomas compartilhados, nos objetos bizarros ou enigmáticos, nos *acting out* (Kaës, 2014, p. 118).

Quando o pacto denegativo é formado por meio do recalçamento e da renúncia à satisfação imediata das pulsões destrutivas, o resultado são conteúdos reprimidos capazes de retornar, por meio de sintomas neuróticos. Quando o pacto denegativo é formado pela negação, rejeição ou desaprovação, promove nos sujeitos e na relação grupal o enigmático, não significável, o não transformável. São aspectos escondidos, uma fuga que leva o sujeito a ser estranho à sua história; nesse caso, observamos aspectos patológicos das alianças inconscientes. O terceiro tipo de pacto denegativo evidencia características mistas, podendo ser utilizadas, em alguns casos, a repressão e, em outros, a negação.

Assim, esse acordo é realizado para assegurar uma complementaridade dos interesses dos sujeitos, para que garantam a continuidade dos investimentos e benefícios relativos à configuração grupal. Entretanto, solicita, como contrapartida, que parte do que acontece nessa relação seja ocultada e desconhecida. O pacto denegativo também oferece um lugar a cada sujeito no grupo, com uma função de avalista do pacto e, devido a isso, pode ser considerado um complemento do contrato narcísico (Fernandes, 2022). Não basta acreditar em algo sozinho, é preciso que o outro também acredite, para que cada sujeito (grupo como um todo) se mantenha acreditando em algo. Pactuar diante de uma crença comum promove proteção frente à desilusão e ao luto do objeto da crença; podemos verificar as angústias intensas em situações nas quais as crenças ficam ameaçadas.

## **2.4 As alianças inconscientes nas famílias e nos casais**

Kaës (2014) propõe observar como as alianças inconscientes são pactuadas especificamente nas famílias e nos casais. É por meio das relações familiares que inicialmente se formam alianças estruturantes, defensivas ou patógenas, podendo ser transmitidas de geração em geração, tais como situações de “[...] alianças narcísicas arcaicas, alianças de filiação e alianças de segredo compartilhado” (Kaës, 2014, p. 139). As alianças nos casais têm como ancoragem, em especial, a escolha dos objetos dos parceiros, através dos mecanismos de defesa que fazem oposição às consequências dessas escolhas.

As alianças inconscientes que promovem um arranjo de um casal e uma família têm aspectos específicos baseados na sexualidade e seus conflitos, com ênfase nas exigências do narcisismo. Esses aspectos apontam que é necessário atender a exigências psíquicas fundamentais, para a fundação e manutenção do grupo familiar ou casal. Além dessas exigências, as alianças inconscientes esculpem a família e o casal, dentro de uma vertente social e cultural.

O casal, em sociedades tradicionais, é o alicerce que possibilita trocas entre as famílias, de sorte que o casamento promove e sela as alianças entre essas famílias, assim como propicia a vinculação entre os sexos e as gerações. Nesse sentido, é complexo delimitar o que se refere ao casal ou à família, pois socialmente encontramos um paradoxo sobre quem surgiu primeiro, pois, se não existe aliança familiar, não temos família e nem casal, mas, se não há alianças de casal e sem o casal, também não existe família, que é o contexto no qual os sujeitos se originam e se constituem.

Temos passado por mudanças significativas, nas sociedades modernas, quanto à estrutura familiar, trazendo modificações quanto à estabilidade e conteúdo das alianças, derivados de transformações nas normas sexuais estabelecidas entre parceiros em um casal (homossexuais, relacionamentos com múltiplos parceiros, alterações do papel do homem e da mulher), mudanças quanto às relações consanguíneas que caracterizavam a família (famílias reconstituídas, monoparentais) e modificações quanto ao papel do pai e da mãe.

A família tem como base as alianças inconscientes, em que se origina uma realidade psíquica que reflete em uma identidade familiar as quais sofre efeitos de alianças, contratos e pactos que são múltiplos em suas formas, funções, qualidade e quantidade de parceiros que elas incluem. A família inclui os casais, filhos e filhas,

irmãos e irmãs, mães e pais com seus bebês, crianças e adolescentes, mães e pais em relação com seus próprios pais, as gerações, todo o conjunto parental.

O caráter sexual da relação é um ponto identificável, tanto nas famílias quanto nos casais. As alianças que são pactuadas por eles, em especial o contrato narcísico e o pacto denegativo, as interdições que promovem limites e que direcionam de que forma os desejos poderão ser satisfeitos, são submetidas a essa dimensão sexual. “Todas essas alianças são atravessadas por diversas organizações da sexualidade e, em especial, pela separação entre a sexualidade infantil e a do adulto, entre essas, e a sexualidade do adolescente e da velhice” (Kaës, 2014, p. 143). Elas são constituídas levando-se em conta a forma com que as funções materna e paterna são cumpridas, além de como isso ocorre, em funções coparentais.

Outro ponto relacionado às alianças inconscientes familiares consiste na transmissão psíquica. O conceito de transmissão psíquica geracional implica transmissões em dois sentidos: positivo, ao transmitir a sustentação das continuidades narcísicas, que preservam as relações intersubjetivas, os ideais, as defesas, as identificações e certezas; negativo, que transmite o que não teve contenção, não foi retido, o que não é lembrado, incluindo o conteúdo reprimido, a falta, a doença, os objetos perdidos que não sofreram a elaboração de um luto, o ódio – esses aspectos são transmitidos, transportados, projetados e divididos entre os sujeitos. Kaës (2014, p. 153) conceitua a transmissão intergeracional “[...] como a transmissão do inconsciente, de suas formações e de seus processos”, contribuindo para os processos de simbolização. As alianças inconscientes estão no centro da transmissão psíquica intergeracional e transgeracional, sendo que várias delas precedem os sujeitos, ao delimitarem lugares para cada membro ocupar, no grupo, desde antes de seu nascimento.

Quanto à relação entre casais, o que torna única essa modalidade de relações é o aspecto da sexualidade que se concretiza em atos sexuais entre os parceiros, já que estes são proibidos no vínculo familiar. O casal efetua um acordo amoroso, que é constituído por um reencontro com um pacto narcísico perdido, mas que necessita, além do narcisismo e sua incompletude ilusória, da existência de uma complementaridade e diferença:

O acordo (ou a relação amorosa) amoroso está ancorado sobre acordos inconscientes que formam o tronco inconsciente do casal. Esses acordos são também tributários de relações que cada sujeito conheceu ou experienciou em sua própria família. Mas são também construídos de um modo original

pela imprevisibilidade do encontro com o outro, que pelo próprio fato de ser outro não pode ser reduzido à posição ou à função de duplo narcísico ou de objeto de relações de objeto (Kaës, 2014, p. 158).

Se um casal promove somente a repetição, se o outro funciona somente como um substituto das primeiras figuras de amor, o casal não possui uma construção própria de futuro. Para a formação de um casal, são necessários o acordo, o comum, espaços de indiferenciação, porém, também necessita “[...] de espaços e de objetos compartilhados que não são, por sua vez, nem absolutamente de um e nem absolutamente do outro, e que são, entretanto, tanto de um como do outro” (Kaës, 2014, p.158), em uma configuração única de vinculação.

Dessa forma, verificou-se a multiplicidade de alianças inconscientes propostas por Kaës (2014) e suas implicações, como possibilitadoras da estruturação psíquica e do conjunto social, podendo derivar em alianças alienantes e patógenas que trazem o sofrimento psíquico. Compreende-se que é fundamental utilizar esse referencial para efetuar uma análise dos vínculos familiares focalizados nesta pesquisa.

### **3 PARENTALIDADE E SEUS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Neste capítulo, será abordado o conceito de parentalidade, como ela é construída e seus desafios, nas vivências contemporâneas entre pais e filhos.

Houzel (2004) pontua que a conceituação de parentalidade, enquanto forma de reagrupar as funções e os papéis parentais, ocorre desde meados dos anos 1980. No entanto, torna-se necessário considerar um período anterior, para compreensão de sua origem. Em 1961, o psicanalista francês Paul-Claude Racamier sugeriu o termo “maternalidade”, visando a conceituar o agrupamento de processos psicoafetivos que passam por um desenvolvimento e integração na mulher, devido à maternidade. A expressão “maternalidade”, ao invés de maternidade, foi utilizada para oferecer um significado mais dinâmico ao termo. Ele propõe acrescentar a esse neologismo alguns outros, como “paternalidade” e “parentalidade”, mas não os detalha em definição. O conceito parentalidade não foi usado por mais de vinte anos, reaparecendo em 1985, com René Clément.

Tais neologismos se originaram do estudo de uma psicopatologia psiquiátrica grave da parentalidade, as psicoses puerperais, foco de estudo do artigo de Racamier e seus colaboradores. Para inserir a concepção de maternalidade, Racamier toma como base os trabalhos de G. L. Bibring e Th. Benedeck, psicanalistas que enfatizaram o caráter psicodinâmico e processual da vivência do tornar-se mãe. O autor integra a perspectiva de Th. Benedeck, que caracteriza a vivência da maternidade como uma “fase de desenvolvimento psicoafetivo da mulher”, comparando-a com a fase da adolescência e a experiência de uma crise de identidade, conforme significado atribuído por Erickson, na qual o indivíduo passa por mudanças identificatórias complexas. O conceito de parentalidade caracteriza que ser genitor ou ser nomeado como pai não é o suficiente: é necessário “tornar-se pai”, o que se dá através de um complexo processo que implica o funcionamento psíquico consciente e inconsciente. Trata-se de um “[...] processo de transição em direção à parentalidade” ou “processo de parentificação”, sendo abordado por inúmeros trabalhos, tanto com mães quanto com pais (Houzel, 2004, p. 47).

Magalhães (2021) argumenta que a parentalidade é derivada de um processo maturacional, de uma reorganização psíquica e dos afetos que permitem que adultos exerçam seu papel de pais, cuidando das necessidades dos filhos, nas dimensões físicas, afetivas e psíquicas. Esse processo engendra uma recomposição dos

investimentos narcísicos e objetais, modificando o psiquismo do sujeito. A parentalidade institui, em uma dimensão intrapsíquica, certas categorias, como idade, diferenças de gênero e de gerações, estabelecendo de que maneira se darão as relações entre pais e filhos, que possuem atribuições diversas. Permite que seja instaurada a ideia de assimetria, de heterogeneidade e complexidade como elementos que organizam as relações, no seio familiar (Magalhães, 2021).

Este é conceito de parentalidade, de acordo com Campana e Gomes (2017):

Compreendemos a parentalidade como um processo de construção que se inicia com a chegada de um filho e pode ser desenvolvida em homens e mulheres. Porém, como toda construção, requer tempo para se consolidar e pode ou não ocorrer. Ou seja, a parentalidade não se garante e nem se define apenas pelos vínculos biológicos. O conceito de parentalidade não implica em uma indiferenciação de função materna e paterna no interior da família, assim como não se refere à homogeneização dos cuidados, mas à possibilidade de as funções parentais serem exercidas de formas mais flexíveis e levando em conta as relações de pertencimento e afetividade (Campana; Gomes, 2017, p. 450).

A parentalidade, segundo Houzel (2004), apresenta três eixos definidores. O primeiro refere-se ao eixo do exercício da parentalidade, que consiste nos laços de parentesco, definição de direitos e deveres dentro desses laços, regulando laços de filiação e afiliação. O segundo eixo é atinente à experiência da parentalidade, que se estrutura a partir das vivências conscientes e inconscientes, frente a assumir os papéis parentais, abrangendo o desejo de ter o filho, de recompor os objetos parentais dos pais e as modificações do desejo, diante da alteridade do filho. O terceiro eixo se relaciona à prática da parentalidade, que contém as tarefas básicas de cuidados físicos e psíquicos, os quais envolvem a afetividade tanto da criança quanto das figuras parentais.

A cultura, a história e as construções coletivas impactam na estruturação da parentalidade, bem como os elementos individuais dos integrantes do casal parental. No processo de tornar-se pai e mãe, são reavivadas experiências dos pais e suas representações parentais, sendo inclusos os mitos e traumas familiares (Magalhães, 2021). O casal e cada membro desse conjunto passarão por uma reorganização psíquica, visto que se insere um terceiro (quando nasce o primeiro filho), trazendo a reedição da trama edípica; os pais mudam de estatuto, processo que transforma sua posição de filhos para assumir a posição de pais; projetam suas vivências infantis na criança; eles precisam lidar com as exigências que um bebê apresenta (Junqueira, 2014). É necessário que o pai e a mãe assumam seu papel, na cadeia genealógica,

identificando-se com membros de sua vivência familiar passada, mas, ao mesmo tempo, diferenciando-se dessas vivências, para construir sua própria parentalidade, que pode se expressar com criatividade ou ser sintomática (Magalhães, 2021).

Rosa (2020) afirma que a parentalidade é derivada de processos originados a cada nascimento de um filho, numa específica relação social, estando presente a dicotomia entre o campo público (político) e privado (família). Existe uma interface entre o sujeito e o lugar social, quando nos referimos ao processo de transmitir a cultura e preservar a tradição. São fundamentais para a subjetivação e o desenvolvimento do laço social que a história seja transmitida, apresentando valores, ideais e significações referentes à filiação e à sexualidade. Por meio da transmissão da cultura, o sujeito terá um lugar para sua constituição, oferecendo uma historicidade a respeito do seu passado, do seu futuro e do sentido do presente. Uma transmissão exitosa permitirá que se articulem elementos, por vezes divergentes, quanto ao espaço do sujeito dentro da ficção parental e espaço de afiliações, no contexto social. Tais lugares estão atravessados pela multiplicidade da cultura, que, na maioria das vezes, estabelece uma hierarquia conforme o gênero, a classe social e origem:

No entanto, em nome da transmissão da cultura e da civilização, instalam-se mecanismos para conservar a tradição de lugares sociais, relações de poder e transmissão patrimonial, imiscuídos e naturalizados nos hábitos e nos costumes de uma dada sociedade (Rosa, 2020, p.25).

O nascimento da criança está relacionado ao desejo da família, que refletirá nas maneiras como a criança será inserida no contexto familiar e social, quais elementos serão transmitidos, envolvendo uma nomeação da criança que oferece uma inscrição social. A parentalidade será constituída a partir do impacto social e subjetivo que o nascimento de uma criança causa, tendo em vista o local específico do qual fazem parte. O que essa família transmitirá, em termos de enunciados fundamentais, corresponde à legitimidade do lugar social daqueles que a transmitem, de modo que a efetividade do discurso depende da valorização social do seu representante social. Apresenta uma influência do elemento político, no exercício da parentalidade, em especial de populações que são desqualificadas pelo discurso social, devido às suas origens culturais e carências materiais, desautorizando os enunciados de tais famílias, impactando nas transmissões. As populações que sofrem desqualificação de seus enunciados pelo meio social mostram um apagamento do discurso familiar, por não possuírem respaldo social que promova a gratificação narcísica, fundamental para possibilitar as identificações com o grupo, fazendo com

que vivenciem rompimentos com o lugar de origem, sendo desqualificadas em suas referências culturais, sofrendo carências materiais e seus enunciados são desautorizados, através do discurso social (Rosa, 2020, p. 29).

Desse modo, a parentalidade precisa fazer com que se construa uma trama que ligue as filiações, o espaço de inscrição em uma história parental e o lugar dentro do conjunto geracional que são derivados da cultura e das afiliações (lugar social):

O sujeito é afetado pelo discurso social, e o lugar que lhe é destinado no campo social não é sem efeitos para sua subjetividade. A parentalidade é um lugar instituído no campo social – a partir do nascimento de uma criança o campo social institui aqueles que terão a função de intermediar a constituição subjetiva da criança/filho (Rosa, 2020, p. 34).

### **3.1 Parentalidade e filialidade**

Benghozi (2010) oferece uma compreensão de como são desenvolvidos os vínculos no grupo familiar, que promovem um suporte para que ocorra a transmissão psíquica. O autor aborda a diferença entre uma temporalidade do psiquismo individual e dos processos grupais, incluindo a família, a instituição, o meio social e comunitário. As repetições do cenário genealógico relacionam-se a uma temporalidade genealógica, através de um conjunto de vínculos em nível vertical e diacrônico, caracterizando os vínculos de filiação entre os ascendentes e descendentes; em nível horizontal e sincrônico, relacionado aos vínculos grupais de pertencimento, conforme serão melhor descritos adiante. Existe uma dialética entre temporalidade e transmissão, entre realidade interna e externa, por meio do cruzamento de processos intrapsíquicos, inter- e transsubjetivos. O real irá se impor abaixo da representação imaginária e do trabalho de simbolização. Confronta-se o impensável, o indizível, o inominável, o inconfessável, além do “inaudível” e do inaudito. Em famílias de avós sobreviventes dos campos de concentração, é necessário o tempo de uma geração para que esse assunto possa ser falado aos filhos e netos.

Tendo como base referencial os trabalhos de Bion, quanto ao conceito de continente-conteúdo psíquico, Benghozi (2010) propõe uma diferenciação entre a transmissão do traço e a transmissão da impressão. O traço se refere à transmissão do conteúdo psíquico; existe uma marca inscrita que pode ir se atenuando, até ser esquecida, sendo uma inscrição em positivo. Diferencia-se da impressão, a qual se configura como uma inscrição vazada, em negativo. Remeter ao positivo ou negativo não implica um juízo valorativo, mas se relaciona a uma metáfora empregada por

Freud, associada ao material fotográfico argêntico. O negativo se refere àquilo que não foi revelado, da mesma forma que o negativo, na fotografia. “É o material psíquico de família presente-ausente, não revelado, que não foi metabolizado, simbolizado, e que é, no entanto, transmitido de geração em geração” (Benghozi, 2010, p.12).

A fim de que seja possível trabalhar a transmissão do negativo, deve-se considerar que o negativo existe antes da representação. Dessa forma, será necessário um trabalho de transformação psíquica, para que o negativo seja revelado, através de um processo de elaborar, metabolizar, representar e simbolizar.

A impressão não se trata de uma escrita a respeito do suporte, mas manifesta uma transformação desse suporte. Não consiste em um objeto, todavia, transmite um objeto ausente-presente. Assim como ocorre a transmissão do traço, também se dá a transmissão da impressão, entretanto, esta é feita em oco, em negativo. Quanto à transmissão da impressão:

Não é um simples depósito num enquadre que o recebe. Ela modifica o próprio enquadre continente. Não é conteúdo, mas continente. Põe à prova a plasticidade do enquadre, sua “capacidade de contenção” [...]. Não é possível transmiti-la, assim como “não é possível comunicá-la”. A transmissão da impressão é de continente psíquico. A transmissão genealógica não transporta tanto para um conjunto estruturado de continentes quanto para pedaços, fragmentos caóticos, decompostos de continentes (Benghozi, 2010, p. 13).

Considerando o vínculo como suporte para a transmissão, existe uma distinção de dois tipos de transmissão: a transmissão intergeracional e a transmissão transgeracional. A transmissão intergeracional refere-se ao patrimônio psíquico familiar recebido por uma geração, que pode ser simbolizado, metabolizado, modificado e elaborado para ser transmitido. A transmissão transgeracional relaciona-se ao material psíquico da família que não teve transformação, metabolização, sendo transmitido em estado bruto.

Benghozi (2010, p.15) afirma que “[...] o vínculo é o suporte da transmissão psíquica”. O autor faz uma diferenciação dos vínculos em dois tipos: vínculos de filiação e vínculos de afiliação. “O Vínculo de filiação diz respeito, em nível vertical e diacrônico, aos ascendentes – pais, avós... até a figura do ancestral – e aos descendentes – filhos, netos e até mesmo os ainda não nascidos da filiação”. (Benghozi, 2010, p. 16). O vínculo de filiação permite uma ligação entre os ascendentes e os descendentes.

Os vínculos de afiliação são os vínculos grupais de pertencimento, podendo ser entendidos em um plano horizontal e sincrônico. Nessa modalidade estão presentes todos os vínculos que indiquem o pertencimento a um grupo, uma instituição ou comunidade, e o vínculo existente entre um casal. A afiliação primária deriva do vínculo de filiação, de modo que ser percebido como pertencente ao grupo familiar de origem constitui um vínculo de afiliação primária. É ligada ao continente psíquico primário, ao continente genealógico do grupo de origem (familiar). A afiliação secundária concerne aos vínculos estabelecidos em outros grupos que promovam o pertencimento, tais como instituições, clubes ou partidos. É ligada ao continente secundário, relacionando-se a um continente genealógico grupal institucional.

Para compreender o Vínculo psíquico, é proposto o conceito de “malhagem genealógica”. A família é percebida como um continente genealógico, sendo que sua representação é similar a uma malha, a qual apresenta uma trama e uma malhagem. A imagem metafórica da malha indica uma rede de vínculos e a forma com que esses vínculos são dispostos, composta pelo conjunto de ligações dos vínculos de filiação e de afiliação. A malhagem consiste em um trabalho psíquico que constrói e desconstrói, bem como organiza os vínculos. Essa desconstrução remete à ideia da produção do novo, no vínculo. A malhagem genealógica possibilitará que os continentes genealógicos grupais sejam mantidos.

Benghozi (2010) propõe que se leve em conta não somente o vínculo, mas a própria malha, a qual se apresenta como o elemento que funciona como continência. Dessa forma, é necessário considerar a malha, a desmalhagem e a remalhagem. As patologias de continente genealógico se relacionam à transmissão psíquica. O enfraquecimento dos continentes psíquicos está associado a qualquer processo que indique um ataque destrutivo ao vínculo, impactando, em nível grupal, esse enfraquecimento. Os sintomas derivados de patologias de continente seriam uma maneira de tentar organizar as angústias que não puderam ser contidas e elaboradas pelas gerações anteriores, em que o sintoma funciona como uma possibilidade de remalhagem de continentes genealógicos enfraquecidos.

É essencial que exista a possibilidade em aberto de um trabalho de remalhagem. Quando há rupturas do vínculo filiativo, elas podem ser remalhadas pelo vínculo afiliativo, sendo a malha reconstituída através de uma malhagem afiliativa. O

conceito de resiliência familiar remete à capacidade familiar de promover a malhagem dos vínculos:

A resiliência familiar é a capacidade psíquica subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva dos membros do grupo familiar para desmalhar e remalhar, para desconstruir e reconstruir o vínculo de filiação e de afiliação. A resiliência familiar permite a manutenção da identidade do corpo psíquico familiar, apesar do rasgo, quando os continentes genealógicos familiares são rompidos (Benghozi, 2010, p.20).

Benghozi (2010) desenvolve o conceito de lealdades genealógicas, explicando como a transmissão acontece na família e o papel que cabe a cada membro do grupo, para preservar esse conjunto. Os irmãos e irmãs recebem “a herança do patrimônio psíquico familiar”. São transmitidos conteúdos que passaram por uma metabolização, de modo intergeracional, ou conteúdos que não sofreram uma transformação e simbolização, de forma transgeracional. Essa herança será destruída aos descendentes em diversas missões inconscientes e delegações, chamadas de lealdades genealógicas.

Ocorre uma “transmissão por difração na fratria das lealdades genealógicas”. Utiliza-se a metáfora de uma difração por meio de um prisma de cristal. Ao remeter à luz branca, ocorreram diversos comprimentos de onda, desde o infravermelho até o ultravioleta, os quais compõem a completude da luz branca. No meio familiar, tem-se uma correlação nesse sentido, pois cada membro, como uma irmã e irmão, receberá uma parte dessa herança que forma o todo, como se fossem os vários comprimentos de onda, reconstituindo o todo do patrimônio psíquico genealógico; trata-se do “prisma da transmissão inter- e transpsíquica”. As especificidades dessas heranças diversas, entre irmãos e irmãs, demonstram o aspecto singular do plural grupal familiar, o singular que faz parte e compõe esse todo. De forma dialética, cada sujeito é um sujeito singular e sujeito de pertencimento:

As lealdades genealógicas são a expressão da identidade de pertencimento do sujeito ao grupo familiar. Eis aí uma herança familiar inconsciente encontrada em um ou outro membro da família. Elas correspondem, para cada membro do grupo fratria, a uma responsabilidade genealógica de pertencimento. Participam da estruturação identitária e da continuidade do grupo familiar. As lealdades genealógicas referem-se ao ideal do ego familiar, veiculam o mito familiar e asseguram o narcisismo grupal familiar (Benghozi, 2010, p. 22).

Nessa perspectiva, cada membro da fratria recebe como herança a transmissão psíquica, através da difração das lealdades genealógicas, sendo

delegados aspectos intra-, inter- e transpsíquicos. Surgirão pactos, alianças e colusões conforme a disposição dos irmãos.

A família apresenta um mito familiar, atinente ao agrupamento das crenças partilhadas pelos integrantes do grupo familiar, conforme Benghozi (2010) cita Ferreira (1996), incluindo aspectos conscientes e inconscientes. O mito serve como um parâmetro que norteia o que define o grupo de pertencimento, possibilitando demarcar o dentro e o fora do grupo. Não se trata de uma verdade científica, entretanto, uma verdade, no sentido de uma convicção em relação à crença. Segundo a crença em um agrupamento de valores, é partilhada com os demais, ela se revela como organizadora do grupo, referenciando o ideal do ego grupal.

Através do mito familiar, a identidade e o pertencimento ao grupo são construídos por cada membro, por meio dessa base de crenças, enquanto função continente para cada sujeito, sendo denominada identidade afiliativa mítica. “O mito familiar é um verdadeiro organizador grupal e genealógico da identidade” (Benghozi, 2010, p. 25). Os mitos demonstram quais as demandas presentes e norteiam formas de lidar com contradições. O mito não é fixo, é uma estrutura viva, sendo uma “coconstrução psíquica familiar autorreferente”. Trata-se de um organizador psíquico familiar, cuja transmissão é assegurada pelos rituais familiares.

Benghozi (2010) propõe a noção de continente genealógico grupal familiar, que funciona como uma trama e uma malhagem, as quais são sustentadas pela forma como se configuram os vínculos de filiação e afiliação, de acordo com o contexto cultural de pertença comunitária e sustentação da transmissão psíquica genealógica. Verificam-se as transmissões transgeracionais realizadas, de conteúdos não elaborados pelas gerações anteriores e que atravessam as gerações, fazendo parte da vivência grupal familiar.

A situação de adoção merece uma atenção especial. Ela aparece como um vínculo de afiliação. Na maioria das vezes, as crianças sabem que são adotadas, mas existe um pacto de denegação legal, na adoção plena, efetuado pelo poder jurídico, na medida em que efetua um pacto de recusa de paternidade. A adoção plena, por meio da lei, oficializa a recusa legal da existência de sua família de origem, atribuindo à nova família uma filiação e não uma afiliação, visto que, na sua certidão de nascimento, não aparecem os dados da sua família de origem, como se fossem filhos somente dos pais adotivos.

Benghozi (2010) faz uma diferenciação entre “paternidade” e “parentalidade”. “Paternidade” consiste no vínculo de filiação, possui uma ordem genealógica da filiação em níveis inter- e transgeracionais, enquanto “parentalidade” comporta uma relação dos aspectos e do exercício de ser-pais. Paralelamente à formulação da parentalidade, existe a da filialidade:

Há a construção de um tornar-se pai com o reconhecimento de ser-pai para essa criança: a parentalidade, e de um tornar-se filho com o reconhecimento de ser-filho para esses pais: a filialidade. São duas formas de nascimento de vínculos psíquicos. O reconhecimento é reconhecimento de si mesmo e reconhecimento do outro. É também grupal, familiar e de sociedade. É nascimento de si por e para o outro (Benghozi, 2010, p. 160).

Existe então um re-nascimento, um nascimento psíquico que se efetua por meio da reciprocidade intersubjetiva, na qual se forma o nascimento conjunto de “ser-o-pai desse filho” e “ser-o-filho desse pai” (Benghozi, 2010, p.160). Surge, nas crianças adotadas, um conflito entre manterem a lealdade de filiação com a família de origem e seus sentimentos quanto à lealdade de afiliação com a família adotiva, sendo que a lealdade de filiação não se limita à família de origem, mas também inclui o espaço social e comunitário.

Nas famílias adotivas, acontece um vínculo de afiliação secundária, uma vez que a filiação ocorre com a família biológica de origem e, nessa mesma família, é desenvolvida a afiliação primária, com o meio familiar e o grupo comunitário. Tem-se um “vínculo duplo”, no qual ao mesmo tempo coexistem o vínculo de filiação e o vínculo de afiliação. A adoção aponta para um duplo reconhecimento. O vínculo estabelecido pela adoção é tanto filiativo quanto afiliativo:

A criança deve gerenciar dois níveis genealógicos de pertencimento: sua inscrição afiliativa como filho na genealogia das duas famílias de origem de seus pais adotivos e sua inscrição filiativa como filho na genealogia das duas famílias de origem de seus pais naturais. Isso pode ser fonte de conflito, se uma das famílias levanta a questão da exclusão da outra, mas pode ser uma fonte de enriquecimento excepcional na construção de uma identidade mestiçada pela complexidade dessa rede de vínculos filiativa e afiliativa (Benghozi, 2010, p.163-164).

A adoção de uma criança fica inscrita como um acontecimento genealógico no nível psíquico, consistindo em uma remalhagem recíproca de continentes genealógicos nas histórias, tanto das duas famílias de origem dos pais adotivos quanto na história dos pais biológicos. A adoção remete a uma vivência complexa na qual estão presentes aspectos conscientes e inconscientes, em nível individual e conjugal. Ela representa um ato de vontade consciente, porém, inconscientemente,

pode remeter à reparação de uma perda, devido à esterilidade ou outros lutos presentes na história familiar. Mas não é somente a família que adota a criança, pois envolve um processo inconsciente, no qual a criança “adota-se, ela própria, à família”. Em um primeiro momento, a criança faz família, promovendo uma identificação grupal com o grupo familiar, sendo um momento anterior ao de reconhecer-se enquanto filha de “sua” família (Benghozi, 2010, p.165-166).

Na adoção, existe um pacto de recusa, o qual coloca o reconhecimento da adoção em uma internalização do vínculo, “como se” se tratasse de um vínculo filiativo. Funciona como uma crença mais ou menos compartilhada entre os pais e a criança, como se fosse um mito familiar que estrutura a identidade afiliativa. É possível, por conseguinte, associar a filiação mítica à filiação natural, por meio de um vínculo duplo mestiçado. Dessa forma, o pacto de adoção tem como base o pacto de não reconhecimento, possibilitando que a parentalidade emocional e afetiva possa ser construída.

Além da adoção legal, há a adoção psíquica, que acontece tanto dos pais com a criança quanto da criança com os pais e a família. Configura-se como um “[...] trabalho psíquico de reconhecimento recíproco”. A coconstrução de um pacto de negação pode permitir a origem de um pacto de re-co-nhecimento (nascimento) adotivo:

O trabalho de re-co-nhecimento faz parte do processo de adoção psíquica. Não há reciprocidade simultânea nesse trabalho de re-co-nhecimento de cada um dos pais em relação à criança e da criança em relação a cada pai, em relação ao par parental, em relação à nova família que eles coconstroem (Benghozi, 2010, p. 175-176).

Tendo em vista as contribuições a respeito da adoção, seria importante considerar que, em famílias recasadas, na qual existem filhos de um relacionamento anterior, pode ocorrer um processo semelhante ao da adoção, no sentido de que esse filho se encontra dividido entre as lealdades das famílias de origem dos pais biológicos e a lealdade à nova família constituída por uma conjugalidade de um dos genitores biológicos com uma outra pessoa, fora do seio familiar inicial. Não apenas esse casal, mas também esse novo membro e esse filho precisarão passar por um processo de re-co-nhecimento e reconstrução familiar.

Alguns acontecimentos registram um processo de transformação, no ciclo de vida individual e familiar, como a adolescência, a qual promove tensão em face dos vínculos genealógicos, levando à vulnerabilidade dos vínculos, por sofrer uma

reatualização, remetendo aos impasses para elaborar a transmissão psíquica. Por isso, em diversos casos de adoção, a infância é vivida como harmônica, enquanto, na adolescência, eclodem sintomas. A negação da família de origem sofre uma reatualização, devido ao que foi negado, manifestando-se pela via do sintoma como forma de restaurar o vínculo de filiação.

Quanto à adolescência, Benghozi (2010) afirma tratar-se de um processo de muda de continente. A muda é o processo pelo qual os animais passam, quando realizam uma troca de pelo, por exemplo. Ocorre uma transformação por substituição de mutação. A muda de continente é denominada mutatória, pois implica um processo de transformação, de mudança e de marca de passagem. Na mudança entre dois continentes, no período da adolescência, acontece uma vulnerabilidade psíquica.

O processo de muda repercutirá não somente na imagem inconsciente do corpo individual, mas também na imagem inconsciente do corpo grupal familiar. Ocorre como se fosse um encaixe, similar ao das bonecas russas, do continente familiar e do continente individual, de maneira que acontece um apoio recíproco entre os dois continentes. Assim como um caleidoscópio, é como se ocorresse uma construção dinâmica de novas imagens, surgindo uma nova figurabilidade, a partir do movimento do cilindro, até a formação de uma imagem suficientemente estável. O caleidoscópio seria feito considerando-se o continente familiar como a parte externa, e o cilindro como continente individual. Tem-se uma coconstrução da imagem do corpo individual e do corpo genealógico familiar, de forma dinâmica.

Na adolescência, ocorre uma anamorfose, na qual a imagem apresenta uma deformação, assim como se verifica uma distorção do objeto, quando projetado em um espelho curvilíneo. A anamorfose envolve um processo que abarca o nível singular e o nível grupal genealógico; coloca em movimento, de forma simultânea, as mudanças nos níveis somáticos, psíquico e do vínculo social; configura-se ao mesmo tempo como sequência do processo de crescimento e bifurcação, na curva de desenvolvimento. Provoca acontecimento, instalando-se como uma fase de transformação original (Benghozi, 2010). O acontecimento pode ser definido como uma transformação de marcas vinculares, que são percebidas somente após o fato ter acontecido, como uma cena compartilhada com outros, que permite um acontecer conjunto que adquire significação somente após o vivido. As novidades não são previstas, pois emergem da situação não vivida e não pensada, para se transformar

em acontecimento e possibilitar mudanças nos vínculos. “A estrutura anterior não comporta a novidade que irá modificá-la peremptoriamente” (Weissmann, 2021, p. 35). Na adolescência, assiste-se a uma anamorfose crisálida, na qual se observa uma alteração de pele e de envelope psíquico, modificando o continente (Benghozi, 2010):

O acontecimento adolescência mobiliza a capacidade da função continente grupal familiar em conter o processo de crescimento da adolescência. A vulnerabilidade dos vínculos é a expressão dos avatares da transmissão genealógica que se atualizam ou se reatualizam por ocasião da adolescência. Defino a crise como uma colocação em tensão da malhagem dos vínculos de filiação e afiliação, ameaçando até um patamar crítico a integridade da malhagem continente grupal genealógico. Ou a malha aguenta ou não aguenta e se dá a ruptura. Se a ruptura não for interrompida, dá-se o rompimento da malhagem (Benghozi, 2010, p. 107-108).

Podem ocorrer três modalidades clínicas evolutivas: crise da adolescência, adolescência em crise e a adolescência catastrófica. A crise da adolescência se configura como o processo de crescimento natural no ciclo de vida individual e genealógico, quando o continente grupal familiar consegue conter a transformação da continência individual. Além disso, são relevantes os continentes comunitários culturais e sociais como apoio recíproco.

A adolescência em crise acontece quando há um enfraquecimento da função continente familiar, para garantir o apoio para a transformação do continente individual. Existe um buraco no continente e uma ruptura da malha, mas as defesas mantêm a integridade do continente, à custa da função de remalhagem, através do porta-sintoma adolescente. A produção de sintomas de que o adolescente se torna portador é uma maneira de remalhar os continentes familiares esburacados. “A remalhagem assegura uma parada, evitando o aumento dos buracos (Benghozi, 2010, p.109)”. Assim, o adolescente apresenta a expressão das defesas individuais e grupais, para remalhagem dos continentes esburacados.

A adolescência catastrófica ocorre quando se encontra um rasgo do continente familiar genealógico, chamado de desmalhagem catastrófica. Nesse caso, o rasgo de continente apresenta uma tendência a não ser interrompido, o porta-sintoma adolescente não consegue manter o equilíbrio da economia psíquica familiar e vários sintomas serão experimentados por diversos membros do grupo, com expressões somáticas, psíquicas e de desestruturação do vínculo social. O termo “catastrófico” remete a um ataque aos vínculos e continentes psíquicos, sendo um processo espontaneamente irreversível, configurando-se como um patamar crítico. Observa-se uma explosão sintomática, na qual se revezam os sintomas atingindo diversos

membros familiares, sem que nenhum seja suficiente para promover a remalhagem da abertura no buraco de continente.

### **3.2 Contexto social contemporâneo e o exercício da parentalidade**

Considerando o contexto social e cultural da atualidade, verifica-se uma abertura para novos modos de subjetivação, nos quais o processo de tornar-se mãe e tornar-se pai necessita ser recriado e reinventado, diante de novas vivências, ocasionadas pelas transformações contemporâneas. Ferrari e Ribeiro (2020) salientam as mudanças sofridas pelo papel feminino e seus impactos no meio familiar, nos últimos sessenta anos. Anteriormente, era visto como natural que a mãe biológica exercesse os cuidados com o seu filho. Atualmente, buscam-se novas alternativas, pois a mãe se dedica à sua profissão e tem desejos que são mais amplos do que unicamente exercer a maternidade (obviamente, existem exceções). De acordo com Campana e Gomes (2017), existem dificuldades para a mulher conciliar trabalho e família, porque, por mais que tenha havido transformações sociais, a mulher ainda é vista socialmente como a principal cuidadora dos filhos, chegando a gerar uma experiência de sobrecarga, a qual pode se manifestar nas dimensões físicas, psíquicas e laborais.

Existe um fenômeno crescente, segundo Ferrari e Ribeiro (2020), que se refere a mulheres entre 25-40 anos que tiveram um desenvolvimento acadêmico e profissional significativo, adquirindo grande liberdade pessoal e demonstrando que, ao mesmo tempo que querem ser mães, receiam receber o filho e atender às suas necessidades, o que desorganizaria as rotinas que elas conquistaram. Apresentam uma expectativa de que os bebês se adaptem à família e, embora se busque a igualdade de direitos e deveres, frente às tarefas parentais, aspecto essencial diante de uma distribuição mais igualitária das funções na família e no mundo da educação e do trabalho, a gestação acontece no corpo da mulher, fato que nunca terá uma divisão igualitária com um companheiro. Existem fenômenos que serão vividos somente pelas mulheres, tais como a gestação, o puerpério e a amamentação:

Trata-se, pois, desde o início, de uma relação complexa, capaz de produzir muita turbulência. Nessa medida, demanda da mãe muito trabalho psíquico para lidar com um estado regressivo, com uma vivência de plenitude, de encantamento e, ao mesmo tempo, com a elaboração de lutos, com a diferença radical simultânea a uma experiência de fusão (mãe-bebê), com

processos de separação e singularização, além de questões acerca da representação de si mesma, entre outras (Ferrari; Ribeiro, 2020, p. 229).

A mulher, nesse contexto social, precisa reinventar-se fora de padrões anteriores derivados de gerações com contextos históricos diferentes, criando sua própria forma de ser mãe. As dificuldades desvelam um impasse, pois a maternidade promove um estado regressivo com intensificação de conteúdos primitivos, que seria beneficiado com a troca de experiências com outras mulheres. No entanto, esse estado é dificultado pelos valores individualistas, a ideia do livre governo, que enfraquece as instituições, o enfoque nos desejos próprios e desinvestimento das trocas entre humanos que se percebe no meio social (Ferrari; Ribeiro, 2020).

Campana e Gomes (2017) afirmam que, se utilizarmos o referencial psicanalítico de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional dos bebês e o valor atribuído pelo autor à figura materna, como primordial para a criança, atribuindo ao pai uma função de suporte para a mãe, entenderíamos que ao pai é reservada uma função secundária diante do filho. No entanto, as autoras sustentam que a psicanálise contemporânea amplia essa visão, ao propor uma perspectiva interacionista na relação pais-bebê ou educador-bebê, sem direcionar que os cuidados com o bebê seriam de uma exclusividade materna.

Iaconelli (2020) realiza uma crítica sobre como a psicanálise acabou impactando uma visão de família burguesa como referencial de saúde mental:

O modelo estrutural edípico – lido equivocadamente na chave imaginária pai-mãe-bebê reais – acabou por cancelar a família burguesa que garantiria a saúde mental da prole. Se a psicanálise foi usada como munição para um modelo claramente ideológico de parentalidade, isso se deve a uma combinação complexa de condições oferecidas pelo capitalismo, pela necessidade de reproduzir normas sociais hegemônicas, mas também pela ferida narcísica que o romance familiar busca tamponar na forma do mito parental (Iaconelli, 2020, p.12).

Existem estudos que procuram ampliar a concepção de que maternidade e renúncia sejam algo naturalizado. Campana e Gomes (2017) fizeram uma pesquisa com cinco casais heterossexuais de classe média alta brasileira, com idades entre 30 e 40 anos e filhos de até três anos, a qual incluiu entrevistas com o pediatra e coordenador da escola das crianças. Investigou-se o exercício parental contemporâneo, buscando compreender possíveis mudanças nas relações de cuidado, desafios e de que forma pediatras e escolas participam desse contexto. Verificaram que a parentalidade passa por um período de transição entre o modelo tradicional, com divisão de funções rígidas e ditadas pelo gênero dos participantes do

casal, e o modelo igualitário, o qual se ampara em uma divisão de tarefas mais igualitárias, dentro das famílias. No entanto, ainda existem concepções naturalistas, atreladas ao biológico, tanto de homens quanto de mulheres, que justificam que a mulher teria maior habilidade no cuidado dos filhos, especialmente no início da vida, cabendo ao homem a função de provedor.

No estudo, verificaram-se mudanças que apontam um exercício mais igualitário de funções parentais, mas surgem os desafios para sua consolidação: de um lado, é necessário desassociar que aspectos biológicos, como a amamentação, fornecem à mãe uma capacidade maior de cuidar do filho; e, de outro lado, o desafio consiste na licença-paternidade com um período muito menor, se comparado à maternidade, dificultando que os pais sejam mais participativos.

O pediatra ocupa uma posição de orientador que acolhe os pais, nas suas inseguranças e faltas de conhecimento a respeito dos cuidados com os filhos, exercendo uma função anteriormente delegada às avós, parentes ou amigas da mãe. Quanto à escola, percebe-se uma relação de maior ambivalência quanto à sua função, pois há uma divisão de cuidados entre a escola e os pais, em relação aos filhos, visto que as escolas passam um longo tempo com as crianças. Campana e Gomes (2017) afirmam:

[...] de fato, um caminho apontando na literatura que poderia contribuir para o estabelecimento da parentalidade igualitária seria desnaturalizar a relação estabelecida entre maternidade e renúncia – o que implicaria inclusive na revisão de alguns conceitos de autores da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise (Campana; Gomes, 2017, p. 459).

Féres-Carneiro *et al.* (2019) apontam o quanto se têm modificado e questionado as práticas parentais, em nossa sociedade. As famílias têm se organizado, através de uma base mais igualitária de direitos e responsabilidades, o que exige uma renegociação dos papéis exercidos pelos membros da família, de forma contínua, com frequente reformulação de valores. Observa-se o surgimento de um novo paradigma familiar, em que a maior ênfase se configura na dimensão afetiva, ao contrário da ênfase no aspecto biológico e nos valores patriarcais anteriormente centrais. Nesse sentido, a parentalidade se configura como um processo no qual ocorrem, continuamente, diversos deslocamentos e modificações nos investimentos afetivos, modificando a dinâmica de relacionamento do casal, através do nascimento de um filho.

Em um estudo efetuado por Campana, Santos e Gomes (2019), foram realizadas entrevistas com dois casais heterossexuais, com filhos de até três anos, de classe média, em que o tempo da figura masculina dedicado aos cuidados aos filhos fosse próximo ou superior ao tempo dedicado pela mulher. O objetivo era investigar a parentalidade, na contemporaneidade, identificando se seria possível uma revisão do conceito de Winnicott sobre preocupação materna primária. Esse conceito preconiza que a mãe seria a pessoa mais indicada para cuidar do bebê, que ela conseguiria adaptar-se suficientemente bem para atender às necessidades do filho, por ser capaz de identificar-se com ele. A “mãe suficientemente boa” seria aquela que se adapta às necessidades do bebê, desempenhando como uma das suas funções o *holding*, que consiste na sustentação tanto física quanto psíquica do bebê, com um estado psíquico materno que lhe traga continência.

Os resultados do estudo mostraram que a preocupação materna primária também pode ser desenvolvida pelos homens, de sorte que essa função pode ser desassociada de determinismos biológicos, propondo-se a adoção do termo “preocupação parental primária”. Ainda que os homens tivessem maior participação, isso não repercutiu em um risco ou ameaça à relação mãe-bebê, a qual continuou sendo vivenciada e respeitada. As autoras propõem que, “[...] assim como os homens podem oferecer holding à relação mãe-bebê, as mulheres também podem oferecê-lo à relação pai-bebê” (Campana; Santos; Gomes, 2019, p. 34). Isso aponta para o momento de transição de uma parentalidade tradicional para uma parentalidade igualitária.

Para Iaconelli (2020), há dois equívocos com relação ao termo “parentalidade”. O primeiro deles refere-se à instrumentalização da paternidade/maternidade, em que seria possível adquirir um suposto conhecimento, a preços baixos (capitalismo presente) que garantisse uma parentalidade perfeita, sem falhas; entram aqui o uso equivocado dos termos “função materna” e “função paterna” e a tendência a se buscar um especialista capaz de prevenir e garantir a parentalidade eficaz. O segundo equívoco é a hipervalorização da relação mulher/mãe e o bebê, ao se falar da parentalidade, remetendo à ideia de mito do amor materno.

Badinter (1985, p. 367) discute a respeito do amor materno, refletindo se seria um instinto, enquanto tendência inata na mulher, ou se dependeria na maior parte de um comportamento social, o qual possui variações conforme a época e os costumes.

Segundo a autora, a concepção de que existe um instinto materno é um mito, não se encontrando uma conduta que seja universal e necessária da mãe. A história mostra que, nos séculos XVII e XVIII, existia outro conceito de amor da mãe aos filhos, distanciada da visão atual, que coloca o amor materno como instinto: as crianças, ao nascerem, eram geralmente entregues, desde bebês, para que fossem criadas pelas amas, até os cinco anos, idade na qual voltavam ao lar. A perspectiva de amor materno é fruto da evolução social e histórica. O que existe é uma grande variação de sentimentos, conforme a cultura, as ambições ou frustrações. O amor materno é apenas um sentimento, que pode ou não existir, o que dependerá da mãe, da sua história e da História, não sendo inerente às mulheres.

Em termos biológicos, é fácil associar que a figura ligada ao sexo masculino ocuparia possivelmente o papel de pai e a figura associada ao sexo feminino o possível papel de mãe. Isso remete à ideia de que pessoas com útero e sem útero teriam experiências corporais bem distintas, na procriação. Teríamos uma diferença entre a ejaculação fugaz e a experiência material de um corpo de bebê dentro de outro corpo, no período gestacional. As expressões “maternidade” e “paternidade” trariam essa concepção, mas desconsideram como cada pessoa vivencia essa experiência, de forma singular. Iaconelli (2020) argumenta que, se olharmos os casos de transição de gênero, modificam-se as perspectivas quanto aos efeitos imaginários derivados das interpretações da imagem do corpo. Quando uma pessoa que nasce com útero se identifica como homem ou gênero diverso que não mulher, “[...] a tendência é que os significantes pai/mãe possam ser intercambiáveis ou fixados no sexo designado na transição. Nesse caso, os gêneros homem/mulher seriam determinantes da escolha pelos termos pai/mãe tanto quanto a procriação biológica” (Iaconelli, 2020, p.14).

Quando consideramos a parentalidade, um ponto importante se apresenta: sua relação com a conjugalidade. Para Puget e Berenstein (1993, p. 3), a expressão casal (matrimonial) refere-se a “[...] uma estrutura vincular entre duas pessoas de sexos diferentes, a partir de um momento dado, quando estabelecem o compromisso de fazer parte dela em toda a sua amplitude, possam cumpri-lo ou não”. Os autores preconizam quatro parâmetros definitórios que organizam o enquadre, o sentido e os significados que circulam na díade, sendo eles a cotidianidade, o projeto vital compartilhado, as relações sexuais e a tendência monogâmica.

A cotidianidade relaciona-se ao que é estável quanto ao tempo e ao espaço, descrita através dos intercâmbios diários, tais como lugares estáveis, ao se sentarem à mesa, lugares ocupados na cama ou no armário, os quais projetam no espaço as relações estabelecidas anteriormente, sem precisar de redefinição diária. O projeto vital compartilhado designa o unir e o re-unir, no casal, as representações de realização e conquista quanto ao futuro, referindo-se ao compartilhamento de um espaço-tempo vincular, o qual possui um significado partilhado. As relações sexuais são as que ocorrem por meio dos órgãos genitais, podendo-se somar outras zonas corporais como preliminares, além da atividade genital. Para que se concretizem, é necessária a aceitação da diferença e do papel de um outro, para obter uma fonte doadora de prazer, o que implica aceitar a incompletude. A tendência monogâmica refere-se ao matrimônio com somente um cônjuge.

O termo “conjugalidade” teve origem na França, na década de 1980, sendo que anteriormente eram utilizados os termos “casal” ou “vínculo conjugal”, pelos psicanalistas franceses de casal e família. Lemaire foi um dos primeiros autores a empregar a expressão “conjugalidade”, em um artigo debate sobre a “noção de sujeito plenamente constituído”. Na contemporaneidade, usa-se em geral o termo “conjugalidade”, nos estudos sobre casamento e psicoterapia de casal e família (Féres-Carneiro, 2021, p. 97).

Féres-Carneiro (2021) define o conceito conjugalidade como “[...] vínculo construído entre dois sujeitos que resulta na constituição de um terceiro elemento, o casal. Assim, o casal encerra em sua dinâmica duas individualidades e uma conjugalidade” (Féres-Carneiro, 2021, p. 97). Cada casal seria como uma soma em que um mais um resulta em três, sendo eles dois parceiros e a conjugalidade. Cada casal construirá uma forma única de conjugalidade (Magalhães, 2021).

No entrelaçamento que forma o casal estão presentes os modelos parentais das famílias de origem de cada parceiro, remetendo ao passado geracional da conjugalidade. Para que seja constituída uma identidade compartilhada, encontram-se presentes o ideal de um projeto conjugal, a projeção do futuro familiar e o mito de continuidade geracional, o qual aponta como conjugalidade e parentalidade estão ligadas, já que a conjugalidade se desdobra a partir dos modelos parentais, ao mesmo tempo que da conjugalidade advirá a parentalidade, visto que a sociedade e a família

esperam que o casal tenha filhos e dê continuidade à transmissão (Rocha; Magalhães, 2009).

Nesse sentido, Magalhães (2021) realça que a conjugalidade e a parentalidade são interdependentes. Pode ocorrer uma reestruturação da conjugalidade, através da parentalidade, sendo nutrida ou tendo um esvaziamento com o investimento narcísico parental. Ao mesmo tempo, uma conjugalidade precária pode interferir na parentalidade, impactando em como o sentido de existência do filho é construído.

Delatorre *et al.* (2022) implementam uma revisão integrativa sobre o ciclo de vida de casais brasileiros, sendo que alguns dos eixos pesquisados se relacionam com a parentalidade. Quanto à decisão de ter ou não filhos, existe uma ambivalência de sentimentos, considerando-se que, a despeito do desejo em ter filhos, isso pressupõe um grande investimento parental. Como motivos para adiar essa decisão, encontram-se o suporte reduzido para criação os filhos e o longo tempo para possuírem uma estabilidade financeira. Os casais passam por uma transição para a parentalidade, a qual será vivida de diferentes maneiras, conforme cada casal, relacionando-se à dinâmica conjugal que se tinha, antes dos filhos. Essa transição requer um rearranjo de funções e papéis, podendo ser mais tranquila, com casais que têm maior tempo de relacionamento e que tenham feito um planejamento da gestação, o que facilita para que compromissos e responsabilidades sejam compartilhados. A família de origem impacta nas práticas educativas, pois fornece a transmissão de valores, quando o casal assume a parentalidade.

O trabalho pode impactar a conjugalidade, diante da necessidade de promover adaptações de papéis. O desgaste do trabalho pode ser ainda maior, para mulheres, as quais possuem uma jornada dupla, o que demonstra como questões de gênero se associam a uma divisão não igualitária em face das atividades domésticas e parentais. Percebe-se uma diferença nos papéis sexuais, porque as tarefas ligadas à parentalidade e às atividades domésticas são, em grande parte, executadas pelas mulheres. As autoras também encontraram, no estudo, práticas parentais ditas mais contemporâneas, nas quais o pai tem maior disponibilidade a se envolver emocionalmente e fornecer cuidados aos filhos. Essas dificuldades, no momento de vivenciar a parentalidade, podem ser amenizadas, se houver uma rede de apoio que colabore com os pais na criação dos filhos (Delatorre *et al.*, 2022).

Benghozi (2010) apresenta algumas concepções sobre a vivência dos casais, o que pode ampliar a compreensão das famílias que viveram uma situação de rompimento e recasamento. Considerando que os continentes grupais genealógicos são formados por malhas, existe um trabalho de desconstrução e reconstrução dos vínculos de filiação, de aliança e de afiliação concretizados pelos integrantes da família. A aliança conjugal possibilita administrar os buracos e rasgos dos continentes grupais genealógicos. Os buracos e rasgos expressam as falhas, ao se organizar os vínculos de filiação e afiliação, no que se refere às dificuldades na transmissão psíquica. Assim, o pacto de aliança do casal pode funcionar no estabelecimento e transmissão do negativo, na malha familiar:

Expressão das lealdades genealógicas de pertencimento herdado por cada parceiro, o pacto de aliança do casal liga e gera o negativo (no sentido de não revelado, como em fotografia) da transmissão de cada família de origem. É, pois, paradoxalmente, em ressonância com os buracos e rasgos dos continentes das duas famílias de origem, às singularidades de sua trama genealógica que não somente se funda, mas ainda se mantém e faz perdurar o laço conjugal. É o pacto denegativo proposto por René Kaës. Por minha vez, insisto sobre a paradoxalidade fundadora do pacto de aliança conjugal, pelo qual os cônjuges efetuam a malhagem recíproca das zonas de sombra de suas duas transmissões genealógicas (Benghozi, 2010, p. 144).

A conjugalidade será modificada após o nascimento dos filhos, não deixando de ser relevante, mas precisando se submeter à parentalidade, o que pode elevar o risco de insatisfação conjugal, sendo frequente que as mulheres se dediquem mais intensamente à maternidade. Quando ocorre uma separação, é comum que diversos casais constituam um novo matrimônio, unindo os filhos de casamentos diversos em uma única família. O recasamento trará maior complexidade no processo de definir regras e papéis conjugais e parentais. As diversas formas conjugais impactarão a forma como os pais se envolvem na vida dos filhos (Ponciano; Féres-Carneiro, 2017).

Nas famílias recasadas, a parentalidade é expandida, podendo ser exercida por um adulto que não necessariamente possui reconhecimento pelo sistema jurídico, contudo, que desempenha a função parental. A qualidade das relações desenvolvidas entre os membros é fundamental para o exercício da parentalidade, de sorte que, nas famílias recasadas, verifica-se uma complexidade que impõe que as interações sejam flexíveis e originais. Tais famílias são tão capazes de promover a saúde quanto famílias casadas, visto que “[...] o mais importante para a saúde emocional é que a família apresente uma base intersubjetiva bem estabelecida, alicerçada na circulação dos afetos” (Magalhães *et al.*, 2013, p.115). O recasamento pode significar um novo

caminho para que o casal resgate sua vida amorosa e para que os filhos estabeleçam novos vínculos familiares socioafetivos, os quais possam oferecer suporte emocional relevante.

Magalhães *et al.* (2013) efetuaram uma pesquisa com famílias recasadas, para compreender o lugar que o padrasto ocupa, nessas famílias. Entre as principais questões obtidas por meio do material clínico, destacam-se: os padrastos exercendo a parentalidade; a figura de autoridade familiar do padrasto fragilizada; a relevância de se diferenciar a conjugalidade e a parentalidade, no casal recasado; os conflitos no relacionamento com a família extensa dos filhos; o afeto nos vínculos entre padrastos e enteados. As famílias recasadas possuem maior capacidade de possibilitar a saúde emocional, quando o(a) padrasto/madrasta constroem um vínculo afetivo com a criança e o adolescente, concordando que a autoridade seja exercida pelo(a) pai/mãe. É necessário, todavia, que sejam clarificados os limites no exercício da autoridade exercidos pelo(a) padrasto/madrasta, objetivando não desqualificar o papel do padrasto e facilitando que os vínculos socioafetivos sejam preservados na família.

### **3.3 A parentalidade e os desafios para a inserção dos interditos**

Outro aspecto realçado pelos estudos é que, nas famílias contemporâneas, observa-se um movimento de predominância de aspectos narcísicos e dificuldades no estabelecimento dos interditos.

Bemgochea Junior e Medeiros (2017) apontam que a relação parental é essencialmente narcísica e participa na constituição dos sujeitos. Para que o sujeito se constitua, é importante que exista o desejo narcísico dos pais, na concepção dos filhos, além do componente cultural, o qual, na atualidade, valoriza o sucesso e coloca as crianças em posições centrais, sendo esperado que elas realizem todos os desejos não satisfeitos dos pais. Dessa forma, não cabe somente uma crítica social, mas destacamos que o narcisismo é constitutivo dos sujeitos. No entanto, de modo geral, os estudos enfatizam um excesso de tais investimentos, na atualidade, o qual pode ser verificado através de uma hiperestimulação de bebês, brinquedos recebidos em quantidade exagerada e a ideia transmitida de que eles podem ter tudo. Associa-se a isso a concepção dos pais de que os filhos podem satisfazer o que não foi satisfeito em sua própria infância.

É como se a criança fosse um caminho para a felicidade plena, algo que não é possível de ser concretizado, porque o mal-estar sempre estará presente, no convívio social. Os impactos se refletem em situações de crianças ditando as regras para os próprios pais, em uma inversão de papéis. Os pais isentariam as crianças de vivências que eles mesmos não gostaram de ter tido, como o dever e a dívida frente às gerações passadas, o juízo moral e a severidade da lei. A expressão de um narcisismo acentuado na sociedade impacta a forma com que os sujeitos lidam com as demandas da vida, já que uma delas implica lidar com as frustrações, afinal, se entendermos que podemos ser felizes, de modo absoluto, não adquirimos um manejo das frustrações, desprezamos o esforço, o que dificulta a busca de saídas, através da dor e do sofrimento (Bemgochea Junior; Medeiros, 2017).

Junqueira (2014) salienta que se observa, nas famílias, uma supervalorização dos filhos, nas quais o conceito do bebê, como “o rei do castelo”, é ampliado para a criança e o adolescente. Tal vivência é fundamental nos primeiros momentos de vida, quando se oferece a onipotência ao bebê, para iniciar o narcisismo primário, mas precisa ser transformada ao longo do desenvolvimento. Na atualidade, o filho adquire papel central na família, os limites à sua manifestação pulsional são reduzidos ou não existem e os pais promovem aos filhos a satisfação imediata, preponderando um funcionamento narcísico. Existe um risco quando tais limites e interdições não são promovidos, não possibilitando que a criança possa modificar sua violência natural em agressividade, fazendo com que a lei externa se imponha, na falta da lei familiar. Há o receio de perda do amor dos filhos, que levam os pais a não exercerem as interdições aos desejos filiais, por não saberem lidar com a raiva que esse processo gera na criança.

É comum que os pais busquem um suposto saber de como educar os filhos de forma “correta”, desejando dos profissionais respostas certas do que seria melhor para seus filhos. Uma das grandes dificuldades é a inserção dos interditos nos filhos. Os pais desconfiam de si próprios, das suas capacidades de educarem os filhos, procurando uma perfeição na criação das crianças que impeça os erros exercidos pelas gerações passadas. Para que a criança possa transitar do narcisismo primário a um outro modo de organização, é necessário que um ideal lhe seja imposto, que existam exigências para a manutenção do amor do outro.

Esse ideal é construído pelas interdições e transmissões da ética e das normas sociais, configurando uma vivência edípica. O “eu” precisa, para ser desenvolvido, de um distanciamento narcísico, configurando numa dificuldade da sociedade atual, que enobrece o egoísmo, o individualismo e a criação de normas e leis próprias definidas por cada um, ao invés de compartilhadas socialmente (Bemgochea Junior; Medeiros, 2017).

O Complexo de Édipo e sua relação com a castração são fundamentais para a constituição psíquica, sendo considerados fator estruturante no desenvolvimento do sujeito. A castração representa uma perda simbólica que permite a saída do narcisismo para o processo de reconhecimento do outro e refere-se ao momento no qual um terceiro se insere na relação mãe-filho (Miguel; Braga, 2021). A família é a responsável por transmitir os interditos, os quais sustentam a ordem social, definindo uma estrutura de parentesco que delimita lugares simbólicos e organiza seus lugares (Julien, 2000).

Alguns autores promovem uma discussão sobre o declínio da função paterna, a possibilidade da falência no exercício dessa função ou mesmo a sua ausência na sociedade atual. A função paterna se relaciona com o estabelecimento de limites, interdições, mediações do desejo que levem o indivíduo a internalizar as leis civilizatórias. Gomes (2011) ressalta que, por mais que exista uma tendência a se enfatizar o gozo e a satisfação do desejo, ao invés do recalque, a falência da civilização e uma regressão à barbárie não têm ocorrido, na sociedade. O que se percebe, nas famílias contemporâneas, é que, a despeito de os pais desejarem exercer uma função paterna, não percebem em si mesmos de que forma poderiam exercê-la, procurando, no profissional e especialistas, orientações que lhes ofereçam o recurso perfeito. Tem-se um declínio dos pais e não da função paterna:

[...] o que tem sido apontado como um declínio da função paterna pode ser generalizada para um declínio do lugar do pai e da mãe na família, esses se sentem aquém de sua tarefa, pois inseridos nos novos arranjos da contemporaneidade não encontram os meios para mediar a relação com os filhos, não cumprindo a tarefa que, como já foi dito, lhes pertence de direito e dever de inserir cada novo sujeito no processo civilizatório (Gomes, 2011, p. 80).

Segundo Rojas (2010), a família se apresenta como um grupo de pertencimento que fornece apoio ao psiquismo, sustentação e fonte das identificações. As operações de sustentação e interdição, necessárias para a constituição psíquica infantil, tem como base a assimetria inicial entre adultos e

crianças. No entanto, nas famílias atuais, verifica-se um aumento da simetria nessa relação e, em alguns casos, uma inversão dos papéis, na qual os filhos possuem o poder e vivenciam o desamparo, visto que igualar as gerações de maneira exagerada impõe invisíveis formas de violência, associadas à insuficiência dos laços protetores. Os vínculos familiares mostram instabilidade e fragilidade, fazendo com que a “pele familiar”, que seria um invólucro protetor, fique vulnerável. A falta de vínculos fortes e protetores, que organizem as diferenças entre as gerações e o exercício das funções parentais, leva a um sentimento de desamparo considerável.

A relação assimétrica entre pais e filhos é necessária e muito relevante, mesmo que um dos pais esteja ausente, como no caso das famílias monoparentais. “O filho precisa viver a inclusão/exclusão dentro da família, isto é, todos os papéis na triangulação. A não interdição, a ameaça de um estado fusional ou de uma simetria passa a ser vivido pelo grupo familiar como algo assustador e desencadeador de sintomas” (Lopes; Paiva, 2012, p. 168).

A desconstrução do conceito de função paterna é realizada por Fiorini (2013), para quem a função paterna deriva de uma construção histórica, relacionada ao poder que o pai possuía na sociedade e no seio familiar, mas não deve ser naturalizada. Sugere-se um enfoque no exercício de uma função simbólica, ao invés da função paterna. Para isso, propõe que seja considerada uma terceira função, simbólica e autônoma de quem a realize, a qual pode ser ocupada pela mãe, inclusive, caso ela consiga separar-se do filho enquanto desejo próprio.

Outra proposta é de se oferecer o papel de uma função diferenciadora, ao invés de focar em papéis parentais rigidamente delimitados, entendendo como uma função que insira o registro das diferenças e a separação nas relações intersubjetivas. Léon (2015) complementa que é relevante haver um equilíbrio diante do exercício das funções parentais, e que pai e mãe possam executar funções de continência, narcisização e proibições. Não significa promover uma indiferenciação de papéis, mas considerar que cada família construirá um modelo próprio de parentalidade e exercício de funções, conforme a sua dinâmica.

Tais reflexões não indicam a valorização de um aspecto nostálgico que colocaria a sociedade tradicional como a melhor, contudo, que esse contexto de “maior liberdade” da sociedade atual gera um contexto no qual as leis e regras não

podem ser totalmente descartadas. A cultura permite movimentos de criações e invenções, sendo um ponto positivo (Bemgochea Junior; Medeiros, 2017).

Esta pesquisa se propõe refletir sobre os desafios vividos na parentalidade, para a constituição das alianças estruturantes. De que forma podemos compreender a organização da parentalidade, na atualidade? Como são realizados os investimentos narcísicos essenciais para a constituição psíquica das crianças? Essas perguntas nortearão a análise das relações entre pais e filhos em famílias com crianças nas idades de seis a onze anos.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivo geral**

Compreender a organização da parentalidade, na atualidade, em torno do arranjo dos investimentos narcísicos parentais e suas transformações, ao longo da vida familiar.

### **4.2 Objetivos específicos**

Entender como ocorreu a construção dos investimentos narcísicos parentais, verificando a definição dos lugares parento-filiais.

Examinar as transformações dos investimentos parentais, no decorrer da vida dos filhos e da família.

Analisar o arranjo parento-filial, na atualidade, considerando os desafios da sociedade contemporânea.

## 5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Turato (2000), tem como características tratar-se de uma pesquisa naturalística, que possui dados descritivos, tem como preocupação o processo, é indutiva e, nela, a questão do significado tem papel essencial. Os pesquisadores qualitativos têm como foco os sentidos e os significados dos fenômenos, sendo que o sentido se refere ao sentir, perceber, que orienta o pesquisador a observar determinadas direções, enquanto o significado se refere à representação que se tem da experiência. Busca-se conhecer sentidos e significados e interpretá-los para compreensão dos fenômenos, ao invés de quantificar os fatos, como no paradigma positivista.

O objetivo consistiu em compreender a organização da parentalidade, na atualidade, em torno do arranjo dos investimentos narcísicos parentais e suas transformações, ao longo da vida familiar. Para isso, foi utilizado o estudo de caso que, de acordo com Silva, Oliveira e Silva (2021), consiste na elaboração de uma teoria indutiva, através do estudo de um ou mais casos, constituindo-se como uma forma de investigação de algum tópico a partir de procedimentos específicos. Essa metodologia costuma ser usada para questionamos sobre “como” e “por que”, em situações nas quais o pesquisador tem um controle pequeno dos eventos e quando o enfoque se dirige para acontecimentos contemporâneos presentes em circunstâncias da vida real.

O estudo de caso propicia compreender a complexidade e a especificidade de uma dada situação, em função de seu aprofundamento. Algumas das principais vantagens concernem à sua aplicação em diversas abordagens teóricas, oferecem uma análise das múltiplas facetas de um problema, fazem uma correlação da teoria com a prática, trazem uma perspectiva por meio de exemplos e situações vividas, dentre outros (Silva; Oliveira; Silva, 2021). Entende-se que esse método possibilita, nesta pesquisa, um aprofundamento teórico através da análise de cada caso, ao mesmo tempo que ilustra situações da vida cotidiana dos participantes.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito do tema. Posteriormente, ocorreu a coleta de dados, através de entrevistas semiestruturadas (Anexo A) e técnica de linha da vida da família, com três casais, pais de crianças, na

idade de seis anos a onze anos. Cabe ressaltar que o enfoque da pesquisa inicialmente recaía sobre a parentalidade com os filhos, na infância, razão pela qual não foram incluídas coletas de dados com as filhas adolescentes. No entanto, os casais entrevistados trouxeram diversas informações sobre a parentalidade, na adolescência, que foram analisadas a partir da perspectiva dos pais e das crianças, conforme serão apresentadas, nos resultados. Os dados foram coletados por meio de duas instituições: um projeto social que atende as crianças no contrafluxo escolar e uma escola pública estadual, ambas do interior do estado de São Paulo.

Nos encontros com os pais, a primeira técnica utilizada foi a técnica da linha da vida, pretendendo que manifestassem suas percepções sem a influência das reflexões posteriores que a entrevista poderia gerar. De acordo com Rosset (2013), a técnica da linha da vida tem por objetivo oferecer ao paciente uma perspectiva de como foi a sua vida até o presente, de maneira organizada, identificando padrões e aprendizagens. O material usado consiste em papel e lápis. A orientação para aplicação da técnica, conforme Rosset (2013), é a seguinte:

Numa folha de papel do tamanho que você quiser, desenhe uma linha. Nela, o começo será o dia do seu nascimento e o final será o dia de hoje. Assinale nessa linha todos os acontecimentos, positivos e negativos, que foram marcantes para você (Rosset, 2013, p. 70).

Rosset (2013) afirma que podemos adotar essa técnica com famílias e grupos. Para o caso de famílias, a orientação consiste em “[...] pedir que organizem a linha da vida da família (o início da linha será quando o casal se tornou família)” (ROSSET, 2013, p. 71). Também pode ser solicitado que cada membro faça a sua, individualmente, e depois se juntem e compartilhem os dados. Empregamos, nesta pesquisa, a técnica de linha da vida da família, visando a compreender de forma mais profunda a dinâmica familiar como um todo. Foi solicitada uma única linha da vida da família, que o casal realizou em conjunto.

Após a aplicação da linha da vida da família, foi realizada a entrevista com o casal, no mesmo encontro. Para Bleger (1998), a entrevista constitui um instrumento muito relevante para o método clínico, caracterizando-se como uma técnica de investigação científica, sendo que a entrevista psicológica procura atingir objetivos psicológicos, como investigação ou diagnóstico, por exemplo. Segundo Bleger (1998, p. 1), a entrevista “[...] identifica ou faz coexistir no psicólogo as funções de investigador e de profissional, já que a técnica é o ponto de interação entre a ciência e as necessidades práticas”. A entrevista possibilita que sejam aplicados conhecimentos

científicos e permite que a vida cotidiana do ser humano possa elevar-se em conhecimento e elaboração científica.

A técnica de entrevista, conforme exposto por Leitão (2021, p. 6), consiste em “[...] um instrumento da metodologia qualitativa e mostra-se especialmente adequada à investigação de processos internos e reflexivos e à produção de significados da ótica dos entrevistados”. As entrevistas geram a possibilidade de um maior aprofundamento, com maior número de detalhes, porque o pesquisador pode pedir ao sujeito que esclareça, forneça exemplos e aprofunde os elementos trazidos, ampliando o processo reflexivo.

As entrevistas com os três casais de pais tiveram como sustentação um modelo de entrevista semiestruturada, com onze questões abertas (o roteiro da entrevista encontra-se no Anexo A).

As questões foram escolhidas buscando-se compreender a dinâmica familiar, especialmente a relação dos pais com seus filhos e os investimentos narcísicos concretizados na relação parento-filial. Investigou-se o início do relacionamento dos pais; se a gravidez foi planejada e os sentimentos associados a ela; qual a fantasia dos pais sobre como seria a criança, no momento da gestação, e como foi lidar com o filho, após o nascimento; comportamentos que o filho apresentava quando bebê; a importância dos filhos na vida do casal e as mudanças provocadas pela chegada deles; como foi o processo de autonomia dos filhos; as reações que o casal tem, quando o filho não obedece; a educação que os próprios pais receberam e sua influência em como educam os filhos; se ocorreu curiosidade sexual com as crianças e quais as maiores dificuldades para educar os filhos. Com esses temas, entende-se que será possível obter um panorama das relações familiares e como o narcisismo parental foi construído, além da construção da trama edípica vivenciada pela família.

O uso de duas técnicas diferentes com os casais se justifica, pois cada técnica tende a mobilizar diferentes elementos conscientes e inconscientes. Na técnica da linha da vida da família, existe uma tendência a serem evocados conteúdos, em um nível mais inconsciente, visto se tratar de uma técnica projetiva. A entrevista semiestruturada, por ser mais diretiva nas perguntas, tende a mobilizar conteúdos psíquicos mais próximos da consciência. Essa diferenciação favorece que diferentes conteúdos sejam trazidos pelos participantes, complementando os dados coletados nas entrevistas.

Com as crianças, foi realizado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), de Walter Trinca, com a proposta de ampliar a compreensão dos vínculos familiares, tendo uma perspectiva tanto das vivências dos pais quanto dos filhos no vínculo. O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, segundo Trinca (2013a), consiste em uma derivação do Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) e tem como objetivo permitir a expressão e acolhimento das vivências emocionais relativas à dinâmica familiar. O DF-E não se caracteriza como teste psicológico, porém, é um recurso psicológico que propõe explorar a personalidade de forma ampliada, trazendo à tona aspectos emocionais inconscientes:

O DF-E se constitui em procedimento válido para a abordagem inicial, panorâmica e extensiva das constantes mais significativas tanto da dinâmica familiar quanto das relações existentes no seio da família, ou seja, das forças e conjuntos de forças presentes no ambiente familiar que tocam diretamente o examinando, descritas segundo seu ponto de vista [...]. Muitas vezes, registram-se nele formas de percepção, introjeção e relacionamento com figuras significativas do ambiente familiar no processo de desenvolvimento e maturação do indivíduo, incluindo-se os objetos primários (Trinca, 2013b, p. 212-213).

O DF-E pode ser aplicado em sujeitos de ambos os sexos, em qualquer nível socioeconômico, mental e cultural, bem como em qualquer idade que seja possível ser realizado. A aplicação do DF-E acontece de forma individual, em que, após os cuidados iniciais de explicação de objetivos e *rapport*, são oferecidos lápis com ponta grafite, lápis coloridos e folhas de papel em branco. Entrega-se uma folha de papel na posição horizontal e se solicita que o sujeito desenhe uma família qualquer. Ao término do desenho, o aplicador pede que o sujeito conte uma estória sobre o seu desenho. Em seguida, inicia-se a fase de inquérito, quando são feitas perguntas visando ao esclarecimento da produção feita pelo sujeito e que possam auxiliar a compreensão dos dados. Solicita-se, então, que o sujeito apresente um título para a produção (Trinca, 2013b).

O procedimento tem por objetivo conseguir quatro unidades de produção, segundo Trinca (2013b), cada uma com solicitações diferentes, todas seguindo a mesma proposta: solicita-se o desenho, depois uma estória, a fase de inquérito e o título da produção. São apresentadas quatro instruções para essas produções, nesta sequência: desenhe uma família qualquer; desenhe uma família que você gostaria de ter; desenhe uma família em que alguém não está bem; desenhe a sua família. É recomendado que o uso da borracha seja evitado, podendo-se oferecer novas folhas,

para que o sujeito refaça o desenho, se preferir, mas se guardando a produção anterior.

Trinca (2013b) frisa que existem diversas formas de interpretação do DF-E, todavia, ele se concentra na interpretação psicanalítica, que se debruça sobre os significados inconscientes dos dados obtidos. Os critérios de interpretação estão relacionados ao referencial psicanalítico e à experiência clínica do aplicador. Dessa maneira, permite que sejam encontrados elementos latentes que possam estar submersos em um conteúdo manifesto e aparente da dinâmica familiar:

Sempre é possível ao profissional indagar sobre como uma família se liga ou se separa, quais são os tipos de vínculos e os afetos predominantes, qual o lugar, a posição e a função de cada um de seus membros, bem como qual foi a vida mental do examinando. Certamente, o profissional irá considerar o estado do *self* e das relações objetais, tendo o examinando como principal fonte de informações. Nos desenhos de família, geralmente aparecem determinadas figuras e situações que fazem pensar em identificações, internalizações, formas de desenvolvimento emocionais, tipos de objetos, configurações de *self*, estados do contato com o próprio ser; entre outros aspectos (Trinca, 2013b, p. 221-222).

Diversas questões podem ser clareadas na análise e interpretação do DF-E, conforme destaca Trinca (2013b), como de que forma o sujeito se percebe no seio familiar, o que a família significa emocionalmente para ele, de que maneira o sujeito participa do contexto familiar, como ele vincula as relações familiares com seus sofrimentos, qual a função que o sujeito exerce para a família, emocionalmente, qual a reação da família frente às dificuldades do sujeito, quais os focos centrais relativos à problemática emocional do sujeito, entre outras.

Cada produção apresenta uma correlação com as demais, fazem parte de uma totalidade coerente (Trinca, 2013b). Esse apontamento deve estar presente tanto quando se procura uma análise separada de cada unidade quanto na busca de uma análise simultânea das quatro produções. Cada traço, enredo e drama produzido irá se referir a um aspecto da situação como um todo; busca-se compreender esse elemento central que caracteriza as vivências relacionadas aos sujeitos em que o procedimento é aplicado, assim como de suas famílias.

Para a interpretação e a discussão dos dados, foi utilizado o referencial teórico da psicanálise, em especial da psicanálise de casal e família. Para análise da linha da vida da família, Pinheiro-Carozzo *et al.* (2020) propõem que o profissional atente à presença de eventos marcantes, padrões de comunicação, conflitos na família, processos de individuação, diferenças entre as versões da mesma história e

comportamentos verbais e não verbais. Essa técnica pode ensejar momentos catárticos, ao facilitar que sejam partilhadas as impressões, sentimentos e pensamentos que não haviam sido revelados ou abordados. Com relação ao DF-E, a análise foi feita segundo a proposta de W. Trinca (2013b).

O projeto foi inicialmente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (CAAE 58698922.9.0000.5401), antes do início da pesquisa de campo. Resguardaram-se todos os cuidados éticos para a realização da pesquisa, os quais serão descritos abaixo.

### **5.1 A coleta de dados e a seleção dos participantes da pesquisa**

A coleta de dados e a seleção dos participantes ocorreram em duas instituições localizadas em uma cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo. A primeira instituição contatada consiste em uma instituição social que administra programas sociais financiados pelo governo, promovendo atividades e o acompanhamento de crianças e adolescentes. Devido à dificuldade em encontrar famílias que atendessem aos critérios da pesquisa, também foi contatada uma segunda instituição, uma escola pública estadual, a qual recebe crianças do Ensino Fundamental nos anos iniciais. As instituições autorizaram a realização da pesquisa, dando-se início à seleção dos participantes e o primeiro contato.

Foram explicados os critérios para participação, sendo pais biológicos, casados e que coabitam com seus filhos, com idade entre seis e onze anos, tanto com a gestação planejada quanto com a não planejada.

O contato em ambas as instituições foi feito inicialmente por meio de um convite que a coordenadora do projeto e a diretora da escola fizeram aos participantes, explicando como funcionaria a pesquisa e convidando para a participação, visto os sujeitos terem maior proximidade com a instituição e não conhecerem a pesquisadora. Posteriormente, após a aceitação inicial das famílias, a pesquisadora entrou em contato telefônico, por meio de ligação ou WhatsApp, conforme preferência da família, explicando novamente a pesquisa e fazendo o convite oficial. Após a aceitação de participação, ocorreu o agendamento da coleta de dados, conforme a disponibilidade dos participantes.

## **5.2 Os participantes da pesquisa**

Os participantes foram três casais, sendo todos pais biológicos de crianças na faixa etária de seis a onze anos, com os quais foram realizadas a aplicação da técnica de linha da vida da família e a entrevista semiestruturada. A coleta de dados com as crianças, por meio do DF-E, incluiu a participação de três crianças, na faixa etária de seis a onze anos, filhos dos casais de pais participantes.

## **5.3 A entrevista e técnica da linha da vida da família com os familiares**

Após o recebimento dos contatos das famílias pelas instituições, fez-se o contato telefônico com os participantes, quando foram apresentados os objetivos da pesquisa e formalizado o convite de participação; os três casais aceitaram participar e permitir que a pesquisa também fosse feita com seus filhos.

Com a família um e três as entrevistas foram feitas com a mãe e o pai das crianças, na residência dos mesmos, conforme a preferência do casal, sendo resguardados os cuidados de privacidade necessários para a realização de uma entrevista e técnica da linha da vida da família, de forma que os pais foram orientados a receber a pesquisadora, sem outras pessoas na casa, especialmente os filhos. As entrevistas e a aplicação da técnica da linha da vida da família foram gravadas e posteriormente transcritas para análise dos dados. Com a família dois, a entrevista aconteceu em uma sala no projeto social, de acordo com a preferência manifestada pelo casal, sendo uma sala reservada das demais atividades, mantendo-se os cuidados de privacidade e sigilo.

Em todos os casos, inicialmente, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram lidos e explicados, incluindo-se os termos para implementação da entrevista e técnica da linha da vida da família e os termos que permitiam a participação das crianças, relatando-se novamente os objetivos da pesquisa e quais seriam os procedimentos adotados. Após a leitura, explicação e solução de dúvidas, as assinaturas dos participantes e da pesquisadora foram recolhidas em duas vias, sendo entregues para cada participante uma via do termo assinado. Cada membro do casal assinou o termo referente à sua participação e se deu a assinatura do termo que autorizava a participação dos filhos, também feito em duas vias e uma delas sendo entregue para a família.

Após os cuidados éticos, foi promovido um primeiro momento com os pais, em que foi aplicada a técnica de linha da vida da família. Nessa técnica, o casal desenhou, marcando os pontos mais relevantes na história da família e, posteriormente, fez um relato sobre os aspectos mencionados. Em um segundo momento, após o término de aplicação da técnica, foram iniciadas as entrevistas. Em média, os encontros tiveram uma duração aproximada de duas horas e vinte minutos a cerca de três horas, variando conforme a família.

#### **5.4 Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) com as crianças**

Conforme exposto, a solicitação da autorização dos pais havia sido requisitada, primeiramente, no contato inicial com o casal, quando foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis, permitindo a coleta de dados com seus filhos.

Os encontros com as crianças das famílias um e dois aconteceram no projeto social e, com a criança da família três, ocorreu na escola, em horários previamente acordados com os pais e segundo a disponibilidade das instituições. Os encontros se deram em salas disponibilizadas que atendiam aos requisitos de privacidade e sigilo necessários, de forma individual. Em todos os contatos com as crianças, a pesquisadora se apresentou e realizou a leitura e a explicação do Termo de Assentimento, no qual foram expostos os objetivos da pesquisa, em linguagem compreensível para a idade das crianças. Após a confirmação e aceite das crianças em participar, o Termo de Assentimento foi assinado pela criança e pela pesquisadora, em duas vias, sendo uma delas entregue para a criança. Posteriormente, foi aplicado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.

## **6 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

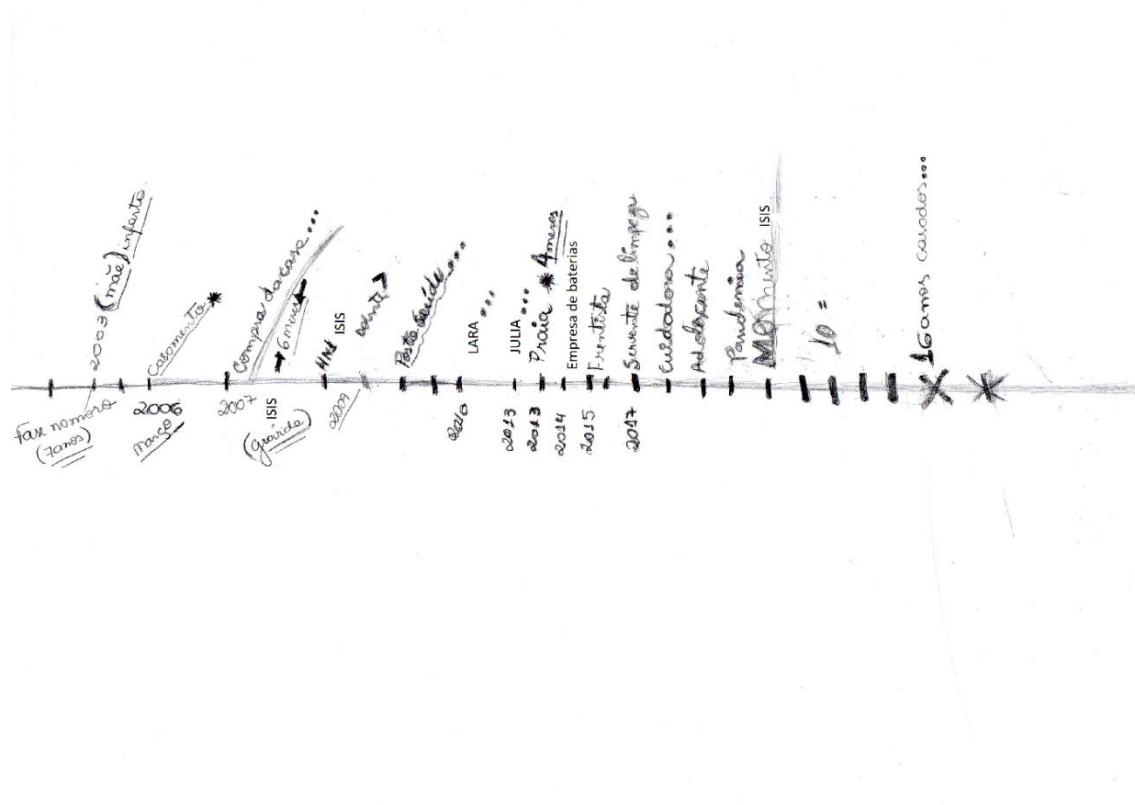
Neste capítulo, será realizada a análise dos resultados obtidos na pesquisa, por meio de uma apresentação dos dados. Inicialmente, será feita uma síntese da história familiar e, depois, serão expostos os resultados, a partir das técnicas utilizadas. Serão focalizados o desenho da linha da vida feito pelo casal e uma síntese das informações obtidas através dessa técnica e com a entrevista. Na sequência, serão apresentados os quatro desenhos resultantes do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, feito com as crianças, em cada família pesquisada. Cabe ressaltar que todos os nomes foram alterados, para preservação do sigilo dos participantes.

### **6.1 Família 1**

A família é composta pela mãe, Mariana, de 37 anos, pelo pai, Gabriel, de 40 anos, pela filha mais velha, Ísis, de 15 anos, a segunda filha, Lara, de 12 anos, e a filha mais nova, Júlia, de 9 anos. Mariana e Gabriel estão casados há dezesseis anos e não tiveram outros casamentos anteriores. A filha que passou pela aplicação do DF-E foi a mais nova, Júlia, participante do projeto social onde se efetuou a pesquisa. Possuem rendimento mensal aproximado de três salários-mínimos. Uma breve descrição da história da família é relatada pelo casal, na técnica de linha da vida da família.

#### **6.1.1 Linha da vida da família**

**Figura 1** - Desenho 1.1 – Linha da vida da família - Casal 1



Fonte: Dados da pesquisa - Casal 1<sup>1</sup>

Será feita uma síntese dos conteúdos pontuados pelo casal, na técnica linha da vida, de forma que as informações serão mais aprofundadas, no decorrer da análise. O encontro com o casal ocorreu na residência de ambos, por preferência da própria família, e teve duração aproximada de duas horas e vinte minutos, com a aplicação das duas técnicas. Após o preenchimento dos Termos, solicitei que iniciássemos a primeira técnica com o casal, orientando-os a desenhar uma linha, cujo começo seria o início da família, além de acrescentarem os pontos mais importantes da história familiar. Mariana perguntou se teria de desenhar, mas eu afirmei que não, bastava fazer uma linha e poderia escrever. Ela iniciou a escrita e refletiu que entende que a família começou antes mesmo do casamento, na fase de namoro. Afirmou que suas famílias sempre se deram bem. Gabriel concordou que o início seria quando começaram a se conhecer.

<sup>1</sup> O desenho sofreu alterações nos nomes das filhas do casal e no nome da empresa que Gabriel trabalhou, visando à preservação do sigilo dos participantes.

Depois falou sobre o casamento, em 2006, que foi marcante: demoraram sete anos para se casar, sendo cinco de namoro e dois de noivado. Tinham escolhido uma data e ele ficou desempregado, ficaram em um impasse, mas, como tinham um tempo longo de namoro e moravam em cidades diferentes, decidiram se casar, de sorte que Gabriel procuraria um novo emprego. Na semana do casamento, ele fez uma entrevista para trabalhar na cidade onde moram atualmente. Eles tinham montado uma casa em outra cidade, Mariana continuou lá trabalhando durante os três primeiros meses do trabalho de Gabriel e depois se mudou para a cidade atual. Não tiveram lua de mel, pois ele começou o trabalho na semana seguinte ao casamento.

Em 2007, Mariana engravidou da Ísis; moravam de aluguel em uma casa pequena e procuraram uma casa para comprar, oferecendo um carro e fazendo um financiamento, sendo uma conquista que eles entendem ter sido muito “*abençoada*”, pois antes eles “*não tinham nada*”. Em 2008, próximo de 2009, Ísis ficou doente com H1N1, época em que o vírus foi divulgado, e ela foi internada, isolada e eles se assustaram, ficaram dias acompanhando-a no hospital, época quando o aspecto religioso foi importante para confiarem em sua recuperação.

Posteriormente, Mariana trabalhou em um posto de saúde; foi um momento importante, pois, anteriormente, trabalhava no comércio e não conseguiu permanecer no emprego devido aos horários que dificultavam o convívio familiar; por isso, trabalhou em uma oficina e, finalmente, entrou no posto de saúde. Lara nasceu no ano de 2010 e a mãe afirmou que “*ela é uma graça, é uma companheirona*”, diz que é mais carinhosa do que Ísis, sendo que ficou menos tempo com a filha mais velha na infância, em função dos empregos da época, associando a isso a mudança de comportamento das filhas.

Mariana acrescentou que, em 2003, sua mãe faleceu, lembrando o momento em que deixava a filha mais velha, Ísis, com ela. A irmã de Mariana acabou vindo morar com a família, por ter engravidado aos 14 anos e o pai de ambas não haver aceitado. Depois, a irmã acabou morando com o pai, mas, nesse tempo em que permaneceu com o casal, ela auxiliou com o cuidado de Ísis.

Júlia nasceu em 2013, sendo nomeada por Mariana como “*meu grude, Júlia é a minha raspinha de tacho*”. Na sequência, Mariana seguiu dizendo que, em 2014, Gabriel ficou desempregado, quando passaram por dificuldades financeiras. Em 2013, tinham realizado o sonho de conhecer a praia, quando Júlia estava com quatro meses

de idade e, de acordo com o casal, essa viagem foi muito marcante. Mariana estimulou Gabriel a falar, mas ele afirmou não se lembrar... e eles riram. Em 2015, ele começou a trabalhar como frentista e, em 2017, Mariana arrumou um emprego de servente de limpeza, ressaltando que se incomodava na saúde, porque entendia que existia maior preocupação com papéis do que com os pacientes. Ela entrou na área da educação e resolveu fazer pedagogia. Atualmente, trabalha como cuidadora, com crianças especiais, e deseja ser aprovada em um concurso como professora.

Na sequência, Mariana aponta o momento da pandemia e, ao mesmo tempo, a chegada da adolescência de Ísis, que foi um período muito difícil. Viveram perdas, nessa época, as mortes de um irmão de Gabriel com câncer e de um cunhado com câncer de intestino.

Ao longo da realização da vida da família, o casal relatou que viveram momentos difíceis e chegaram a pensar em separação, mas disseram que isso ocorreu há muito tempo e não aprofundaram essa questão. Além disso, evidenciaram dificuldades com a educação das filhas, especialmente quanto a Ísis, que serão explicitadas adiante.

Ao perguntar se Gabriel tinha algo a acrescentar, ele disse que não, porém, demonstrou expectativa em relação a uma causa trabalhista que tramita na Justiça, desde 2014, relativa a um acerto devido à falência de uma empresa na qual trabalhou e da qual espera receber seus direitos trabalhistas.

Por fim, Mariana afirmou que, durante a pandemia, seu pai faleceu, em 2021, sendo que a sua última semana de vida foi de gratidão, porque pôde cuidar do pai e perdoá-lo. Relata que ela e suas irmãs culpavam o pai pela morte da mãe, que, para elas, ocorreu logo após o conhecimento de uma traição do marido. No entanto, após a morte de sua mãe, o pai foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral - AVC, com a perda da visão. Mariana cuidou do pai, o qual faleceu em decorrência da Covid-19, devido a uma internação hospitalar. Por isso, relata que a última semana de vida do pai foi o momento no qual reatou com o pai, perdoadando-o pela situação anteriormente descrita. Ambos finalizaram, dizendo tratar-se de uma história longa, afinal, são dezesseis anos de casamento.

Finalizamos a técnica da linha da vida da família, sendo a entrevista realizada na sequência. O casal demonstrou envolvimento com a concretização das técnicas e,

embora Mariana se expressasse mais, Gabriel pontuava informações que considerava relevantes.

### **6.1.2 Considerações a partir da entrevista e da linha da vida da família**

A seguir, serão apresentados os eixos temáticos organizados a partir dos conteúdos das entrevistas em conjunto com as informações trazidas na linha da vida da família.

### **6.1.3 A imagem das filhas segundo os pais**

Os pais relataram a imagem construída para cada uma das filhas e suas características, além do investimento psíquico implementado na filiação.

Ísis, de 15 anos, foi descrita pela mãe como *“um pouco mais fechada, ela é mais retraída, ela, se você não buscar um abraço, ela já não consegue”*. A mãe entendeu que possui uma correlação com o seu emprego no comércio, na época da infância de Ísis, o que impediu que ela fosse mais presente.

Por outro lado, Lara, de doze anos, é apontada por Mariana como *“uma graça essa Lara, Lara, eu falo que com ela não tem, não tem tempo ruim com ela, minha companheirona assim”*; disse que ela é mais carinhosa e *“mais dada”* do que Ísis. A mãe apontou que Lara *“é meiga, ela é toda delicada também, a única coisa dela é que, ela tem alguns traumas com o cabelo dela, tem o cabelo ruinzinho e ela quer mexer”*, ao mesmo tempo que disse: *“pensa em uma criança que chorava [...] é a mais chorona viu, chora, pra tudo, chora”*.

Júlia foi definida por Mariana como *“o meu grude, Júlia é minha raspinha de tacho”*. Ela é fruto de uma gravidez não planejada, na qual a mãe começou a passar mal e agendou um ultrassom, sendo que continuava menstruando. Mariana afirmou que saiu do exame chorando, pois *“eu não posso estar grávida de novo, a Lara tá pequena, tenho a Ísis, a Lara pequena, falei, como que eu vou, né?, é, mais uma gestação, e não sei o quê”*. A reação de Gabriel, ao vê-la chorando, segundo Mariana, foi *“eu tô grávida de novo, ele: ‘aí, é isso?’ E eu desesperada, e ele tranquilo”*.

Gabriel afirmou que *“a gente falava de ter, da gente queria um menininho, né?, eu já tinha duas menina”*; ele pensava, desde a gravidez da segunda filha, que seria

um menino para terem um casal, mas veio a Lara. Já para Mariana ela não fazia diferenciação em relação a sexo: *“eu nunca tive problema, é o que eu falei, né?, em relação a sexo assim”*. Após a gestação da Júlia, eles decidiram que a mãe se submeteria a uma laqueadura, ao que ela disse ao marido: *“se você tiver sonho de ter menino, eu falei desse jeito para ele, você não vai me culpar depois, porque comigo, você não vai ter menino, não tem chance, e aí ele falou que não, que também não queria mais”*.

O pai afirmou, quando soube da gestação: *“eu fiquei tranquilo, já que, já tinha vindo, seria uma alegria [...] a Júlia, ela é nossa, ela é demais”*, e complementou: *“a gente ficou muito feliz, e outra não poderia, não tinha o que fazer, vocês vão brigar? [...] foi a melhor coisa”*, inclusive foi ele quem escolheu o nome da filha. Sobre Júlia, ele relatou que *“ela é, às vezes, dentro de casa é o que, é o que apazigua tudo, porque ela é amorosa demais”*.

A mãe complementa, dizendo que *“planejado não foi, mas é minha bênção na minha vida”*. Segundo Mariana, *“eu sempre amei a gestação, eu amo ser mãe assim [...] depois que, né?, que passou aquela parte de ‘meu Deus, que que eu vou fazer e agora? Mais um...’, e aí foi tranquilo”*. Ela frisou que, na gestação, tinha curiosidade em saber como era a *“carinha”*, com quem iria parecer, o cabelo, mas que, no momento do nascimento, tudo é diferente. Ao ser questionada se a filha Júlia era como esperava, quando nasceu, ela respondeu *“acho que além”*, acrescentando que a filha *“puxou um pouquinho mais pro lado da minha família”*, pela cor da pele e cabelo, *“então, eu falo, essa daqui é o dengo da mãe, essa daqui puxou pra mim”*. Segundo ela, Lara e Ísis se parecem mais com o pai, com a cor de cabelo mais escuro.

Mariana descreveu que o comportamento de Júlia, desde bebê, *“sempre muito tranquilo, muito, muito, muito, pra tudo”*, ao que Gabriel complementou: *“ela sempre comeu bom, comeu bem a Júlia [...] inteligente”*. A mãe aponta apenas a dificuldade no desmame, que ocorreu praticamente aos dois anos de idade, e lembrou que estava muito cansada devido ao trabalho, durante o dia, e a amamentação, à noite. O desmame aconteceu com Mariana dizendo que seu leite estava estragado e passou *“coisas”* de cheiro ruim nos bicos dos seios. Assim, afirmou que *“tudo, foi mesmo, pra andar, pra falar, pra sair da fralda, não tive problema, chupeta, o problema assim, um pouco mais difícil foi o peito só”*, ao que a mãe associou *“e hoje ela é grudada comigo, acho que até por conta disso, é um grude”*. Mesmo diante de situações de frustração

e dos “nãos”, ela sustenta que *“a Júlia não me desobedece, ela, às vezes, fica chateada e tudo, mas desobedecer assim”*, ao que Gabriel completou: *“às vezes, um pouquinho de teimosia”*.

#### **6.1.4 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre as filhas**

Neste eixo temático, apresentamos o impacto da diferença cronológica entre as filhas para o funcionamento familiar, conteúdo evidenciado por ambos, nos relatos obtidos na coleta de dados.

Uma das questões apontadas por Mariana diz respeito aos limites no contato com Ísis, durante sua infância, em decorrência da carga horária de trabalho no comércio e, por isso, lembrou que não conseguia ficar muito tempo com a filha: *“eu me cobro por isso hoje, que, às vezes, eu fico pensando, às vezes, tem algumas coisas difíceis com a Ísis, eu fico pensando, poxa vida, se lá atrás eu tivesse feito diferente, né?, hoje eu não estaria sofrendo algumas coisas com ela”*. Com isso, demonstrou uma certa culpa pelo pouco tempo disponibilizado ao cuidado da filha. Além disso, evidenciou que considera a adolescência um período muito difícil. Começou a trabalhar na escola, com crianças, algo pelo qual é apaixonada: *“enquanto criança, eu me dou muito bem, mas essa fase de adolescência me pegou de um jeito”*, revelando a sua dificuldade em lidar com essa etapa da vida. Ou seja, além da culpa apontada, há as dificuldades impostas aos pais com as mudanças decorrentes da adolescência.

A mãe comentou que, *“assim que iniciou a pandemia, minha filha tava entrando nessa fase de adolescente, e eu achei que a gente não ia dar conta, não”*. Segundo Mariana, Ísis *“se fechou de uma forma que eu não sabia o que fazer mais, eu tentava conversar, ela falava que não queria, eu perguntava as coisas, ela falava que nem ela sabia o que ela sentia”*. Durante a pandemia, a filha jogava muito (não foi especificado se jogava pelo celular ou pelo computador), conversava com pessoas desconhecidas de outra cidade, pelo celular, ficava o dia todo trancada no quarto e, por isso, a mãe procurou uma psicóloga do Projeto Social para auxiliá-la. A preocupação exacerbou,

porque souberam, através de um amigo de Lara, que Ísis, em conversas remotas, conversava sobre suicídio.

Posteriormente, ainda na pandemia, segundo a mãe, teve *“uma fase mais complicada”*, quando colocaram as filhas em aulas de dança, porque era uma atividade ao ar livre. Enquanto Lara gostou muito, Ísis não demonstrou muito interesse.

Os pais se aproximaram do casal de professores de dança e chegaram a alugar uma chácara para a família, no final do ano, convidando-os para se encontrarem, mas *“acabou que a gente se decepcionou com os professores da dança”*, de acordo com a mãe. Ela relatou que Ísis conversava com um amigo que conhecera *on-line*, brigaram entre si e esse amigo conversou com Lara e depois com Mariana, contando que *“esse professor, junto com a esposa, tava fazendo algumas, alguns convites para a Ísis diferente, para assistir filme na casa deles, pra conhecer motel [...] ele já chamou a Ísis pra participar, né?, de aí, se já beijou a três, você já, sabe?, assim”*. Apesar de Ísis demonstrar que não queria mais ir à dança, na época, não pensaram que esse poderia ser o motivo, e Mariana relatou: *“a gente acha que tem controle, que tá tudo certo que..., mas, infelizmente, se você falar assim, ‘ai, mas você nunca percebeu?’ ‘Não, nunca percebi, nossa’, ‘mas, você não é presente’? ‘Sou, penso eu que sou, né?’... assim, a gente sempre conversou muito com as meninas [...] e tava embaixo da nossa cara e a gente não viu”*, visto que acharam normal ela não querer mais ir à dança, pois a filha não gostava.

Os pais chamaram Ísis para conversar e Mariana afirmou: *“ela começou a contar tudo, que ela nunca permitiu nada, que nunca aconteceu nada, mas que eles realmente tentaram né, e a esposa era conivente com tudo isso”*. O pai ficou muito irritado, foi à casa deles e conversou com a esposa, sugerindo que eles não deveriam mais trabalhar com crianças. Mariana relatou: *“pensamos em fazer uma denúncia, mas ficamos com medo de expor as meninas, até porque não teve, né?, a gente ficou com medo e acabamos não levando adiante, mas, também perdemos totalmente o contato”*.

Mariana comentou ainda sobre outra situação que descobriu, ao pegar o celular de Ísis, no qual se percebia que ela *“acabou fumando aquele narguilé, fiquei muito triste mesmo, muito chateada com ela, pra ser bem sincera com você, bati nela [...] porque em casa a gente não tem esse problema nem com cigarro, nem com droga”*.

Gabriel revelou que eles têm um sobrinho que se envolveu nas drogas, era muito saudável, mas ele usou um chá de cogumelos com bebida e não consegue mais conversar, porque apresentou alterações e dificuldades para comunicação. A mãe reiterou suas dificuldades com a adolescência e se questionou sobre o seu papel: *“eu falava para ele [Gabriel], ‘onde estamos errando’? É o que eu falei pra você, você não sabe se você dá demais, se você tira, se você, nessa fase que eles estão, eles têm muita informação”* – e complementou, referindo-se ao conflito em relação ao uso do celular e da internet, que, segundo ela, é bom se souber utilizá-lo adequadamente, mas, *“infelizmente, vocês parecem que procuram aquilo que não faz bem”*.

Conforme Mariana, *“eu não achei que eu ia me deparar com uma fase assim que eu não saberia lidar”*, pensava que seria amiga de Ísis, pois conversavam de tudo. A psicóloga que atendeu a Ísis comentou, segundo a mãe, *“daqui a pouco vem a Lara’, ela falou aí a Lara já vem com coisas diferente, falei, ‘poxa vida’, ‘muita animação, que aí depois vem a Júlia, coisas diferentes para passar com a Júlia’, falei, ‘nossa, será que eu vou aguentar até lá?’”*.

Dessa maneira, consideramos que o momento da adolescência de Ísis impactou Mariana, de sorte que enfatiza: *“eu realmente fiquei abalada em relação ao meu papel de mãe, ser mãe e essa fase de adolescência, que eu achei que fosse, que eu iria saber lidar com muito mais facilidade”*.

Diante de todas essas situações, colocaram novas regras e Mariana pediu para Gabriel ter uma conversa com a filha; ele conversou e pediu para que a filha lhes contasse o que acontecia com ela. Além disso, a mãe estimulou que o pai tivesse mais encontros em conjunto com as filhas.

De acordo com Mariana, ter três filhas em diferentes etapas faz com que *“a gente tem um pouco mais de experiência, é normal, mas é que nem eu falei pra você, a, a, o que eu passei com a Ísis, provavelmente vou saber lidar mais com a Lara, mas às vezes a Lara vem com coisa nova pra mim, não sei, entendeu? E com a Júlia a mesma coisa, mas eu acho que, é, tudo é pro crescimento”*.

Em relação à sexualidade e à diferença de idade das filhas, Mariana frisou que Júlia nunca manifestou curiosidade sexual, e, *“como a Lara ficou mocinha, né?, recentemente, então, essa parte já conversei com ela também”*. Comentou que tem coisas que conversa com a Ísis, devido à idade, mas tem coisas que conversa com as três juntas, como drogas e menstruação. Em relação ao sexo, *“as meninas já, né?, já*

*sabem, já, até por conta até da escola também, a Lara também, então a gente já conversou, mas a Júlia ainda não, não tive esse tempo de conversa, ela também, ela é muito, criança mesmo [...] ela não é muito de questionar*", conforme relatou Mariana. Salientou que Lara era mais curiosa em relação à sexualidade, *"e aí acabei que fui falando e falei para as três, mas ela nunca, é, se ela tem alguma, tipo de curiosidade também, acho que, às vezes, ela pergunta pra Lara primeiro, entendeu"*, referindo-se à Júlia. Comentou que Júlia *"é muito ligada na Lara, eu falo que a Lara é uma mãezona também, porque a Lara é, acolhe, tem hora que ela tá meio, fase aborrecência dela, mas, mesmo assim, elas são muito amigas"*, demonstrando a percepção de que Lara está se aproximando da adolescência.

Mariana destacou que *"minha maior dificuldade foi agora, de verdade, em relação à adolescência mesmo, que foi aonde eu achei que eu precisava procurar ajuda"*. Ao final da entrevista, a mãe questionou a pesquisadora se Ísis precisaria de terapia, visto que ela treme muito as pernas, o que a mãe suspeita ser de ansiedade. Ela foi orientada sobre quais as formas de encontrar um atendimento psicoterapêutico para a filha, tanto particular quanto gratuito.

#### **6.1.5 O exercício da parentalidade**

O casal mencionou as funções parentais e como são exercidas. Mariana, aludindo à situação de Ísis, depois que descobriu sobre o uso do narguilé, disse ao marido: *"eu preciso que você tenha uma conversa com ela, de pai pra filha [...] então, é você que vai ter que ter esse tipo de conversa, entra no quarto com ela, conversa, vê se ela precisa de ajuda, o que que ela precisa, aonde a gente pode ajudar"*. Além disso, referiu que estimulou o pai a ter mais momentos com as filhas, *"porque você vai ser a referência de homem que elas vão procurar lá fora, então, você que vai ter que fazer esse papel"*.

Notamos que, diante das dificuldades encontradas com a adolescência de Ísis, Mariana passou a solicitar um maior envolvimento de Gabriel, visto que, durante a infância ou mesmo quando as filhas eram recém-nascidas, o pai não era tão participativo nos cuidados: *"ele começava assim, a troca, né?, ajudar um pouco mais, depois que ficava um pouco maiorzinha, mas quando era recém-nascida mesmo, não*

*ajudava não*". Ao que tudo indica, em face das convocações da esposa, Gabriel tem atendido e se aproximou da filha, realizando os pedidos de Mariana. Ela entendeu que o marido soube lidar melhor com a Ísis do que ela, *"eu sempre acho que eu nunca tô preparada"*, especialmente quanto à adolescência, sua maior dificuldade, no relacionamento com as filhas.

Na perspectiva de Mariana, ela percebe que procura oferecer autonomia para as filhas: *"eu sempre tive é, deixar minhas filhas assim, na liberdade mesmo, pôr no chão mesmo, porque eu morava em fazenda, então, eu acho que criança tinha que ter isso, sabe, de pegar terra"*. Complementa com o fato de que as filhas frequentam a escola desde o berçário, mesmo que, para ela, era sofrido deixá-las na escola, mas como era necessário trabalhar, com o tempo, foi se tranquilizando.

Em relação às situações de frustração e de exigência dos "nãos", Gabriel comentou: *"eu não tenho problema com isso, não"*. Por outro lado, Mariana confessou: *"eu tenho problema com o não, na minha vida toda"*. Disse que, se alguém lhe pede algo, ela tem muita dificuldade em dizer não, independentemente de quem for a pessoa. Com as filhas, Mariana acaba solicitando que o pai intervenha, se for preciso: *"pra eu falar um não pra elas, eu já sofri horrores, então, quando eu, né?, literalmente, aquele 'não' mesmo, que não tem jeito, eu falo pra ele, já vou jogar pra você, você já fala 'não' e acabou, elas nem discutem com ele, comigo ficam... 'mãe, mas isso, mas aquilo'"*. A mãe percebe que, *"às vezes, elas têm um pouco mais de receio com ele"*, então, pede para que o marido fale o "não" e as filhas *"nem rebatem mais, não, não ficam discutindo"*.

Mariana relatou que o pai é muito observador, *"ele fala assim pra elas, 'olha, eu já venho observando isso, isso e isso desde tanto tempo e tal', 'olha lá, hein?, isso aí precisa mudar, hein?', e é uma vez só"*. Enquanto ela tem uma conduta diferente: *"eu fico cobrando, eu fico falando, eu sou chata, né?, a bruxa, né?"*.

Quanto às dificuldades de Gabriel em relação à convivência em família e com as filhas, ele mencionou que eles não possuem dificuldades com suas famílias de origem, se dão bem com a família de cada um. Mariana comentou que uma dificuldade que possuem é em relação ao limite de tempo no celular, ao que Gabriel comenta: *"essa é a maior dificuldade"*. Ele explicitou que as filhas não costumam sair de casa sozinhas, não ficam na rua, por isso, eles as deixam ficar um pouco mais no celular. Gabriel entende que ficar na rua é mais perigoso, *"então, na rua é pior ainda, você*

*não sabe o que que elas estão fazendo na rua, você não sabe o que pode acontecer na rua*". Mariana complementou: *"estão sempre com a gente, né?, é o que eu falei pra você, uma festinha ou outra que a gente acaba, né?, levando, buscando, e vai, mas, caso contrário, tá sempre com a gente, tudo que a gente vai fazer, tudo que a gente planeja é junto com elas, pra tudo"*.

No que diz respeito às relações entre a conjugalidade e a parentalidade, Mariana disse que eles possuem um combinado de não esconderem as coisas um do outro: *"a gente sempre teve esse negócio também de eu, principalmente de não esconder as coisas dele"*. A mãe afirmou que, enquanto casal, já pensaram em se separar, não explicando os motivos, contudo, atualmente, *"os nossos desafios agora é em relação às meninas mesmo, a criação delas"*, evidenciando que as dificuldades maiores se relacionam à parentalidade.

De acordo com o casal, a família é um aspecto importante em suas vidas; segundo Mariana, *"eu sempre gostei muito dele e, as nossas famílias sempre se deram muito bem"*, realçando a importância da construção de sua própria família. Para Gabriel, continuaram juntos, *"porque, às vezes, mesmo quando acontecia alguma briga, a gente ia, ia, mas a gente voltava, era para acontecer mesmo"*, demonstrando a importância da superação das dificuldades em conjunto. Além disso, Gabriel comentou que as filhas fortalecem o casal, pois, após a briga, existem as filhas para acalantar, *"mas o filho ajuda também a união do casamento, que, às vezes, você briga, fica ali, você tá triste, aí vem um ali, que nem a Júlia mesmo, em casa, ela vem, e abraça e fala que eu te amo"*.

O casal colocou a família como prioridade. Segundo Gabriel, *"a família, acho que ela é tudo na nossa vida"*. Para Mariana, *"às vezes, eu saio pra comprar alguma coisa pra mim, eu não consigo, mas eu compro pra elas e já fico feliz da vida"*. Sobre as mudanças após o nascimento das filhas, a mãe comentou: *"hoje não, não é, pensando só em mim, só nele"*, ao que Gabriel complementou: *"o pensamento é diferente, o pensamento é em nós todos, nos cinco, não é nós dois mais"*.

Mariana ressaltou ter notado que foi mudando, ao longo do tempo, e que *"hoje eu consigo lidar com algumas coisas melhor do que quando a gente iniciou o nosso casamento"*, pois consegue conversar de forma mais tranquila e se sente mais segura. Segundo Mariana, as brigas do casal acontecem de forma privada, *"eu e o Gabriel, a*

*gente sempre teve isso, de brigas, por exemplo, a gente nunca teve de, de ficar, brigando na frente delas”.*

#### **6.1.6 Os legados familiares**

Neste ponto, apresentamos as reflexões acerca das considerações realizadas pelo casal a respeito da educação que receberam de suas famílias de origem e as repercussões na parentalidade por eles exercida.

Gabriel afirmou que ele não dava muito trabalho aos pais, que hoje as crianças têm muita informação e, às vezes, passam um pouco do limite: *“a gente sempre obedeceu muito, porque a gente tinha, às vezes, a gente tinha até medo deles, que é que aquela época se apanhava muito”*, comentando que os pais ficavam bravos e chegavam a bater de cinta. Para Gabriel, *“era uma educação diferente, mas era uma educação, eles eram mais rígidos, e eles tinham menos conhecimento”*, ao que Mariana acrescentou: *“E com amor, tinha amor”*. Gabriel afirmou que, *“às vezes, eu chegava, eles conversavam, a educação, o respeito, nossa, pensa, o, até hoje, minha mãe, tem que dar bença pra ela”*. O pai relatou que *“a proximidade, o respeito por eles, e a educação que eles nos deu acho que são, foi válida, muito boa”*.

Mariana falou sobre a educação que recebeu dos pais: *“eles não tinham também toda essa informação que se tem hoje, então, assim, diálogo era muito pouco”*, que ela apanhava porque aprontava muito, *“às vezes, eu apanhava por conta disso, mas não de desobediência, era de fazer arte mesmo [...], não por falta de educação”*. Ela afirmou que a sua mãe era muito companheira e amiga: *“com a minha mãe a gente conversava bastante”*. Comentou que o seu pai trabalhava muito, *“ele era mais fechado”*, a convivência maior ocorria durante o jantar e à noite: *“meu pai não sabia ter um momento assim, de conversa e carinho, então, pra ele, se ele comprasse as coisas, era a forma dele agradar”*.

Sobre as diferenças que eles perceberam, na relação estabelecida com suas filhas, Gabriel enfatizou: *“a gente é mais próximo com os nossos filhos”*. Sobre a tradição de dar a bênção, Gabriel comentou que eles cobram das filhas que peçam bênção à avó, *“mas os nossos filhos, nossos, não são assim com nós”*. Mariana afirmou que conversa com as filhas, para que elas se aproximem do pai e ele possa

se abrir, mas *“ele não é muito dele chegar e ele ir abraçar, ele, então, eu falo para as meninas, ‘mas vocês podem fazer isso, porque o seu pai, às vezes, não faz isso porque ele não recebeu’, então ele é mais fechado, hoje ainda ele se abre bem mais”*. Conforme Gabriel, eles procuram ensinar para as filhas a parte boa que receberam e transformar o diferente que os próprios pais não tiveram condições de fazer, como *“eles não puderam que, às vezes, não tinha condição de, a você precisa trabalhar, se não a gente não consegue, e hoje, a gente tenta fazer é, ‘vocês precisam estudar pra vocês terem lá na frente, um você poder dar o melhor, pra sua família, você ter uma profissão’”*.

Quanto aos aspectos que receberam dos pais e que influenciam a educação das filhas hoje, Mariana comentou: *“minha mãe sempre me ensinou que pra gente ter as coisas, a gente precisa batalhar”* e que partilha isso com as filhas: *“as coisas não são fáceis mesmo, tudo, né?, requer, estudo, é, trabalho, você buscar as coisas, que nem eu falo pra elas, a gente limpou a casa hoje, todas limpam a casa junto comigo”*. Além disso, Mariana afirmou: *“eu aprendi com a minha mãe que todo mundo tem que ajudar todo mundo”*, de forma que ninguém fica sobrecarregado e todo mundo aprende. Assim, ela diz para as filhas: *“ninguém nasceu sabendo, vamos fazer junto, vamos aprender”*.

Gabriel frisou que trouxe muito do que aprendeu com os pais, como *“o respeito, a educação, isso aí, pelo menos da minha família, vem de lá de trás, eu aprendi muito, até, no caso, a cabeça mesmo, né?”*, referindo-se ao que os pais ensinaram ser certo ou errado, caso contrário *“às vezes, você já tinha caído aí, no mundão, às vezes, na má influência de um amigo”*, e a importância da educação recebida: *“a cabeça vem na onde, no que eles passaram, ó, não é assim, não vai, você precisa fazer isso”*. Mariana explicou que procuram ensinar suas filhas sobre os perigos do uso de substâncias: *“a gente sempre foi falando pra elas e pontuando algumas coisas, ‘olha, você viu o que aconteceu, né?, com tal pessoa, você tem esse caminho e você tem esse, né?, porque vai optar então por fazer coisa errada’”*.

Gabriel aludiu a outro aspecto sobre a educação que receberam e procuram transmitir, demonstrando que, apesar de procurarem mudanças, certas coisas podem ser mantidas: *“eu penso que, se é meu filho, se precisar, apanhar vai apanhar, lógico, não vou espancar, não vou, mas a gente sempre apanhou, não porque quer, mas nós apanhamos, às vezes, por causa de nada”*.

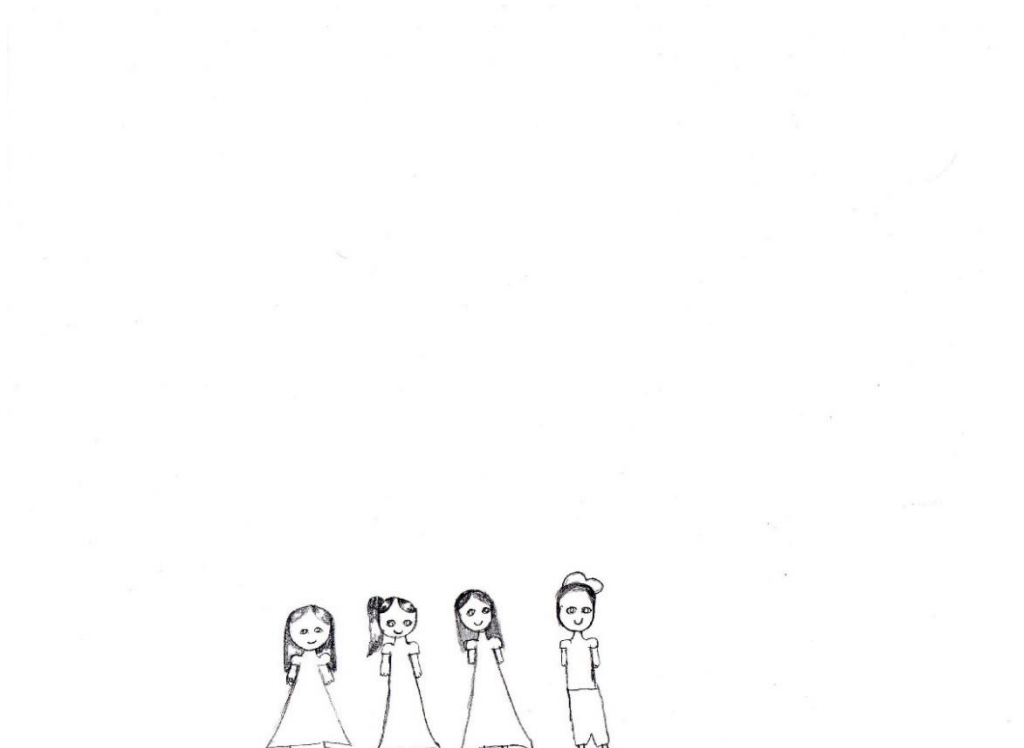
Além disso, Mariana admite que transmitem valores de acordo com a religião, como *“falo, ‘ó, não é certo’, pra se constitui família, precisa de um casal, um homem e uma mulher, por mais que faça uma adoção, não é a vida constituir uma família, então, este tipo de conversa a gente sempre tem, até por conta da igreja mesmo, da nossa crença”*.

#### **6.1.7 O encontro com Júlia**

O encontro com Júlia aconteceu em uma sala privada no Projeto Social descrito no capítulo metodológico. A apresentação da pesquisadora foi feita pela educadora responsável da sua turma, sendo que a família foi avisada antecipadamente e orientada a conversar com Júlia, sobre o procedimento que seria realizado. Entramos na sala, expliquei como seria feita a atividade, li o Termo de Assentimento e ela concordou em participar e assinou duas vias, sendo que uma ficou com ela. Dessa maneira, foi solicitado a ela que fizesse os quatro desenhos de família propostos por Trinca (2013b), seguidos da estória sobre os desenhos, realização do inquérito e a solicitação de um título para cada produção. As falas de Júlia foram preservadas na íntegra, visando a trazer uma aproximação mais efetiva com a aplicação, não sendo modificados possíveis erros gramaticais. A duração total do encontro com Júlia foi de aproximadamente uma hora e vinte minutos. As quatro produções de Júlia são focalizadas a seguir.

#### **6.1.8 Desenhe uma família qualquer**

**Figura 2** - Desenho 1.2 – Desenhe uma família qualquer - Júlia



**Fonte:** Dados da pesquisa - Júlia

Entreguei a Júlia uma folha na posição horizontal e pedi que desenhasse uma família qualquer, com os materiais disponíveis na mesa, constituídos por lápis de cor e lápis preto nº 2. Ela perguntou: “*qualquer?*”. Eu confirmei e ela iniciou a produção. Os personagens do desenho foram desenhados em sequência, iniciando pela esquerda até a direita. Ela perguntou, durante o momento de realização do desenho, com quantas pessoas devia ser desenhada a família e eu respondi que ela podia decidir.

Após o término do desenho, solicitei que ela contasse uma estória sobre ele; ela ficou um tempo olhando o desenho e depois respondeu: “*eu não sei criar uma estória*”, sorrindo um pouco, como que envergonhada, por entender que não sabe. Foi feita uma estimulação, da forma proposta por Trinca (2013b), indicando que ela poderia iniciar contando quais elementos estão presentes no desenho. Complementei que a estória não precisaria ser algo que aconteceu na realidade, que ela poderia inventar.

A Estória: Família unida

*“Eles estão bem felizes...”* [Ela pausa e olha o desenho por longo tempo e demonstra angústia, por não saber como seguir. Eu procuro acalmá-la, dizendo para ela ficar tranquila e que não existe uma forma certa ou errada de fazer]. *“Essa aqui ela era menor”* [apontando a primeira figura humana desenhada, da esquerda para a direita]. *“E essa aqui era mais velha”* [referindo-se à segunda figura humana desenhada, da esquerda para a direita]. *“Essa menina aqui”* [indicando a primeira] *saiu com o pai dela e com a mãe dela e essa aqui [mostrando a segunda] ficou em casa. Não sei mais”*.

#### Conversando sobre a estória

Perguntei a ela, após a conclusão da estória, se podíamos conversar sobre ela, ao que ela confirmou. Questionei: *“como a menina que saiu com os pais se sentiu, saindo com eles?”*, ela respondeu: *“feliz”*. Perguntei: *“o que eles foram fazer?”*, e Júlia respondeu: *“no parquinho”*. Questionei: *“como que foi para essa outra que ficou em casa?”* e ela respondeu: *“ela ficou triste”*. Perguntei a Júlia: *“o que aconteceu para uma sair e a outra ficar em casa?”*, e ela respondeu: *“os pais dela brigaram com ela e deixaram ela de castigo”*.

Questionei *“e por que que eles brigaram, o que aconteceu?”*, e Júlia respondeu: *“ela saiu sem permissão”*; perguntei: *“e ela saiu para fazer o quê?”*, ao que ela respondeu: *“ir no shopping com as amigas”*. Questionei: *“e como foi quando os pais descobriram, o que eles fizeram?”*, e Júlia disse: *“ficaram muito bravos, deixaram ela de castigo”*. Eu perguntei: *“qual foi o castigo?”*, e ela respondeu: *“ficar dentro de casa por uma semana”*.

Perguntei: *“e o que essa que foi com os pais achou da outra que saiu sem permissão para ir no shopping?”*, ela respondeu: *“errado”*. Eu perguntei: *“errado por quê?”*, e ela disse: *“porque ela fez”*. Questionei: *“e o que essa que saiu com os pais achou dos pais terem colocado a outra de castigo?”*, e ela disse, depois de pensar um pouco: *“ela achou bom pra ela nunca mais fazer isso”*.

Questionei: *“e essa daqui prefere sair com os pais com ela ou sem ela?”* Ela disse: *“junto”*. Eu perguntei: *“por que ela prefere junto?”*, e ela disse: *“porque fica uma família unida”*. Indaguei: *“o que aconteceu com ela, quando ela ficou em casa?”*, e Júlia respondeu: *“ela tentou sair, mas não conseguiu”*, e eu pedi que complementasse: *“e o que aconteceu?”*, ao que ela respondeu: *“os pais dela chegaram”*. Perguntei: *“e o*

*que aconteceu, quando os pais chegaram?”*, e ela respondeu: *“viu ela tentando sair”*. Questionei: *“e quando os pais viram ela tentando sair?”*, e ela disse: *“deixou ela mais uma semana de castigo”*.

Quando perguntei *“o que aconteceu depois que acabou o castigo?”*, ela respondeu: *“ela ficou bem feliz e nunca mais fez isso”*. Questionei: *“e os pais, como ficaram depois do castigo?”*, e Júlia disse: *“eles ficaram bem feliz que ela nunca mais fez aquilo”*.

Pedi a ela um título e ela respondeu: *“Família unida”*.

#### Análise do desenho e da estória

O desenho de Júlia foi feito em lápis nº 2, sem a presença de cores, ocupando a metade inferior da página, que pode refletir uma vivência mais voltada à realidade do que à fantasia e a traços depressivos (Soifer, 1992).

A filha mais velha contraria os pais, sai sem permissão, acaba sofrendo um castigo e fica triste, enquanto a mais nova é premiada e pode passear.

Júlia traz uma angústia relacionada ao impacto que a irmã mais nova sente, frente ao conflito entre os pais e a irmã mais velha, entendendo que, a partir dessas brigas, a família fica separada. Compreende que seria melhor a irmã mais velha ser castigada, para que aprendesse a não desobedecer, na expectativa de que isso pudesse minimizar as brigas, no meio familiar.

Mesmo de castigo, a irmã mais velha não aceita a imposição dos pais e tenta sair novamente sem permissão, porém, os pais a veem e acabam aplicando mais uma semana de castigo. A estória, aprofundada durante o inquérito, traz uma resolução que talvez seja a mais desejada pela filha mais nova: a ausência de conflitos, visto que a irmã não desobedece mais e todos ficam felizes, o que também é refletido no título *“Família unida”*.

#### **6.1.9 Desenhe uma família que você gostaria de ter**

**Figura 3** - Desenho 1.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter – Júlia



**Fonte:** Dados da pesquisa - Júlia

Quando eu pedi para que Júlia desenhasse uma família que ela gostaria de ter, ela respondeu: *“não tem nenhuma, a minha já tá bom”*. Eu respondi :*“pode desenhar”*. E ela perguntou: *“eu vou pintar, tá?”*. Iniciou o seu desenho pelo céu, depois o sol e o solo. Ela desenhou a primeira figura humana, da esquerda para a direita. Depois, ela questionou: *“é pra desenhar eu?”*, e eu respondi: *“o que você quiser, é a família que você gostaria de ter, o que você quiser”*, e ela comentou: *“então vou desenhar a minha”*. Ela desenhou em sequência, da esquerda para a direita, a segunda personagem, depois iniciou a cabeça da terceira, pediu para ir ao banheiro e eu autorizei. Ao voltar, terminou a terceira personagem, depois fez a quarta e a quinta. Após os desenhos das figuras humanas, ela disse: *“eu vou pintar”*, porque até então tinha feito o contorno dos desenhos humanos com lápis número 2. No final, eu pedi que ela contasse uma história sobre o desenho. Ela ficou olhando para o desenho em silêncio e depois contou o relato a seguir.

A Estória: Minha família

*“Essa daqui sou eu [aponta a primeira figura da esquerda para a direita]. Essa daqui é a minha irmã do meio [aponta a segunda]. E essa daqui é a minha irmã mais velha [indica a terceira]. E essa daqui é minha mãe [mostra a quarta]. E esse é meu pai [aponta o quinto]. Um dia a gente foi passear [pausa]. Minha prima foi junto. Eu e ela a gente foi brincar. E meu pai e minhas duas irmãs ficaram sentados e a minha mãe também. Depois meu pai comprou sorvete pra mim e pras minhas duas irmãs e pra minha prima. E depois a gente tomou e foi pra casa. Não sei mais”.*

#### Conversando sobre a Estória

Perguntei: *“como é a relação entre as irmãs?”*, e ela disse, sorrindo: *“elas brigam bastante”*. Questionei: *“e o que acontece para elas brigarem?”*, e ela respondeu: *“eu irrito elas”* – e rimos juntas. Eu perguntei: *“de que jeito”*, e ela disse: *“não sei, mas eu irrito elas”*. Indaguei: *“o que elas fazem, quando estão irritadas?”*, e ela disse: *“nada”*.

Quando perguntei: *“e como foi esse passeio da estória?”*, ela respondeu: *“foi bem legal”*. Questionei: *“e o que você achou do pai comprando sorvete?”*, e Júlia respondeu: *“bom”*. Perguntei: *“o que aconteceu que só você e a prima brincaram?”*, e ela respondeu: *“elas não gosta de brincar”*. Perguntei: *“e como é a relação de cada uma das filhas com a mãe?”* Ela apontou para a terceira personagem, da esquerda para a direita, e disse: *“minha mãe briga bastante com ela”*. Questionei: *“e o que acontece para a sua mãe brigar?”*, e ela respondeu: *“tem vezes que ela não ajuda essa daqui [aponta para a segunda] a arrumar a casa”*. Perguntei: *“e como que a filha reage, quando a mãe briga?”*, e ela respondeu: *“ela fica brava”*. Indaguei: *“o que você acha disso?”*, e ela disse: *“não sei”* e sorriu.

Continuei a questionar: *“e a relação da mãe com essa [aponto para a segunda figura]?”*, e ela disse: *“essa daqui também não arruma a casa”*. Perguntei: *“e o que a mãe faz?”*, e Júlia disse: *“fica brava também”*.

Perguntei: *“e a relação da mãe com essa [aponto para a primeira]?”*, ao que ela respondeu: *“às vezes, ela fica brava comigo também, é que eu não arrumo o quarto, quando é para arrumar, eu esqueço”*. Questionei: *“e o que a mãe faz?”*, e Júlia disse: *“ela pede pra gente arrumar o quarto”*. Perguntei: *“e o pai, o que ele faz?”*, e ela respondeu: *“nada, às vezes, ele fala só pra gente arrumar o quarto, quando ele tá de folga”*. Questionei: *“e como é a relação com essa prima?”*, e ela disse: *“bom”*.

Perguntei: “*o que aconteceu depois que todos voltaram para casa?*”, e Júlia completou: “*nada*”.

Pedi um título, e ela respondeu “*Minha família*”.

#### Análise do desenho e da estória

Apesar de o desenho se concentrar na metade inferior da página, ele apresenta uma vivacidade através do uso de cores e a inserção do céu, sol e linha de solo, elementos que são desenhados primeiro, como se oferecessem uma “sustentação” para que a família que ela gostaria de ter fosse desenhada depois, sendo essa a sua própria família.

No desenho, a irmã mais velha apresenta tamanho maior do que todos, incluindo a mãe e o pai, além de ser desenhada no centro, evidenciando o impacto que as vivências com essa filha gera na dinâmica familiar.

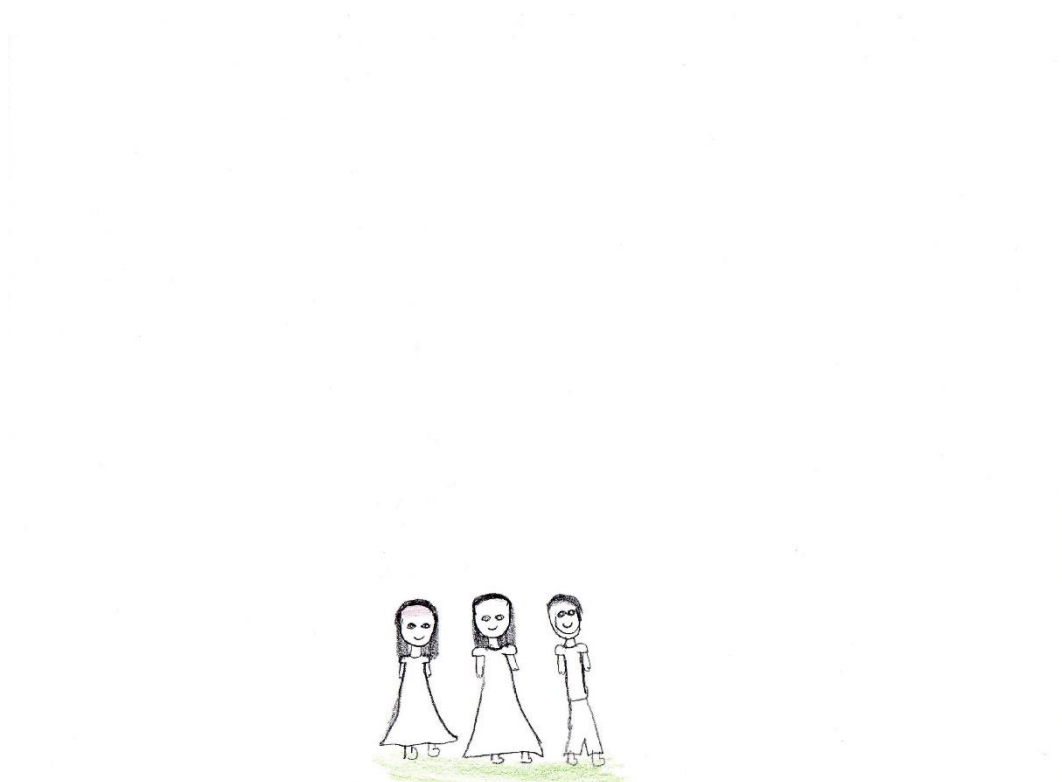
Júlia relata, no inquérito, brigar bastante com as irmãs, admitindo que as irrita. No passeio durante a estória, as irmãs não brincam entre si, pois as mais velhas não gostam de brincar, cabendo à irmã mais nova brincar com sua prima.

A relação da mãe com a filha mais velha é apontada, no inquérito, como a mais conflitiva, porque a filha não quer obedecer à mãe e auxiliar nas tarefas de casa, sendo que a mãe “*briga bastante com ela*”. A mãe é apresentada como a figura que fica brava e briga com as filhas, quando elas não cumprem as tarefas relacionadas à casa. Porém, com a filha mais nova, ela fica brava, “às vezes”, demonstrando menor nível de conflito.

O pai aparece como figura menos presente, a qual direciona o que deve ser feito, quando ele não está trabalhando, sendo que, no restante do tempo, a mãe funciona como a figura mais presente. Mesmo sendo a família que ela gostaria de ter, os conflitos familiares, especialmente com a filha mais velha e a mãe, ficam intensos, à medida que a mais velha questiona o que é solicitado pela figura materna.

#### **6.1.10 Desenhe uma família em que alguém não está bem**

**Figura 4** - Desenho 1.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Júlia



**Fonte:** Dados da pesquisa - Júlia

Ao solicitar que Júlia desenhasse uma família em que alguém não está bem, ela questionou: “*qualquer família?*”, e eu afirmei que sim. Ela também perguntou: “*com quantas pessoas*”, e eu disse: “*quantas você quiser*”. Júlia iniciou o desenho com a primeira figura humana da esquerda para a direita, pintando a testa de vermelho, em seguida, fez a segunda figura. Na terceira figura, ela desenhou a cabeça e pediu uma borracha, contudo, eu respondi que não tinha, ao que ela continuou e finalizou o desenho. Pedi então que ela contasse uma história sobre o desenho.

A Estória: A menina ficou doente

*“Essa menina aqui [apontando a primeira figura humana, da esquerda para a direita], ela tá muito doente. E a mãe dela ficou muito preocupada. A mãe dela e o pai dela levaram ela no médico. E aí o médico disse que ela estava com muita febre. Aí a mãe dela ficou mais preocupada ainda. E ela não melhorava [pinta o solo]. E aí a mãe dela levou ela no médico de novo. E aí o médico disse que precisava dar remédio. E aí a mãe dela foi dando remédio e ela melhorou. Depois que ela melhorou, a mãe dela ficou muito feliz. Só.”*

### Conversando sobre a Estória

Perguntei a Júlia: “e como a menina se sentiu?”, e ela perguntou: “na hora que ela tava doente?”. Eu confirmei e ela respondeu: “se sentiu muito triste”. Questionei: “e quando ela foi no médico e, mesmo assim, não resolveu?”, e ela falou: “porque ela tava com uma febre muito alta”. Perguntei “e o que ela tinha?”, e ela respondeu: “febre”.

Indaguei: “e a mãe, o que ela fez?”, e Júlia perguntou: “depois que ela não melhorou?”; eu confirmei e ela respondeu: “levou ela no médico de novo”. Eu perguntei: “e o pai, como ele se sentiu, vendo ela doente?”, e ela respondeu: “bem triste”. Questionei: “e o que ele fez, vendo que ela não melhorava?”, e Júlia disse: “falou para a mãe dela que tinha que dar remédio”. Perguntei: “o que a menina achou do cuidado da mãe dela, quando ela estava doente?”, ao que ela respondeu: “gostou do cuidado que a mãe deu até”.

Questionei: “e o que ela achou da forma que o pai agiu, quando ela estava doente?”, e Júlia respondeu: “que ela não queria tomar remédio”. Perguntei: “como foi para ela ter que tomar remédio?”, e Júlia afirmou: “ruim”. Indaguei: “e depois que ela melhorou, o que aconteceu?”, e ela respondeu: “ela ficou bem feliz, ela, a mãe dela e o pai dela”. Perguntei: “por que será que ela ficou doente?”, e Júlia disse: “porque ela não se cuidava”. Questionei: “e o que ela fazia?”, e ela respondeu: “ela só ficava tomando friagem”.

Pedi a ela um título e ela deu: “A menina ficou doente”.

### Análise do desenho e da estória

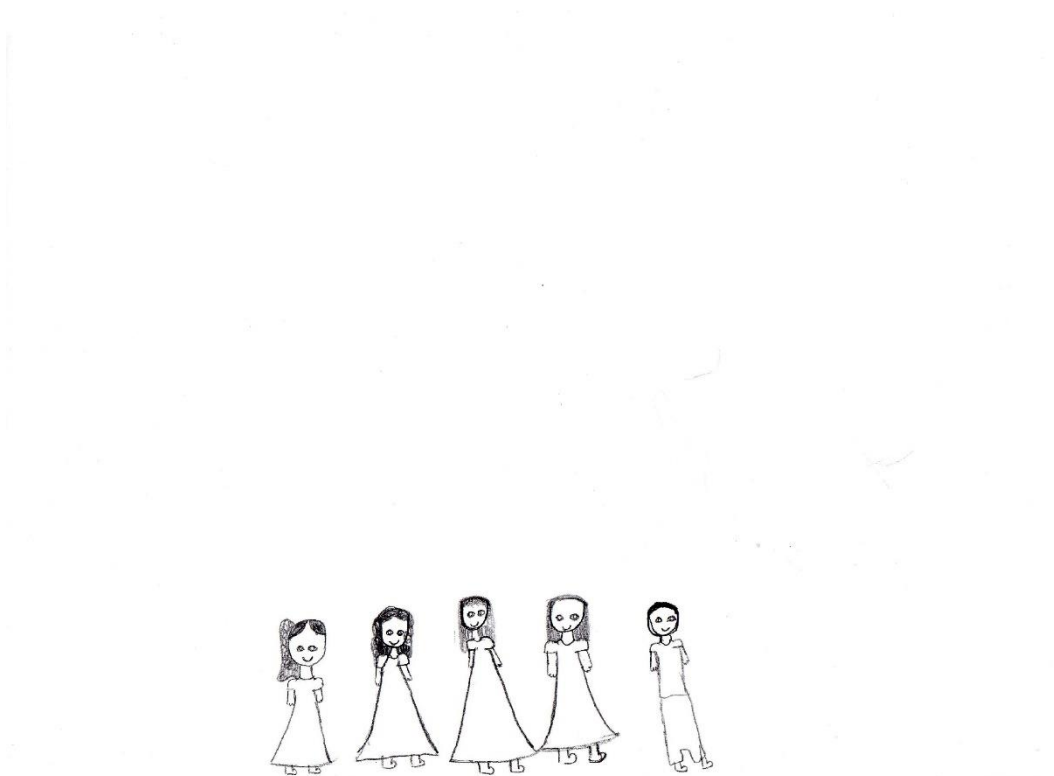
Novamente, o desenho é feito utilizando a parte inferior da página, sendo colorido somente o solo e a testa da menina. Uma família em que alguém não está bem é aquela na qual a menina fica doente e os pais se preocupam, procurando curá-la e tendo de procurar o médico, mais de uma vez, para que fosse encontrada a solução.

A mãe fica muito preocupada, porém, é o pai que oferece a solução, quando a filha não melhora, dizendo para a mãe que a menina precisava de remédio. A filha diz que gostou do cuidado que a mãe deu até.

A filha sente culpa por sua doença, visto entender que ela não se cuidava e só tomava friagem, podendo indicar o quanto Júlia pode se culpabilizar por momentos nos quais preocupa os pais.

#### 6.1.11 Desenhe a sua família

**Figura 5** - Desenho 1.5 – Desenhe a sua família - Júlia



**Fonte:** Dados da pesquisa - Júlia

Solicitei a Júlia que desenhasse a sua família, e ela o fez em sequência, da esquerda para a direita, a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta figura humana. Ela fez o desenho em silêncio. Ao término, disse: “*pronto*”. Pedi que ela me contasse uma história sobre o desenho, mas ela respondeu: “*não sei*”. Sugeri que ela olhasse o desenho e que ela poderia inventar. Júlia fez uma pausa e depois disse novamente: “*não sei*”. Eu estimulei, dizendo que ela podia olhar mais o desenho com calma. Perguntei a ela: “*olhando aí, o que você acha que está acontecendo?*”, e ela disse: “*eles estão felizes*”.

Ela ficou mais um tempo em pausa e eu sugeri que ela primeiro me dissesse quem estava no desenho, antes de me contar a história. Ela disse: “*eu, minha irmã*”.

*Lara, a do meio, essa daqui é a mais velha, Ísis, essa daqui é minha mãe e esse é o meu pai*” [ela aponta de acordo com a sequência da esquerda para a direita]. Eu disse que ela foi muito bem até o momento, conseguiu, mesmo quando achava que não sabia e ela concordou; então, ela fez uma pausa e iniciou a estória.

#### A Estória: Família linda

*“Um dia eu fui pra escola e ela também [aponta a segunda], e ela faltou [aponta a terceira], porque ela tava com muita dor de garganta. E meu pai e minha mãe foi trabalhar. E aí minha mãe chegou e ela [aponta a terceira] não tinha feito nada pra ajudar minha mãe em casa. E minha mãe ficou muito brava. Não sei mais.”*

#### Conversando sobre a Estória

Elogiei Júlia por ter conseguido finalizar a estória e propus que conversássemos sobre ela. Perguntei: *“o que ela (terceira) achou da mãe brigar com ela?”*, e ela respondeu: *“ficou bem triste”*. Questionei: *“e o que aconteceu depois que a mãe ficou muito brava?”*, e ela disse: *“voltou a trabalhar”*. Perguntei: *“e depois que as duas brigam, o que acontece?”* Júlia responde: *“depois que minha mãe voltou a trabalhar, ela fez, arrumou a casa inteira”*.

Questionei: *“Mas e a dor de garganta que ela estava?”*, e ela respondeu: *“tinha melhorado”*. Perguntei: *“o que ela achou (primeira) da briga com a outra irmã?”*, e ela respondeu: *“nada”*. Questionei: *“e depois que ela arrumou toda a casa?”*, e Júlia disse: *“a mãe ficou muito feliz”*. Perguntei: *“e o pai, fez o que?”*, e ela respondeu: *“nada, ele também ficou muito feliz”*. Questionei: *“e o que o pai achou da mãe brigar com a filha?”*, e ela disse: *“ele ficou bravo”*. Eu complementei: *“e como foi?”* e Júlia não respondeu. Indaguei: *“o que ele faz, quando ele fica bravo?”*, e ela disse: *“nada”*. Questionei: *“como você sabe que ele está bravo?”*, e ela respondeu: *“ele fala ‘você não arrumou a casa?’”*.

Questionei: *“e a mãe, fez alguma coisa pra dor de garganta da filha?”*, e ela respondeu: *“deu remédio”*. Perguntei: *“o que a filha achou da mãe ter dado o remédio?”*, e ela respondeu: *“bom, porque ela queria melhorar logo”*.

Pedi que ela desse um título para a estória e ela a nomeou de *“família linda”*. Perguntei: *“o que você acha lindo na família?”*, e ela respondeu: *“a relação”*; perguntei: *“como é?”*, e ela respondeu: *“boa”*.

Encerrei a aplicação do procedimento e agradei a Júlia pela sua participação, valorizando o fato de ela ter-se dedicado em fazer as atividades.

#### Análise do desenho e da estória

O desenho da sua família é feito na metade inferior da página, em preto e branco, diferentemente da família que ela gostaria de ter, a qual é colorida. Os membros da família são desenhados na mesma posição, sendo que, nesse desenho, a irmã mais velha e a mãe possuem aproximadamente o mesmo tamanho e o pai é desenhado um pouco abaixo, sendo as duas que possuem maior destaque. Ao contar a estória, ela tem dificuldades em iniciá-la, demonstrando possíveis angústias, ao mesmo tempo que tenta se defender, dizendo que todos estão felizes.

A estória retrata que as duas filhas mais novas estão bem e vão para a escola, cumprindo o que é determinado pelos pais. A irmã mais velha fica doente e não faz o que é solicitado pela mãe, nas tarefas de casa, de forma que a mãe fica muito brava com ela, ainda que esteja doente.

No desenho anterior, alguém não está bem, quando a filha fica doente e os pais ficam preocupados. Nesse desenho, a irmã mais velha aparece como doente, mas, ao invés de se preocuparem, os pais ficam bravos. A doença pode simbolizar que essa filha manifesta o contrário do que os pais desejam, pois não cumpre o que lhe é cobrado.

O conflito entre a filha mais velha e a mãe fica nítido: a adolescente fica triste, mas acaba cumprindo o determinado, momento no qual sua dor de garganta melhora, pois deixa os pais felizes. Na estória, a mãe oferece um remédio e a filha melhora. O pai fica bravo, porém, não apresenta uma postura central na estória; ele questiona se a casa não foi arrumada, como que indicando que o trabalho deve ser feito. Na entrevista, os pais relatam que o pai é o que fala menos, mas, quando conversa, é direto e as filhas cumprem de imediato, enquanto, com a mãe, ela fala mais vezes e as filhas possuem maior questionamento.

#### Síntese da análise dos desenhos

Nos desenhos e nas estórias, existe uma diferenciação significativa entre a forma como as filhas são percebidas e os impactos no relacionamento familiar, através do modo com o qual Júlia identifica essas vivências. A filha mais nova é apontada

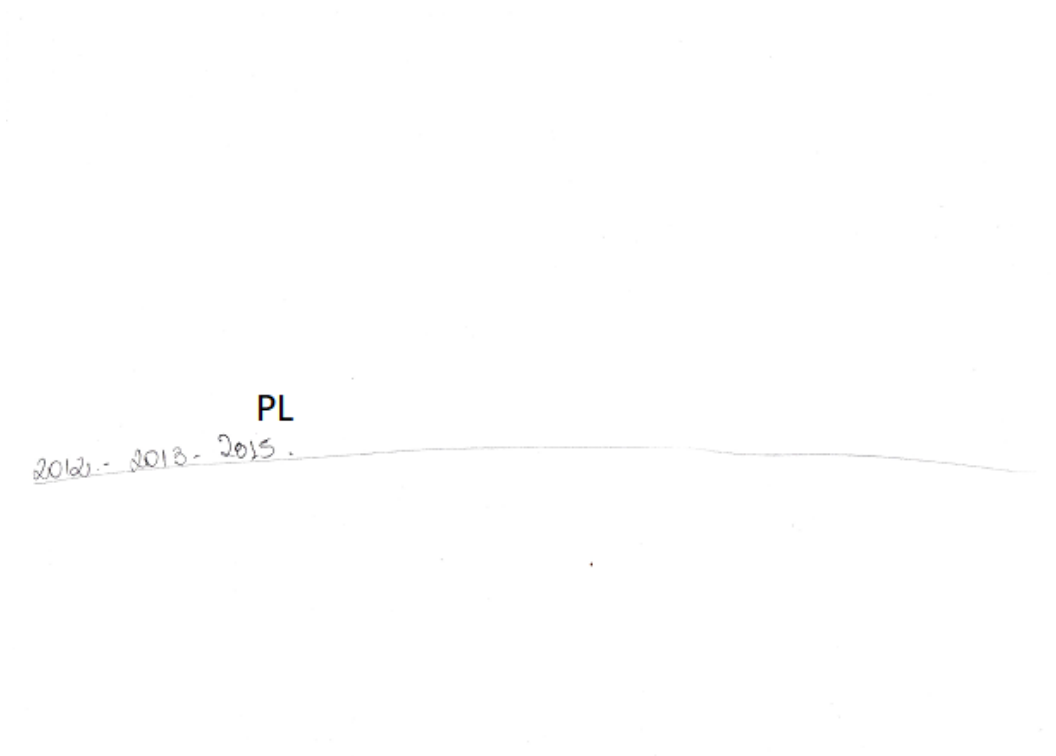
como aquela que brinca, obedece aos pais, vai à escola, cumprindo o que é esperado pela família. A filha mais velha é aquela que questiona, não obedece aos pais, refletindo uma conflitiva significativa entre filha adolescente e mãe, as quais ficam em posição central nos desenhos e possuem tamanho maior. A filha mais nova, Júlia, deseja que esse vínculo possa ser transformado e que tenham menos conflitos, no meio familiar. A “doença” que preocupa os pais consiste no posicionamento da adolescente, a qual coloca em questionamento o que eles entendem como correto e o que esperam dela.

A mãe é apresentada como uma figura “brava”, quando o que ela pede para as filhas não é atendido, gerando brigas, enquanto o pai é aquele que direciona o que precisa ser feito e é mais direto, em seus posicionamentos, refletindo o que o casal havia comentado, durante a entrevista, sobre as suas posturas parentais.

## **6.2 Família 2**

A família é composta pela mãe Patrícia, de 31 anos, pelo pai Pedro Antônio, de 31 anos; a filha de Patrícia, Ana Livia, de 12 anos, fruto de um relacionamento anterior; e os filhos biológicos de Patrícia e Pedro Antônio, Pedro Lucas, de 6 anos, Samuel, de 4 anos, e Sara, de um ano e quatro meses. Eles possuem renda mensal de cerca de três salários-mínimos e meio. Pedro Antônio não teve filhos de outros relacionamentos. A criança que produziu o DF-E foi Pedro Lucas, de 6 anos, participante do projeto social. Uma breve descrição da história da família é apresentada na aplicação da técnica da linha da vida da família, a qual será sintetizada abaixo.

### **6.2.1 Linha da vida da família**

**Figura 6** - Desenho 2.1 – Linha da vida da família - Casal 2

**Fonte:** Dados da pesquisa - Casal 2<sup>2</sup>

O encontro com o casal aconteceu em uma sala privada do projeto social de que o filho Pedro Lucas participa, por preferência da família. O encontro como um todo, para aplicação das duas técnicas, teve duração aproximada de três horas e cinco minutos. No início do encontro, obtive as assinaturas dos Termos de Consentimento e a fiz a explicação dos objetivos da pesquisa, tendo os pais concordado em participar. Posteriormente, ocorreu o início da aplicação da primeira técnica, quando lhes solicitei que fizessem uma linha na folha entregue, cujo início da linha era o ponto onde eles entendiam que começou a família, pedindo que anotassem desde então os fatos mais marcantes da vida em família.

Patrícia afirmou que, no princípio da relação, ela já tinha a Ana Livia, a qual, na ocasião, tinha um ano e dez meses. Eles começaram a namorar e, com quatro meses, Patrícia e Pedro Antônio estavam morando juntos, em 2012. Pedi que colocassem a data na linha e Patrícia a acrescentou. Disse-lhes que podiam dar sequência, anotando os outros pontos. Pedro Antônio afirmou que é difícil falar, Patrícia explicou

<sup>2</sup> Foram modificadas as siglas que o pai, Pedro Antônio, colocou referente às iniciais do filho Pedro Lucas ("PL"), visando à preservação do sigilo.

que, em 2013, eles foram morar sozinhos. Antes moravam na casa da mãe de Pedro Antônio, devido às dificuldades financeiras. Como Pedro Antônio tinha acabado de se formar, eles relataram que foi difícil até que ele se estabelecesse profissionalmente. Em 2013, foram morar em uma casa de aluguel, onde Pedro Antônio afirmou que se consolidaram como família. Patrícia anotou o ano de 2013, na linha, representando esse período.

Ficaram juntos dois anos, até que Patrícia engravidou do Pedro Lucas, em 2015. Pedro Antônio escreveu 2015, na linha, e acima do ano, colocou as iniciais do nome do filho. Eles mudaram de casa, pela dificuldade em pagar aluguel com mais uma criança, e voltaram a morar na casa da mãe de Pedro Antônio, que estava desocupada, estando lá até hoje. Quando Pedro Lucas estava com um ano e seis meses, ela descobriu que estava grávida do Samuel, sendo que eles não imaginavam que iam engravidar tão rápido e ficaram preocupados, porque já tinham dois filhos. Samuel ficava internado várias vezes, por problemas respiratórios, de maneira que gastavam bastante com medicação. Pedro Antônio fala que *“a gente foi desenganado”* por um profissional quanto a Samuel, o qual recebeu um diagnóstico de deficiência auditiva, devido às infecções de ouvido constantes, de forma que ele teria um desenvolvimento atrasado; levaram isso para a creche e as professoras não concordaram. Patrícia afirmou que, *“milagrosamente, ele melhorou”*, e que ele é muito inteligente. Depois de três anos, Patrícia engravidou de Sara, chamando-a de *“nossa mascotinha”*, que atualmente está com um ano e quatro meses.

Os pais relataram que tiveram várias dificuldades, ao longo desse tempo, citando alguns exemplos específicos quanto a cada um dos filhos, os quais serão aprofundados a seguir. Após esses comentários, eu perguntei se gostariam de acrescentar algo e Pedro Antônio respondeu: *“acho que o que mais marcou foi a chegada de cada um deles”*, o momento de morarem juntos e a fase inicial.

Assim, finalizamos a técnica da linha da vida da família e demos sequência, com a entrevista.

### **6.2.2 Considerações a partir da entrevista e da linha da vida da família**

Serão apresentados, a seguir, os resultados alcançados a partir das entrevistas e das informações coletadas na linha da vida da família.

### **6.2.3 A recomposição familiar e suas experiências**

Na linha da vida da família, a primeira marcação sobre o início da família referiu-se ao início do relacionamento do casal atual, no qual a mãe Patrícia afirmou *que “foi no começo da relação, né?... porque eu já tinha a Ana Lívia, ela tinha um ano e dez meses”*. Após quatro meses de namoro, o casal começou a morar junto, ao que Patrícia comentou sobre Pedro Antônio: *“aí ele já virou pai, né? O Pedro assumiu a responsabilidade pra ele, e desde então a gente é família”*.

O casal apontou que experimentou vivências específicas, na parentalidade com Ana Lívia, as quais não ocorreram com os demais filhos, devido à interferência da família do pai biológico da adolescente. Até o nascimento de Pedro Lucas, Pedro Antônio afirmou: *“eu tive que passar a não aceitação da família do pai, a desconfiança sobre ela, por esse é um estranho, né?”* Ele sentiu uma cobrança muito grande e, em consequência disso, tem um certo receio de trocar até mesmo a filha biológica do casal. Ele confessou: *“eu tentei afastar ela um pouco de mim em alguns momentos, tinha um receio, e ela tentava me chamar de pai e eu tinha uma insegurança”*. Segundo Pedro Antônio, *“a gente demorou um pouco para criar um vínculo,”* que foi formado com cerca de cinco a seis anos, quando ela começou a dialogar com ele, o que fortaleceu o vínculo entre eles. Ele relatou: *“eu era um estranho, ela me via como um estranho e eu via ela como uma criança, não tinha, não a minha filha”*. Sobre a relação, na atualidade, ele comentou que *“hoje não, hoje talvez eu até babo demais, deixo fazer as coisas, mimo, levo para fazer tal coisa, é muito parceira”*. Pedro Antônio declarou que tanto a Ana Lívia quanto o Pedro são bem comunicativos, contando o que aconteceu no dia deles: *“sou o que mais converso com ela, vem me perguntar o que ela tinha que fazer e o que é certo”*.

Patrícia relatou que tiveram dificuldades com Ana Lívia, no nascimento dos outros filhos, porque a filha tinha ciúmes, inicialmente, de forma leve, no nascimento de Samuel, mas, depois que Sara nasceu, seu ciúme se intensificou, segundo Patrícia: *“quando veio a Sara, que foi menina, aí ela pôs na cabeça de que aí o pai não ia gostar mais dela, porque a Sara é filha dele mesmo”*. No entanto, a mãe

acrescentou: *“ela ficou com essas coisas e eu até pego no pé dele, assim, porque ele passa mais mão na cabeça dela [Ana Livia] do que os meninos, para os meninos é mais firme”*.

Patrícia relatou que a filha não gosta de auxiliar nas tarefas domésticas e nem de estudar, que a filha é *“preguiçosa”*, momento em que retiram coisas de que ela gosta: *“então a gente começou a cobrar e tirar, né? Essas coisas, então, ah, não vai, você não vai colaborar, não vai estudar, então não vai mexer no celular, não vai pra casa do seu pai, não vai para sua avó”*. Segundo Patrícia, ela acaba fazendo as atividades solicitadas, pois o pai biológico *“não é tão presente, agora que ele começou a pegar ela, mas nunca foi muito presente [...] então quando eu já falo que ela não vai, ela já, ah, então eu vou fazer as coisas, porque se ele já não me pega, o dia que ele vai pegar eu não for”*.

Pedro Antônio ressaltou: *“não sei se seria a fase, se seria o estilo dela, é ela que teve relacionamento com o pai dela, não é? É um pouco da personalidade dele devagar, pessoas sem muito pique, né? Faz aquelas coisas que interessa. Então ela puxou isso, essa característica”*. De acordo com Patrícia, *“é, ele tem dislexia, mas ela tem muito assim das características dele assim, é desanimada pra tudo, né? A gente só faz o que interessa, se interessa, aí ela é animada por fazer, senão, mas em outras questões ela não dá trabalho, né? Ela é bem-educada”*.

A mãe contou que Ana Livia *“tem essa necessidade de autoafirmação, ela fica pai você me ama? Mãe você me ama? Vó você me ama?”*, e complementou que *“ela fica numa cobrança assim que eu não sei se é relacionado ao pai não ser tão presente”*. Segundo a mãe, em relação ao pai biológico participar da vida de Ana, *“a gente nunca impediu dele... e ele trabalha três quadras da minha casa e não passa lá”*.

Segundo Patrícia, *“mas é dele, eu já cheguei mandar mensagem, olha, eu preciso que pelo menos você ligue, né? Ó, tá tudo bem?”*, porém, a mãe atribui esse distanciamento com a família de origem dele, *“porque é dele, a família, foi a criação dele que o pai com a mãe, eles são assim”*. A mãe referiu que a relação que ele tem com a filha é diferente daquela que ela tem com a própria mãe, *“eu vejo minha mãe todos os dias, porque eu busco ela do serviço”*. Ela complementa que o pai biológico de Ana Livia *“é desligado, só que aí ela vê ele passando perto de casa, aí ela já fica chorando que ele não gosta dela”*.

Pedro Antônio disse que, às vezes, ele passeia com outras crianças, e a filha demonstra irritação, por não tê-la convidado para ir junto: *“aí eu já sou do, do apaziguar, não, calma, às vezes, ele foi e não deu tempo de te chamar”*, enquanto Patrícia diz, nesses momentos, de acordo com o companheiro: *“está vendo? Você não dá valor, quando a gente faz”*, enquanto Pedro Antônio pede que não fale assim.

O pai biológico vive com uma companheira que já possui um filho e agora está grávida de um filho biológico de ambos. Conforme a mãe, Ana *“já ficava, aí que não ia querer que fosse menina, porque aí o pai dela não ia mais ligar pra ela”*. Patrícia disse que é difícil, *“que a gente sabe que ela tem essa necessidade de, de atenção dele, e é o que o Pedro fala aí e por mais que ele faça, ele não vai suprir, a parte que o pai não cumpre, né?”*

A mãe afirmou que Ana ficou chateada com a separação dos avós paternos, visto que o avô se distanciou e formou outra família, enquanto a avó o critica. Em relação ao avô biológico paterno, *“acho que mexe mais até do que a questão do pai, né? Porque ela fica mais abalada, se ele liga, ela já fica com uma cara de choro”*. Conforme Patrícia, *“porque o avô não precisava pedir, né?... nem implorar, ele mandava mensagem: ‘é, eu posso pegar a Ana amanhã?’ Então, ela já arrumava as coisas e não dormia”*.

Pedro Antônio mencionou quanto a Ana ser mais questionadora: *“não sei se é um pouco da mulher, se é um pouco da criança, não é que tenta, né?, por ela talvez era mimada pelos avós, aí quando o pai pega, tenta fazer tudo para agradar, e aí comigo e com a mãe que é, a gente tem que ser o firme, a gente é o ruim”*. A mãe tenta *“frear”* os avós maternos, para que respeitem o não. Porém, além dos avós maternos, tem a mãe de Pedro Antônio, os avós paternos e o pai biológico para fazerem o que a filha deseja. Patrícia realçou que *“então é por isso que ela vai questionando, porque aí ela teve essa mordomia, assim, de aí eu quero isso, a outra vó vai dar, né?, e já pros meninos não, se a gente falar não é não, Ah, então está bom, quando puder então compra, não é? E ela já tinha, a gente falava não, mas tinha alguém que ia lá e dava, é ou que vai falar sim”*.

#### **6.2.4 A imagem dos filhos segundo os pais**

Os pais constroem uma imagem a respeito de cada filho, compondo características e vivências únicas para cada vínculo parental. Na entrevista, comentaram mais sobre a imagem que possuem do filho Pedro Lucas, o qual foi o foco da pesquisa, mas também relataram algumas informações sobre os demais filhos.

Ana Livia foi amamentada até um ano e dez meses e foi para a creche com quatro meses. Segundo Pedro Antônio, *“eu tenho um diálogo bastante aberto com ela em todos os assuntos, tem bastante proximidade”*, ao que a mãe complementou: *“é, ela fala mais com ele do que comigo”*. Patrícia disse: *“começa os três a falar e você começa a ficar perdida, não entende nada, e ela fala, fala, fala e a gente fica, ‘Ana, calma, espera um pouquinho, daqui a pouco você fala’, e ela fala ‘eu não posso nem falar’, aí ela de tudo ela emburra, ela quer atenção, sim, o tempo inteiro”*.

Pedro Antônio afirmou que, ao longo do nascimento dos filhos, eles tiveram várias dificuldades, atritos, quanto à responsabilidade com os filhos, porque *“já tinha um, uma criança que teoricamente já tinha um certo desenvolvimento, precisava dar atenção para os menores, né? Ou cuidar, né? Teoricamente, o maiorzinho acaba ficando um pouquinho mais de lado, porque tem uma certa autonomia”*. Patrícia frisou que tiveram esse problema com Ana Livia, ao que Pedro Antônio complementou: *“tem a questão dos ciúmes [...] a gente teve algum um pouco de dificuldade nisso, né? Como foi tudo muito próximo, então, você saber separar o que é de um que é de outro, né?”*, de forma que Ana Livia pedia, *“porque eu vou comer papinha”, acabei porque eu quero chupeta, porque eu quero mamar*. Após o nascimento de Sara, Ana Livia apresentou dificuldades, manifestando ciúmes. Patrícia contou: *“a gente fica, ‘Ana, mas quando você era criança, a gente fazia, mais novinha fazia tudo isso para você’, aí vai mostrar foto e ela fica lá complicando, emburrada, mais o, ela aceitou melhor, o Samuel também, ela aceitou melhor, né? Aí com a Sara a gente achou que ela ia, só que aí regrediu”*.

Pedro Antônio ressaltou que *“a gente tem esse princípio em casa, né? [...] você vai fazer para você, tem que fazer para outra para, né? Oferecer atenção, às vezes, não é nem dar, é o estar, né? A presença é, para a criança, é importante isso, né?”* e quanto a Ana, *“ela, nessa parte, tem uma carência assim, né? Às vezes, ela senta, ela quer falar”*. Pedro Antônio afirmou que, apesar das dificuldades, Ana Livia é

*“educada, esforçada, colabora em casa, assim, não faz coisa errada, obedece, pede permissões para tudo”. O problema, de acordo com Patrícia, “é esse questionamento, porque às vezes você fala não e ela não, não entende”. Assim, “o que a gente pode fazer, a gente leva [...] onde a gente sabe que não tem risco”.*

Patrícia comentou, sobre Ana Lívia, que *“ela é muito influenciada, é, então a gente teve um problema nessa questão de, de aceitação, é que questão do cabelo, cabelo dela é cacheado, aí o meu cabelo, meu cabelo é liso, do meu pai é liso, e ela não se conforma, mas o pai dela tem cabelo cacheado”.*

Pedro Lucas foi o único que teve o registro de seu nascimento assinalado na técnica de linha da vida da família, embora os pais tenham citado verbalmente o nascimento dos demais filhos. Ele foi o primeiro filho biológico do casal. Conforme Patrícia, *“a gente ficou assim, bem feliz e quando descobriu também que era menino, né? Era uma coisa que a gente queria mesmo [...] porque já tinha a Ana, né? Então, assim, eu queria um menino”.*

O pai afirmou que *“foi planejado, foi muito bom, foi bem esperado [...], eu tentava ir em todas as consultas [...] ver sei lá, ver o sexo, é ver como a criança é, rostinho, coração”*; frisou ser uma fase muito especial e que não teve insatisfação nessa parte, pois estava esperando. Pedro Antônio disse que *“nenhuma das gestações eu tive esse negócio, porque acho que pra mim, é filho, vai ser sempre filho e a gente sempre, a gente vai ter que criar de qualquer forma”*, referindo-se ao desejo pelo sexo do bebê, mas complementou: *“eu não tinha até então esse negócio com a Ana de que, aí o que é cuidar de uma menina? Hoje eu sei que menina dá, dá muito mais trabalho do que o moleque [...], ela precisa de muito mais atenção, de muito mais, ela tem muito mais perguntas”*. A gravidez de Pedro foi tranquila, segundo o pai: *“a única fase que foi um impacto para a gente foi a questão do parto, porque nosso convênio não autorizava ainda, estava na casa da carência e a gente teve que ir na maternidade”*, ao que a mãe completou: *“teve quatro óbitos no dia, né?”* A mãe afirmou que passaram dezessete horas de parto e não evoluía, até que uma médica rompeu a bolsa dela e o parto aconteceu rapidamente, sendo um parto normal, conforme esperavam.

Com relação à expectativa do pai, durante a gestação, ele relatou: *“eu, quando vi pelas ultrassom, a gente, eu sempre brinco, né?... eu falo que todos é a cara dela”*, mas, em termos de personalidade, *“parece, se falar, nossa, tem um traço muito*

*parecido, eles puxam muito a minha personalidade, essa parte assim, os hobbies". Mas ele achou o filho mais bonito, quando nasceu, do que quando via nos exames de ultrassom. De acordo com Pedro Antônio, "eu sempre tenho um negócio com a voz [...] pela voz, o cheiro, acho que o cheiro também, de cada um, é individual", acrescentando que identifica cada um deles pelo cheiro. Patrícia salientou: "eu imaginava ele assim, do jeitinho que ele é mesmo, ele é bem carinhoso, o Pedro, bochechudo, fofinho, ah, é o meu bebezão". Os primeiros meses, segundo a mãe, foram cansativos, pois ela tinha a Ana Lívia e o pai trabalhava à noite. Pedro Antônio revelou que sentia sobrecarga, nos primeiros meses, e apontou: "se os dois não tiver juntos para resolver as coisas a batata assa". O pai ficava com o filho durante o dia, no contraturno do trabalho, em seu período de descanso, recebendo o apoio da avó paterna, nos principais cuidados, porém, a rotina era muito cansativa. Pedro Lucas foi amamentado até os nove meses e a mãe disse que, "aí, quando começou a introduzir a alimentação e a mamadeira, ele não quis mais o peito".*

Patrícia sofreu com o desmame: *"então, ficava, ah, meu Deus, ele não é mais meu bebezinho [...], ah, não vai mais ficar apegado em mim, mas ele é bem apegado [...] você quer tirar do peito, quando sai assim, por outro lado, magoa o coração".* Pedro foi para a creche com onze meses e a mãe avalia que, para ela, *"assim, foi normal, porque a Ana teve que ir novinha, então assim, no primeiro dia que você fica assim, ai, meu Deus, será que vai comer? Que você fica com aquela insegurança".* Pedro Antônio afirmou que considera ruim ficar apegado demais a uma pessoa que cuide em casa, *"eu acho que para eles sempre foi bom porque a criança vai para escola, conversa com as pessoas, conversam com a criança, começa a falar mais".* A mãe destacou: *"a gente ficou mais apavorado agora, quando ele foi pro primeiro ano",* pois achavam que o filho ainda era muito pequeno, mas, *"depois, a gente viu que foi tão, né?... tão fácil assim para ele".*

No nascimento de Sara, Pedro Lucas não sentiu tanto ciúme, na opinião de Patrícia, mas Pedro Antônio pensa que *"ele não foi tão carente assim, é na parte de atenção, né?... porque, antes, ele era um, dois, não é? Tinha uma concorrência menor, ele era um bebezão".* Pedro Antônio mencionou que, *"agora, ele tem mais dois mais novos do que ele, então, aí atenção é do Samuel que é mais novo do que... então, ele quer ser o centro da atenção e ele não consegue, aí tem a Sara, que agora é a bebezinha",* ao que complementou: *"ele ainda quer se aproximar mais, né? Eu creio*

*que seja uma forma de chamar atenção para ele*", referindo-se à questão de ele, às vezes, ver a mãe amamentando e querer mamar.

Com relação à vida social do filho, o pai pondera: *"onde a gente mora, a gente não pode deixar brincar na rua, é muito perigoso, então a gente, a vivência familiar dele é com os adultos"*, convivendo mais com as pessoas fora do ambiente familiar, quando está na escola e no projeto, quando encontra as crianças. O convívio no projeto, segundo a mãe, é positivo: *"agora, ele é mais solto, né?... de conversar com outras crianças, de brincar"*. Patrícia disse que eles falam que Pedro Lucas *"é um senhor de oitenta anos, porque ele é bem difícil de interagir com criança, e ele mesmo fala, ai, eu sou ranzinza, porque ele não gosta de estar conversando"*, mas acreditam que ele está melhorando.

Pedro Antônio avaliou que ele teve um prejuízo na alfabetização em relação à pandemia, que o impactou muito e que também teve uma questão de amadurecimento, desde o retorno presencial: *"talvez também um pouco da cobrança, né?... que vinha, não é, com essa fase escolar"*. Patrícia disse que, agora, ele está aprendendo a ler, mas que foi difícil, pois a professora cobrava que somente ele e mais dois alunos não estavam conseguindo ler e que ele precisava acompanhar a turma, *"e já estava nervoso com essa pressão da professora, porque aí ela levava ele lá na frente (da sala de aula), e ele travava na frente de todo mundo"*. Os pais afirmaram que agora ele está bem na escola, que ele tem facilidade com números. Pedro Antônio acha que, como ele teve um atraso, devido à pandemia, levou um tempo para se familiarizar. Na pandemia, ele ficava no sítio do avô paterno, brincando, e mesmo com as atividades escolares, elas não se aprofundavam na alfabetização. Pedro Antônio relatou que, no retorno presencial, *"veio tudo de uma vez, aí, ele saiu de criança, né? Agora acabou as brincadeiras, vamos ser sério, acho que foi talvez um choque, né?"*, ao que a mãe complementou: *"porque ele chegava da escola e falava 'nessa escola, não tem soninho'"*, que a professora apagava antes dele terminar de copiar e, na época, ele falava *"eu não consigo aprender, eu não sei, eu não vou aprender"*.

Pedro Antônio considerou que o filho *"é uma criança maravilhosa, atenciosa, gosta de brincar com bastante energia [...] quer brincar, quer correr, quer pular, quer inventar coisa, quer passear"*, enquanto a mãe acrescentou: *"de espírito independente"*. Segundo Patrícia, *"ele sempre assim andou muito rápido, falou muito*

*rápido*". A mãe salientou que o filho *"sempre foi uma criança muito tranquila, sempre comeu bem, e não era um bebê chorão, é... todas as fotos dele ele está rindo, é... foi uma criança que andou rápido, né? Falou rápido, é... ele era um bebezão independente, não deu trabalho pra gente, não"*. Hoje, Pedro Lucas não come mais feijão e os pais aceitaram, tentam compensar o alimento. Patrícia acha que o filho é *"medroso"*, pois estava apanhando de um menino na escola e não contava, explicando que *"ele nunca deu trabalho para gente assim e o trabalho é de não contar"*. Na escola, os pais nunca foram chamados, devido à desobediência. O pai relatou que ele *"explode emocionalmente"*, quando tentam explicar algo que ele não acerta e chamam a atenção, *"aquela onda de emoção, ao mesmo tempo, de raiva de... sei lá, fúria, né?... aí ele chora"*. Ao mesmo tempo, a mãe acrescentou: *"O Pedro aceita sim, você falou não, é não, aí, ele já vai assistir, já vai brincar, né?"*; o filho *"é bem consciente assim dessa parte, né?... de não gastar, é... ele, fala, 'mãe, a gente está podendo gastar?' [...] a gente fala que ele é um idoso assim, porque ele tem, ele tem, ele parece uma mente de adulto"*.

Quanto à curiosidade acerca da sexualidade, o pai afirmou que *"é sexual, não, ele pergunta algumas coisas, às vezes, ele me vê tomando banho ele, olha o que que é isso, que que é aquilo? Eu explico da higiene"*. Patrícia relatou que *"a gente fala muito assim da questão de, de outra pessoa, que não pode, né?... tocar"* e o pai, que *"não pode sentar no colo"*. Segundo o pai *"ele não tem maldade, ele vai tomar banho, ele, ele já tem a parte da vergonha"*. Pedro Antônio mencionou ainda: *"Não quer que encoste nele, né? Tanto que a gente nunca encostou, sempre orientamos, tanto eu quanto ela, pega o sabonete, aí já cria autonomia"*. A mãe acredita que *"ele é bem inocente mesmo [...], ele é bem reservado [...], já é mais tímido"*, enquanto o pai disse que ele *"é mais observador"*. Quanto à sexualidade, o pai relatou que, quando estão assistindo algo, os filhos falam: *"é pra fechar o olho? E começou a beijar eles, nem sabe o que é"*. O que o filho gosta de assistir, de acordo com a mãe, são documentários de animais, insetos, dinossauros.

Patrícia expressou que o filho deseja mostrar *"que ele tá independente, que ele 'não, eu sei fazer, mãe, pode deixar que eu sei'"*, e que ele toma banho e quer pentear o cabelo sozinho, enquanto o pai disse que *"Lucas ele já quer compartilhar tudo, então, é um, ele tem esse negócio dele de que ele quer fazer com todo mundo"*. Sobre

a relação de Pedro Lucas e Samuel, o pai afirmou: *“é engraçado de ver os dois juntos, vai aprontar, apronta junto, vai assistir, assiste junto, é difícil ver os dois brigando”*.

A gravidez de Samuel aconteceu pouco tempo após o nascimento de Pedro Lucas, ao que a mãe ressaltou que foi *“um susto”*. Na época, a empresa onde a mãe trabalhava fechou, mas ela continuou recebendo o salário. Patrícia tinha uma expectativa, *“o Samuel foi bem engraçado, porque eu tinha certeza que era Sara, e ele falava, é outro menino”*. Quando ela soube que era menino, saiu do ultrassom chorando, pois esperava que fosse uma menina. O parto de Samuel foi o mais rápido, conforme Patrícia: *“eu fiquei assim, com medo e foi o parto mais rápido”*. Samuel foi amamentado até um ano e três meses e entrou na creche com quatro meses.

Pedro Antônio falou que *“a gente foi um pouco desenganado pela parte médica”* por um profissional quanto a Samuel, que recebeu um diagnóstico de deficiência auditiva, devido às infecções de ouvido que ele tinha, de forma *“que ele ia ter um desenvolvimento atrasado, ele é um de todos, assim é o mais inteligente assim”*; levaram isso para a creche e as professoras não concordaram. Ele tinha problemas respiratórios e era internado com certa frequência. O pai afirmou que *“milagrosamente, né?... que é Deus, ele melhorou”*. No nascimento da irmã Sara, a mãe afirmou que *“o Samuel ficou com um pouquinho de ciúmes também da Sara, é querer, é chupar chupeta, então, a gente teve um trabalhinho assim”*. Samuel foi nomeado pela mãe como *“ele já é mais, é proativo, né? Se ele vê que está bagunçado, ele vai lá e pega e aí ele mesmo fala, ‘Ana, você tem que ajudar a mãe, tem que tirar’, aí se ele ver o tênis do pai dele, aí ele fala, ‘mãe, o pai não guarda o sapato’”*. Porém, segundo Patrícia, *“ele ajuda, só que, aí, tem hora também que, se você falar, ‘Samuel você tem que fazer tal coisa’, aí ele emburra, aí já faz cara de choro, aí ele já está cansado”*. O filho, de acordo com o pai, *“vê o brinquedo no comercial, ele quer todos, eu falo, ‘olha, não é assim, tem que planejar’”*.

De acordo com a mãe, Sara é a *“nossa mascotinha, ela está com um ano e quatro meses, e é o furacão, vale pelos três”*. Ela foi vista pela mãe como aquela que *“vai pegando as coisas”*, vai arrumando e até o momento da entrevista ainda era amamentada, sendo que foi para a creche *“novinha”*, mas não foi especificada a idade.

#### **6.2.5 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre os filhos**

A diferença de idade dos filhos gera impactos no convívio familiar, pois modifica a forma com a qual os pais se relacionam com os filhos. A vivência da filha adolescente é uma experiência nitidamente diferente daquela dos filhos mais novos, gerando conflitos na família.

Pedro Antônio afirmou: *“é a vida, você está numa fase, está avançando, se você está avançando junto com elas vem responsabilidade”*, frisando que Ana Livia possui dificuldade em aceitar as responsabilidades de estudo e em casa. Pedro Antônio disse que, no caso de Ana Livia, *“aquela frustração do não, o não, muitas vezes, não é suficiente, né? Mesmo com um, com um certo argumento, certa explicação”*. Patrícia complementou que ambos possuem dificuldades de impor limites para Ana: *“a gente até impõe os limites, né? E o duro é aceitar, né? Que aí fica, é assim, sem querer conversar com a gente, é... ou desconta nos meninos”*.

Nas atividades domésticas, Pedro Antônio considerou que, *“às vezes, eu peço pra ela recolher um lixo ou fazer algo ou lavar alguma coisa, ela já se sente, só pressão em cima dela, e ela quer distribuir isso, ela já quer organizar a casa inteira, até pra mim, ela quer delegar funções, né?”*, direcionando seu próprio trabalho para o irmão, Pedro Lucas. Pedro Antônio falou que, *“na hora que eu vou ver, eu estou fazendo as três coisas, ela está no celular, sabe?... ela manipula e enrola”*; complementou sobre o filho: *“ele é um bom menino desse, sempre dessas coisas, mais civilidade, ‘olha, filho, vamos fazer?’ Ele, ‘ah, tá vou fazer’, porque ele é mais infantil, então você tem que fazer de forma lúdica”*, porém, ele é *“rebelde às ordens da irmã”*, a qual fala de forma mais direta e objetiva. Segundo a mãe, Ana *“vai, apaga tudo, porque sabe que ele tem medo”*, referindo-se ao irmão Pedro Lucas. Pedro Antônio tenta motivar Ana a fazer o serviço de casa, *“tento auxiliar, motivá-la para fazer, mas ela não entende, a importância, né? A necessidade de fazer, tem coisas que a gente tem que fazer porque tem que fazer”*.

Patrícia salientou que *“é difícil assim essa questão da adolescência, né? Que é o que mais dá trabalho”* e que a filha fica direcionando as tarefas para o irmão, mas que, na idade dele, Ana também não fazia. A mãe afirmou: *“aí eu falo, ‘tá bom, Ana, pode deixar que eu faço’, porque, aí, ela sabe que me irrita isso, que eu peço uma vez, duas vezes, ela vai enrolando, aí, na terceira, eu já vou lá e faço, então, ela fez de propósito”*. Comentou que *“eu sou a que mais pego, na questão das notas, em*

*questão dela ficar em casa e só ficar no celular, aí só fica no quarto, eu já falo, ‘sai desse quarto’”. Segundo a mãe, “se a gente vai assistir um filme, chama os meninos, aí vai todo mundo, aí ela não vai, aí depois ela fala que a gente não dá atenção, não quer fazer nada”. Para a mãe, “a primeira oportunidade de não ter que ajudar a gente em casa ela vai, [...] o negócio é passear”.*

Segundo Pedro Antônio, Ana “*está naquela fase que ela quer, prefere manter o diálogo com os amigos, conversar com os amiguinhos da escola, amiguinha, não sei o que, é paquerinha, coisas assim [...], e ela prefere ficar isolada da família, porque ela se sente mais acolhida, ela tem mais vínculo né?*” Ele completou: “*tem essa questão de adolescência, é muito difícil, eu acho que é uma fase muito mais difícil do que quando você é menor, e eu acho que, por isso, eu dou um pouco mais de atenção para ela*”.

Pedro Antônio explicou que, quando olham as fotos dos filhos menores, “*eu confundo, se eu pegar alguns momentos, eu falo, ‘quem que é esse aqui?’”* Ao ser questionado sobre como foi quando seu filho começou a ter mais autonomia, ele afirmou: “*ah, certa forma, bom, mas de certa forma com medo, é porque é mais perigoso, acho que a criança, quando está ali, quietinha, no carrinho, no berço, você tem um controle absoluto*”. Quando menores, como no caso dos meninos, ele acha que “*eles têm um pouco mais de aceitação, não entendem, mas não questionam tanto*”. O pai evidenciou que “*o ‘não’ nunca é bom, né? Não é uma coisa que vai te agradar no primeiro momento, a gente tenta explicar por que não pode*”, porém, “*a Ana, ela teve um pouco mais dificuldade*”, pois “*acho que é mais questionador, do traço feminino, por querer mais argumento, quer uma resposta mais objetiva*”. Diferente de Samuel, que, “*na hora ali que ele fica triste, já chora e por ali mesmo, encerra o assunto*”, ao que a mãe complementou sobre Ana: “*agora, ela já fica insistindo*”, e “*ela quer te vencer ali, pelo cansaço*”.

Segundo Pedro Antônio, “*eu já falei sobre sexo, preservativo, sobre doenças, desde quando ela tinha nove anos de idade, que ela menstruou, eu já falei*”, mas pediu para a mãe conversar sobre usar absorvente. Ele se incomoda com a postura da mãe: “*eu brigo um pouco com ela por causa disso, só acompanha, está virando mocinha*”. Pedro Antônio relacionou, por exemplo, uma mudança que ele associa com a adolescência: “*hoje ela está mais vaidosa, uma questão do cabelo, acorda uma hora antes da perua para fazer o cabelo*”. Ele cobra que, “*porque ela é menina, ela precisa*

de orientação, ela precisa de conselhos de mulher”, e ressaltou: “*estou ensinando ela a enxergar um potencial bom em uma pessoa, não só, ‘ah, eu gosto do fulano, porque todas as meninas gostam’*”.

Patrícia destacou que Ana “*não tem personalidade [...], ela vai na onda [...], quer se vestir igual a amiga que ela tá vendo se vestir*”. Diante das pontuações de Pedro Antônio, ela disse: “*como eu falo, Ana não é assim, ela não aceita muito bem né? Então, se eu falo ‘Ana, a gente tem que tirar essa sobrancelha, tem que tirar esse bigode’, ela não aceita muito, quando eu falo*”. Pedro Antônio afirmou que “*ela é bem relaxada, mas, ao mesmo tempo, então, por isso que eu falo, ela está numa transição*”. A mãe comentou: “*para umas coisas quer é ser criança e quero que você faça tudo, e pra outras, que é, quer ser totalmente independente*”, realçando ainda que não gosta de mentira, de esconder as coisas, apagar mensagens, “*então, essas coisas eu não gosto, né?... e aí ele vai passando a mão na cabeça, se eu tiro o celular*”.

Dessa forma, Patrícia é clara: “*prefiro assim não me impor, porque aí eu vou acabar, né?... brigando [...] aí eu sempre sou a chata*”, sendo que a Ana, “*se não der o que ela quer, ela fica com a cara feia*”. A mãe comentou que “*ela leva na brincadeira, porque ela sabe que ele vai interferir*”, considerando que “*tem que agir conforme a idade dela, igual uma criança, né?... tudo é de falar*”.

Os pais possuem perspectivas diferentes quanto à forma de lidar com a sexualidade, no que se refere à adolescência. Patrícia entende que, “*quanto mais você puder segurar, né?... essa parte de questão de sexualidade [...] você só solta um pouquinho, depois volta, isso não funciona, né?... você tem que impor limites*”. Já Pedro Antônio assim se expressa: “*eu acho que é uma fase difícil, eu falo, porque eu tive três irmãos, e é... tanto prender quanto soltar demais não é resposta*”, acrescentando: “*tem que ter um meio termo, tem que ter um equilíbrio, eu acho que a proximidade é o melhor caminho, eu acho que a confiança é criar vínculo*”.

Patrícia conversou sobre orientação sexual: “*Ana, não vai mudar nada da minha vida, se você, tanto quanto os meninos, se gostarem de mulher, se conhecer por gostar de um menino ou de menina [...], mas eu acho que é uma coisa que tem que ser sua*”, e não porque a amiga gosta de menina e ela vai gostar também. Comentou: “*essa é a minha maior dificuldade em relação a ela, porque é... é assim, mutável né?*” e complementou: “*pra mim é estranho, porque eu nunca fui assim, né?...*”

*eu sempre tive a minha personalidade e ela já é muito assim, de eu vou fazer para agradar". Para a mãe, "por mais que você faça, não sabe agradecer assim".*

#### **6.2.6 O exercício da parentalidade**

Quanto ao exercício da parentalidade, os pais pontuaram a forma com a qual cada um lida com os filhos. Pedro Antônio é a figura parental que os filhos mais procuram, quando querem conversar, é aquele que orienta e faz refletir. Ao mesmo tempo, ele afirmou sobre a Ana: *"eu tento orientar, mas sem invadir muito, né?"*, que a orienta, dizendo que ela pode gostar de alguém, mas ainda é muito nova para namorar. Ele relatou que, após o nascimento dos filhos, *"foi onde eu comecei amadurecer, mas assim sempre tive responsabilidade"*, pois a avó paterna, sua mãe, após o nascimento de Pedro Lucas, cobrava que ele cuidasse do filho.

O pai afirmou que eles procuram manter uma proximidade entre os membros da família, *"a gente cobra muito, né? A questão da união, vai brincar, vai brincar junto, por mais que não queira"*, dizendo que incluem a Ana. A tentativa dos pais, segundo Pedro Antônio, é de tentar tratar todos os filhos igualmente: *"a gente divide, tem um vai dividir pros três, você não tem, não vai fazer para nenhum"*, complementando que, no aniversário, os outros recebem presentes, porque *"os outros não vão entender que não é aniversário deles"*.

Patrícia destacou que os filhos *"são tudo na minha vida, é tudo que eu tenho"*. Quanto ao significado dos filhos em sua vida, Pedro Antônio afirmou: *"acho que é tudo né?... é esperança, é a força de vontade e a resistência, é resiliência"*.

Quanto aos limites, o pai considerou que dizer *"não"* é ruim, porém, é a responsabilidade que eles possuem enquanto pais. Dessa forma, tentam equilibrar quem é mais firme. Pedro Antônio mencionou que eles não batem, mas, às vezes, ameaçam, quando entendem que o diálogo não está funcionando, enquanto Patrícia afirmou que somente de ameaçar os filhos choram. Patrícia aludiu às dificuldades com as interferências dos avós, pois os filhos brincavam na casa dos avós, mas eles começaram a deixar que usassem o celular e, agora, eles não querem mais fazer outras atividades e, quando ela pede para deixarem o celular, *"aí fica os dois emburrados"*, referindo-se a Pedro Lucas e Samuel.

Os pais trazem uma preocupação com relação à situação financeira, que acaba impactando o convívio com os filhos. Patrícia enfatizou que eles fazem o que podem, mas quando não conseguem, precisam falar “não”. A dificuldade com os filhos, na opinião de Pedro Antônio, foi *“um pouco questão financeira, né?... distribuir”*, que é difícil oferecer para todos igualmente, porque *“a gente tem que trabalhar bastante para tentar suprir toda a necessidade”*. Ao mesmo tempo que revelam procurar fazer uma divisão igualitária, mencionam que, às vezes, eles fazem para um filho só e escondem, como Pedro Antônio ressaltou: *“se você vai passear em algum lugar, nem sempre se consegue levar todos [...] você compra para aquele e fala, ‘ó, segredo nosso’”*.

Pedro Antônio relatou ter algumas dificuldades de convivência do dia a dia, como *“as regras, disponibilidade de horário, né? Nossas limitações físicas [...] de estar em dois lugar ao mesmo tempo, porque tem a escola de um e tem escola de outro”*. Para o pai, *“acho que são os desafios, não é, do dia a dia mesmo, manter a responsabilidade de manter ou a proximidade que é importante”*. Comentou que ele é *“um pouco fechado”*, Patrícia o cobra: *“você tem que ficar mais com eles”*, mas ele faz muitas coisas e fica cansado, sendo que os filhos *“não entendem que você está em casa, você está descansando”*. Pedro Antônio disse que precisa descansar, que tem uma rotina muito cansativa e fica mal humorado: *“você fica sem dormir, preocupações financeiras, aí, planos, frustrações pessoais, que, às vezes, eu não compartilho [...] então, isso vai te consumindo e, aí, você acaba distribuindo em quem não é para distribuir”*. Ele relatou que é mais *“fechado”* com problemas pessoais e acaba não conversando sobre esses assuntos com a família. Ele é enfermeiro, trabalhou na UTI e COVID e foi um período quando brigou muito em casa, pois chegava em casa exausto e não queria barulho, nem contar o que tinha vivido, as mortes que presenciava, todavia, precisava trabalhar para suprir as despesas. Pedro Antônio se considera mais egocêntrico, gosta de calma, estudar e assistir filmes.

Ele mencionou que os filhos, de *“certa forma, frustram em algumas partes, por eu ser não desanimado, eu sou animado, eu gosto de atividades físicas, eu gosto de esportes, mas eu falo que, em alguns momentos, pelo cansaço, pelas preocupações, eu fico desanimado, desmotivado, né? Então, eu sou muito preocupado na parte financeira”*. O pai disse que a mãe é mais impulsiva financeiramente, e ele tenta dizer que não podem, no momento, que precisam esperar, entretanto, algumas vezes atendem aos desejos dos filhos, mesmo dificultando a situação financeira. Pedro

Antônio ressaltou: *“a gente precisa provar, pra provar a gente precisa estar lá, e a gente precisa ter tempo, aí você não tem tempo, ou você tem dinheiro ou você tem tempo, é uma balança, então, é difícil, mas a gente vai se virando como pode”*. O pai comentou que *“sou mais seção, eu gosto de brincar, quando a gente tá brincando no rio tudo, mas eu já sou mais pro lado mais, mais tem que ser planejado”*, devido a não ter tido a presença do pai.

Pedro Antônio avaliou que Patrícia é mais brincalhona, divertida, extrovertida, por causa da presença de pai. No entanto, ela *“é brava assim, é mais rígida, acho que eu sou, eu cobro, mas eu, na medida da, da educação, tento conversar, explicar, ela é onde põe a ordem no negócio, ela palavra dela, falo ‘ó, se você não obedecer, eu vou falar pra sua mãe’ [risos], assim, era pra ser o contrário, né?”* Mencionou que ele só é o extremo, quando diz que vai levantar a voz, porque já falou diversas vezes e não tem mais conversa, ele desliga, tira e diz para eles pensarem no quarto. Na sua perspectiva, ele acredita que a mãe *“precisa se aproximar um pouco mais [...], tem a rigidez, mas você tem que ser flexível, tem que ser firme, você solta a rédea, saiu? Você puxa”*.

Patrícia mencionou que *“eu já boto medo nas crianças, eu sou a chata, eu já chego, eu sou a ruim”*, ao que Pedro Antônio completou: *“ela manda fazer e acabou, não tem muito argumento”*. A mãe afirmou que *“ele larga a mochila e eu só olho pra ele, ele, ‘ah, minha mochila’, então ele já vai e guarda”*, referindo-se a Pedro Lucas, e, às vezes, quando direciona que algum dos filhos tem de fazer as tarefas, *“eu brigo, quando eu vou ver, tá todo mundo pegando as coisas e arrumando”*. Contou que a dificuldade é *“saber conversar [...] não tenho paciência, assim, de você falar ‘não’, é não por isso, ela fica ali no questionamento”*, sendo que a mãe acha que o pai *“passa muito a mão na cabeça”*. Porém, ela relatou outras dificuldades, mencionando que Pedro Antônio cobra dos meninos e briga com eles, mas, quando ela briga com a Ana e proíbe de mexer no celular, o pai deixa, que isso retira a sua autoridade, por isso a Ana só conversa com o pai. Em sua opinião, é importante que Pedro Antônio seja participativo, *“mas eu acho que você dá tudo e deixar fazer tudo, né? É, não é certo”*.

Sobre a relação do casal, Pedro Antônio admitiu que se sentiu atraído por Patrícia, porque *“talvez o que eu, eu me espelharia, uma pessoa ativa, com compromisso com a responsabilidade”*, enquanto Patrícia disse que *“ele sempre foi responsável, né? Me passava segurança e acho que, por isso, a gente está junto até*

*hoje*”, visto que o parceiro relatou que sempre ajudou a cuidar dos irmãos. Pedro Antônio entende que a existência dos filhos *“faz a gente continuar a união também”*, porque, quando tiveram problemas, como o de saúde de Samuel, se mantiveram unidos, a fim de trabalhar juntos para resolver. Após o nascimento dos filhos, ele relatou que *“talvez uma união maior, um comprometimento maior, uma dedicação, a responsabilidade maior de ambas as partes com o filho”*, e Patrícia complementou: *“um amadurecimento”*. A responsabilidade, segundo a mãe, mudou depois dos filhos, pois *“tudo o que a gente faz, é pensando neles, no que seja melhor pra eles”*. O casal procura conversar longe dos filhos e expressar o que acharam do comportamento do(a) parceiro(a) e em quais pontos podem melhorar. Pedro Antônio salientou que, mesmo na relação de casal, *“por ela ter essa característica firme, tudo às vezes ela quer ser firme até comigo, eu falo, ‘cara, você está tentando falar comigo como se fosse seu filho e não é assim’, e aí eu fico bravo”*.

### **6.2.7 Os legados familiares**

Os pais refletiram sobre as suas famílias de origem, o que receberam dos pais e o que repetem ou procuram modificar, no relacionamento com os filhos, além de abordarem as experiências com seus próprios pais.

Pedro Antônio se referiu a um problema de saúde de seu pai, *“não sei dizer o que foi, se foi uma esquizofrenia, se foi alguma outra coisa que ele teve umas convulsões e aí, depois disso, ele ficou meio, fora da casa, perdeu ali, parou no tempo, perdeu perspectiva de vida”*, ainda que consiga falar, conversar, mas *“perdeu a sua consciência, perdeu o objetivo de trabalhar, de viver, de autocuidado”*. Sua mãe teve a responsabilidade de trabalhar e criar os filhos. Ela era *“carinhosa, mas sempre muito séria, muito rígida, também cobrava bastante, fazia o que podia, né? [...] para afastar os perigos, sempre orientando”*. Atribuía a Pedro Antônio a responsabilidade de cuidar, ele é o irmão caçula, mas cuidava do irmão que teve sequelas, devido a uma anoxia no parto, fazia compras e ia ao banco.

Ele relatou que tem o vínculo com a sua mãe, mas não com o seu pai, *“o meu pai não posso exigir nada, não é? Infelizmente, eu sempre entendi que ele tinha uma alteração, ele sempre me deu o afeto que podia dar, me tratava bem, me abraçava,*

*tudo, mas não consegui esperar mais nada dele, até hoje não tenho receio, não tenho raiva, mas, assim, não tem um vínculo*". Sobre a sua infância, teve muita responsabilidade, mas muita brincadeira, jogava bola, brincava na rua, e acha que os filhos aproveitam menos, por serem de outra geração.

Pedro Antônio afirmou que conversa sobre a adolescência com Ana, pois teve uma adolescência difícil e não tinha ninguém para conversar: *"ela encontra em mim, talvez, a base dela"*. Durante sua infância, tinha que comer o que foi imposto pelos pais, com horários impostos, e entende que eles conseguem oferecer algumas coisas com mais flexibilidade, deixando que tenham uma possibilidade de escolha, quando possível. Segundo o pai, *"o que a gente não teve, a gente tenta oferecer, mas claro que com muito pé no chão, com muita humildade, né?... respeito, né? E mostrando que a vida é uma coisa difícil desde cedo"*. Os filhos admiram o trabalho do pai, que tenta trazer a experiência, a motivação para estudar. Pedro Antônio mencionou um exemplo de mudança de gerações, pois, segundo ele, a tecnologia é boa, *"mas traz muita falsa sensação de realidade [...] tudo é, estalou o dedo pronto, muito fácil, e não é"*. As crianças de hoje, para ele, já sabem mexer nas tecnologias facilmente, diferentemente de quando eles eram crianças, no entanto, *"de certa forma, eles têm uma visão da realidade distorcida"*.

Por sua vez, Patrícia contou que sua mãe *"sempre foi muito firme e ela sempre foi muito brava"* e batia. Seus pais não tinham muito tempo, pois trabalhavam muito. O pai de Patrícia era mais presente, levava para passear, falava para não bater e colocar de castigo [este é o avô materno que Patrícia diz que *"estraga"* as crianças]. A mãe frisou que, com seus filhos, *"eu cobro mais deles todos, né? Então, é... eu pego no pé da letra, eu pego no pé do caderno"*, sendo que sua mãe a cobrava muito que estudasse. No entanto, ela ressaltou: *"minha mãe foi muito rígida comigo, foi muito rígida, mas eu não faço um por cento do que a minha mãe fez comigo com ela [Ana], né? Eu falo, às vezes, eu falo, eu ainda fico, né?... conversando, falando, 'se fosse a sua vó, você já não tinha um dente na boca', né?"* dizendo que ela cobra muito, mas não se compara com a própria mãe.

Eles procuram repetir na relação com os filhos, *"o respeito, educação, respeito aos mais velhos, respeitar os pais, né? Responsabilidade dentro de casa"*, de acordo com Pedro Antônio, que receberam de seus pais. Patrícia informa que *"sempre, né?... teve um, muito respeito, né? E é a forma assim das crianças mesmo, eles chamam,*

*senhor, senhora, né? [...] é uma coisa que é nossa, né? Então, e eles tem, têm isso, bença, vó, bença, vô*". Ela mencionou que é grata por ter aprendido o valor do trabalho para conseguir as coisas e procura ensinar isso aos filhos. Pedro Antônio destacou que procura transmitir o compromisso, a responsabilidade e o amadurecimento, desde cedo: *"eu acho que é importante você trazer, é alguns pontos, né? Falar, então, os meninos já sabem, 'ah, quando eu crescer, eu vou fazer isso, vou fazer aquilo, vou ganhar dinheiro, vou comprar aquilo, eu vou trabalhar com isso', então, por eles saberem que já fiz bastante coisa na minha vida"*.

Quanto ao que procuram modificar, Patrícia ressaltou que muitas coisas eles não levam, *"que a mãe ou pai brigava, falava, né?... é... a gente não, não pode trazer pra eles"*. Patrícia mencionou que procuram ensinar sobre igualdade de gênero e divisão de tarefas: *"a gente ensina muito isso, que não tem área, é coisa de mulher, coisa de menina, de homem, não, todo mundo tem que fazer igual"*. Para ela, os "nãos" que receberam na infância permitiram que eles se tornassem adultos com responsabilidade e acredita que, se fosse tudo fácil, *"a gente não ia estar tendo essa família"*.

Pedro Antônio afirmou que é parceiro, amigo, mas cobra demais, *"eu acho que por eu não ter tido uma cobrança"*, pois sua mãe não tinha a mesma presença que ele tem com os filhos. Ele ajuda nas atividades escolares, doa-se ensinando, cobrando, educando e sendo rígido. Pedro Antônio tenta trazer Ana para perto dele, por considerar a adolescência uma fase de perigo, pois teve uma irmã gêmea que o irmão não deixava sair e acabou fugindo por causa de um namoro. Segundo ele, tem que ter confiança e estar acompanhando.

### **6.2.8 O encontro com Pedro Lucas**

O encontro com Pedro Lucas aconteceu em uma sala privada do projeto social onde a pesquisa foi realizada. Pedro Antônio o levou para o encontro e ocorreu a apresentação da pesquisadora. Ao entrar na sala, expliquei para Pedro Lucas a pesquisa e li o Termo de Assentimento; ele concordou em participar e assinou em duas vias, sendo que uma das vias ficou com ele. Fiz a aplicação do DF-E, solicitando os quatro desenhos de família, conforme proposto por Trinca (2013b), em seguida, pedindo que ele contasse uma estória, respondesse ao inquérito e desse um título,

após fazer cada desenho. O encontro teve duração aproximada de uma hora e trinta minutos.

#### ***6.2.9 Desenhe uma família qualquer***

**Figura 7** - Desenho 2.2 – Desenhe uma família qualquer - Pedro Lucas



**Fonte:** Dados da pesquisa - Pedro Lucas

Iniciei a aplicação, entregando uma folha de sulfite na horizontal e pedindo para que Pedro Lucas desenhasse uma família qualquer, tendo à sua disposição lápis preto nº 2 e lápis colorido. Ele iniciou o desenho, fazendo um quadrado amarelo, no meio da página, e desenhou um rosto rosa e o corpo do porco. Então, ele falou “porco” e perguntou “é com P, porco?”, eu respondi que sim. Ele disse “P, O...”, ficou sem falar e me olhou. Eu questionei se ele queria ajuda, ele concordou e eu disse: “depois é R, C e O”. Ele falou “Iha, qual é o Iha?”, eu perguntei o que ele iria escrever, e ele respondeu “porco-palha”. Eu ditei as letras “L, H e A”. Ele seguiu desenhando a casa amarela e o telhado. Pedro Lucas disse: “é o porco-palha dos três porquinhos”. Pintou o rosto e o rabo do porco-palha.

Na sequência, ele desenhou em laranja a base da primeira casa da esquerda para a direita, fez o porco rosa e escreveu porco-tejolo, depois ele fez o contorno da casa e o telhado da casa desenhada em preto. Depois, ele afirmou: “eu não sei se vai dar pra caber a casa do porco-madeira”. Eu lhe perguntei “o que você acha?”, e ele respondeu: “aqui é porco-tejolo, porco-palha [apontando as casas]”. E depois seguiu desenhando a casa marrom, do porco-madeira, fez o telhado e o porco rosa. Quando

ele finalizou o desenho, eu lhe pedi que me contasse uma estória a respeito de sua produção. Ele contou rapidamente, eu fui parando e pedindo que esperasse, enquanto eu anotava, situação que se repetiu em todas as produções.

A Estória: Os três porquinhos e o lobo mau com fome

*“Era uma vez três porquinhos que saíram pra fazer uma casa. Um fez de palha, outro de madeira, outro de tijolo. Mas aí chegou o malvado lobo mau, e disse ‘deixe-me entrar, se não vou soprar e bufar e sua casa vai voar’. E o porquinho não deixou. Aí o porquinho, a casa do porquinho voou, e aí o porquinho-palha foi para a casa do porco-madeira. E aí o lobo mau chegou na casa do porco-madeira e falou ‘deixe-me entrar, senão sua casa vai voar’. E o porquinho não deixou. E aí o lobo mau bufou e fez a casa voar. E aí o lobo mau bufou e fez a casa do porco-madeira voar. E aí o porco-madeira e o porco-palha foram correndo para a casa do porco-tijolo. E aí os dois ficaram lá e o lobo mau correndo chegou na casa do porco-tijolo. E aí o lobo mau disse, ‘deixe-me entrar senão sua casa vai voar’. E o porquinho não deixou. E aí o lobo mau bufou e ficou sem ar não conseguindo derrubar a casa, porque era de tijolo. E aí ele teve uma ideia de subir pela chaminé. E aí os porquinhos prepararam lenha com uma panela cheia d’água, quente, fervendo. E aí o lobo mau entrou e caiu na panela cheia d’água quente e saiu correndo, pulando, porque se queimou. E fim”.*

Conversando sobre a Estória

Após o desenho, conversamos sobre a estória. Eu perguntei: “o que o porco-palha sentiu, quando o lobo mau veio e falou que ia assoprar a casa dele?”, e ele respondeu: “medo, e por isso ele não abriu a porta”. Eu questionei: “e aí, a hora que a casa voou?”, e ele retrucou: “e aí ele correu para a casa do porco-madeira, e os dois ficaram com medo, depois do porco-palha falar que o lobo mau perseguiu ele”. Indaguei: “e aí, o que o porco-madeira sentiu, a hora que chegou o lobo mau?”, e Pedro Lucas disse: “medo, e também não abriu a porta”. Questionei: “e a hora que a casa dele voou, o que ele sentiu?”, ele respondeu: “ele se sentiu desesperado e correu para a casa do porco-tijolo, e aí o porco-tijolo preparou a armadilha pro lobo”.

Perguntei: “e o que o porco-tijolo achou, a hora que chegou o porco-palha e o porco-tijolo?”, e ele disse: “que era preciso ele fazer uma armadilha pro lobo mau”. Quando questionei: “e o que ele sentiu na hora que o lobo foi lá e chegou na casa dele

e falou que ia derrubar?”, Pedro Lucas respondeu: “ele falou ‘nessa casa você não derruba’”. Perguntei: “e o que ele sentiu, ouvindo isso do lobo?”, ele pensou e respondeu: “é que o lobo ia subir pela chaminé, então, ele fez uma armadilha pela chaminé”.

Questionei: “e o que o porco-tejolo achou do que o porco-palha e o porco-madeira fizeram?”, ele disse: “uma casa de palha e uma de madeira”. Eu continuei: “o que ele achou de o porco-palha ter feito casa de palha e o porco-madeira ter feito casa de madeira?”, e ele respondeu: “era melhor o porco-palha ter feito casa de ferro e o porco-madeira ter feito de pedra [pausa], porque pedra, tejolo e ferro são resistente”.

Indaguei: “o que esses porcos acharam, quando o lobo mau caiu na panela cheia de água quente?”, e ele comentou: “aí eles ficaram festejando e falando ‘quem tem medo do lobo mau’ [em tom cantado] e aí o porco-tejolo foi lá no piano e tocou, e aí eles esconderam debaixo da cama”. Questionei: “por que eles se esconderam debaixo da cama?”, e Pedro Lucas respondeu: “porque o porco tijolo tocou no piano e aí eles ficaram com medo, porque eles pensaram que fosse o lobo mau”. Perguntei: “e depois que eles ficaram embaixo da cama, o que aconteceu?”, e ele disse: “eles voltaram pra cima e aí voltaram a cantar”. Indaguei: “e por que o lobo mau queria derrubar a casa deles?”, e ele afirmou: “pra comer os porquinho, porque ele tava com fome”. Quando eu quis saber “o que aconteceu depois que ele caiu lá na água quente fervendo?”, Pedro Lucas disse: “ele pulou, ele pulou e voltou pra casa dele de barriga vazia”.

Solicitei um título para o desenho e ele disse, após pensar: “Os três porquinhos e o lobo mau com fome”.

#### Análise do desenho e da estória

Pedro Lucas desenhou uma família de animais, na qual os personagens principais são irmãos. Na história original dos três porquinhos, os irmãos saem do meio familiar e precisam construir suas próprias casas. Cada um constrói sua casa com empenho e materiais diferentes (Corso; Corso, 2006). O porco-palha constrói com material menos resistente e em pouco tempo. O porco-madeira leva mais tempo para construir, mas ainda assim não possui uma sustentação de muita firmeza. O porco-tejolo leva mais tempo, oferece maior dedicação, para construir uma casa forte e resistente.

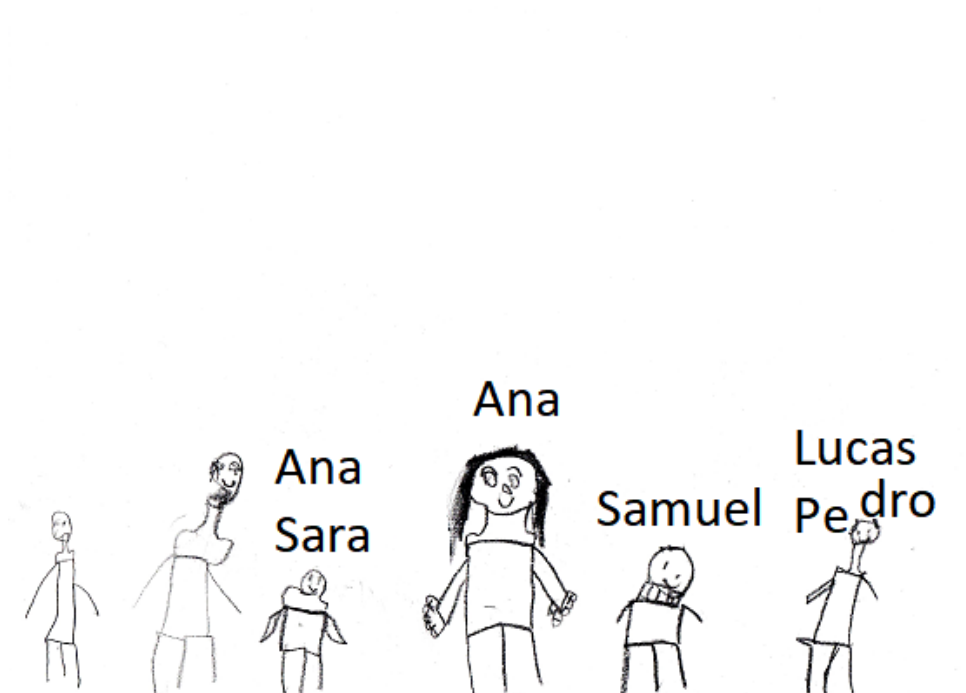
Os irmãos mais novos ficam desesperados, ao perceberem os perigos de terem construído uma casa menos segura e sujeita aos ataques do lobo mau, o que pode indicar o receio de se separarem dos pais e terem que lidar com os desafios de ter sua própria autonomia. Os irmãos se ajudam e se protegem, para se salvarem do lobo mau, possuem uma boa relação e podem contar uns com os outros.

Podemos considerar a estória como sendo três irmãos diferentes, ou etapas diferentes de um mesmo indivíduo, que, aos poucos, renuncia à sua impulsividade e planeja sua gratificação em longo prazo (Corso; Corso, 2006). O porco-tejolo possui uma casa de tamanho maior, fica na posição de primeira casa em relação às demais, no desenho, demonstrando estar à frente em termos de amadurecimento.

Evidencia uma separação das figuras parentais e busca de diferenciação, crescimento e autonomia, visto que são os irmãos, e não os pais, que são procurados quando precisam de ajuda.

#### **6.2.10 Desenhe uma família que você gostaria de ter**

**Figura 8** - Desenho 2.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter - Pedro Lucas



**Fonte:** Dados da pesquisa - Pedro Lucas

Solicitei que Pedro Lucas desenhasse “uma família que você gostaria de ter”. Ele desenhou primeiro a pessoa do meio [depois nomeada de Ana], em seguida a pessoa do lado esquerdo de Ana [nomeada de Ana Sara], outra pessoa do lado esquerdo de Ana Sara. Parou, pensou e olhou para a parede. Depois, desenhou Samuel, voltou, pintou e reforçou o cabelo de Ana ao centro, retomou o desenho ao lado e escreveu Samuel. Ele desenhou a última pessoa à direita, depois nomeada de Lucas Pedro. Após, ele escreveu Sara, disse: “*minha irmã Sara Ana, meu irmão Samuel*”, escreveu Pedro Lucas. Escreveu Ana, demonstrando algumas dificuldades e erros na escrita no nome, ao que corrigiu, para finalizar o desenho. Pedi que ele contasse uma história: ele ficou um tempo pensando e depois fez o relato, mas eu segui pedindo que ele fosse pausando, para que eu pudesse anotar [a primeira figura à esquerda foi desenhada no final do inquérito].

A Estória: [Começa com Samu..., troca o nome e diz] Lucas e a manga

*“Uma vez eu e meu irmão a gente tava brincando de escalar lá no sítio do meu avô. E aí eu tentava colocar ele na árvore, mas ele não segurava na árvore e aí ele ficava caindo. E aí eu falei pra ele que não dava. Aí ele disse pra mim que aquelas manga que tinha lá em cima era pra eu fazer suco. Aí eu peguei, entreguei pro meu irmão, aí meu avô, aí meu irmão entregou as fruta pro meu avô, aí meu avô fez o suco, eu comi, meu avô dormiu e a gente ficou assistindo. Meu irmão, ele falou pra mim pegar o celular do meu avô e eu falei ‘não’. E aí meu irmão, ele foi lá, tentou, ele conseguiu, mas aí eu fiquei assistindo e meu irmão ficou jogando no quarto. E aí meu avô acordou e o Samuel tava mexendo lá. E aí, quando o Samuel foi entregar o celular pro meu avô, descarregou, porque o Samuel ficou jogando. E aí meu avô me chamou dormindo. Aí eu fui lá e coloquei o celular do meu avô pra carregar. E aí eu fui lá, coloquei o celular, aí voltei a dormir. E aí, quando minha vó chegou, eu fui pra casa da minha mãe. Fim.”*

Conversando sobre a Estória

Perguntei “o que você achou do seu irmão não parar na árvore?”, ele disse: “é porque... eu não sei porque, eu já tentei com cadeira, tentei puxar ele com corda, ele fica soltando” e complementou: “ele só fica lá em cima da árvore, se meu avô colocar ele”. Questionei: “o que você acha disso?”, ele respondeu: “eu pensei que ele não

*conseguisse falar, mas a mão dele tava suada, por isso, ele não subia, que ele ficou jogando no celular, esquentava e ele ficou jogando”.*

Indaguei: *“o que você achou de pegar a manga e de vocês fazerem o suco?”*, ele disse: *“meu avô fez o suco, eu peguei a manga, e aí peguei a manga, aí eu entreguei a manga pro Samuel, eu peguei duas, uma foi pro meu avô fazer suco e outra foi pra eu e o meu irmão comer, aí a gente comeu, aí eu fui dormir, aí, quando eu acordei, já era de manhã e aí... fim”*. Questionei: *“o que você achou de o irmão querer pegar o celular do avô, enquanto ele dormia?”*, e Pedro Lucas respondeu: *“eu falei pra ele não pegar, mas ele nunca me escuta, então, mesmo eu falando pra ele não pegar, ele foi lá, pegou e ficou lá jogando”*. Perguntei: *“e por que você falou pra ele que não era pra pegar?”*, e ele falou: *“porque, se meu avô acordasse, ia brigar com ele, ia falar pra ele brincar ou assistir”*.

Questionei: *“e o que o seu avô achou de pegar o celular e ver que estava descarregado?”*, ele disse: *“ele disse pra meu irmão ir assistir, porque senão ele ia ficar de castigo até minha avó chegar do trabalho”*. Perguntei: *“o que ele achou de ver o celular com seu irmão?”*, e ele respondeu: *“ele achou que era pro meu irmão ficar de castigo, mas ele deu a oportunidade pro meu irmão não ficar de castigo, aí meu irmão foi lá assistir”*. Quando eu quis saber *“o que você achou do seu avô ter dado a oportunidade pro seu irmão não ficar de castigo?”*, Pedro Lucas disse: *“que meu irmão, era, aquilo era uma chance pro meu irmão não ficar de castigo e minha mãe não brigar com ele”*.

Pedi para ele me contar quem está no desenho, cada pessoa. Ele concordou e passou a descrever: *“meu pai, meu pai Pedro Antônio [segunda figura contando da esquerda para a direita]”, depois “Sara Ana, minha irmã”, após “minha irmã Ana Lívia”, depois “meu irmão Samuel” e, por último, “eu”*. Aí ele disse: *“e agora eu tô fazendo a minha mãe”*, desenhando a primeira figura da esquerda para a direita.

Solicitei que ele desse um título; ele pensou durante algum tempo e decidiu: *“Samu... Lucas e a manga”*.

#### Análise do desenho e da estória

Na produção de Pedro Lucas, Lívia apareceu como figura central, tendo sido desenhada em tamanho maior e apresentando reforço em seus cabelos, o que pode indicar o quanto ocupa uma posição de destaque, frente às vivências familiares. No

desenho, o casal foi desenhado unido e, ao lado deles, aparecem os filhos, podendo demonstrar que considera que o casal possui um vínculo próximo, além da ligação parental. A mãe foi desenhada somente após o término do inquérito, sendo a figura parental mais afastada dos filhos, o que pode indicar uma ambivalência de sentimentos do filho quanto à figura materna. O pai foi a figura parental mais próxima dos filhos, o que pode revelar o desejo de que seja ele que mantenha maior aproximação, visto ser o desenho da família que Pedro Lucas gostaria de ter.

Na estória, Pedro Lucas se colocou como o irmão que consegue escalar, colher manga, obedecer, e que procura dizer ao irmão Samuel que ele não pode ter a satisfação imediata de seus prazeres, como jogar no celular do avô sem permissão. Na família ideal, Pedro é o mais obediente e consegue adiar as suas satisfações. O irmão mais novo é visto como mais impulsivo e com mais dificuldades em se sustentar sozinho, na árvore, e em obedecer ao que é solicitado pela família.

No entanto, Pedro se apresentou como aquele que tenta ajudar, entende que é positivo que o avô dê nova chance para o irmão reparar seus erros, sem precisar de castigo, que acabaria sendo descoberto pela mãe. Pedro trouxe uma proximidade com seu irmão, brincam e fazem atividades juntos, sendo ele aquele que procura auxiliar e alertar o irmão mais novo sobre aspectos morais.

#### **6.2.11 Desenhe uma família em que alguém não está bem**

**Figura 9** - Desenho 2.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Pedro Lucas



**Fonte:** Dados da pesquisa - Pedro Lucas

Diante da solicitação do desenho de uma família na qual alguém não está bem, Pedro Lucas afirmou: *“minha irmã Sara Ana, porque ela vai pra escola, ela chega com o nariz tudo cheio de catarro, porque as mães lá da escola dela deixa as criança ir memo com conjuntivite, doente, memo tando com o nariz escorrendo”*. Enquanto falou, desenhou uma figura humana e complementou: *“minha irmã Sara Ana, ela tá tendo que fazer inalação, bombinha”*. Ao final do desenho, ele reforçou o olho e a boca. Pedi, então, que ele contasse uma estória.

#### A Estória: Sara gripada

*“Minha irmã, quando ela chega da creche, minha irmã Sara Ana, ela chega com ranho no nariz, tem que fazer bombinha, porque as mãe lá das criança que vai pra creche dela deixa as criança ir doente, com conjuntivite, às vezes com nariz saindo ranho, às vezes gripada. E aí ela chega em casa e não pode ficar correndo muito, porque tem um ano e três meses, mas corre mais do que o meu irmão, Samuel, de 4 ano. E aí, então, ela em casa, ela só brinca mesmo com brinquedo, de correr, de esconde-esconde ela não brinca. Aí ela não brinca muito de correr na rua. Então, aí, só eu, meu irmão, minha irmã Ana Lívia que sai na rua pra brincar na rua. Às vezes, minha mãe deixa a Sara ir também. E aí ela fica mais no meu avô e não tá indo muito pra escola. Então, por isso ela fica mais com a minha mãe, com o meu avô e a minha vó, lá no sítio, com meu avô, e a minha irmã fica lá em casa. E, aí, por isso ela fica mais no sítio ou lá em casa. Então, ela, às vezes, ela dorme no sítio, ou, às vezes, lá em casa, aí, então, ela, às vezes, ela brinca comigo e com o Samuel de dentro de casa com brinquedo e, às vezes, ela assiste comigo e com o Samuel. E aí fim”*.

#### Conversando sobre a Estória

Perguntei para Pedro Lucas: *“o que a irmã Sara Ana sente, quando ela vai pra escola e volta assim doente?”* Ele respondeu: *“ela não tá falando ainda, porque ela só tem um ano e três meses, então, ela não fala muito, às vezes, ela fala ‘mãe’”* [aperta uma chave que estava na mesa]. Questionei: *“quem que cuida dela e faz a bombinha, quando ela tá assim?”*, ao que ele comentou: *“quando meu pai tá trabalhando é minha mãe, mas, quando meu pai tá em casa, é meu pai ou a minha mãe”*. Perguntei: *“quem você acha que ela gosta que cuide mais, a mãe ou o pai?”*, e ele disse: *“eu acho que*

*ela gosta mais da minha mãe, porque meu pai ela não consegue ver muito, porque ele trabalha de noite, de manhã ele dá aula”.*

Quando eu quis saber *“o que você acha da Sara vir doente pra casa?”*, ele respondeu: *“eu acho que as mãe deve olhar mais os filhos e parar de deixar eles ir doente”*. Perguntei: *“o que você acha que uma mãe tem que fazer com os filhos?”*, e ele disse: *“tem que cuidar, olhar [faz uma pausa], alimentar”*. Ele mexeu na chave, durante todas essas falas.

Solicitei um título para a estória e ele atendeu: *“Sara gripada”*. Perguntei *“o que acontece depois que ela usa bombinha?”*, ao que ele respondeu: *“ela melhora um pouco”*.

#### Análise do desenho e da estória

No desenho, apareceu somente a irmã mais nova, sozinha e gripada. Uma família em que alguém não está bem é aquela em que a filha mais nova e com menos recursos de autonomia fica vulnerável aos perigos e desprotegida. A história reforça o quanto é negativo, quando as mães não cuidam de seus filhos e os mandam para a escola, mesmo doentes.

Sara foi vista como aquela figura que, ao mesmo tempo que corre até mais do que seu irmão mais velho Samuel, precisa de maior proteção, brincando pouco na rua, ficando na casa do avô e aos cuidados da mãe e indo menos para a escola.

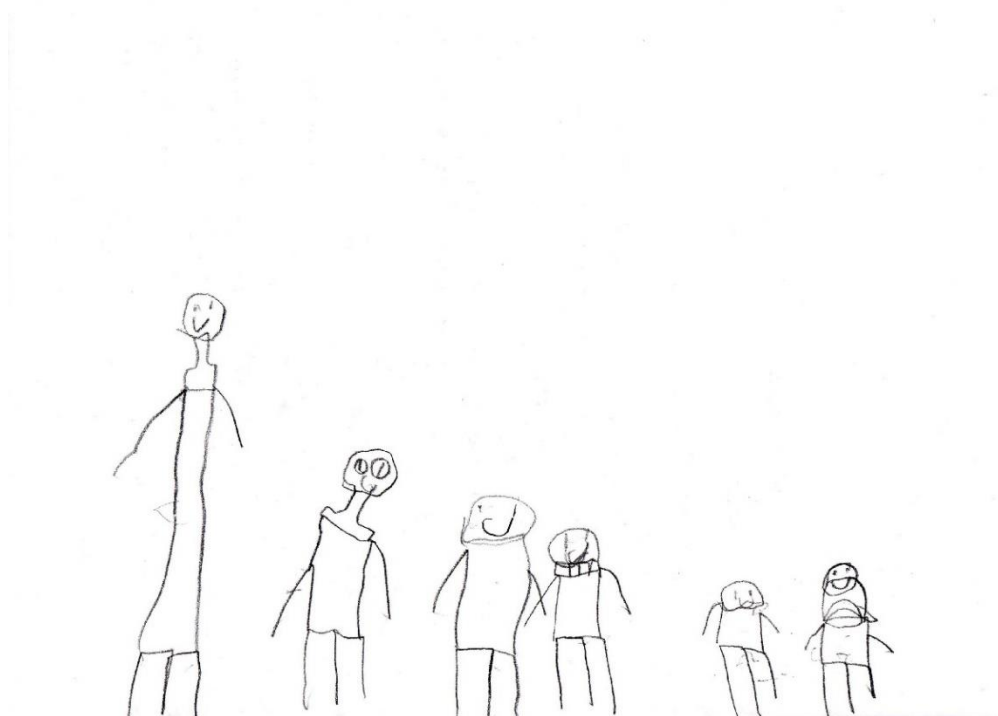
A história evidenciou que existe um vínculo fortalecido entre os irmãos. Os mais velhos brincam juntos, na rua, incluindo a irmã adolescente Ana Lívia. Além disso, Pedro Lucas e Samuel também brincam com a irmã mais nova, com brinquedos ou assistindo.

Esta é a primeira estória na qual a mãe e o pai apareceram como figuras que cuidam dos filhos, enfatizando o cuidado com a irmã menor e sua possível preferência pelos cuidados da mãe, já que o pai trabalha muito. Porém, mesmo após o uso da bombinha, Sara melhorou um pouco, não totalmente, o que pode indicar uma ambivalência de Pedro Lucas frente aos cuidados recebidos pelos pais.

Pedro Lucas enfatizou a importância de as mães cuidarem dos filhos e os alimentarem, fornecerem os recursos básicos para o desenvolvimento. Poderia indicar que sente uma falta de maior presença dos pais, em seu cotidiano.

### 6.2.12 Desenhe a sua família

**Figura 10** - Desenho 2.5 – Desenhe a sua família - Pedro Lucas



**Fonte:** Dados da pesquisa - Pedro Lucas

Realizei a instrução para o último desenho, pedindo que desenhasse a sua família. Ele desenhou a quarta pessoa, contando da esquerda para a direita, depois, desenhou a quinta pessoa, em seguida, desenhou a sexta pessoa [fez um desenho no mesmo corpo], desenhou a terceira pessoa e disse: *“Ana Livia, minha irmã”*, depois, desenhou a segunda pessoa, dizendo: *“minha mãe”*, e, em seguida, finalizou com o desenho da primeira pessoa, explicando: *“meu pai”*. Ele disse, apontando as figuras da direita para a esquerda: *“minha irmã Sara Ana, meu irmão Samuel, eu, minha irmã Ana Livia, minha mãe e meu pai”*. Dessa forma, considerando as figuras da esquerda para a direita, em sequência, foram desenhados o pai, a mãe, Ana Livia, Pedro Lucas, Samuel e Sara. Pedi que ele me contasse uma estória sobre o desenho.

#### A Estória: A Estória de Pedro

*“Às vezes, eu e meu irmão e meu pai e minha mãe, a gente vai lá e a gente vai assistir uma série, um filme, aí a gente assiste e aí depois eu vou dormir. Aí, eu durmo*

*depois que eu assisto a série. Aí, depois que eu assisto a série, eu vou dormir, e aí eu acordo, tomo um café da manhã, aí, se não tem [omitido - nome do projeto], minha mãe me avisa, aí quando tem, eu venho, que às vezes eu acordo e, às vezes, eu não acordo. Aí, às vezes, eu acordo, mas aí não tem [omitido - nome do projeto]. Aí, às vezes, eu acordo, mas aí não tem [omitido - nome do projeto], aí, eu vou assistir, ou eu vou fazer alguma coisa. Aí, se eu tô de férias, eu vou pro meu avô. Aí eu fico no meu avô, aí, às vezes, vou pro meu avô ver as galinhas, ver se tem ovo, e, aí, às vezes, eu vou na piscina nadar, na piscina que tem no sítio do meu avô. E aí fim."*

#### Conversando sobre a Estória

Questionei: *"quem prepara o café da manhã pra você?"*, e ele respondeu: *"minha mãe"*. Perguntei: *"o que você acha do dia que não tem projeto?"*, e ele disse: *"um pouco chato"*.

Indaguei: *"o que você acha da mãe?"*, e ele respondeu: *"legal, ela, às vezes, prepara café da manhã, às vezes, meu pai, às vezes, quando eu fico com falta de ar, quando eu corro muito, eu faço bombinha [pausa]"*. Perguntei: *"e alguém te ajuda a fazer bombinha?"*, ele disse: *"uhum, às vezes, meu pai e, às vezes, minha mãe, mas lavar o nariz eu já sei"*.

Perguntei: *"o que você acha da relação da mãe com a Ana Lívia?"*, e ele respondeu *"minha irmã ela, eu e minha mãe fica chamando ela, ela não acorda, e minha mãe chama ela e ela vira o olho"*. Quando eu quis saber *"o que tem aqui nesse desenho [aponto para a sexta figura desenhada]"*, ele disse: *"é a minha irmã Sara"*; *"e essa parte que você desenhou?"*, questionei, mostrando alguns riscos embaixo da cabeça, ao que ele disse: *"é porque eu não conseguia fazer a cabeça"*.

Solicitei que ele fornecesse um título e ele respondeu: *"A estória de Pedro"*.

Perguntei o que ele achou de contar as estórias, e ele disse: *"legal"*. Agradei a sua participação, valorizei sua dedicação em participar e finalizamos a aplicação.

#### Análise do desenho e da estória

No desenho, o pai aparece como uma figura bem maior em relação às outras, podendo demonstrar uma figura de maior autoridade. Novamente, o casal é desenhado em conjunto.

Na estória, a família assiste a filmes e séries juntos. Pedro Lucas apresentou a dinâmica de cuidados que recebe, a qual incluiu o cuidado dos seus pais, as atividades que realiza no projeto social do qual participa e as atividades e cuidados no sítio do avô. Sua mãe cuida da alimentação e, aos poucos, ele vai adquirindo mais autonomia, às vezes, consegue acordar sozinho [indicando um momento de transição, já que às vezes precisa que a mãe o acorde], faz atividades no sítio e assiste.

O “assistir” apareceu como atividade recorrente, tanto da família quanto de Pedro Lucas, como uma forma de ligação entre os membros. Também funcionou como forma de ocupação do tempo, quando não há outras atividades ou interações entre as pessoas, como quando não vai para o projeto e não encontra o avô.

Pedro Lucas afirmou, no inquérito, que os pais o auxiliam a se cuidar, porém, evidenciou que certas coisas ele já sabe fazer, como lavar o seu nariz, indicando novamente um movimento de autonomia. Ele trouxe, no inquérito, a relação de Ana Livia com a mãe, destacando que a filha “vira o olho”, quando a mãe a chama para acordar. Ana Livia demonstrou o desejo de autonomia, escolhendo o horário de acordar, porém, está em um período no qual não deseja seguir o que os pais criaram de expectativa quanto a ela, nesse processo, mas, ao contrário, questiona o que lhe é solicitado e busca sua própria maneira de fazer as coisas. Diferentemente de Pedro Lucas, que está desenvolvendo sua autonomia, contudo, em um período de poucos questionamentos, fazendo atividades sozinho, mas não contrariando o que os pais estabelecem, em grande parte das vezes.

#### Síntese da análise dos desenhos

Percebe-se que os desenhos e as estórias trazem um movimento vincular de busca de autonomia do filho Pedro Lucas, ao mesmo tempo que ambivalência e desejo de maior cuidado e proximidade dos pais. As vivências entre os pais e os filhos acontecem de maneira conjunta, construindo-se a parentalidade e a filialidade simultaneamente.

Pedro Lucas é o único filho que teve seu registro na linha da vida da família, sendo relatados pelos pais a expectativa, o desejo e a preparação para a sua gravidez, ocupando uma posição privilegiada, nesse sentido. Parece ter sido delegada a ele uma função de corresponder aos desejos dos pais, o que ele manifesta objetivando sua independência, um desenvolvimento considerado mais rápido, na visão do casal, uma postura de maior obediência e aceitação do que lhe é colocado. Consegue adiar

suas satisfações, possui desenvolvimento moral e procura transmitir isso ao irmão mais novo.

O filho percebe as divergências entre os pais e a irmã mais velha, que ressoam na família. Enquanto Pedro Lucas procura sua autonomia sem tantos questionamentos, fazendo suas atividades sozinho, mais próximo da expectativa dos pais, sua irmã questiona e deseja fazer as coisas ao seu modo, sem atender ao que o casal deseja. Essas angústias são percebidas pelo filho, que coloca a irmã em posição mais central, nos desenhos.

Um elemento expressivo ressaltado nos desenhos é o estabelecimento do vínculo fraterno. Os irmãos e irmãs se aproximam, através das brincadeiras que fazem juntos e, mesmo com uma diferença de idade e períodos de vida entre eles, procuram aproximar-se e podem contar uns com os outros.

### **6.3 Família 3**

A família é composta pela mãe, Ester, de 39 anos, o pai, Márcio, de 57 anos, chamado de Marcinho, em alguns momentos da entrevista, e as filhas, Márcia, de 21 anos, tratada por Marcinha, em alguns momentos, e a filha Heloísa, de 11 anos, chamada de Helô pelos pais. A renda mensal da família é de cerca de três salários-mínimos e meio. Heloísa é a filha participante da pesquisa, a quem é aplicado o DF-E, sendo que ela estuda em uma escola pública estadual. Uma breve descrição da história da família é exposta, na técnica da linha da vida da família, que será reproduzida abaixo. O irmão de Márcio, Caio, conforme será mencionado a seguir, residiu por um período com a família, mas atualmente não moram juntos.

#### **6.3.1 Linha da vida da família**



Inicialmente, eles foram mais descritivos nos dados, informando os anos e meses dos acontecimentos. Ester disse que a família começou, quando ela ficou grávida da Márcia, no ano 2000. Eles disseram que sofreram mudanças, sendo que primeiramente passaram a residir na primeira cidade [nome removido por questões de sigilo]. O nascimento de Márcia ocorreu em maio de 2001. Eles citaram o desemprego de Márcio, em abril de 2002. Mudaram-se para uma nova cidade e residiram na casa da mãe de Márcio, pelo período de um mês; ele arrumou um emprego nessa cidade, em maio de 2002, mas a empresa encerraria suas atividades, de maneira que ele pediu transferência e se mudaram para a cidade que habitam atualmente. Ficaram um tempo residindo, desde junho de 2002, na casa onde eles vivem hoje, na qual Marcinha começou a andar e a falar, em setembro de 2002. Nessa mesma época, Caio, irmão de Márcio, foi morar com eles, sendo que atualmente não reside com a família, mas não especificaram o período no qual a mudança ocorreu. O casal brincou: *“não vai caber na folha”* – ao que eu os tranquilizei e pedi que continuassem.

Eles se mudaram para outra casa e Marcinha começou a estudar, em 2005. No ano de 2006, Márcio arrumou um novo emprego e, em outubro, eles compraram a casa na qual residem atualmente, que já haviam habitado anteriormente. Depois, marcaram a formatura do “pré-” da Márcia, em 2007, sendo que, no período de 2008 a 2011, Márcia estudou o Ciclo I na escola participante da pesquisa. Em maio de 2011, faleceu a sobrinha de Ester, Bianca, de 15 anos. Em julho de 2011, faleceu o pai de Ester.

Em setembro de 2011, deu-se o nascimento da filha Helô. No ano de 2012, Márcia mudou de escola e, nesse mesmo ano, Helô fez um ano e começa a falar *“papai”* e *“mamãe”*. Depois, eles lembraram que, antes disso, em agosto, o sobrinho de Ester, Jorge, faleceu em um acidente, aos seis anos de idade, quando o irmão de Ester estava fazendo uma viagem para o Paraná. Em 2013, a filha Helô começou a andar.

Nesse momento, eles disseram que estavam se confundindo com as datas e pararam de assinalar, somente marcando os dados. Márcia cursou o Ensino Médio em uma escola técnica, em tempo integral. Helô se formou no Ensino Infantil. Márcia se formou na escola técnica e, em seguida, entrou na faculdade. Helô começou a estudar o Ensino Fundamental.

Ester diz que, por fim, Márcio se aposentou, mas ele lembrou que, antes disso, em 2016, ela ingressara na Prefeitura. Márcio também mencionou que Ester estudou e se formou no curso de Pedagogia. Após ter esquecido de sua entrada no serviço público, Ester justificou que, depois de comentar sobre a morte da sobrinha Bianca, ela se perdeu um pouco nas datas.

Após o preenchimento minucioso das informações da família, pedi ao casal que comentasse os fatos que eles colocaram na linha. Márcio disse que Ester morava em outro estado, ele foi trabalhar lá e, em pouco tempo, ela engravidou e mudaram de cidade. Ele ficou desempregado, foi para uma cidade nova e estava buscando um emprego, quando negociou com um homem o aluguel de uma casa; ele arrumou um emprego, mas, como a empresa encerraria suas atividades, ele pediu transferência para a cidade onde residem atualmente. Nesse período, habitaram em uma outra cidade, junto com a mãe de Márcio, sendo que ele viajava todos os dias para trabalhar.

Posteriormente, foram para a cidade na qual moram, atualmente, pois Márcio se cansou de viajar e a mãe dele era de difícil convivência, de modo que arrumaram uma casa para alugar, que é aquela onde vivem atualmente, segundo eles “*bem ruim, muito destruída*”, na época, chovia dentro, não tinha piso, era um telhado muito antigo. Após, foram para outra casa mais próxima do trabalho de Márcio. A filha Márcia começou a estudar e, nesse período, Ester não trabalhava. Quando Márcia estava no último ano do Ciclo 1 do Ensino Fundamental, eles descobriram a gravidez de Helô, que não foi planejada; Ester estava com alguns nódulos no seio e o médico solicitou a interrupção do anticoncepcional por alguns dias e, dois meses depois, Ester estava grávida da Helô.

Helô nasceu no ano de 2011, e Ester afirmou que “*veio um pouco pra pentelhar a vida [risos]*”, porque a Márcia veio a sentir ciúmes da irmã. Ester começou a falar sobre o ano de 2006, depois disse que não estava seguindo a linha, voltou e contou que, quando estava grávida da Helô, ela perdeu a sobrinha Bianca, com 15 anos; dois meses depois, seu pai faleceu, não tendo chegado a conhecer a Helô. Ester se emociona, ao relatar essas perdas, e diz que Márcia era o “dengo” dele e que Helô também seria. Depois de um ano e quatro meses, Jorge, sobrinho de seis anos, faleceu. Ester pediu para que Márcio prosseguisse.

Acolhi Ester e ela resolveu seguir com o relato. Ressaltou que, no dia em que Jorge faleceu, ela estava sozinha com as filhas em casa, quando soube do acidente,

pois, devido ao sobrinho não estar utilizando o cinto de segurança, foi arremessado e rompeu o baço. Ester disse que *“foi um baque”*, porque seu pai e a Bianca já haviam falecido, foi algo precoce e até hoje não sabem o que causou a morte. Para Ester, foi a época em que eles ficaram mais abalados, pois, em um ano e meio, tiveram três mortes na família. Após o falecimento de Bianca, o pai de Ester sofreu muito, morrendo dois meses depois. Em seguida, veio a morte de Jorge, que foi muito difícil para o irmão de Ester, o qual ficou com sequelas em função do acidente.

Segundo Ester, *“a parte mais difícil que a gente passou foi essa”*. Ester salientou que estava grávida da Helô, quando foi ao velório do pai e, em setembro, a filha nasceu. Ela foi ao médico e ele disse que ela já estava com quatro dedos de dilatação. Eles voltaram para casa, para pegar as coisas, antes de irem ao hospital e, no trajeto, o carro quebrou e precisaram chamar um mecânico para atendê-los. Ester disse que, com o nascimento de Helô, tudo mudou e tiveram que *“reaprender tudo de novo”*, quanto aos cuidados com um bebê, pois Marcinha já tinha dez anos, na época. Posteriormente, Helô começou a estudar.

Márcio frisou que eles passaram muita dificuldade, nesse período, pois pagaram o aluguel e tiveram dívidas, sendo que, durante os primeiros anos, somente Márcio trabalhava. Eles mesmos foram fazendo a reforma da casa e, sem conhecimento específico sobre obras, colocaram forro, pintaram etc. Atualmente, a situação é mais tranquila, pois Ester também trabalha. Foram pagando as prestações e a mãe de Ester ajudou, devido às dificuldades financeiras que o casal viveu.

Para finalizar, Ester pediu para que Márcio contasse de sua aposentadoria, como foi desejada e conquistada; ele disse que trabalhou na última empresa dezesseis anos e que, agora, está em casa para cuidar de Helô, a qual agora é *“minha companheirinha”*, segundo Márcio.

Finalizamos a técnica da linha da vida da família e seguimos com a realização da entrevista.

### **6.3.2 Considerações a partir da entrevista e da linha da vida da família**

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos a partir das entrevistas, em conjunto com as informações trazidas na linha da vida da família.

### 6.3.3 A imagem das filhas segundo os pais

Os pais investiram psicologicamente em cada uma das filhas, construindo vínculos e expectativas, de formas diferentes. O investimento se iniciou, na visão deles, com a gravidez da primeira filha, Márcia, entendendo que a família se constituiu inicialmente através da parentalidade. Relataram minuciosamente alguns momentos específicos, tais como os primeiros passos, início da família, mudanças de cada ciclo das escolas, entre outros, em relação a cada uma das filhas.

As duas gestações não foram planejadas, mas os momentos de vida diferentes provocaram mudanças na parentalidade. Márcia nasceu no início de relacionamento, quando Ester tinha dezoito anos. Mudaram-se de cidade várias vezes, na busca por melhores condições financeiras.

Durante os anos iniciais, Ester tinha maior disponibilidade de tempo para se dedicar a Márcia do que possuía na infância de Helô e correlacionou que, por esse motivo, Márcia é menos comunicativa, por causa da falta de contato com maior diversidade de pessoas, na época da infância. O pai relatou que *“Márcia quase não fala, ela é muito tímida, ela tem a autoestima muito baixa, ela é linda, ela se acha feia”*. Ela sente ciúmes da irmã até hoje. Devido às dificuldades financeiras, faziam concessões financeiras para atender aos desejos de Márcia, privando-se de seus próprios desejos, davam o melhor para ela e, por isso, ela se acostumou com coisas caras. Márcia dormia com o pai, era mais *“grudada”* com ele. Márcia entende, segundo o relato dos pais, que ela atrapalhou a vida deles, visto que Ester precisou interromper os seus estudos e sempre ressalta para a filha que ela não deve namorar enquanto não concluir sua formação, como forma de prevenir uma gravidez em momento inadequado. Segundo a mãe, *“a gente fala desta forma, porque não tem outra forma de se falar, porque o caminho da gravidez na adolescência é... realmente, atrapalha os estudos”*.

A gravidez de Helô ocorreu, porque Ester parou o uso de anticoncepcionais devido ao nódulo no seio. Ela retornou ao médico: *“ele falou assim, ‘ué, o que aconteceu que voltou tão rápido de um período curto de tempo?’ Aí eu falei assim, ‘por que eu acho que não sou só mais uma, agora acho que sou duas’*”. Ao descobrirem a gestação, o pai ficou feliz, Márcia já pedia um(a) irmão(ã), acreditou que ela *“veio para completar mesmo, eu fiquei feliz da minha parte”*. Ester sentiu medo, pois não seria possível realizar o tratamento do nódulo em conjunto com a

gravidez e teria que interrompê-la, mas o nódulo era benigno. Como maneira de aceitação, ela compreendeu que chegara a hora de dar irmãos para Márcia.

A gestação foi tranquila, com enjoos somente no início, sendo possível fazer as atividades normalmente até o dia do parto. Nesse período, Márcia era companheira, pois acompanhava a mãe nas consultas. A expectativa era de que Helô seria *“um xerox da Márcia”*, porém, quando nasceu, tinha uma fisionomia diferente; ainda assim a mãe contou que *“veio perfeita, igual eu esperava”*. A mãe disse que *“mudou completamente, que daí era... onde era só três, virou quatro. E daí a gente teve que reaprender tudo de novo. Dez anos depois, teve que reaprender tudo de novo”*. Helô demandou muito cuidado, após a dieta, pois chorava à noite por cólica e o pai não conseguia dormir, mas ele ressaltou que *“a alegria que a gente tinha de ter ela, é... a... era acima de tudo, né?... essas dificuldades que a gente passava.”*

Helô nasceu após três falecimentos significativos na família, no momento que a mãe considerou como o mais difícil da vida deles. Márcio disse que, *“depois, de presente veio a Helô, né? Para alegrar, né? Tirar um pouco da tristeza”*, e a mãe comentou: *“Aí, a Helô nasceu em 2011 e veio para, para temperar um pouco a vida, porque daí a Márcia começou com o ciúme, que era sozinha”*. Helô começou a estudar, segundo Ester, ela *“não tinha medo de nada, falava com todo mundo”*, agora que está mais ansiosa, na visão da mãe. Márcio disse que ela é uma criança que *“gosta de se aparecer, principalmente no lugar que ela se adapta”*, como na escola, na igreja, *“ela gosta de estar em evidência”*. Márcio disse que brinca que ela é igual à avó materna, *“que, se não for para se aparecer, ela não vai”*. Ela dá aula como se fosse a professora, fica lá na frente da turma. De acordo com Ester, ela se desenvolveu mais, porque conviveu com mais pessoas, durante a infância, que cuidavam dela, já que Ester trabalhava, o que tornou Helô mais independente.

Ester afirmou que a filha é bastante *“medrosa”*, porque as crianças falavam para ela que o pai ia morrer, que iam entrar na casa dela, tem medo de palhaço, tinha medo de qualquer boneco fantasiado; durante algum tempo, não queria nem dormir sozinha. Para Márcio, Helô é bastante carinhosa e conta estórias bem detalhadas. Ester ressaltou que, na semana em que fizemos o encontro, a avó paterna estava internada, Márcio foi dormir com a sua mãe, e Helô chorou, ficou com medo de o pai ir e não voltar.

Ester mencionou que Helô se preocupa em ajudar, ela se incomoda se perceber algum aluno sendo prejudicado; se ela notar que alguma professora ou coordenadora cometeu alguma injustiça com algum aluno, ela reclama para a diretora. Por exemplo, Helô reclamou do professor de inglês em uma tutoria, mas não contou para a família; ela se queixou que o professor estava comparando uma sala com a outra, inferiorizando uma turma e dizendo que uma turma é melhor que a outra; mesmo ela tirando nota dez, ela se incomoda, porque se coloca no lugar das outras pessoas e se preocupa com os colegas. Ester disse que *“o problema é o coletivo”*, porque ela não se incomoda por ela, mas pelas outras pessoas. Segundo a mãe, *“Helô sofre porque ela se preocupa com o outro”*, assim, ela termina as atividades rápido para ajudar o outro.

Helô é percebida como mais carinhosa do que Marcinha, sendo considerada pelos pais como mais *“grudada”* com a mãe, mas também com o pai, mais do que Márcia. Quando Helô tinha três anos e foi para a escola, Ester ficou com receio de a filha sentir muita falta dela e ter dificuldades em adequar-se à nova rotina, porém, ela não chorou, deu tchau no portão e não precisou de adaptação.

Ester disse que, desde que ela nasceu, o médico avaliou que *“ela era um bebê velho”*, porque, desde um ano e meio, ela desfraldou à noite; ele dizia que ela era muito precoce em tudo. Por volta de um ano e quatro meses, começou a andar, é mais independente, comeu sozinha, pegava água sozinha, aprendeu a tomar banho, conquistas precoces, na perspectiva dos pais. Com dois anos, ela lia o alfabeto para a turma, dando aula como se fosse adulta. Ela acorda e toma seu café sem auxílio. Só não ia sozinha para a escola, sempre foi junto com a mãe e a esperava no trabalho para voltarem juntas. As dificuldades ocorreram na amamentação, com cerca de quase dois anos de Helô, porque ela não aceitava o desmame. Ester colocava alimentos de gosto desagradável no seio, visando à interrupção da amamentação. Tentaram realizar uma transição para o uso da mamadeira, porém, Helô seguiu utilizando copo.

Na visão dos pais, Helô *“sempre foi assim, sempre pra frente”* e *“onde ela passa todo mundo só fala bem dela”*. A maior preocupação da mãe para educá-la foi *“esse jeito dela é... preocupa a gente, porque, por causa da inveja do outro [...] ela tem inocência, então, ela não tem a maturidade de achar que os outros pode fazer um mal pra ela.”* O pai complementou: *“é a dificuldade maior, a... o temor de que aconteça*

*intriga na escola, assim, e ela venha a cair o rendimento dela, né?... ou tirar o gosto de ir pra escola, essas coisas, então, essa é a preocupação maior, eu sempre falei, vou levar e vou buscar [risos], um quarteirão".* Márcio relatou que acompanhará a filha até a escola, no ano seguinte, embora esta esteja localizada na frente da casa onde eles residem, indicando um certo excesso de preocupação e proteção.

#### **6.3.4 O impacto no convívio familiar devido às diferenças cronológicas entre as filhas**

A maneira com a qual os pais se vinculam com as filhas se modifica e as percepções que eles possuem sobre elas é atravessada pela faixa etária de cada uma. Os pais apontaram que as filhas são o *"oposto, uma da outra"*, *"é como se você virasse uma do avesso da outra"*.

Márcia, de 21 anos, foi percebida como tendo baixa autoestima, gosta de roupas caras, as quais nem chega a usar, às vezes. Ela é mais reservada, gosta de chegar em casa e ir para o quarto, não gosta de conversar. Possui ciúmes da Helô porque, segundo a mãe, *"ela não lembra desse... desse elo, então, ela lembra do elo da irmã, aí ela acha, assim, que com ela não foi a mesma coisa"*, ao que o pai complementou: *"só tinha ela, então, toda a atenção era ela [...] se ela pudesse ver o que que a gente fez pra ela, a gente fez o dobro do que fez pra irmã dela, mas ela não entende"*. Apesar dos ciúmes, a mãe afirmou que *"Helô é louca por ela"* e que *"são bem grudadas"*.

O pai ressaltou que, mesmo com vinte e um anos, *"ela não tem maturidade [...], é muito infantil, no sentido de... ela é inteligente e tudo e ela, e ela é muito indecisa nas coisas"*, como para roupas, estágio, faculdade. Quando existe uma oportunidade de estágio, estudo ou trabalho, são os pais que a incentivam a ir, pois a filha fica receosa, mas depois que os pais insistem, ela vai e fica até o fim. Márcia começa a chorar e apresenta estado de tensão, mesmo quando a situação não é com ela, como quando Helô lê algo em público [na formatura ou na igreja], enquanto a irmã se sente à vontade, nessas situações.

O pai salientou que, na adolescência, é mais difícil colocar os 'nãos': *"da adolescência pra cima, o 'não' ela já acha como agressivo, que você tá querendo*

*proibir, não é proibir, é um 'não' que a gente sabe, é assim que é a vivência da gente, a gente tem mais experiência*", sendo que os 'nãos', para a Márcia, *"o da maior... dói, porque a gente sabe que ela já é maior, entendimento dela é outro, né? Mas a gente quer proteger ela, porque ela, assim... pelo fato dela ter vinte e um anos, mas é muito infantil, muito insegura, se ela fosse uma pessoa mais madura..."* Os pais exemplificam, dizendo que o celular de Márcia está sempre no mudo, que ela *"não tem juízo"*, demora horas para responder às mensagens. O pai disse que a filha não coloca crédito no celular, mesmo tendo salário, o que demonstra imaturidade. Ester completou que dizem o 'não' agora, para verem se, após o término da faculdade, no ano seguinte, *"ela vai caminhar"*.

Os pais também se sentem cobrados por Márcia a satisfazer seus desejos, em situações nas quais eles não podem oferecer o que ela reivindica. Ester afirmou que Márcia quer suporte para seus estudos, ao que o pai complementou: *"ela não entende que o suporte é você fazer tudo, ela só estuda, só pra estudar"*, mas a mãe disse que ela precisará da ajuda de colegas para estudar, pois Ester tem dificuldades em entender o que ela estuda. A mãe acredita que a filha deseja *"o suporte que ela acha que a gente tem que dar, é esse, é de fazer as coisas por ela"*. A mãe disse que o maior conflito é o estabelecimento de limites para a Márcia, visto que a filha se comunica pelo celular, através das redes sociais, ao invés de conversar pessoalmente, pedindo para a mãe intermediar e conversar com Márcio, porque tem medo do pai.

Ester cogitou agendar uma psicóloga para Márcia, porque ela é inteligente, contudo, *"Márcia vai falar que não sabe, sabendo, de medo de errar"*. A mãe disse que cobra muito de Márcia, porque, na idade dela, já tinha responsabilidades e horários, a responsabilidade de cuidar da casa, da filha e do irmão de Márcio.

Enquanto isso, *"a Helô já é o contrário, ela pode não saber, que ela vai falar que sabe [...], nem que for pra ela ir lá e quebrar a cara"* segundo a mãe. Foi vista como carinhosa, gosta de realizar atividades em família, de contar histórias com detalhes, contar para os pais como foi o seu dia na escola. Depois que o pai se aposentou, ele explica: *"agora como tô em casa agora, agora ela é minha companheirinha"*. Na escola, ela *"quer ser vice diretora, quer dar aula, aí é pra frente e não tem vergonha de nada"*. Helô aceita mais facilmente os momentos nos quais os pais não atendem aos seus desejos, ao que a mãe disse: *"não sei se é por causa da*

*idade, a Márcia é mais rebelde um pouquinho*". Para Helô, os "nãos" são mais fáceis, pois se referem à imposição de limites. De acordo com a mãe, *"não tem o que falar da Helô, todos os professores, ela é orgulho, porque, não tem o que reclamar dela [...] parece que tudo tá perfeito"*. Afirmaram que, *"com a Helô, por enquanto não tem conflito, porque ela é pequenininha, a... fala as coisas dela, são tão mínimas assim, que a gente consegue fazer tudo"*.

Quando os pais associaram semelhanças entre as filhas, remeteram à questão da idade. Helô tem começado a demorar mais para se arrumar, acordar e comer, se assemelhando com Márcia, ao que os pais comentaram: *"chegou essa faixa etária aqui tá, tá assim, tem que acelerar, vamos, vamos, se não, não vai dar tempo"*. A passagem do tempo e o avanço da idade de Helô são motivos para mudanças. Quando Helô era mais nova, não tinham problemas com a alimentação, dormia a noite toda, brincava; *"hoje ainda algumas coisinhas ela tirou do cardápio [...], depois que ela passou esse período que ela ficou maiorzinha que ela começou a rejeitar"*. A mãe disse que *"pode ser que mais lá pra frente, a Helô também pense igual a Márcia, de achar que a gente falou o 'não' porque... porque quer privar ela de alguma coisa"*. A transição de faixa etária das filhas parece estar associada à chegada de maiores dificuldades, no convívio familiar, por se iniciar um processo no qual elas oferecem mais questionamentos, posicionamentos diferentes e por demandarem outras posturas dos pais.

### **6.3.5 O exercício da parentalidade**

Ao relatar a rotina da família, Ester comentou que acorda quatro e cinquenta da manhã, prepara a alimentação e acorda as filhas. Ela não deixa Márcia aquecer seu alimento e se responsabiliza por essa tarefa, acompanha-a ao ponto de ônibus e aguarda o retorno da faculdade para dormir, ao que confessou: *"é muita superproteção"*. Os pais sentem medo de algo ruim acontecer, por terem deixado as filhas irem a algum lugar. Ester afirmou que, *"pra mim elas são tudo, primeiro elas, depois o Márcio"*. Quando querem algo, pedem para a mãe, e Ester comentou que a Helô diz: *"vou pedir pra mãe, porque quem manda aqui em casa é a mãe mesmo"*, enquanto Márcia pede para a mãe, por receio de ouvir um "não" do pai e, segundo

ele, “o ‘não’ meu dói mais”. Ao mesmo tempo, as filhas sabem que nada será escondido e que a mãe contará o que souber para o pai. Márcio disse que eles têm uma conta conjunta, é *“ela que controla”* – e eles riem; quando Márcio residia com a sua mãe, ela era responsável pelas finanças e ele se acostumou, oferecendo essa função para Ester.

De acordo com Ester, Márcia *“não entende o mundo lá fora [...], ela não tem essa maturidade [...], ela não tem a malícia de achar que pode acontecer alguma coisa”*. Dessa forma, eles reagem *“por gostar muito, que a gente quer colocar, é errado, eu sei que é errado a gente colocar dentro da... ficar ali debaixo da asa da gente”*. A mãe monitora o horário de Márcia, tem preocupação e proteção. Conversa com a filha, dizendo-lhe que é inteligente e teve bom desempenho na prova para entrar na faculdade particular. Ao mesmo tempo, Ester se culpa, porque acha que Márcia *“é assim de tanto que eu proteger ela demais, que só tinha ela, então, eu só tinha ela, eu protegia ela demais”*.

Admitiu que foi após o nascimento de Helô que Márcia *“começou a voar um pouquinho maior”*, pois a superproteção teve influência no desenvolvimento da filha mais velha. O pai comentou que Márcia queria o curso de graduação que está fazendo atualmente, porém, em outra universidade, mas, *“se a gente não dá esse empurrão”*, a mãe complementou, *“ela não vai, ela tem medo”*, pois agora está gostando. Conforme Márcio, *“não é que a gente impôs, a gente empurra, né?... porque... por causa dela ser indecisa nas decisões dela”*. Eles tentam incentivar as filhas a experimentarem atividades novas, para que tenham a experiência e constatem na prática as suas capacidades. Márcio comentou: *“com as duas eu falo assim, ‘você tem que ser forte, porque o mundo bate pesado’ [...] a concorrência é grande, elas têm que tentar”*. A mãe também disse: *“e eu cobro, se o Márcio cobra cinquenta por cento, eu cobro mil, porque eu cobro muito”*.

Na perspectiva de Ester, Helô *“já tem essa maturidade que ela já sabe... se eu precisar falar pra ela assim ‘Helô, a mãe vai sair e vai deixar você aqui’, ela já tem um medo de ficar”*, significando que a filha compreende possíveis perigos, o que faria com que tivesse maior cuidado. Ela não costuma sair de casa sem os pais, somente em um passeio na escola, na pracinha, em aniversários, desde que os pais levem e busquem a filha. A única exceção é quando ela sai com a irmã, que os pais permitem.

Relataram que, na pandemia, monitoraram Helô por câmera em casa e *“ela é bem independente, ela, se precisar, ela se vira”*.

Márcio disse que gostaria de ter sido mais presente nas consultas, durante a gestação das filhas, mas não pôde, devido ao trabalho. No nascimento de Helô, ele foi o primeiro a pegar a filha no colo, enquanto, no parto de Márcia, ele não estava presente. No período inicial de vida, as filhas dormiam com os pais, sendo que Márcia dormiu com eles até os sete anos de idade, até os cinco anos na cama, depois em uma cama ao lado, abraçada com o pai, que não queria que a filha dormisse em cômodo separado. Com a Helô foi bem parecido, todavia, tiraram-na mais cedo do quarto, sendo que ela dormia mais próxima da mãe. O pai não lembra como foi quando Helô entrou na escola, pois ele saía para trabalhar antes do horário do período escolar. A mãe era responsável por cuidar da escola e levar Helô ao médico.

Márcio frisou que fica preocupado com as filhas: *“eu sou pai coruja também, pra mim ela é meu orgulho, nossa, tudo que ela faz [Helô] [...] ela adora contar as coisas... as coisas pra mim, sabe?...”* e possui mais paciência que a mãe em escutar.

Ambos não concordam que Márcia inicie um namoro por enquanto. O pai relatou que ela não tem tempo para namorar agora, que vai *“atrapalhar”* os estudos e deve esperar o término de sua faculdade, que ocorrerá daqui a um ano. Ele comentou acerca da sobrinha que se casou e vai se formar, dizendo: *“saiu da prisão da casa dos pais, pra ir na prisão da casa do marido, aí já estragou”*, pois, casando-se, não consegue *“aproveitar a vida”* e se divertir. A mãe disse que *“ela é muito novinha, tudo tem seu tempo, tem gente que tem 30 anos, nunca namorou”*. Ainda que os pais entendam que Márcia deveria apresentar comportamentos mais maduros, manifestam contrariedade quanto ao estabelecimento de uma relação amorosa pela filha, nesse momento da vida. Márcio comentou que eles educam as filhas para serem independentes, não precisarem depender de marido, em um relacionamento insatisfatório; Ester acrescentou que educam para serem independentes e não terem medo de realizarem novas atividades, errarem e depois aprenderem com seus erros.

Sobre a parentalidade e a questão de dizer “não”, Ester afirmou: *“se eu falar que é não, é não [...], eu fico com o coração apertado”*, mas que não falam “não”, porque querem o mal das filhas, é uma forma de cuidado. A reação de Márcia é ficar *“emburrada”*, entende que não gostam dela. O pai relatou que eles explicam o porquê do “não”, entretanto, nem sempre as filhas entendem que *“o ‘não’ é necessário e a*

*gente fala o 'não', só que no coração da gente dói*", para que possam crescer fortes. O "não" aparece como uma maneira de evitar algo pior, o que manifesta uma superproteção, conforme apontado pelos pais. Ester disse que seu desejo era dizer "sim" para a filha, que sofre, especialmente com Márcia, mas que ela pede coisas consideradas absurdas pelos pais, como viajar para assistir à competição de Fórmula 1. Ester comentou: *"a gente faz coisas para as duas, principalmente pra Márcia, que pesa pra gente, quando a gente fala um 'não' pra ela, pesa, a gente fica triste, elas não podem saber [...] muitas vezes, chega a chorar de não deixar elas fazer as coisas"*.

Quanto à sexualidade, os pais não conversaram sobre esse assunto com as filhas, as quais descobriram a sexualidade por si mesmas, através de jornal, televisão, leituras. A percepção dessa descoberta pelos pais se deve a Helô virar o rosto em cenas de beijos, ao assistirem a televisão, quando eles mudam de canal.

Márcio admitiu que, em certos momentos, Ester compreende de forma equivocada o que as filhas estão dizendo, ocasionando uma briga. No entanto, ele não comenta sobre o assunto, porque não quer retirar a autoridade da mãe. Em sua concepção, as filhas precisam ser educadas com os pais e tratá-los como autoridades, ao invés de colegas. Ao mesmo tempo, o pai enfatizou uma intensa preocupação e aborrecimento, por não corresponder às expectativas que Márcia possui sobre ele, que não consegue suprir os desejos financeiros dela. Márcio afirmou que oferece para as filhas muito mais coisas do que recebeu em sua família de origem, mas Márcia parece não se satisfazer.

Enquanto casal, os pais disseram que, devido à diferença de idade entre eles, quase não brigam: *"às vezes o Márcio fala alguma coisa que eu não gosto, eu largo ele lá falando sozinho e venho pra cá, às vezes, eu falo alguma coisa que ele não gosta e eu vejo que ele também sai e larga eu falando sozinha"*, que se acostumaram após 22 anos juntos. A diferença de idade de 18 anos entre o casal foi o motivo pelo qual acharam que a relação não seguiria adiante, ao se conhecerem, mas decidiram continuar o relacionamento, porque se gostam, segundo o pai, e porque logo a Márcia nasceu e, por ser mais velho, *"sei contornar melhor a situação"*, referindo-se às divergências que surgiram. Ester se altera emocionalmente, contudo, Márcio fica calado, contorna, ele disse: *"a gente faz tudo pra crescer junto, tudo que a gente tem é junto, tudo, se a gente sai é junto, tudo que a gente faz é junto, então, a gente não faz nada separado, e a gente fala que somos a família Buscapé"*, ao que Ester

complementou: *“ou vai todos ou não vai nenhum”*. O pai salientou que *“tem muito comprometimento um com o outro, entendeu?... ela sente minhas dores e eu sinto as delas, entendeu?... eu me aconselho com ela”*.

Para Ester, eles não tiveram nenhuma divergência significativa que levasse a uma separação; a Márcia nasceu e puderam *“continuar por causa das meninas, e porque agora falou, ‘a gente se dá bem, a gente se completa e eu acho que não teria o porquê de separar mesmo’*”. Passaram pelas dificuldades juntos e Márcio enfatiza: *“espero ficar assim pro resto da vida, se Deus quiser”*. Não chegaram a ter uma vida de casal, *“já veio os três juntos, né?... então, não teve assim o... assim sem ela, já começamos com ela [...], não tinha um antes e depois, o que mudou, já começou já”*, segundo Márcio, pois moraram juntos só dois meses antes do nascimento de Márcia, ao que Ester complementou: *“já começou mudado”*. Ainda sobre a diferença de idade, Ester afirmou que, quando eram mais novos, a diferença não era tão visível, mas, se eles superaram isso antes, por que não superariam, ao longo do tempo? Ponderou: *“a idade não aumentou, a idade continua a mesma, porque ele envelheceu, mas eu também envelheci [...], às vezes, ele fala assim... ‘nossa, eu tô bem mais velho’, ‘não, você não tá bem mais velho, continua a mesma idade, não tem diferença’”*.

Ao final da entrevista, Márcio demonstrou preocupação por ter atrapalhado a vida da esposa, que poderia ter estudado, de modo que ele sente esse peso. Ester destacou que *“eles não entendem que têm dois caminhos, um caminho sem filho que, pra você, torna mais fácil estudar, e um caminho com filho, onde fica mais difícil estudar”*. Márcio relatou: *“eu sei que pra ela não é peso, né?... mas eu acho assim, que talvez eu tirei a oportunidade dela, talvez de ter uma vida melhor”*, ainda que, na região onde moravam, não se tinha nenhuma condição para isso, segundo ele. Considerando o receio dos pais frente a um namoro de Márcia, existe um medo da repetição da história da mãe.

### **6.3.6 Os legados familiares**

Ao refletirem sobre suas famílias de origem, os pais relataram as experiências que tiveram com seus próprios pais.

Ester lembrou que o pai era quem acompanhava as reuniões de pais, contava histórias para a filha, pois não tinham televisão: *“meu pai me ensinou a cozinhar, meu pai me ensinou a lavar roupa, então, tudo, tudo pra mim era meu pai”*. Enquanto isso, a mãe pouco ficava em casa, *“não ligava”*, trabalhava muito e não perguntava sobre como estava na escola. Ester não aprofundou sobre os motivos que levaram o pai a ser mais participativo, todavia, ao mencionar sua conduta, retomou que ele era vinte e sete anos mais velho do que a mãe, podendo indicar que, por causa da idade, seu ritmo de trabalho era menor ou permitia que ele estivesse mais presente, sendo que chegava da roça e cozinhou o almoço e o jantar. Afirmou que a condição financeira em que viviam era difícil. Sobre pontos que ela gostaria de manter, em sua família, atual, ela disse que o pai dela falava muito ‘não’, ao mesmo tempo que não cometia punições físicas, mas explicava sobre a importância de ser honesto, *“não queria que a gente ficasse pra rua e falava da maldade do mundo, igual eu falo para as meninas sempre”*, além de sobre se preocupar com o outro. Destacou que *“a gente tinha suporte dele [...], chegava em casa, o almoço, sempre quentinho, esse negócio de comida esquentada com ele não tinha, ele podia estar cansado, chegava da roça o almoço e a janta quente pra gente ele fazia”*, enquanto a mãe foi mais ausente. Ester comentou: *“é isso que eu carrego comigo, meu pai pra mim foi o exemplo”*.

Conforme Márcio, seu pai não praticava agressões físicas como forma de disciplina, porém, não era carinhoso. Acredita que era devido ao jeito do pai, da idade, por trabalhar muito. A mãe batia, mas era carinhosa e amorosa: *“a minha mãe é complicada, sempre foi complicada, mas a gente gostava mais dela”*. Os pais eram pobres, mas honestos, *“a palavra tem que valer”*. Em termos de educação, Márcio ressaltou que não tem muito a passar para o relacionamento com as filhas, que quer ser diferente, porque sua mãe, se pensasse que uma vacina doeria, por exemplo, não levava para tomá-la, *“porque vai judiar”*, *“por parte da ignorância, de ignorância do sentido que eles também não tiveram esse cuidado do pai, da mãe deles também”*. O pai procura ser diferente, passar os valores morais, porém, a parte de educação, do estudo e cuidado, procura se transformar frente ao que recebeu dos pais.

Os pais de Márcio tinham trinta anos de diferença de idade, enquanto os pais de Ester, vinte e sete anos. Márcio afirmou: *“e repetiu com a gente, não sei por que isso”*. Os dois casais de origem nunca se separaram, somente após a morte dos pais. A mãe de Márcio brincava: *“você nunca vai arrumar uma namorada, a mãe falava*

*'não, a sua ainda vai nascer'*, ao que Ester complementou: *"aí, quando ele tinha dezoito anos, nasceu"*. Sobre o que desejam modificar em sua família atual, Ester relatou que *"a gente não quer que você caia em um círculo vicioso, que não melhore [...] se a pessoa quer melhorar, ela tem que sair desse círculo vicioso"*. Afirmou que as amigas de Márcia já se casaram, têm filhos ou são *"viciadas"*, nenhuma delas tem estudo e dependem do marido. A mãe insiste com Márcia: *"não, você não vai arrumar uma pessoa dezoito anos mais velha que você, você não vai casar com dezoito anos, você não vai ter filho com dezoito anos, é tudo no seu tempo"*. Ester comentou que Márcia não foi um empecilho, mas surgiram responsabilidades que dificultaram estudar, que deseja que as filhas tenham um futuro melhor do que o que eles têm hoje.

### **6.3.7 O encontro com Helô**

O encontro com Helô ocorreu em uma sala de aula na escola, de forma individual e se preservando o sigilo. Márcio levou Helô para o encontro, sendo que a apresentação já havia se dado na residência, quando eu realizei a coleta de dados com o casal, momentos antes de Helô sair com a irmã para que pudéssemos fazer a entrevista, de forma privada. Novamente, eu me apresentei, expliquei para Helô os objetivos da pesquisa e li o Termo de Assentimento; ela concordou em participar e o assinou em duas vias, sendo que uma delas ficou com Helô. Fiz a aplicação do DF-E, solicitando os desenhos das quatro famílias propostas por Trinca (2013b), pedindo, na sequência de cada desenho, que contasse uma estória, respondesse ao inquérito posterior ao desenho e, depois, desse um título para a produção. Possíveis erros gramaticais foram mantidos, para maior aproximação do contato real com a criança. O encontro teve duração aproximada de três horas e vinte e cinco minutos.

### **6.3.8 Desenhe uma família qualquer**

**Figura 12** - Desenho 3.2 – Desenhe uma família qualquer - Helô



**Fonte:** Dados da pesquisa – Helô

Helô demonstrou-se receptiva em participar da pesquisa. Solicitei que desenhasse uma família qualquer, entregando-lhe uma folha na posição horizontal e deixando à sua disposição lápis preto nº 2 e os lápis coloridos. Ela inicialmente fez o desenho com lápis preto nº 2, na sequência da esquerda para a direita, conforme se apresenta o desenho, ou seja, desenha a primeira figura humana, depois a segunda, logo após, a terceira, em seguida, a quarta, e, por último, a quinta figura humana. Ao terminar, ela perguntou: *“pode colorir?”*, quando eu respondi que ela poderia fazer como quisesse. Ela começou pintando a figura dois, depois a figura um e segue colorindo a figura três, quatro e cinco, contando da esquerda para a direita. Um professor abriu a porta da sala, quando estávamos executando a atividade e pediu desculpas; depois Helô explicitou: *“é que aqui é a sala da professora Erika do primeiro ano, aí os professores geralmente fica na sala, aí, às vezes, confunde”*. Ela terminou com o desenho do solo. Helô fez a atividade com muita calma, foi cuidadosa nos detalhes e levou em torno de 40 minutos para realizar o primeiro desenho. Ao final do desenho, pedi que ela me contasse uma estória sobre ele.

### A Estória: A família unida

*“Então, aqui tem uma família, essa família é de quatro integrantes. E, por conta de uma doença que a avó tem, essa família vai visitá-la. E ela sofre de Alzheimer. E, para guardar de recordação, a família resolveu tirar uma foto para tentar fazer ela se lembrar deles [pausa]. E essa avó, ela é mãe do pai. E depois que acaba essa viagem, o pai resolve ficar com sua mãe. E ele resolve ficar, porque seus irmãos não cuidam dela. A mãe e suas duas outras filhas voltam para casa, mesmo a filha mais nova aborrecida. E uma semana depois, o pai traz a sua mãe para morar com eles. E [pausa] todos se dedicam muito para cuidar dela”* [ela faz uma pausa, pensando; enquanto isso, aperta o dedo; pergunto se ela quer acrescentar mais alguma coisa ou se quer terminar e ela responde:] *“pode terminar.”*

### Conversando sobre a Estória

Conversei com Helô se poderia fazer algumas perguntas sobre a história e ela concordou. Perguntei: *“o que as netas sentem pela avó?”*, e ela respondeu: *“elas ficam um pouco tristes pela avó ter essa doença, e a caçula, às vezes, não compreende”*. Questionei: *“o que a caçula sente, que ela não compreende?”*, e ela disse: *“é porque, às vezes, a avó esquece o nome dela”*. Prossegui: *“e o que ela sente a hora que a avó esquece o nome dela?”*, e ela comentou: *“ela sente tristeza, e a mais velha a consola.”* Questionei: *“e o que as filhas acham de o pai ficar com a mãe?”*, e Helô respondeu: *“elas entendem, porque sabem que a avó estava sendo maltratada”*. Quando eu quis saber *“o que estava acontecendo com a avó, que ela estava sendo maltratada?”*, ela completa: *“é porque, por ela tá sofrendo Alzheimer, os tios das filhas... eles não estavam cuidando dela”*.

Questionei: *“por que a filha mais nova estava aborrecida, voltando para casa?”*, e ela respondeu: *“porque ela não queria deixar o pai dela”*. Perguntei: *“por que ela não queria deixar o pai dela?”*, e ela disse: *“porque, na época, ela não entendia o que tava se passando”*. Continuei: *“e essa foto que foi tirada para ver se a avó lembrava, funcionou?”*, e ela respondeu: *“funcionou”*. Perguntei: *“como foi quando o pai trouxe a avó para morar junto?”*, e ela disse: *“às vezes, a avó ficava brava, mas depois ela foi se adaptando”*. Questionei: *“e as netas, o que acharam de quando ela estava brava?”*, e ela respondeu: *“aaahh, elas sabiam que era por causa da doença, às vezes, se assustava, mas...”*

Indaguei: “o que os pais fazem, quando a filha mais nova fica aborrecida?”, e ela disse: “eles tentam falar pra ela que é por causa da doença, e que é pra ela ajudar eles a cuidar da avó”. Questionei: “e quando os pais falam isso, o que ela sente?”, e ela respondeu: “aí ela sente alívio, ela se acalma”. E “depois que eles ficam juntos na casa, o que acontece depois?”, ao que ela explicou: “depois que eles ficam na casa, o pai elas já tava na idade de se aposentar, então, ele passa a cuidar da avó, melhor; antes, quando ele trabalhava, quem cuidava era a filha mais velha”. Questionei: “o que a filha mais velha sente, olhando essa situação da avó?”, e ela concluiu: “por ela ser mais velha, ela sabe que é por causa da doença e ela fica triste por ver a avó naquela situação”.

Pedi que Helô me fornecesse um título para a estória, ela pensou durante um tempo e deu: “*A família unida*” [ela diz em tom de pergunta]. Solicitei que ela nomeasse cada um e ela disse: “essa primeira é a mãe, depois tem a filha mais nova, o pai, a irmã mais velha e a avó”.

Comentei: “parece que tem uma diferença aí”, e ela disse, com um sorriso, “tem”. Perguntei “qual é a diferença?”, e ela respondeu: “a mãe ser negra”. Questionei: “como que é isso?”, e ela disse: “é porque eu me baseei numa colega de sala que eu tenho e a mãe dela é negra e o pai dela ele é branco, e ela é negra, ela é negra meio branca”. Indaguei: “e o que você acha disso?”, e ela respondeu: “eu acho que é a diversidade, eu acho interessante”. Questionei: “e o que você entende por diversidade?”, e Helô explicou: “eu entendo que é a diferença entre as pessoas e que essa diferença tem que ser respeitada”. Perguntei: “você acha que, nessa família, eles lidam como, tendo essa diferença da cor da pele?”, e ela concluiu: “eles lidam normalmente”. Cabe ressaltar que os pais, a irmã e Helô possuem todos pele branca.

#### Análise do desenho e da estória

Helô desenhou uma família na qual a avó, mãe do pai, está doente. O desenho ressoa sua própria experiência em família, visto que sua avó estava hospitalizada, quando realizamos a pesquisa, e o pai tinha ficado alguns dias no hospital, como acompanhante. Ao final da aplicação, comentou que sua avó estava doente e talvez fosse morar com eles. A ressonância pode indicar um medo da passagem do tempo e da perda do pai, além da perda da avó. O pai foi desenhado com cabelos grisalhos,

assim como seu pai, ressaltando a questão da passagem do tempo e a diferença de idade entre eles.

Destacou-se a presença de uma família que, segundo Helô, apresenta diversidade, devido à mãe ter a pele preta e o pai ser branco, assim como acontece com sua colega de sala. Helô apontou o quanto acha a diversidade interessante, demonstrando que entende que a diferença entre as pessoas precisa ser respeitada e tratada com naturalidade. Tal aspecto pode evidenciar a importância da diferenciação entre os membros da família, cada qual com suas características próprias, demonstrando um desejo de que cada pessoa tenha seu espaço e individualidade.

Nessa família, a filha mais nova foi desenhada entre a mãe e o pai, mais próxima do casal, enquanto a filha mais velha foi desenhada entre o pai e a avó, ficando mais distante da mãe.

#### **6.3.9 Desenhe uma família que você gostaria de ter**

**Figura 13** - Desenho 3.3 – Desenhe uma família que você gostaria de ter - Helô



**Fonte:** Dados da pesquisa – Helô

Solicitei a Helô: “desenhe uma família que você gostaria de ter”, e ela começou a desenhar. Ela desenhou cada figura na sequência da esquerda para a direita, iniciando com a primeira figura humana, depois a segunda, após, a terceira, em seguida, a quarta e, por último, o cachorro. Depois de fazer o desenho com lápis nº 2, ela começou a pintar os desenhos; pintou os cabelos da primeira e terceira figuras – nesse momento, ela olhou o próprio cabelo e o lápis, comparando; em seguida, pintou o cabelo da segunda figura e novamente olhou o próprio cabelo e comparou com o lápis; por último, pintou o cabelo da quarta figura. Ela pintou todas as partes de pele na sequência dos desenhos, depois seguiu pintando todos os olhos e após pintou todas as roupas, em sequência; quando pintou as roupas da primeira figura, também pintou seus sapatos. No final, pintou o cachorro e, por último, o sapato da quarta figura. Ela foi minuciosa, tanto para realizar o contorno dos desenhos quanto para colori-los. A duração aproximada para completar a produção foi de cerca de trinta minutos. Solicitei que ela contasse uma história sobre o desenho, assim como proposto por Trinca (2013b).

#### A Estória: O presente inesperado

*“Então, aqui é uma família que tem quatro integrantes, e é o aniversário da filha mais nova. E estava toda a família reunida, já era de noite. Quando a amiga de sua irmã chama a irmã mais nova [dá um sorriso] e quando eles vão atender, essa amiga está com um cachorro, filhote. E como presente de aniversário pra irmã mais nova, essa amiga deu o cachorro. E como a mãe gostava do filme ‘O rei leão’, resolveram colocar o nome de Symba [o nome foi anotado conforme a grafia apontada pela criança]. No dia seguinte, a família, ao acordar, viram que o cachorro estava embaixo da cama da irmã mais velha. Então, para o cachorro não entrar dentro de casa, o pai resolve construir uma cerca de madeira. E, depois disso, o cachorro nunca mais fugiu. Com o passar do tempo, o cachorro foi crescendo e, um dia, a família resolveu comprar um osso para cachorros. Como o cachorro não era acostumado, ele engoliu o osso [Helô ri]. No dia seguinte, era domingo e, após a missa, a irmã mais nova decide levá-lo para passear, e ela ficou parada conversando com sua mãe e o cachorro foi para o meio da rua, e um carro estava vindo em sua direção. Porém, a irmã percebe e, ao pegá-lo, apertou sua barriga e ele vomitou o osso. Então, voltaram para casa e nunca mais compraram um osso. E finaliza a estória”.*

## Conversando sobre a Estória

Após finalizar a estória, eu quis saber se poderíamos conversar sobre ela e Helô concordou. Helô comentou: *“essa história foi um pouquinho mais longa”*. Perguntei: *“o que você achou dela?”* e ela respondeu: *“eu achei um tanto quanto engraçada”*. Questionei: *“engraçada por quê?”*, e ela disse: *“porque não estava esperando que afinal de contas quem fosse desengasgar o osso do cachorro fosse a irmã mais nova”*. Indaguei: *“e como ela percebeu que ele estava entalado?”*, e ela respondeu: *“porque ele não havia comido mais nada depois daquele osso”*. Continuei: *“e como ela se sentiu depois daquele osso?”* e Helô ressaltou: *“ela se sentiu feliz, porque o cachorro estava sofrendo com o osso engasgado”*.

Perguntei: *“e alguém mais tinha percebido que ele estava com o osso engasgado ou não?”*, e ela disse: *“todo mundo, meu pai, minha mãe, minha irmã, o meu pai mais, porque ele que tava colocando a ração”*. Comentei: *“mas quem salva é a irmã”*, e ela disse: *“quem salva é a irmã mais nova ainda”*. Indaguei: *“e como que ela tem essa ideia?”*, e ela disse: *“que, na verdade, foi sem querer mesmo, porque no automático que ele tava no meio da rua, o automático foi pegar ele pela barriga; e essa estória já aconteceu de verdade”*. Questionei: *“e o que os pais acharam de a filha mais nova conseguir desengasgar”*, e ela respondeu: *“ah, eles também se surpreenderam, ficaram bem felizes de ter desengasgado e surpresos, porque eles não esperavam”*.

Questionei: *“como foi o aniversário da filha mais nova?”*, e ela disse: *“ah, por conta que a casa era pequena, eles compraram bolo e salgado pra eles mesmos, pra família”*. Perguntei: *“e o que a filha mais nova achou?”*, e ela prosseguiu: *“ela, quando ela ganhou o cachorro, ela ficou mais feliz ainda, porque ela já tinha ganhado presente, mas o cachorro foi uma surpresa”*. Continuei: *“o que os pais acharam do cachorro?”*, e ela respondeu: *“os pais não ligaram, porque eles já tinham tido um cachorro, que foi dado à filha mais velha, e eles, assim... tem pais que ficam bravos, mas esses não ficaram”*. Perguntei: *“o que a filha mais nova achou do nome que a mãe resolveu dar?”*, e ela disse: *“ela achou engraçado, porque, quando ele é... quando ela ganhou ele, ele parecia mesmo um leão, por ele ter a parte da frente, o pelo da frente ser encaracolado, então, ele ficava pra frente igual à juba de um leão”*.

À pergunta “o que os pais acharam do cachorro estar escondido embaixo da cama?”, ela respondeu: “eles acharam engraçado [Helô ri], porque, como ele era muito pequeno, talvez na hora que eles foram fechar a porta, o cachorro já entrou”. Questionei: “por que o pai decidiu que era melhor fazer uma cerca?”, e ela disse: “porque, por ele ser muito pequeno e ele ser um pouco indefeso, sabe?... e como na vila onde essa família morava tinha caso de envenenamento, foi bom até pra ele não escapar pra frente, porque o portão da casa é de grade, então, tem as aberturas que dá... e por conta também dele ser pequeno, daí ele conseguia passar pelo portão”.

Pedi que Helô fornecesse um título e ela o fez: “O presente inesperado”. Solicitei que ela dissesse quem estava no desenho e ela descreveu, apontando a sequência da esquerda para a direita: “a mãe, a filha mais velha, a filha mais nova, o pai e o cachorro”. Comentei: “parece que aí também tem uma diferença”, e ela assentiu: “tem na cor do cabelo”. Eu concordei e ela complementou: “é porque a minha mãe, eu puxei mais pra ela na cor do cabelo, que minha mãe tem a cor do cabelo um pouquinho mais preto, e já o meu pai, na adolescência, ele tinha o cabelo castanho escuro meio claro, era uma mistura, e daí a minha irmã puxou pra ele, esse meio loiro aqui foi porque ela tingiu o cabelo”. Perguntei: “o que a irmã mais velha está segurando?”, e ela falou: “ela tá segurando uma pasta, porque ela faz estágio de arquitetura e dentro dessa pasta tem uma planta de uma casa”. Comentei: “parece que tem um detalhe ali na roupa da mãe”, e ela disse: “tem uma flor, é que a minha mãe gosta muito de flores, ela fez um miniorquidário no fundo da casa, quando chove, a gente brinca que parece uma miniAmazônia, porque como tem pedra no chão, a água faz tipo um rio”.

#### Análise do desenho e da estória

O desenho de Helô apresentou a mãe e a filha mais velha mais próximas, enquanto a filha mais nova ficou entre a irmã e o pai, porém, os cabelos da mãe e da filha mais nova são da mesma cor. A ênfase em diferenciar as cores de cabelo, na família ideal, pode evidenciar um desejo de aproximação entre a mãe e a filha mais velha, porém, sendo respeitada a diferenciação entre elas. O pai foi retratado com cor de cabelo acinzentado, parecido com o pai de Helô. Os pés da filha mais nova não foram desenhados, sugerindo uma ambivalência entre o desejar “caminhar” ou não

nessa família: até que ponto Helô estaria disposta a ser aquela que está sempre à frente?

A filha mais nova teve o seu desejo satisfeito, ela ganhou um cachorro. Este entrou dentro de casa e o pai construiu uma cerca para ele não entrar. A filha mais nova concordou ser bom o uso da cerca, pois visava a proteger o cachorro indefeso, que poderia ser envenenado e fugir. Observa-se a transmissão do cuidado que a família de Helô possui com as filhas, e ela expressa essa importância, ao pensar no cuidado do cachorro.

O cachorro engasgado e salvo pela filha mais nova demonstra e corrobora os relatos dos pais, indicando que ela está sempre à frente e surpreende a família, através de seus gestos e comportamentos. O nome da estória foi “Presente inesperado”: qual seria a missão de Helô, na família? Parece apontar a de “salvadora/evoluída”, o que ressoa com a história da família que ela deseja, sua satisfação, ao mesmo tempo que ambivalente [pela ausência de pés], em ocupar uma posição na qual se sinta valorizada e reconhecida.

#### **6.3.10 Desenhe uma família em que alguém não está bem**

**Figura 14** - Desenho 3.4 – Desenhe uma família em que alguém não está bem - Helô



**Fonte:** Dados da pesquisa – Helô

Solicitei que Helô desenhasse uma família em que alguém não está bem. Ela iniciou desenhando a primeira figura, da esquerda para a direita, e as demais figuras, na sequência. Realizou a pintura, mesclando entre pintar a primeira e a segunda figura, e depois a terceira. Foi cuidadosa ao fazer o desenho, levando aproximadamente vinte minutos para finalizar a produção.

#### A Estória: O lenço da esperança

*“Então, tem uma família aqui de três pessoas e a mãe descobre que tem câncer. E ela tem o apoio de suas duas filhas. Com o passar do tempo, o câncer foi evoluindo e a mãe teve que raspar a cabeça. A mãe começou a fazer o tratamento e a sua filha mais velha, ela queria entender mais sobre essa doença, por isso resolve fazer medicina. E, então, formada, consegue ajudar sua mãe no tratamento. E na época em que sua mãe teve que raspar a cabeça, ela comprou lenços, das mais diversas cores e estampas. E a filha mais nova ajudava a mãe a arrumar os lenços na cabeça, o que deixava sua mãe muito orgulhosa. E sua mãe foi melhorando e o cabelo voltou a crescer. E a filha mais nova percebeu que ela não iria mais arrumar lenços na cabeça de sua mãe, então, sua mãe resolve que ela iria fazer tiaras com aqueles lenços e fez a alegria [risos] de sua filha. Pode finalizar”.*

#### Conversando sobre a Estória

Perguntei para Helô “o que a filha mais velha sentia, sabendo que a mãe estava com câncer?”, e ela disse: “ela se sentiu triste”. Questionei: “e a filha mais nova?”, e ela respondeu: “o mesmo sentimento”. Continuei: “como foi quando a mãe teve que raspar a cabeça?”, e ela comentou: “bom, a irmã mais velha que a levou, né?... pra poder fazer essa parte, e a irmã mais nova ficou em casa”; ela fez uma pausa, enquanto eu escrevia e complementou: “a irmã mais nova, porém, tentou ver o lado bom disso junto com a mais velha”. Questionei: “o que era o lado bom que a irmã mais nova estava tentando ver?”, e ela disse: “é que pelo menos a mãe dela estava viva”.

Quando eu quis saber “como a mãe se sente quando ela raspa a cabeça?”, ela respondeu: “ela se sente triste, porque ela tinha um apego muito grande pelo seu cabelo”. Perguntei: “o que a mãe acha de a filha mais velha fazer medicina?”, e ela disse: “pra ela, ela achou um orgulho, porque ela sempre quis ter uma filha médica”.

Questionei: *“como é depois que a filha mais velha se forma?”*, e ela completou: *“daí ela começa, porque daí ela já entende, daí tudo o que vai acontecendo ela vai explicando pra sua mãe”*. Perguntei: *“como é quando ela vai explicando para a mãe?”*, e ela respondeu: *“daí a mãe vai entendendo e como a sua mãe tava fazendo o tratamento, quando sua mãe ia melhorando, a filha ia explicando e ia dando cada vez mais esperança na mãe de curar a doença”*.

Continuei: *“o que a filha mais nova achava dos lenços?”*, e ela disse: *“ela achava bonito e ela mesma que escolhia os lenços que ia colocar na mãe”*. Questionei: *“e o que a mãe achava disso?”*, ela sorriu: *“ela achava uma situação muito engraçada e fofa, porque [risos] ela não esperava que a filha dela ia se empolgar tanto assim”*. Perguntei: *“como foi quando a mãe foi melhorando?”*, e ela respondeu: *“daí, como a estória fala, a filha mais nova ficou triste, porque não ia mais ter a mesma empolgação de escolher as estampas dos lenços, e a filha mais velha... ela ficou contente da sua mãe estar melhorando”*. Eu prossegui: *“o que essa filha achou da atitude da mãe de usar esses lenços como tiara?”*, e ela disse: *“ela achou legal da parte da mãe, porque a sua irmã mais nova começou a se sentir mais importante”*. Indaguei: *“e como ela se sentia antes?”*, e ela replicou: *“antes? Antes a irmã mais nova ela se sentia importante, mas ela não tinha assim uma importância sabe de ir lá e escolher o que ela ia fazer entendeu, e depois que ela começou a fazer os arquinhos, as tiaras, mais pessoas gostaram e queriam ter uma”*.

Questionei: *“e o que a irmã mais nova achou da atitude da irmã mais velha?”*, e ela disse: *“ela achou muito interessante, porque a irmã mais velha ela queria ajudar a sua mãe de uma outra maneira”*. Perguntei: *“por que essa família tem três pessoas?”*, e ela respondeu: *“porque o pai, ele... a mãe é mãe solo”*. Continuei: *“como é para a mãe ser mãe solo?”*, e ela disse: *“é um grande desafio pra ela, mas ela já se adaptou”*. Perguntei: *“e as filhas, o que acham disso?”*, e ela respondeu: *“a mais nova não... não quer saber do pai, né?... até por não ter muito contato, e a mais velha já não se importa mais”*. Eu prossegui: *“ela se importava antes?”*, e ela concordou: *“antes sim”*; comentei: *“por que ela parou de se importar?”*, e ela respondeu: *“porque ela viu que a família dela do jeito que está agora está boa”*. Perguntei: *“o que aconteceu com o pai?”*, e ela disse: *“o pai, ele se separou da mãe”*. Questionei: *“e depois que ele se separou?”*, e ela falou: *“aí ele foi... ele foi pro trabalho dele e a mãe seguiu a vida dela”*.

Comentei *“parece que tem um pouco de diferença também, na mãe e nas filhas”*. Ocorreu uma pausa, Helô olhou o desenho, e eu completei: *“parece que o tom da pele está diferente também, não está?”*, e ela falou: *“é, as três são negras, mas a mãe é um pouco mais escura”*. Perguntei: *“e o que as filhas acham disso?”*, e ela concluiu: *“as filhas acham normal”*.

Pedi que Helô desse um título e ela o fez imediatamente: *“O lenço da esperança”*. Perguntei quem estava no desenho e ela descreveu, apontando da esquerda para a direita: *“a mãe, a filha mais nova e a filha mais velha”*. Questionei: *“e a esperança é de quê?”*, e ela respondeu: *“a esperança era de que a mãe melhorasse”*. Eu perguntei: *“e após todo o tratamento da mãe, o que acontece?”*, e ela falou: *“ela melhora”*.

Como estávamos há horas realizando o procedimento, perguntei se ela queria beber água ou ir ao banheiro; ela fez que não, então, seguimos para o próximo desenho.

#### Análise da estória e do desenho

O desenho não apresentou figura masculina, mas apenas mulheres pretas. As filhas são aquelas que auxiliam a mãe e buscam recursos, sendo que a mãe foi retratada sem pés. Uma família não está bem, segundo Helô, quando a mãe fica doente, porém, as filhas se mobilizam e conseguem salvá-la, existindo esperança, mesmo na doença. Elas podem transformar o lenço em tiara, a dor em alegria, desde que estejam juntas.

A filha mais velha deu a esperança de cura e realizou o desejo da mãe, de ter uma filha médica, sendo a grande “salvadora” da família. A mãe achou divertida e fofa a empolgação da filha, na escolha dos lenços; ela *“não esperava que a filha mais nova fosse se empolgar tanto assim”*, indicando a felicidade da filha em estar ao lado da mãe, mesmo quando esta fica doente. Ao mesmo tempo, novamente surgiu uma figura parental que *“não esperava”* algo da filha mais nova, ressoando a experiência de Helô com seus próprios pais, os quais sempre se surpreendem com a filha. Mesmo após o término da doença, a filha mais nova continuou com uma função, a de transformar os lenços em tiaras, o que a fez se sentir mais importante e valorizada, trazendo-lhe satisfação. Ela tentou ver o lado bom das experiências, mesmo na doença, que seria a vida da mãe.

Novamente foi retratada uma família diversa, monoparental, a qual possui uma “mãe solo”. Os pais se separaram, o pai seguiu trabalhando e a mãe se responsabilizou pelas filhas, com a ausência da figura paterna. A mãe já se adaptou, as filhas não se importam mais, no momento, devido a não terem contato com o pai e entenderem que a família está boa da forma como está.

### 6.3.11 Desenhe a sua família

**Figura 15** - Desenho 3.5 – Desenhe a sua família - Helô



**Fonte:** Dados da pesquisa – Helô

Solicitei que Helô desenhasse a sua família; ela começou, da esquerda para a direita, a desenhar a primeira figura humana e as demais, na sequência, e, posteriormente, o pássaro e o cachorro. Em seguida, ela realizou a pintura do desenho, iniciando com o pássaro, quando disse: “*não é um papagaio, é um periquito*”, eu disse “*uhum*”, e ela complementou: “*é porque parece um papagaio*”. Seguiu pintando as peles das figuras humanas, depois os cabelos. Ela ouviu um professor que passava falando ao lado da janela da sala e disse, sussurrando, “*meu professor*

*de inglês é um professor chato, não gosto dele*"; perguntei o porquê e ela respondeu: *"ele é chato, porque ele fica falando, falando, falando; eu não gostei dele, se ele gostou de mim eu não sei"*. Seguiu pintando os cabelos e blusas, ouviu outro professor falando do lado de fora e disse: *"esse professor é legal de arte, eu gosto dele"*. Depois, finalizou, pintando as roupas, o sapato e a camisa da quarta figura, e pintou o cachorro.

Helô levou em média vinte e cinco minutos para finalizar esse desenho. Pedi que ela me contasse uma história sobre o desenho, assim como proposto por Trinca (2013b).

#### A Estória: A partida de futebol

*"A gente saiu pra poder ir pra missa. E, na volta, ia acontecer um jogo de futebol. O meu pai gosta muito desse esporte e minha irmã também. Bom, e o jogo era São Paulo contra o Palmeiras. A minha mãe não é fã de futebol, mas, quando tem esses jogos, ela decide torcer pro Palmeiras, por conta do meu avô. Começa o jogo, cada erro que os jogadores do São Paulo faz a minha mãe começa [falando rindo] a criticar o modo de jogo [risos]. A minha irmã fala pra ela ficar quieta, porque só nesses dias ela escolhe torcer pra um time. Se eu começo a rir, dizem que eu sou [rindo] palmeirense, e daí a minha irmã começa a fazer um drama danado. Não vejo a hora do jogo acabar. Pode acrescentar aí que, quando termina, a casa vira um estádio e meu pai e [risos] minha irmã parece que são narradores, se torna insuportável [risos]. E pode finalizar"*.

#### Conversando sobre a Estória

Perguntei para Helô se podíamos conversar sobre a história, ela falou que sim, rindo. Eu questionei: *"o que você achou dessa história?"*, e ela respondeu: *"eu achei engraçada"*; eu perguntei: *"por que engraçada?"*, e ela disse: *"porque isso realmente acontece"*. Indaguei: *"e como que é a hora que está acontecendo tudo isso?"*, e ela respondeu: *"a hora que acontece, eu fico irritada, porque, às vezes, eu quero fazer o meu artesanato e eles começam a falar na minha orelha, e aí eles vão falando, e aí eles começa a gritar, por isso que eu falei que a casa parece que vira um estádio"*.

Questionei: *"o que seu pai acha da sua mãe torcer pelo Palmeiras?"*, e ela respondeu: *"o meu pai fica bravo, porque ele é são paulino roxo e, como ele torce*

*muito pro São Paulo, qualquer também passe errado que o Palmeiras dá ele começa a criticar". Perguntei: "o que sua irmã acha da sua mãe torcer para o Palmeiras?", e ela disse: "ela faz a mesma coisa comigo, ela faz aquele drama, ela pega, aí ela começa a falar que a minha mãe não gosta de futebol, que ela não tem que se intrometer no jogo, que só no dia de jogo acontece isso".*

Quando eu quis saber *"como é o drama da sua irmã com você?"*, ela respondeu: *"comigo ela pega, ela fala que... que irmã é essa, que não gosta de futebol, que tem que torcer pro São Paulo".* Questionei: *"o que você acha disso?"*, e ela disse: *"eu acho, eu não ligo, porque todo dia de jogo é assim, então, eu já parei de me importar [risos]"*. Perguntei: *"o que você acha de futebol?"*, ela respondeu: *"eu não gosto de futebol, porque eu não acho graça nenhuma, mas eu gosto de Fórmula 1".* Continuei: *"e quando você começa a rir da situação?"*, ela sorriu e disse: *"eu dou risada, porque, quando começa o jogo, a minha irmã tem os jogadores que ela gosta e o meu pai não gosta dos que a minha irmã gosta [pausa, enquanto eu escrevo], porque daí como a minha irmã tem uma opinião, às vezes, diferente dos jogadores do meu pai, os dois começam a brigar entre si [risos], e isso é porque eles torcem pro mesmo time".* Questionei: *"como que é ficar lá com a casa parecendo um estádio?"*, e ela respondeu: *"horroroso, pra quem não gosta de futebol".*

Perguntei: *"o que você acha da relação da sua mãe com o seu pai?"*, ao que ela respondeu: *"eu acho que, se a minha mãe torce pro Palmeiras, se meu pai torce pro São Paulo, eu, eles também não ligam, nem eu ligo, eu só agradeço que o jogo de futebol tenha muito pouco tempo".* Indaguei: *"como que é a relação da mãe com a filha mais nova?"*, e ela disse: *"a filha mais velha é... a minha mãe ela não fica brava por causa de jogo de futebol, a minha irmã no dia de jogo de futebol, quando tá acontecendo a partida, não conversa com ela [risos], pra ela não se irritar, só que a briga que acontece lá em casa no dia de jogo de futebol é uma briga num sentido bom".* Perguntei: *"qual é o sentido bom?"*, e ela respondeu: *"sentido bom é que eles não brigam, sabe?... de ficar assim bravo, bravo, bravo de verdade, eles brigam mais na brincadeira".*

Prossigui: *"por que, às vezes, você acaba escolhendo torcer para o Palmeiras?"*, e ela replicou: *"porque, às vezes é, o Palmeiras tá ganhando, eu torço pro time que tá ganhando, entendeu?... pra no final do jogo falarem o que... que eu*

*estava certa, entendeu?... então, por isso que eu torço, então, às vezes o Palmeiras tá ganhando, eu vou torcer pro Palmeiras”.*

Solicitei que Helô fornecesse um título para a estória e ela foi pronta: *“A partida de futebol”*. Pedi que ela nomeasse quem estava no desenho; seguindo da esquerda para a direita, explicitou: *“a minha mãe, a minha irmã, eu, o meu pai, a fofinha e o Symba, é com y”...* Eu perguntei: *“o Symba?”*, e ela disse: *“é porque eu tenho Heloysa com y, aí eu quis por y”*.

Questionei se ela tinha mais alguma coisa para me contar e ela disse que não. Conversamos sobre como ela estava se sentindo, ao término, e ela disse *“ah, pra mim foi normal, porque é a segunda vez já que eu faço, teve uma vez que teve uma prima né?... que ela faz, daí ela pegou e ela já fez já comigo uma vez”*. Perguntei: *“e foram os mesmos desenhos?”*, e ela respondeu: *“não, o dela não foi desenho, o dela era alguma coisa de... digitado”*.

Eu agradei a participação dela, valorizando todo o seu cuidado e dedicação em fazer o desenho. Quando saímos da sala, fiquei com ela, aguardando o pai chegar para buscá-la [a escola estava em período de férias], e ela me contou que estava com a avó paterna doente e que talvez a avó pudesse ir morar com eles. Eu me despedi e ela foi embora com o pai.

#### Análise da estória e do desenho

As filhas foram desenhadas no meio do casal, a mais velha mais próxima da mãe e a mais nova mais próxima do pai, podendo ressoar sobre como esse casal se mantém unido, a partir da parentalidade.

Percebe-se que ecoam em Helô as discordâncias e diferenças nas relações familiares. A mãe torce para o time contrário do pai e da filha mais velha, pois sua fidelidade está com o próprio pai, deixando a filha mais velha incomodada e pedindo silêncio. A filha mais nova, possivelmente com a qual Helô se identifica, entendeu a situação como engraçada e não desejava torcer para nenhum time, pois a irmã *“faz um drama danado”*, sendo o pai e a irmã mais velha narradores que tornam o ambiente *“insuportável”*. A casa parece um estádio, no momento da discordância, irritando Helô e revelando que essas divergências ressoam nela, ao observar as brigas. O pai e a filha mais velha ficam bravos, devido ao fato de a mãe torcer para outro time.

Ainda assim, mesmo que o pai e a filha mais velha torçam para o mesmo time, existem brigas, porque eles gostam de jogadores diferentes. Enquanto isso, Helô é diferente de todos e gosta de Fórmula 1, o que incomoda a irmã, que se questiona: “*que irmã é essa que não gosta de futebol?*” [que irmã é essa que ousa ser diferente?].

As diferenças não parecem incomodar Helô, assim como ela traz nos demais relatos a sua valorização da diversidade: o que a incomoda é como as diferenças são tratadas, com brigas entre as pessoas. A mãe e a filha mais velha evitam conversar, para não se irritarem, podendo evidenciar a dificuldade que possuem na diferenciação entre elas e posicionamentos diferentes.

Helô afirmou que a divergência ocorre mais no jogo de futebol, o que poderia indicar o uso de mecanismos de defesa, além de dizer que a briga é “num sentido bom”, pois estão brincando e não “bravos de verdade”. Apesar do exemplo do futebol ser retratado como engraçado, de certa forma, por Helô, ele pode representar as demais divergências apresentadas pelos membros da família, as quais não parecem impactar de forma negativa no desenvolvimento da Helô, mas que existem e trazem impactos na convivência da filha mais velha com os pais.

Ainda que respeite as diferenças e goste de Fórmula 1, Helô tende a torcer para o time de futebol com o qual a mãe se identifica. A concordância com o pai sobre futebol é para que ele não insista em fazê-la torcer para o São Paulo, e não necessariamente porque ela, de fato, concorda com ele. Na estória, Helô disse que torce para o Palmeiras, time da mãe, porque é o time que está ganhando e ela quer estar certa. A estória se chama “*A partida de futebol*”: são times em disputa, o time [pai e filha mais velha] envolve discordância entre si, Helô evita, mas, se for escolher, prefere quem está “*ganhando*”, sendo sua mãe a figura que Helô entende que tem maior poder decisório na família.

#### Síntese da análise dos desenhos

Percebe-se que os desenhos e estórias trazem as ressonâncias das vivências em família, demonstrando que a filialidade é construída a partir dessa ressonância da vivência dos pais e da vivência fraterna.

Helô demonstrou um respeito às diferenças, à diversidade, entendendo-as com naturalidade. Identificou-se com uma posição de estar sempre à frente em seu desenvolvimento, surpreendendo a família e os pais com o que é capaz de fazer e se

sentindo valorizada com esse reconhecimento, que condiz com a imagem que seus pais constroem dela, demonstrando ser a filialidade e a parentalidade um desenvolvimento conjunto.

As divergências entre os pais e a sua irmã mais velha ressoam nas vivências de Helô, a qual se incomoda com o modo com o qual a família lida com essas diferenças, buscando que todos “torçam para o mesmo time”, ou evitando se falar para não ocorrer mais divergências. As angústias que os pais estão vivendo, em lidar com uma filha que começa a manifestar cada vez mais seus desejos e questionar os pais, é percebida por Helô. A família traz a presença dessa angústia, o medo da diferenciação, da separação e do possível perigo dessas mudanças.

## 7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentadas as discussões a respeito do investimento narcísico nos filhos e da parentalidade, a partir dos resultados encontrados nesta pesquisa.

A família pode ser considerada a base para o processo de subjetivação, possuindo o papel de atender às necessidades básicas do ser humano, incluindo a nutrição tanto física quanto afetiva e emocional. Cabe à família as funções de procriar, transmitir a cultura e patrimônios materiais e simbólicos, oferecer o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e identidade, bem como de elaboração e transformação da transmissão psíquica entre as gerações. Assim, a família compartilha um espaço comum e perpetua a vida enquanto conjunto, além das transformações individuais, necessitando acolher as mudanças decorrentes do processo vital dos participantes que a compõem (Correa, 2013).

Kaës (1994) afirma que o espaço intersubjetivo composto pela família tem como um de seus efeitos psíquicos uma função de apoio mútuo entre os sujeitos, de maneira que o sujeito inserido na família recebe os investimentos narcísicos dos pais e os ideais partilhados, sendo tais investimentos fundamentais para a estruturação do psiquismo.

Tendo em vista a análise dos resultados, percebe-se que a adolescência impõe um rearranjo nos investimentos narcísicos na família. As adolescentes passam por transformações em sua identidade, e questionam os projetos familiares e os termos do contrato narcísico estabelecido na infância. Conforme Kaës (2011a), o sujeito singular, que se caracteriza por sua realidade psíquica inconsciente, suas representações e constituição do mundo interno, refere-se a uma dimensão do sujeito, além disso, é constituído enquanto um sujeito “singular plural”, visto que é constituído a partir dos vínculos e alianças estabelecidas nos grupos, tais quais a família, os grupos e as instituições, sendo parte constituída e parte constituinte.

A intersubjetividade, enquanto estrutura dinâmica do espaço psíquico compartilhado por dois ou mais sujeitos, aponta processos e formações inconscientes específicos do vínculo, caracterizando-se pelo que é compartilhado pelos sujeitos ligados entre si. Observou-se, nos resultados, que as transformações vividas na

adolescência dos filhos mobilizaram todo o grupo familiar. Inicialmente, discutiremos a mobilização psíquica enquanto uma crise que a adolescência provoca na família, para, em seguida, aprofundarmos sobre o investimento narcísico efetuado nos filhos, em diferentes idades cronológicas.

De acordo com Benghozi (2010), o acontecimento adolescência se refere a um desenvolvimento individual, registrado no ciclo de vida grupal familiar e genealógico. Exige uma reorganização psíquica que gera tensão no continente de vínculos do grupo familiar e genealógico. Como a adolescência de um sujeito do grupo envolve todo o grupo familiar, o autor a denomina adolescência familiar. Tal processo se caracteriza por uma muda de continente, uma transformação parcial ou total por mutação.

Benghozi (2007) chama a transformação de recipientes individuais e familiares como “adolescência crisálida”, retomando o que Dolto conceituou, em nível individual, de “complexo da lagosta”. Ao longo do seu crescimento, a lagosta perde a casca, antes de reconstruir uma nova. Trata-se de uma nova pele psíquica, uma “pele do Ego”, segundo Anzieu (1985). Nesse processo, na adolescência, ocorre uma vulnerabilidade psíquica, com rearranjo de defesas. Para que se articulem os níveis individual e grupal familiar, bem como a imagem inconsciente do corpo individual e a imagem inconsciente do corpo do grupo familiar, é necessário que exista um apoio mútuo entre o recipiente individual e o recipiente do grupo familiar. O continente individual e o continente grupal familiar passam por uma reconstrução de imagem, assim como num caleidoscópio em movimento, até que seja possível a formação de uma imagem suficientemente estável (Benghozi, 2010). Trata-se de uma coconstrução de uma reorganização da imagem do corpo individual e da imagem do corpo genealógico familiar, em um processo dinâmico.

A adolescência passa por um processo de transformação denominado anamorfose. Benghozi (2007) faz uma analogia à descrição de pinturas anamórficas, nas quais a imagem se apresenta distorcidas, conforme a distorção do objeto, quando projetadas em um espelho curvo. Tal processo de mudança envolve a mobilização do nível singular e o grupal genealógico concomitantemente; o movimento de forma dinâmica gera transformações nos níveis somático, psíquico e do vínculo social, ao mesmo tempo que dá sequência a um crescimento apresenta uma “[...] bifurcação radical na curva de desenvolvimento” (Benghozi, 2010, p.106).

Consiste em uma mudança de pele, modificando o envelope psíquico, o qual leva a uma mudança de continente, inscrevendo um processo de mutação.

Nas famílias pesquisadas, observou-se a vulnerabilidade psíquica dos pais, durante o processo de muda da adolescência, o qual exigiu uma mudança de continente que pudesse abarcar e conter as angústias e a imagem do corpo individual das filhas, além da mudança do continente e imagem inconsciente do corpo do grupo familiar.

O continente grupal familiar pode ser considerado uma malha desenvolvida através do vínculo psíquico, a partir do emaranhado dos vínculos de filiação e afiliação (Benghozi, 2007). A adolescência, enquanto acontecimento anamórfico, mobilizará as competências da malhagem e do vínculo.

O autor faz uma diferenciação de dois tipos de vínculos, os Vínculos de filiação e Vínculos de afiliação. Os Vínculos de filiação, de nível vertical e diacrônico, referem-se aos ascendentes (pais, avós, ancestrais) e aos descendentes (filhos, netos e os membros não nascidos na filiação até o momento), permitindo uma ligação entre os membros. Os Vínculos de afiliação são os vínculos grupais de pertencimento, num plano horizontal e sincrônico, incluindo os vínculos de pertencimento a um grupo, como, por exemplo, uma instituição, uma comunidade ou a vida conjugal. Para a compreensão dos vínculos psíquicos, é proposto o conceito de “malhagem genealógica”, o qual remete a um continente genealógico grupal familiar, representado com base em uma constituição de malhas, apresentando uma trama e uma malhagem.

A malha é a disposição dos Vínculos. É construída por um conjunto que liga vínculos de filiação e afiliação. A malhagem é o trabalho psíquico de construção-desconstrução e de organização dos Vínculos. O trabalho de malhagem é de desconstrução no sentido de Jacques Derrida, como a produção de uma nova escrita. A malhagem genealógica permite a integridade e a manutenção dos continentes genealógicos grupais, familiares e comunitários (Benghozi, 2010, p. 17).

Ao levarmos em conta a malha da trama familiar, coexiste um conjunto de vínculos filiativos e afiliativos, de modo que a vinculação entre os ascendentes e descendentes será impactada pela vinculação com o meio social e os grupos de pertencimento, além da família. Nas famílias analisadas, verificou-se o impacto dessa rede de vínculos, a qual se tornou conflitiva, quando as filhas adolescentes trouxeram questionamentos e demonstraram vínculos afiliativos em contraste com o projeto de família idealizado pelos pais.

A malhagem, característica de um continente grupal familiar, exige a resiliência para uma criação e transformação dos vínculos de filiação e afiliação, de sorte que garanta que a sobrevivência e a identidade psíquica sejam continuadas, engajando os membros do grupo familiar. A percepção que as figuras parentais tinham das filhas adolescentes, nesta pesquisa, demonstrou que a adolescência é o “estranho” no meio familiar, apresenta uma imagem mutatória das filhas diversa do registro infantil que os pais possuíam sobre elas, o que mobiliza recursos e modificações intensos, em um processo complexo, abarcando o nível intersubjetivo que engloba todo o grupo.

Diante dos conflitos relatados pelos pais e demonstrados através do procedimento DF-E das crianças, foi possível observar que, durante esse processo, todo o continente familiar está imerso numa crise, em busca de um rearranjo, sendo que os pais se encontram angustiados e com a sensação de fracasso, em face da inoperância dos recursos de que dispõem. Além disso, as crianças localizaram, de forma geral, as irmãs adolescentes no epicentro dos conflitos familiares. Os pais revelaram que estão vivenciando a frustração diante da impotência no manejo de tais conflitos. Nesta investigação, não podemos afirmar que as adolescentes citadas apresentam sintomas, porque não era o objetivo do estudo e não possuímos elementos suficientes, através da coleta de dados, porém, podemos perceber que todo o grupo familiar está em crise, inclusive as crianças, conforme será aprofundado adiante. Consideraremos, portanto, a modalidade clínica preconizada por Benghozi (2007, 2010), denominada crise adolescente.

A crise pode ser tomada como uma tensão na rede dos vínculos filiativos e afiliativos, colocando em risco a integridade da malha que contém grupos genealógicos até um patamar crítico. “Ou a malha aguenta ou não aguenta e se dá a ruptura. Se a ruptura não for interrompida, dá-se o rompimento da malhagem” (Benghozi, 2007, p. 108). A crise adolescente consiste no processo de crescimento pertencente de forma natural no ciclo de vida individual e genealógico, quando é possível um processo de contenção do trabalho de transformação individual pelas capacidades do continente grupal familiar.

Benghozi (2007) enfatiza que o acontecimento da adolescência impacta em todos os membros do grupo, caracterizando-se como adolescência familiar:

Desse ponto de vista, a adolescência não se manifesta apenas por meninos ou meninas adolescentes dependendo do lugar que esse significante ocupa na transmissão. A adolescência exprime-a a todos os níveis geracionais, no nível dos irmãos, no nível parental e conjugal, pelo que os sociólogos

descrevem como a crise conjunta do ambiente de vida, no nível dos avós, mas também entre gerações de crianças-pais, pais-avós, filhos-avós... (Benghozi, 2007, p. 756, tradução nossa).<sup>4</sup>

As crianças expressaram como perceberam a construção do espaço familiar, como elas têm se percebido na família e como perceberam seus(suas) irmãos(ãs), nesse contexto. Nos desenhos, verificou-se a compreensão da criança sobre a sua família e sobre as dificuldades vividas. Não foram trazidos resultados especificamente sobre a parentalidade, mas sobre a percepção da família como um todo e da rivalidade fraterna. Nos resultados, notou-se que a crise adolescente ressoa nas crianças, as quais manifestam em suas produções os conflitos familiares advindos dos vínculos entre os pais e as adolescentes.

Júlia desvelou, em três de suas produções, tendo em vista os desenhos e os inquéritos, a conflitiva familiar entre a mãe e a irmã mais velha, elemento central de sua percepção familiar. A irmã adolescente foi focalizada como a filha desobediente, a qual questiona e contraria os pais, enquanto a mãe reage brigando, gerando um combate entre as duas. Em suas histórias e inquéritos, relatou sobre vivências familiares que retrataram essa conflitiva e a posição da própria Júlia, na família, como aquela que obedece e cumpre o que a família espera, em contraposição à irmã. Na família na qual alguém não está bem, Júlia apresentou uma menina doente que preocupa os pais, podendo expressar um sentimento de culpa, quando demanda maior cuidado parental. A mãe foi retratada como aquela que briga com as filhas, enquanto o pai direciona o que precisa ser feito para resolver as situações, de forma mais direta.

Pedro Lucas abordou, de forma intensa e relevante, o vínculo fraternal, em três de suas produções. Sua primeira família desenhada tinha como personagens somente os irmãos, já que foram desenhados os três porquinhos, os quais ficam desesperados e com receio do lobo-mau, evidenciando uma ambivalência com relação à autonomia frente as figuras parentais, os quais procuram aliviar suas angústias, contando uns com os outros pelo vínculo fraterno. Samuel foi apresentado como mais impulsivo e desobediente, nas produções, enquanto Pedro Lucas apareceu como uma figura de

---

<sup>4</sup> L'adolescence de ce point de vue ne se manifeste pas uniquement par les adolescents garçons ou filles selon la place que ce signifiant occupe dans la transmission. L'adolescence s'exprime à tous les niveaux générationnels, à celui de la fratrie, au niveau parental et conjugal par ce que les sociologues décrivent par la crise conjointe du milieu de vie, au niveau grand-parental, mais aussi entre les générations enfants – parents, parentas – grans-parents, enfants – grands-parents...

maior autonomia, independência, obediência e desenvolvimento moral, procurando orientar o irmão mais novo. Ana Lívia se mostrou em conflito com os pais, sendo mais questionadora e com uma busca de autonomia que colocava um entrave em atender ao que os pais desejavam dela, figurando nos desenhos como figura central, ressaltando sua evidência. Na família em que alguém não está bem, foi relatada a criança pequena que depende dos pais e fica doente, porque as mães não cuidam de seus filhos e transmitem a doença na escola. Além disso, a mãe é desenhada posteriormente no desenho da família que gostaria de ter. Pedro Lucas revelou uma ambivalência entre o movimento de maior autonomia e o desejo de maior aproximação e cuidado dos pais.

Helô enfatiza, em suas produções, a importância da diversidade e do respeito às diferenças, entendendo com naturalidade que cada pessoa tenha suas próprias características e desenvolva uma diferenciação frente ao grupo. Seu incômodo foi expresso na maneira com a qual a família lida com essas diferenças, chegando a brigar e se desentender, especialmente Ester e Márcia. Nas produções, Helô se apresentou como membro que resolveu os problemas, percebendo a solução antes dos demais da família, a que não quer se envolver, sendo imparcial nos desentendimentos familiares e a que sempre surpreende as figuras parentais, em suas ações.

Em todas as crianças participantes, verificou-se a representação da família vivenciando a crise que a adolescência impõe, visto que as adolescentes são retratadas em conflito com as figuras parentais, especialmente as figuras maternas, o que ressoa nas crianças.

Benghozi (2010) assevera que o grupo de irmãos e irmãs partilha uma herança do patrimônio psíquico familiar, a qual é transmitida ao longo das gerações. A herança psíquica familiar é partilhada aos descendentes, por meio de delegações e missões inconscientes diversas, sendo chamadas de lealdades genealógicas.

A fratria é o grupo herdeiro da transmissão psíquica por difração das lealdades genealógicas. Cada irmão e irmã é portador em níveis intra, inter e transpsíquicos. O fraternal aí encontra sua origem. Pactos, alianças e colusão dão a medida dos interesses do fraternal (Benghozi, 2010, p. 22).

Nas histórias, notou-se a concordância das crianças quanto às atitudes dos pais de recriminação do comportamento das adolescentes, demonstrando o desconforto gerado pela mobilização e transformação do continente grupal familiar e evidenciando uma lealdade genealógica frente ao que cabe a cada membro da fratria realizar,

enquanto missões e delegações inconscientes. As crianças se apresentam, nas produções como figuras obedientes e cumpridoras dos legados transmitidos, desejando que o ideal do ego familiar, a veiculação do mito familiar e o investimento narcísico grupal da família sejam assegurados, em uma possível aliança inconsciente com os pais.

Podemos ampliar a análise dos desenhos das crianças com os conceitos de Eiguer (1985), o qual desenvolve os três organizadores da vida familiar inconsciente. Aprofundaremos a discussão com o organizador do Eu familiar, subdividido em três suborganizadores, sendo o habitat interior, o sentimento de pertença e o ideal do ego familiar. O Eu familiar refere-se a uma zona neutra, no psiquismo grupal, promovendo uma clivagem que institui o que é o mundo familiar e o que não é, permeado por afetos muito intensos. Trata-se do investimento perceptual de cada integrante da família, o qual possibilita reconhecê-la como sua, dentro de uma continuidade no tempo e no espaço. Nas produções das crianças, observa-se a presença do Eu familiar, pois apontam de que maneira os filhos internalizam a vivência em família, segundo as suas percepções.

O sentimento de pertença caracteriza-se pelos sentimentos que cada membro estabelece com relação ao grupo, como ter a sensação de proximidade, obter um tratamento diferenciado do que é recebido nos demais grupos, experimentar lembrança de um passado comum, possuir uma genealogia compartilhada, dispor de uma comunicação conhecida, na qual cada um sente como se “soubesse” o que o outro irá dizer, além de sentir que os demais integrantes do grupo o fazem se sentir como alguém que “faz parte da família”. “Além disso, este sentimento de pertença se alimenta de percepções inconscientes, causadas pelo reconhecimento das reações dos outros diante de tal dizer ou tal agir” (Eiguer, 1985, p. 38). Nos resultados obtidos, constatou-se que as crianças demonstraram o sentimento de pertença, através de situações vividas com suas próprias famílias, bem como pelo lugar ocupado por cada membro do grupo, diferenciando cada membro e seus comportamentos, nas histórias ou no inquérito, relatando saberem como os pais reagiriam em face de cada situação e da conduta dos irmãos.

O habitat interior caracteriza-se como uma “pele” real e fantasmática da família, constituído ao longo da história familiar, sendo expresso por intermédio dos investimentos em um lugar geográfico concreto que a contenha: o lar, a casa familiar:

Em sua origem, processo hesitante, depois cada vez mais seguro, a instalação e arrumação do habitat familiar permite, ao mesmo tempo, marcar no inconsciente grupal traços mnêmicos deste lar em curso de instauração. O habitat interior “se edifica”, então, no interior do inconsciente grupal. Representação partilhada, o habitat é, de alguma maneira, a base do reconhecimento grupal (no sentido de gratidão e de conhecimento intimista) (Eiguer, 1985, p. 40).

A partir do desenvolvimento do habitat interior, haverá a sensação de maior contenção pela família, que adquiriu no nível do grupo o que é representado como a “pele” psíquica para o sujeito. Cabe ressaltar que, nas entrevistas com os casais, foram enfatizadas as modificações, as conquistas e o empenho para obterem suas próprias casas, expondo os investimentos em busca da configuração desse continente grupal. Com as crianças e as figuras parentais, observou-se a presença da angústia diante do risco de desmembramento, quando mencionam os conflitos familiares decorrentes das crises entre os pais e as adolescentes.

Dessa maneira, durante esse período da adolescência dos filhos, pode ocorrer a ameaça de desconfiguração desse espaço, e as famílias participantes da pesquisa demonstraram as tentativas de reconstituição dos investimentos narcísicos, no espaço familiar, seja através de programas realizados entre todos da família, seja pela manutenção da coesão do grupo.

No entanto, os adolescentes indicam discordância e, por vezes, não investem da mesma maneira que os filhos mais novos, nesse espaço compartilhado, gerando ameaças à coesão do espaço. Frente a tal situação, os pais têm intensificado as tentativas de imposição de limites aos filhos jovens, enquanto idealizam as crianças, as quais, por enquanto, mostraram lealdade aos pais.

O ideal do ego familiar refere-se ao futuro e remete ao psiquismo grupal familiar, diferenciando-se do ideal de ego de cada indivíduo, sendo que coexistem conjuntamente. O ideal do ego familiar se caracteriza por uma representação ideal do grupo, quanto ao seu destino, como um projeto de desenvolvimento social, cultural ou habitacional. O projeto familiar pode estar relacionado à abrangência das realizações dos filhos adultos, quanto ao casamento ou à profissão, por exemplo, de forma que o grupo estabelece “missões a cumprir”, ideais a alcançar. Eiguer (1985) afirma que é comum existir um líder que porte o ideal do ego familiar, garantindo a representação desse ideal para os outros. Será esse membro que, na adolescência, receberá os ataques do filho adolescente em face do ideal do ego familiar. Nas produções das crianças, observou-se que as mães foram as figuras em maior conflito com as filhas

adolescentes. Conjuntamente, os pais participam na preservação do ideal do ego familiar, à medida que são convocados para resolução dos conflitos. Além disso, as produções expressam a percepção das crianças de que as adolescentes questionam e buscam a modificação dos projetos familiares, gerando tensão no grupo familiar.

Ao considerarmos todo o impacto que a adolescência mobiliza, no grupo familiar, percebemos que, nessa vivência de crise, ocorre um rearranjo nos investimentos narcísicos da família. Os resultados indicaram que os investimentos narcísicos dos pais se modificam, conforme o ciclo de vida dos filhos.

Inicialmente, analisaremos a imagem que os pais constroem daqueles filhos que participaram da pesquisa e que são mencionados através de descrições afetivas, tais como “meu grude”, “carinhoso, fofinho”, “minha companheirinha”, tendo em vista que evidenciaram claramente que não vivem dificuldades em exercer a parentalidade com eles, por isso, são apresentados como os mais obedientes, que entendem os limites e as interdições. Nas famílias dois e três, de Pedro Lucas e Helô, os relatos dos pais os expõem como os filhos que tiveram um desenvolvimento avançado para a idade e são mais independentes. Na família um, Júlia é vista como amorosa, mais tranquila, com bom desenvolvimento e apaziguadora no meio familiar.

A percepção dos pais sobre as crianças pode ser permeada por um processo de idealização e, dessa forma, verifica-se que o investimento narcísico nesses filhos, até o momento em que a pesquisa foi realizada, está de acordo com o realçado por Freud (1914), pois as crianças estão mais próximas de cumprir as expectativas dos pais, o que contribui para o processo de idealização desses filhos:

Se prestarmos atenção à atitude dos pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetual, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele (Freud, 1914, p. 97).

No processo de reviver o seu próprio narcisismo, os pais depositam nos filhos expectativas e o desejo de que não sofram as mesmas dificuldades passadas por eles, que concretizem os sonhos que os pais não conseguiram realizar, sendo a criança colocada como o centro do mundo, a “Sua Majestade, o Bebê” (Freud, 1914, p. 98).

Kaës (2011b), ao considerar o sujeito do grupo, desenvolve o conceito de alianças inconscientes, para expressar de que maneira ocorrem as ligações entre os sujeitos. A aliança inconsciente consiste em uma formação psíquica intersubjetiva desenvolvida pelos membros de um vínculo, a fim de fortalecer em cada um e delimitar os investimentos narcísicos e objetivos de que eles necessitam, assumindo para cada sujeito um valor psíquico significativo, à medida que estabelece funções e papéis que deverão ser cumpridos, para atingirem um objetivo específico. Dessa forma, são fixadas exigências e obrigações que precisarão ser cumpridas, bem como benefícios e satisfações proporcionadas pela conservação da aliança, visando à manutenção do vínculo.

O primeiro tipo de aliança consiste nas alianças estruturantes, que permitem a estruturação psíquica do sujeito e dos vínculos, tendo como referência o conceito de narcisismo desenvolvido por Freud (1914) e o contrato narcísico proposto por Aulagnier (1979).

O nosso meio social se constitui como o *conjunto de vozes presentes*, as quais enunciam aspectos sobre a realidade, a razão da existência do grupo, as origens dos modelos que o grupo detém. Tal conjunto define os enunciados que o grupo possui sobre si mesmo, os *enunciados do fundamento/o fundamento dos enunciados*, tais quais enunciados míticos, sagrados ou científicos. Essas vozes precisam ser percebidas como certezas, para que sejam preservadas, sendo o sujeito incluído em um meio que lhe apresenta um discurso fundador (Aulagnier, 1979).

Antes de o sujeito nascer, o grupo realizará um pré-investimento do lugar a ele designado, esperando que o sujeito transmita o modelo cultural apresentado. Trata-se de um pacto de troca, no qual o grupo assegura ao sujeito o seu reconhecimento, e o novo integrante atende à tarefa de repetição do discurso do grupo, garantindo um suporte ao sujeito para uma parte da sua libido narcísica. O grupo reconhece o novo membro, à medida que identifica as repetições das vozes sobre seus enunciados, o que assegura a continuidade do grupo, ocorrendo a substituição das vozes mortas ou extintas e possibilitando a imutabilidade do conjunto, sendo o investimento do grupo o substituto da existência de um desejo de imortalidade:

O contrato narcisista tem como signatários a criança e o grupo. O investimento da criança pelo grupo antecipa o investimento do grupo pela criança. Com efeito, vimos que, desde sua vinda ao mundo, o grupo investe o *infans* enquanto voz futura, da qual será solicitada repetir os enunciados de uma voz morta e garantir assim a permanência qualitativa e quantitativa de um corpo que se autoregenera de maneira contínua (Aulagnier, 1979, p. 151).

Ora, nesta pesquisa, percebeu-se que, em relação ao vínculo parento-filial fixado com os filhos participantes da investigação, as crianças “repetem as vozes” dos enunciados do grupo, fazendo com que os pais se sintam gratificados em seu desejo de continuidade, tanto do grupo quanto de lidarem com sua imortalidade, à medida que as crianças recebem esse investimento do grupo e, em troca, lhe oferecem a possibilidade de continuidade, por meio da transmissão, assegurando os investimentos narcísicos na família.

Ao contrário, a crise se sobressai em termos de conflitos psíquicos e grupais, no tocante ao enfrentamento quanto à adolescência dos filhos, que, de certa maneira, exige uma reorganização dos investimentos parentais, sobretudo porque eles questionam e colocam em xeque o funcionamento familiar, exigindo um reposicionamento parental e dos investimentos narcísicos.

Assim, ficou evidente que, durante a infância dos filhos, quando ocorre a correspondência entre os investimentos narcísicos parentais que constituem o contrato narcísico, os pais se sentem gratificados por esses filhos, os quais correspondem ao idealizado e às expectativas. Por isso, esses filhos são sempre referenciados de maneira afetiva e com admiração.

Os dados evidenciaram que, diante das dificuldades encontradas pelos pais, no enfrentamento das novas exigências dos filhos, nesse momento de vida, a crise da adolescência atingiu justamente o remanejo dos investimentos, recaindo sobre o contrato narcísico, e as famílias participantes revelaram que ainda não estabeleceram um novo lugar que devem atribuir ao jovem filho, intensificando os investimentos nas crianças.

Kaës (2014) desenvolve extensões do conceito de contrato narcísico, em três tipos, sendo aqui aprofundado, de acordo com a temática abordada, o contrato narcísico primário, o qual é instaurado no grupo primário, por meio dos investimentos narcísicos dos pais que transmitem enunciados, mitos, orientações e identidade, fazendo com que o sujeito que é inserido no grupo seja mais do que um elo individual, “[...] mas como um servidor, como um beneficiário e como um herdeiro” (Kaës, 2014, p.66).

Cabe ressaltar que, ao desenvolver o conceito de alianças estruturantes, Kaës (2014) destaca que elas estão em contínuo movimento e passam por transformações,

conforme as crises da vida, tais como a adolescência, as crises da maturidade, envelhecimento, lutos, separações etc.

Kaës (2014) propõe, como uma das extensões do conceito de contrato narcísico, o contrato narcísico secundário, concernente ao contrato nos grupos secundários, além da família, os quais podem continuar, complementar ou se opor ao contrato narcísico primário (familiar). “Não somente ele redistribui os investimentos, mas é também uma ocasião de questionamento e de uma retomada mais ou menos conflitual dos assujeitamentos narcísicos às exigências do contexto humano”, assim como os primeiros contratos os definiram (Kaës, 2014, p. 66).

Nesta pesquisa, verificou-se que a adolescência impactou os grupos familiares, por meio de uma proposta de renegociação do contrato narcísico realizada pelas adolescentes, ocasionando conflitos vinculares em todas as famílias. Notou-se que o momento de questionamento das cláusulas do contrato narcísico modificou o investimento narcísico dos pais, pois as filhas adolescentes não mais repetem as vozes dos fundamentos do grupo, mas gritam perguntas e se impõem como sujeitos autônomos, dentro da trama familiar.

Apesar de não aprofundar o o exame do contrato narcísico, na adolescência, Piera Aulagnier (1979) afirma que, embora exista um pacto de troca, no qual a criança aceita receber o lugar atribuído a ela pelos pais, há um movimento de ocupar um lugar autônomo além do que os pais estabeleceram:

Quanto à criança, ela pedirá como contrapartida do investimento que ela fará do grupo e de seus modelos, que lhe seja assegurado o direito de ocupar um lugar independente do veredicto parental, que lhe seja oferecido um modelo ideal que os outros não possam renegar sem renegar as leis do meio, que lhe seja permitido guardar a ilusão de uma persistência atemporal projetada sobre o meio e, sobretudo, sobre um projeto do meio, que seus sucessores deverão retomar e preservar (Aulagnier, 1979, p. 151).

Assim, os resultados desta investigação apontaram que o momento de maior reivindicação de um lugar independente daquele desejado e atribuído pelos pais foi a adolescência, e não o período da infância. Ainda assim, Aulagnier (1979) ressalta a importância de que o filho seja investido como pertencente ao grupo, mesmo que demonstre a busca de uma independência parental.

Outro ponto relevante encontrado nos resultados obtidos se refere ao exercício da parentalidade. Magalhães (2021) aponta que a parentalidade envolve um processo de reorganização psíquica e dos afetos, que possibilita aos adultos cumprirem o papel de pais, atendendo às necessidades dos filhos, nas dimensões físicas, afetivas e

psíquicas. O desenvolvimento da parentalidade mobiliza uma reordenação dos investimentos narcísicos e objetivos, transformando o psiquismo do sujeito.

Para Campana e Gomes (2017), a parentalidade consiste em um processo de construção, o qual pode ocorrer independentemente do gênero da figura parental, sendo iniciada com a chegada de um filho. Enquanto construção, será necessário tempo para a sua consolidação, que pode ou não acontecer. Dessa maneira, a parentalidade não é garantida pela vinculação biológica. A expressão “parentalidade” indica que as funções parentais podem ter um exercício mais flexível, considerando os vínculos de pertencimento e afetividade.

Comumente, tem-se nas famílias um posicionamento das mulheres como figuras centrais, com os traços de modelos tradicionalmente fixados em torno das figuras femininas. Ao mesmo tempo, observa-se que as figuras masculinas apresentam posturas de maior aproximação emocional, escuta e acolhimento, indicando a presença de flexibilidade e negociação, no exercício das funções parentais das famílias estudadas.

Ora, as famílias pesquisadas, ainda que exibam estruturas mais tradicionais, como a presença de uma relação conjugal heterossexual e traços de exercício parental convencionais, demonstraram um processo de transição no qual os homens têm-se tornado mais participativos quanto à aproximação afetiva e acolhimento emocional dos filhos, indicando um caminho para a flexibilidade, em concordância com outros estudos. Campana e Gomes (2017) identificam, em sua pesquisa, que existem transformações indicando um exercício mais igualitário de funções parentais, porém, emergem desafios para sua consolidação, como desvincular que as mães tenham maiores capacidades de cuidados com os filhos, por serem mulheres, devido a questões biológicas, pois vivenciam a gestação e amamentação, e a necessidade do aumento do período de licença-paternidade, que dificulta a participação dos pais. Nos resultados obtidos nesta pesquisa, constatou-se que os pais, em diversos momentos, relataram o desejo de estarem mais presentes no desenvolvimento e acompanhamento dos filhos, porém, devido às exigências do trabalho, muitas vezes essa aproximação não foi possível ou foi desafiadora. As mães também enfatizaram que as necessidades financeiras e de organização de rotina para trabalhar as levaram a passarem um tempo menor com os filhos.

Féres-Carneiro *et al.* (2019) afirmam que as famílias têm-se arranjado, a partir de uma base mais igualitária de direitos e responsabilidades, mobilizando que seja renegociado o exercício dos papéis pelos membros da família. Emerge um novo paradigma familiar, no qual a ênfase maior se consolida na dimensão afetiva, ao invés de no aspecto biológico e em valores patriarcais como centrais.

As maiores dificuldades encontradas pelos pais referiram-se a lidar com a diferenciação entre os membros e com a busca de autonomia das filhas adolescentes, o que envolve a realização das interdições.

Cabe à família a responsabilidade pela transmissão dos interditos que amparam a ordem social, implementando uma definição de estrutura de parentesco que demarca lugares simbólicos e os organiza (Julien, 2000). A castração e a vivência edípica são fundamentais para a constituição psíquica, consistindo em um fator de estruturação no desenvolvimento do sujeito, possibilitando a saída do narcisismo para o processo de reconhecimento do outro e inserindo um terceiro, na relação mãe-filho (Miguel; Braga, 2021). No entanto, observa-se, na atualidade, um excesso de investimentos narcísicos, pois os pais desejam que os filhos possam satisfazer os desejos que não foram possíveis de serem realizados por eles, em sua própria infância. O narcisismo salientado na sociedade marca a forma com a qual os sujeitos lidarão com as demandas da vida, já que é necessário administrar as frustrações e compreendermos que não é possível sermos felizes de forma absoluta (Bemgochea Junior; Medeiros, 2017).

Para Gomes (2011), ainda que exista uma ênfase em priorizar o gozo e a satisfação do desejo, ao contrário do recalque, a sociedade não tem apresentado uma regressão à barbárie. Percebe-se que os pais têm tido dificuldades em perceber em si mesmos de qual maneira podem exercer uma função paterna, procurando profissionais e especialistas capazes de orientá-los ao exercício perfeito. De acordo com a autora, o declínio não é da função paterna, mas dos pais, os quais se sentem com menos competências do que seriam necessárias para a realização da tarefa parental. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, as famílias de Ísis e de Marcinha cogitaram levar as filhas para serem atendidas por um profissional da Psicologia.

As interdições vão além da colocação de limites quanto ao que os filhos podem ou não realizar, mas indicam a presença de uma assimetria e diferenciação de funções e papéis, no meio familiar. Rojas (2010) salienta que a família é o grupo de

pertencimento fornecedor de apoio e sustentação ao psiquismo. As interdições são fundamentais para a constituição do psiquismo das crianças, tendo como suporte a assimetria entre adultos e crianças. Caso ocorra uma simetria, nesse vínculo, os filhos podem sofrer com o desamparo, fazendo com que a “pele familiar” se torne vulnerável, ao invés de ser um invólucro protetor. A possibilidade de vivenciar um estado fusional é vivido como assustador e pode acarretar sintomas.

Nos resultados obtidos nesta pesquisa, verificou-se que as interdições e limites relacionados ao posicionamento do que os filhos podem ou não fazer, mais voltados para limites diante de seus desejos, procuram ser estabelecidos pelas famílias. Suas maiores dores e conflitos referem-se a perceberem os filhos, especialmente as adolescentes, enquanto figuras autônomas e que não correspondam a uma vivência fusionada, porque apresentam diferenças marcantes quanto ao projeto familiar, questionando o estabelecido pelos pais.

Léon (2015) propõe que, ao invés de se enfatizar papéis parentais, de forma rígida, pode-se compreender o papel de uma função diferenciadora, a qual enseja o registro das diferenças e a separação nos vínculos intersubjetivos. É importante o equilíbrio do cumprimento das funções parentais, na qual mãe e pai possam exercer funções de continência, narcisização e proibições, indicando que cada família pode construir um modelo próprio de parentalidade e exercício de funções. Nas famílias pesquisadas, observou-se essa busca por maior flexibilização, em um caminho de transição.

Benghozi (2010) discute a respeito da adoção, o que pode ampliar a compreensão da parentalidade em famílias recompostas, visto que o(a) parceiro(a) passará por um processo de desenvolvimento parental com uma pessoa com a qual não tem vinculação biológica, como se “adotasse” a(o) filha(o), processo que pode ou não acontecer. Ocorre um novo nascimento, o psíquico, um renascimento, construído a partir da reciprocidade intersubjetiva. Ao mesmo tempo, nasce o “ser-o-pai desse filho” e o “ser-o-filho desse pai”. Magalhães et al. (2013) frisam que famílias recasadas podem ser promotoras de saúde emocional, pois o mais relevante é que a família tenha uma base intersubjetiva bem estabelecida, fundamentada na circulação dos afetos.

Pode surgir nas crianças adotadas um conflito de lealdade, no qual a criança se sente dividida entre manter a lealdade de filiação a sua família de origem e seus

sentimentos quanto à sua lealdade de afiliação com a família adotiva. Cabe à criança administrar dois níveis genealógicos de pertencimento, quais sejam, sua vinculação afiliativa enquanto filha das duas famílias de origem de seus pais adotivos e sua vinculação filiativa enquanto filha das duas famílias de origem de seus pais biológicos. Isso pode ocasionar conflitos, caso uma das famílias proponha a exclusão da outra, porém, pode enriquecer a construção de uma identidade mestiçada, através da complexidade da rede vincular. Na família recomposta pesquisada, verificou-se um possível conflito de lealdade de Ana Lívia, visto que, quando ela demonstra o desejo de maior aproximação da família biológica paterna, o casal interpreta sua conduta como uma desqualificação da função parental oferecida pela família.

Quanto à vivência de casais, Benghozi (2010) ressalta que os continentes grupais genealógicos são formados por malhas, havendo um trabalho de desconstrução e reconstrução dos vínculos de filiação, de aliança e afiliação promovidas pelos membros da família. “A aliança conjugal permite gerir os buracos e rasgos dos continentes grupais genealógicos. Rasgos que são, também, a expressão de falhas na organização dos vínculos de filiação e afiliação, em relação aos tropeços e impasses na transmissão psíquica genealógica” (Benghozi, 2010, p. 144).

Nos casos de famílias recasadas, existirá maior complexidade para definição de regras e papéis conjugais e parentais, existindo uma parentalidade expandida, a qual tem seu exercício por um adulto que não obrigatoriamente apresenta reconhecimento jurídico, mas que cumpre a função parental.

Na investigação de Magalhães *et al.* (2013) sobre o papel do padrasto, encontrou-se, dentre outros aspectos, uma figura de autoridade familiar do padrasto fragilizada, o que não ficou evidente nos resultados obtidos nesta pesquisa, uma vez que Pedro Antônio possui um exercício parental relevante, o qual chega a ocasionar conflitos por diferenças quanto à criação dos filhos que possui com Patrícia. Magalhães *et al.* (2013) perceberam padrastos exercendo a parentalidade, permeada por conflitos no relacionamento com a família extensa dos filhos e afeto nos vínculos entre padrastos e enteados, o que corrobora os resultados encontrados. As autoras afirmam que é importante se ter a construção de um vínculo afetivo entre padrasto/madrasta com a criança e o adolescente, com a autoridade atribuída sendo exercida pelo(a) pai/mãe, todavia, que, ao mesmo tempo, é fundamental haver uma

clarificação dos limites no exercício da autoridade do(a) padrasto/madrasta, para não levar a uma desqualificação desses papéis.

Além da parentalidade, foram trazidos elementos voltados para a conjugalidade e o impacto na vinculação com os filhos. Os casais relataram que procuravam preservar um espaço de conversa para o casal, sem a presença dos filhos, momento no qual compartilhavam as vivências parentais e comunicavam condutas que consideravam mais ou menos assertivas, quanto à parentalidade. Na família de Júlia, o casal destacou que a maior dificuldade não se referia ao casal em si, mas à criação das filhas. Consideraram que os filhos fortalecem a relação do casal e geram união, que não conseguem se enxergar somente como duas pessoas, mas pensam na família como cinco, incluindo as filhas. Dessa forma, a conjugalidade sofreu grande impacto da parentalidade e da percepção de família que o casal possui.

Na família de Pedro Lucas, os pais salientaram que os filhos contribuem para a união do casal, pois exigem maior comprometimento e amadurecimento, gerando um envolvimento familiar, além de afirmarem que as ações tomadas após o nascimento dos filhos são norteadas pensando em como irão afetá-los.

Na família de Helô, o casal possui uma diferença de idade significativa, mas pensam que, devido a isso, quase não brigam, procuram ignorar quando o outro menciona algo que poderia gerar uma discussão. O casal compreendeu que o relacionamento teve uma continuidade, pois eles se gostam; Márcio afirmou que, por ser mais velho, ele consegue ter mais conciliação, além de continuarem pelas filhas e por se darem bem. Entenderam que já iniciaram o relacionamento os três juntos, com a presença de Marcinha, que conseguiram crescer conjuntamente, ao longo do tempo, e são comprometidos um com o outro. Assim, nos três casais a conjugalidade e a parentalidade possuem uma interdependência.

Magalhães (2021) assevera que a conjugalidade e a parentalidade são interdependentes, podendo ocorrer uma reestruturação da conjugalidade, por meio da parentalidade. A conjugalidade pode ser alimentada ou esvaziada em função do investimento narcísico parental. Caso exista uma conjugalidade precária, pode ocorrer uma interferência na parentalidade, que influencia a construção do filho do seu próprio sentido de existência. Os casais vivenciam uma transição para a parentalidade, a qual será experimentada de formas diferentes, de acordo com cada casal, tendo correlação com a dinâmica conjugal existente antes dos filhos. A vivência dessa transição

demanda uma reorganização de funções e papéis, que pode ser mais tranquila, quando o casal tem um relacionamento mais longo e com desenvolvimento de um planejamento da gestação, o qual auxilia no compartilhamento dos compromissos e responsabilidades (Delatorre *et al.*, 2022).

Além do investimento narcísico parental nos filhos, do desenvolvimento da parentalidade e da conjugalidade, a família exerce uma função relevante, quanto à promoção de um suporte para que aconteça a transmissão psíquica. Conforme Benghozi (2010, p.15), “[...] o vínculo é o suporte da transmissão psíquica”. É primordial, para a subjetivação e o desenvolvimento do laço social, que ocorra a transmissão da história, dos valores, ideais e significações relativas à filiação e a sexualidade. A partir da transmissão da cultura, o sujeito se apropria de um lugar para se constituir, possibilitando uma historicidade quanto ao seu passado, seu futuro e o sentido do presente (Rosa, 2020, p. 25).

As famílias analisadas, ao lembrarem a educação que receberam de seus pais e o que procuram preservar ou modificar, na parentalidade atual, disseram que tentam repetir os cuidados recebidos pelos pais, a transmissão de valores, o que é correto, segundo suas crenças, a importância do respeito, do valor do trabalho para conquistar o que se deseja, da responsabilidade, da divisão de tarefas, da educação e o estabelecimento de limites, falando “não” aos filhos, quando necessário.

É fundamental que o pai e a mãe se apropriem do seu papel, na cadeia genealógica, realizando identificações com membros da sua família de origem anterior e, concomitantemente, diferenciando-se de tais vivências, para uma construção de sua própria parentalidade, a qual pode ser realizada de forma criativa ou sintomática (Magalhães, 2021).

Quanto às diferenças e transformações na parentalidade atual, relataram que buscam oferecer maior proximidade com os filhos, mais flexibilidade na educação; consideram que estão mais abertos para os ouvirem, evitando agressões físicas, transmitem a valorização do estudo e não somente do trabalho como prioridade, além de deixarem as brigas do casal privadas. Mencionaram, além disso, que possuem algumas dificuldades, ao observar a mudança de gerações que os filhos apresentam, visto que eles possuem mais informações e acesso ao celular.

Diante dos relatos dos pais, pode-se pensar que o distanciamento e os questionamentos dos jovens, bem como o isolamento que se expressa através do uso

de aparelhos eletrônicos, principalmente o celular, geraram um rompimento no elo presente no vínculo parento-familiar, especialmente no que diz respeito à transmissão psíquica. De maneira unânime, os pais expressaram dúvidas em relação ao manejo do uso dos aparelhos eletrônicos e fizeram comparações com o período da juventude que viveram.

Os comportamentos das filhas, embora compatíveis com o momento social atual, provocaram uma experiência de frustração e de impotência, a ponto de se questionarem e colocarem em dúvida seu papel como pais, diante de todas as transformações anunciadas pelas adolescentes. Além disso, todas essas dificuldades podem se traduzir numa dúvida acerca do lugar das filhas, enquanto herdeiras e beneficiárias do lugar originalmente destinado a elas. Em alguns momentos, foi possível notar que a angústia dos pais representava a incerteza quanto ao futuro das filhas, na vida adulta que está porvir. As indagações remetiam a casamento, gestação, profissão, mas, principalmente, se o futuro das filhas será condizente a todos os investimentos realizados.

Além disso, apontamos que, em face de todas as dúvidas e exigências atuais, os pais se culpabilizam ante a sensação de fracasso atual e da constituição subjetiva das filhas, possivelmente em decorrência, em parte, da descontinuidade temporal entre a juventude dos pais e de suas filhas. É importante destacar a rapidez das transformações que perpassam as famílias atuais, exacerbando a atmosfera de dúvidas e incertezas relatadas pelas famílias.

Na família de Helô, o casal tem uma diferença de idade significativa, assim como ocorreu com seus próprios pais. O desejo do casal, enquanto projeto familiar, é interromper esse ciclo repetitivo de casamentos com diferenças de idade entre os parceiros e gravidez na adolescência, desejando que as filhas desenvolvam uma independência financeira, antes de se envolverem em um relacionamento, utilizando, para isso, a superproteção como forma de assegurar que o projeto familiar se cumpra. Apesar de determinarem diversas interdições para que as filhas não iniciem um relacionamento amoroso, percebeu-se a existência de um estado fusional, o qual dificulta a expressão autônoma da adolescente. Lopes e Paiva (2012) explicitam que a vivência da inclusão e exclusão no interior da família é necessária, ocorrendo a triangulação. Quando se dá a não interdição, o risco de um estado fusional ou simetria, a família pode viver essa experiência como assustadora, desencadeando sintomas.

Rojas (2010) aponta que a ausência de vínculos fortes e protetores, os quais delimitem as diferenças geracionais e o exercício das funções parentais, pode gerar um sentimento de desamparo considerável, visto que os vínculos familiares mostram instabilidade e fragilidade. Dessa forma, a “pele familiar”, que funcionaria como invólucro protetor, fica vulnerável.

Verificou-se, neste estudo, que a parentalidade e a filialidade são construídas em conjunto e se transformam, ao longo do ciclo de vida familiar. A parentalidade, mais do que o conceito de paternidade, no sentido de vínculo de filiação, refere-se à relação, apresentando as características e o exercício do ser-pai. Como um eco ao conceito de parentalidade, advém o da filialidade: “[...] há a construção de um tornar-se pai com o reconhecimento de ser-pai para essa criança: a parentalidade, e de um tornar-se filho com o reconhecimento de ser-filho para esses pais: a filialidade” (Benghozi, 2010, p. 160). Trata-se de um processo conjunto, de duas maneiras de nascimento de vínculos psíquicos, à medida que existe o reconhecimento de si mesmo e o reconhecimento do outro.

As experiências das crianças pesquisadas desvelam uma ressonância das vivências familiares como um todo, incluindo os pais e a fratria, enquanto uma malha que procura tecer os vínculos filiativos e afiliativos, permeada de conflitos e uma tentativa de recomposição dessa trama, com uma renegociação dos investimentos narcísicos a cada período de vida dos filhos.

Dependerá da possibilidade de cada família a utilização da resiliência familiar como capacidade de malhagem dos vínculos psíquicos, de cada membro, “[...] para desmalhar e remalhar, para desconstruir e reconstruir o vínculo de filiação e afiliação” (Benghozi, 2010, p. 20). Essa malhagem é percebida como desafiadora e complexa para as famílias como um todo, mas necessária para a manutenção do investimento narcísico e asseguramento da preservação do grupo, cujas necessidades se modificam, especialmente na adolescência das filhas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, compreende-se que a família é a base para o processo de subjetivação, cabendo-lhe as funções de atendimento às necessidades básicas do ser humano, nutrindo-o física e afetivamente. Além disso, é responsável pela transmissão da cultura e dos patrimônios concretos e simbólicos, possibilitando o sentimento de pertencimento e identidade, de sorte a propiciar uma transmissão psíquica entre as gerações. A teia familiar partilha de um espaço comum que sustenta as mudanças individuais e acolhe as transformações derivadas do ciclo vital de seus membros.

Esta pesquisa se propôs compreender os investimentos narcísicos parentais em filhos em idade de seis a onze anos e, em relação a isso, podemos concluir que, mesmo naqueles casos nos quais a gestação não foi planejada, houve a reorganização dos investimentos libidinais e os pais puderam convergir os investimentos para o novo filho.

O espaço intersubjetivo formado pela família tem como efeito fornecer a função de apoiar reciprocamente seus participantes, sendo fundamental para a estruturação psíquica do grupo e, assim, o novo membro inserido na família recebe os investimentos narcísicos dos pais. Quanto a isso, pudemos concluir que as crianças estão inseridas e recebem os investimentos de seus pais, atendendo aos ideais e expectativas em face do lugar que as figuras parentais lhes delegaram, reassegurando os investimentos narcísicos no vínculo parento-filial, nesse período de vida infantil.

No entanto, todas as famílias estudadas vivenciavam a crise adolescente, um evento anamórfico que gera transformações nos continentes individual e grupal familiar genealógico, levando a uma coconstrução e reorganização da imagem do corpo individual e da imagem do corpo genealógico familiar, de forma dinâmica, visto que, em conjunto com as alterações das adolescentes, em um nível intrapsíquico, mobilizaram todo o conjunto em um nível intersubjetivo. A adolescência desencadeou uma vulnerabilidade psíquica no grupo familiar, com rearranjo das defesas psíquicas e na distribuição dos investimentos narcísicos.

O continente grupal familiar, caracterizado por uma malha de vínculos psíquicos de filiação e afiliação, foi convocado a mobilizar as competências da malhagem para um processo de construção-desconstrução e reorganização dos vínculos, diante da crise adolescente. Os conflitos familiares entre as figuras parentais

e as adolescentes foram perceptíveis de diversas formas: com o surgimento de vínculos afiliativos pelas adolescentes, os quais contrastaram com o projeto de família idealizado pelos pais, com a transformação de uma imagem individual das adolescentes, divergindo do registro infantil que os pais possuíam sobre elas, com a necessidade de renegociação dos investimentos narcísicos pelo grupo familiar, que causou angústia diante da ameaça de desmembramento da família e através da retomada dos ideais de ego da família e do lugar de herdeiro ocupado pelas adolescentes.

As famílias vivenciam a adolescência familiar, que impacta em todos os membros, ressoando nas experiências das crianças participantes, as quais expressaram, nas suas produções, os conflitos familiares entre os pais e as adolescentes. Cada membro da fratria recebeu como herança a transmissão psíquica de missões e delegações inconscientes, e as crianças participantes demonstraram uma possível aliança inconsciente com os pais, acatando a imagem produzida pelas figuras parentais acerca das modificações da adolescência, enquanto geradoras de uma mobilização psíquica intensa e exibindo seus desejos de que as lealdades genealógicas fossem mantidas, inclusive pelas irmãs. As crianças expressaram, em suas representações de famílias, a angústia vivida pelos pais, que interfere em nível intersubjetivo em todos os membros. Dessa maneira, podemos sustentar que compartilhavam a angústia familiar decorrente da reorganização psíquica exigida nesse momento do ciclo vital do grupo.

Além disso, percebeu-se a presença do sentimento de pertença, nos filhos participantes, indicando que possuem uma genealogia compartilhada de uma história familiar. As crianças perceberam e representaram as angústias ante o risco de desmembramento que os pais possuem, o que impactou na contenção pela família e o desenvolvimento em nível grupal de uma “pele” psíquica protetiva para o sujeito, na família. Os questionamentos das adolescentes frente aos projetos familiares geraram tensão no grupo, sendo enfocados nas representações de família que possuem.

Considerando os investimentos narcísicos e sua importância para a estruturação psíquica dos membros da família, a adolescência impôs um rearranjo nos investimentos narcísicos. Verificou-se que os investimentos narcísicos dos pais se modificaram, de acordo com a idade cronológica dos filhos. A percepção dos pais sobre as crianças participantes apresentou-se influenciada por um processo de

idealização, no qual as qualidades dos filhos foram identificadas como próximas à perfeição, sendo as crianças vistas como mais obedientes, de desenvolvimento superior para a idade que possuem, figuras amorosas e conciliatórias. O narcisismo, conforme exposto por Freud (1914), foi perceptível, no qual os pais supervalorizaram os filhos e suas características, depositando suas expectativas de que cumprissem seus ideais não realizados, ao que, de certa forma, as crianças parecem atender-lhes, à medida que recebem esse investimento narcísico e procuram ser obedientes e cumprir as expectativas dos seus pais, contribuindo para o desenvolvimento das alianças estruturantes e assegurando os investimentos narcísicos, na família.

A percepção dos pais sobre as adolescentes foi impactada pela proposta de renegociação do contrato narcísico que a adolescência impõe, gerando conflitos em todas as famílias, pois as jovens solicitam uma posição autônoma além do que foi pré-estabelecido e desejado pelos pais. Observou-se uma possível exacerbação da idealização dos pais, com respeito às crianças, como derivada da crise adolescente que impacta a configuração familiar concomitantemente ao desenvolvimento das crianças, sobressaindo a crise e os conflitos psíquicos com os filhos mais velhos.

Quanto à parentalidade, constatou-se, nas famílias pesquisadas, que, embora demonstrassem um modelo de configuração tradicional, por meio de relações conjugais heterossexuais, traços de exercícios parentais convencionais e figura da mulher como central, existe um processo de transição no qual os homens se revelaram mais participativos, na dimensão afetiva e de acolhimento aos filhos, evidenciando uma parentalidade mais flexível, convergindo com estudos recentes sobre o tema. As transformações para um exercício mais igualitário das funções parentais têm ocorrido, com a emergência de um paradigma familiar com maior enfoque na dimensão afetiva. Além disso, as mães solicitam a participação mais ativa dos pais, os quais, de alguma maneira, tentaram atender a tais solicitações.

As figuras parentais transmitem aos filhos os cuidados, valores e crenças recebidos pelos seus pais, ao mesmo tempo que se apropriam do seu papel na cadeia genealógica e modificam algumas práticas parentais, como a maior proximidade afetiva, flexibilidade na educação e valorização do estudo.

A família é responsável pela transmissão dos interditos, demarcando e organizando lugares simbólicos, permitindo um movimento do narcisismo para o processo de reconhecimento do outro. Nesta pesquisa, verificou-se que os pais

conseguem estabelecer limites e regras quanto às tarefas e práticas diárias, porém, suas maiores dificuldades consistem na percepção da diferenciação entre os membros e a busca de autonomia das adolescentes, o que demonstrou o quanto as interdições aos vínculos fusionais causam angústia e são difíceis de serem realizadas. Identificar as adolescentes como figuras autônomas, as quais estão redistribuindo seus investimentos narcísicos em vínculos afiliativos e projetos diversos daqueles familiares, frustra e gera insegurança nos pais, por uma transformação nos investimentos narcísicos que eles recebem das filhas.

Além disso, os pais referiram conflitos em relação a temáticas atuais, tais como o uso de dispositivos eletrônicos e um grau de isolamento social dos filhos adolescentes, principalmente devido à rapidez nas transformações sociais, na atualidade.

Identificou-se que a parentalidade e a filialidade são desenvolvidas em conjunto e se modificam, conforme o ciclo de vida familiar. Diante das limitações desta pesquisa, sugerem-se novos estudos que aprofundem os vínculos fraternos, os quais não foram analisados amplamente, por não compor os objetivos da investigação. Ademais, pesquisas contemporâneas sobre a crise adolescente e seu impacto familiar, com a participação dos adolescentes nas coletas de dados, podem aprofundar a compreensão do impacto deste momento de vida nas famílias. Outra questão que surgiu como mobilizadora de angústias parentais refere-se ao uso de dispositivos eletrônicos, outro tema que merece o aprofundamento, através da realização de novos estudos.

## REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. **Le Moi-Peau**. Paris: Dunod, 1985.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- AULAGNIER, Piera. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEMGOCHEA JUNIOR, Danilo Peres; MEDEIROS, Marcos Pippi de. Meu filho não merece sofrer: o narcisismo parental na contemporaneidade. **Leitura flutuante**: Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 45-60, 3 ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/32800>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- BENGHOZI, Pierre. La trace et l’empreinte: l’adolescent, héritier porte l’empreinte de la transmission généalogique. **Adolescence**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 755-777, abr. 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-adolescence-2007-4-page-755.htm>. Acesso em: 8 fev. 2024.
- BENGHOZI, Pierre. **Malhagem, filiação e afiliação**: Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2010.
- BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **J. psicanal**, São Paulo, v. 40, n. 42, p. 47-62, 1 jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>. Acesso em: fev. 2023.
- BLEGER, José. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CAMPANA, Nathalia Teixeira Caldas; GOMES, Isabel Cristina. O exercício parental contemporâneo e a rede de cuidados na primeira infância. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 449-460, jun./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35067/pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- CAMPANA, Nathalia Teixeira Caldas; SANTOS, Carine Valéria Mendes dos; GOMES, Isabel Cristina. De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 33-53, 1 abr. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v31n1/03.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CASTANHO, Pablo. Aparelho psíquico grupal. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 57-62.

CORREA, Olga B. Ruiz. **O legado familiar**: a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Primeiras Leituras, 2000.

CORREA, Olga Beatriz Ruiz. **Crises e Travessias**: nas diversas etapas de vida do casal e do grupo familiar. 2. ed. Petrópolis: KBR, 2013.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELATORRE, Marina Zanella *et al.* O ciclo de vida de casais brasileiros: Uma revisão integrativa. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 34, ed. 1, p. 57-78, 1 abr. 2022. Disponível em: [http://www.psi.puc-rio.br/site/images/psi\\_puc/publicacoes/psi3401.pdf](http://www.psi.puc-rio.br/site/images/psi_puc/publicacoes/psi3401.pdf). Acesso em: 28 mar. 2023.

DIAS, Maria Luiza. Família. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo (org.). **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 198-203.

EIGUER, Alberto. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 97-101.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha *et al.* Demand for family therapy and contemporary parenting. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 15-31, 1 abr. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v31n1/02.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. As alianças inconscientes: um operador clínico no trabalho com casais e famílias. *In*: PENNACHI, Rosely; THORSTENSEN, Sonia (org.). **Psicanálise de casal e família: uma introdução**. São Paulo: Blucher, 2022, p. 259-275.

FERRARI, Rachele da Silva; RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Ser mãe, ser pai: desafios na contemporaneidade. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 225-242, 30 jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v42n42/v42n42a14.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FIORINI, Letícia Glocer Deconstruyendo el concepto de función paterna. Un paradigma interpelado. **El Psicoanalítico**, 2013. Disponível em: <http://www.elpsicoanalitico.com.ar/num21/clinica-glocer-deconstruyendo-funcion-paterna.php>. Acesso em: 31 mar. 2023.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIII (1913-1914), Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 11-163.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIV (1914-1916), A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 2, p. 75-108.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925), O Ego e o Id e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 13-80.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XXI (1927-1931), O futuro de uma ilusão e o O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 11-63.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XXI (1927-1931), O futuro de uma ilusão e o O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 2, p. 67-148.

GOMES, Juliana Guimarães de Oliveira. **A família atual: declínio da função paterna ou declínio dos pais?** Orientador: Fábio Jesus Miranda. 2011. 104 p. Dissertação (Mestre em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/2066/1/JULIANA%20GUIMARAES%20DE%20OLIVEIRA%20GOMES.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa on-line**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1). Acesso em: 5 fev. 2023.

HOUZEL, Didier. As implicações da parentalidade. *In*: SILVA, Maria Cecília Pereira da; SOLIS-PONTON, Letícia (ed.). **Ser pai, ser mãe – parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 47-51.

IACONELLI, Vera. Sobre as origens: muito além da mãe. *In*: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (org.). **Parentalidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 11-20.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima de Amorim. Parentalidade contemporânea: encontros e desencontros. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 33-44, 2014. Disponível em:

[https://www.cprj.com.br/primordios/03/03\\_Parentalidade\\_contemporanea\\_encontros\\_e\\_desencontros.pdf](https://www.cprj.com.br/primordios/03/03_Parentalidade_contemporanea_encontros_e_desencontros.pdf). Acesso em: 27 mar. 2023.

KAËS, René. **La parole et le lien**. Paris: Dunod, 1994.

KAËS, René. Introdução: O sujeito da herança. *In*: KAËS, René *et al.* **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-26.

KAËS, René. A realidade psíquica do vínculo. **Rev. bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 155-166, 1 out. 2011a. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v45n4/v45n4a17.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2023.

KAËS, René. **Um singular plural**: A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2011b.

KAËS, René. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITÃO, Carla. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. *In*: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa (org.). **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação**: abordagem qualitativa. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3). Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LEÓN, Ema Ponce de. “Función diferenciadora” y parentalidad. **Apuruguay**, 2015. Disponível em: <http://www.apuruguay.org/sites/default/files/Ema-P-de-Leon-Funcion-diferenciadora-y-parentalidad-apu.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

LEVISKY, David Léo. Metapsicologia do terceiro tipo e tópica do terceiro tipo. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 340-346.

LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo (org.). **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. 604 p.

LOPES, Almira Rossetti; PAIVA, Maria Lúcia de Souza Campos. Entendendo uma família monoparental à luz do Complexo de Édipo. *In*: GOMES, Isabel Cristina; FERNANDES, Maria Inês Assumpção; LEVISKY, Ruth Blay (org.). **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 161-212.

MAGALHÃES, Andrea Seixas. Parentalidade. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 386-392.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; HENRIQUES, Celia Regina; TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda. O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas. *In*: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**:

transmissão, conflito e violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. cap. 6, p. 113-128.

MIGUEL, Joelson Rodrigues; BRAGA, Heuthelma Ribeiro. Édipo e castração: Aspectos atinentes a constituição do sujeito. **ID on line**: Revista de psicologia, [s. l.], v. 15, n. 57, p. 532-561, 21 out. 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3239/5067>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MOGUILLANSKY, Rodolfo; NUSSBAUM, Silvia Liliana. **Psicanálise vincular** - teoria e clínica: v. 1: Fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2011. 270 p.

PINHEIRO-CAROZZO, Nádia P.; SILVA, Isabela M. da; MURTA, Sheila G.; GATO, Jorge. Intervenções familiares para prevenir comportamentos de risco na adolescência: possibilidades a partir da teoria familiar sistêmica. **Pensando Famílias**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 207-223, 1 jul. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a15.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PIVA, Angela. **Vincularidade**: teoria e clínica. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

PONCIANO, Edna Lucia Tinoco; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade, parentalidade e separação: Repercussões no relacionamento pais e filhos(as). **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 277-287, abr./jun. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/318192039\\_CONJUGALIDADE\\_PARENTALIDADE\\_E\\_SEPARACAO\\_REPERCUSSOES\\_NO\\_RELACIONAMENTO\\_PAIS\\_E\\_FILHOSAS](https://www.researchgate.net/publication/318192039_CONJUGALIDADE_PARENTALIDADE_E_SEPARACAO_REPERCUSSOES_NO_RELACIONAMENTO_PAIS_E_FILHOSAS). Acesso em: 31 ago. 2023.

PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMOS, Magdalena. Reflexões sobre o início do atendimento a casais e famílias. *In*: PENNACCHI, Rosely; THORSTENSEN, Sonia. **Psicanálise de casal e família**: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2022. cap. 2, p. 43-65.

ROCHA, Edjane da Silva; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. **Relatório Pibic PUC-Rio**, [s. l.], p. 1-7, 2009. Disponível em: [https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio\\_resumo2009/relatorio/ctch/psi/edjane.pdf](https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/psi/edjane.pdf). Acesso em: 31 ago. 2023.

ROJAS, Maria. Cristina. Desamparo e desmentidos na família atual: intervenções do analista. **Vínculo**, v. 7, n. 2, p. 2-7, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v7n2/n2a03.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

ROSA, Miriam Debieux. Passa anel: famílias, transmissão e tradição. *In*: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. cap. 2, p. 23-37.

ROSSET, Solange Maria. **123 técnicas de psicoterapia relacional sistêmica**. 2. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2013. 180 p.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Glênio Oliveira da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Michele Maria da. Estudo de caso único: uma estratégia de pesquisa. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 78-90, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/44/36>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait *et al.* Por que René Kaës? *In*: TRACHTENBERG, Ana Rosa. **Por que psicanálise vincular**. Porto Alegre: Criação Humana, 2018. cap. 4, p. 60-77.

TRINCA, Walter. **Procedimento de Desenhos-Estórias**: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2013a.

TRINCA, Walter. **Formas compreensivas de investigação psicológica**: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2013b.

TURATO, Egberto Ribeiro. Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Definição e Principais Características. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, Porto, Portugal, v. 2, ed. 1, p. 93-108, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/287/28720111.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WEISSMANN, Lisette. Acontecimento. *In*: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021. p. 35-37.

WEISSMANN, Lisette. **Famílias monoparentais**: um olhar psicanalítico. Orientador: Renato Mezan. 2008. 157 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15722/1/Lisette%20Weissmann.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

WITZEL, Ana Claudia Paes. Análise da família monoparental como entidade familiar após o advento da Constituição Federal de 1988. *In*: Maria Amália de Figueiredo Pereira Alvarenga (org.). **Os novos parâmetros da Responsabilidade Civil e as relações sociais**. 1ed.Franca: Unesp, 2012, p. 1-9. Disponível em: [https://www.franca.unesp.br/Home/stae/eixo5\\_003.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/stae/eixo5_003.pdf). Acesso em: 13 fev. 2023.

## ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### I – Identificação:

|                     |               |               |
|---------------------|---------------|---------------|
| Nome:               | Estado civil: | Renda mensal: |
| Data de nascimento: | Escolaridade: | Profissão:    |

### II – Perguntas:

- 1 – Como vocês se conheceram? De que forma iniciou o relacionamento de vocês? Por que decidiram continuar o relacionamento?
- 2 – A gravidez foi planejada? O que sentiram ao descobrir a gravidez? Como foi passar pelo período de gestação?
- 3 – Como você imaginava que seria seu (sua) filho(a) durante a gravidez? Quando seu (sua) filho(a) nasceu, era como você esperava? Como foi passar por esses primeiros meses após o nascimento?
- 4 – Como era o comportamento do seu(sua) filho(a) quando bebê? Me fale sobre a alimentação, choro, agressividade, e como vocês lidavam com esses comportamentos.
- 5 – Qual a importância dos filhos na vida de vocês? Quais mudanças ter filhos provocou na vida de vocês e na vida do casal?
- 6 – Como foi o processo em que seu(sua) filho(a) começou a ter mais autonomia, como desmame, andar, ir à escola? Como vocês se sentiram?
- 7 – Como vocês lidam quando seus filhos não obedecem, quando vocês precisam frustrá-los? Como vocês sentem essas situações?
- 8 – Como foi a educação que vocês receberam de seus pais ou responsáveis? Como era a sua relação com as figuras cuidadoras na infância?
- 9 – Vocês acham que a educação que receberam influenciam em como educam seu(sua) filho(a)? Se sim, de que forma?
- 10 – Seu(sua) filho(a) já manifestou curiosidade sexual? Como foi e qual a reação de vocês?
- 11 – Quais as maiores dificuldades, dúvidas e conflitos que vocês encontram ao conviver em família e na educação dos filhos?